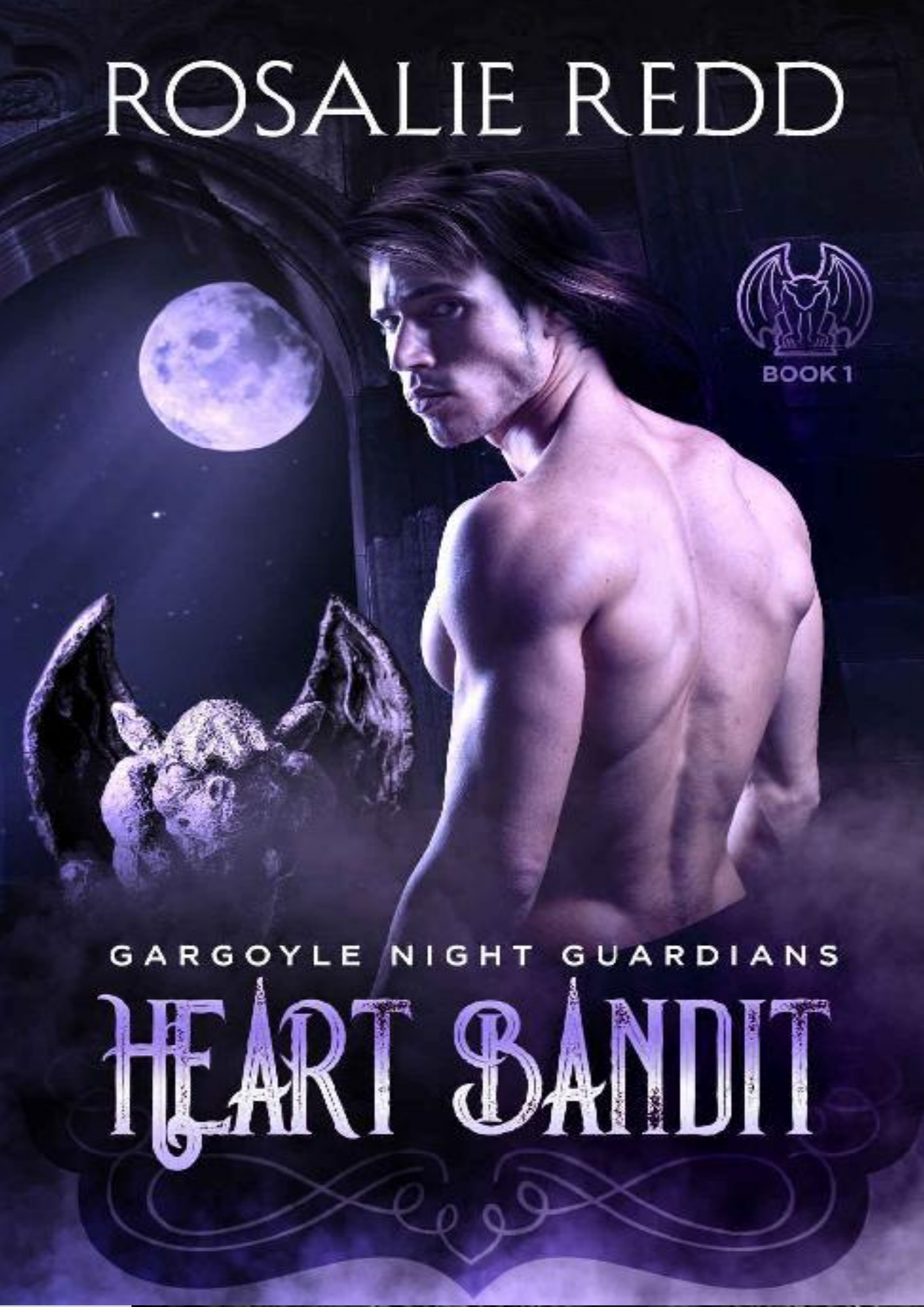
ROSALIE REDD

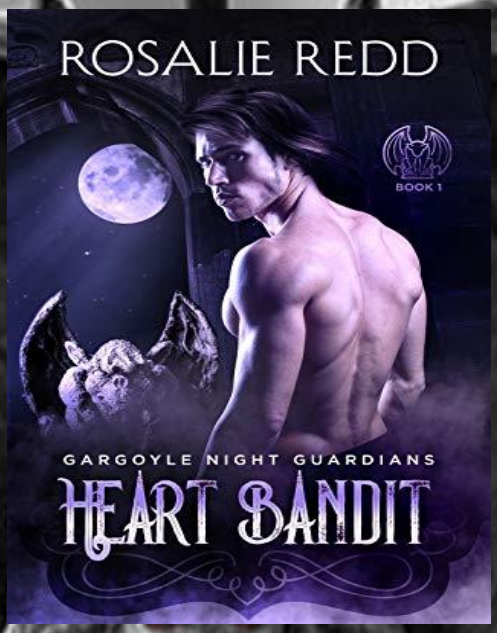


BOOK 1

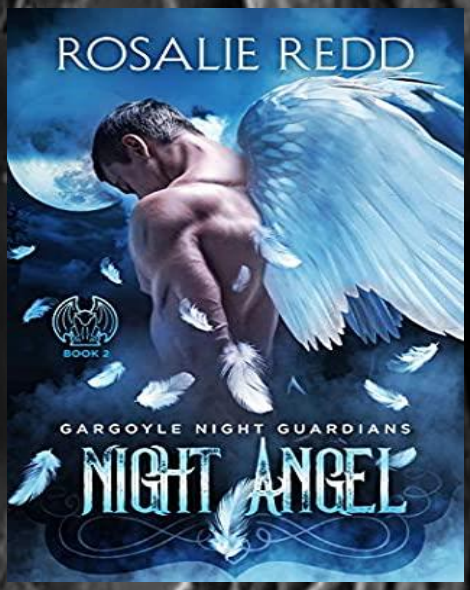
GARGOYLE NIGHT GUARDIANS

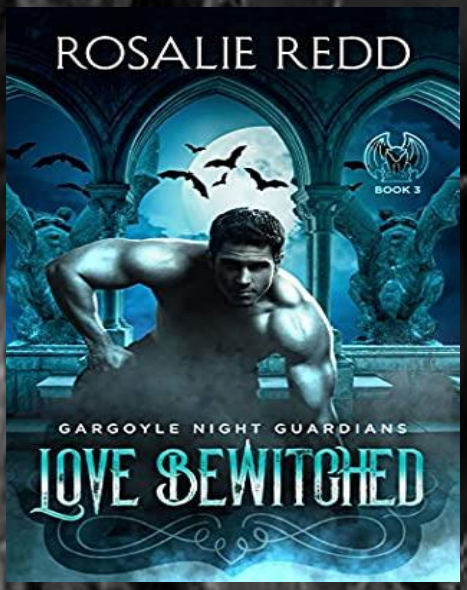
HEART BANDIT

LANÇAMENTO



PRÓXIMOS



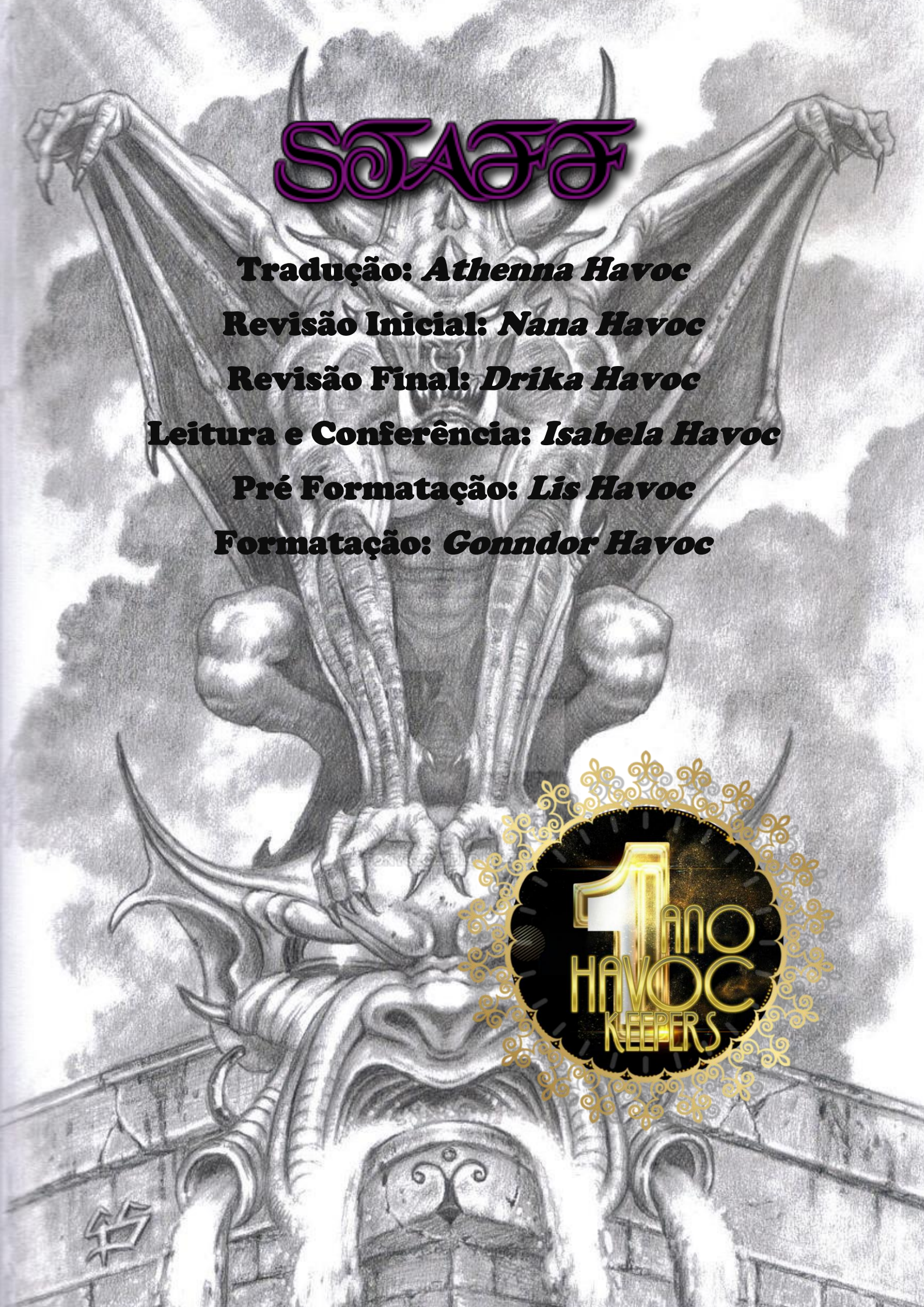




AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Havoc Keepers, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer intuito de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Temos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Havoc Keepers, sem aviso prévio e quando julgar necessário suspenderá o acesso aos livros e retirará o link de disponibilização dos mesmos. Todo aquele que tiver acesso a presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de divulgá-lo nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Havoc Keepers de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.




STAFF
Tradução: Athenna Havoc
Revisão Inicial: Nana Havoc
Revisão Final: Drika Havoc
Leitura e Conferência: Isabela Havoc
Pré Formatação: Lis Havoc
Formatação: Gonndor Havoc
1 ANO
HAVOC
KEEPERS

SINOPSE

Quando uma humana corajosa rouba a pedra espiritual de uma gárgula, todas as apostas estão canceladas...

Beaumont se orgulha de seu histórico de matar fae estelar, mas sua vida é virada quando uma mulher humana agressiva o desafia a seduzi-la e rouba sua pedra incrustada no espírito. Ele está em uma missão para salvar sua alma, mas essa mulher o torna mais difícil do que uma rocha, e para um cara que passa seus dias envolto em granito, isso quer dizer algo.

Astuta e rápida, Sadie aprendeu a furtar com o melhor mentor de todos os tempos. Depois que ela cruza com uma gárgula alta e sexy e rouba seu bem mais valioso, ela enfrenta mais do que pode suportar. Enquanto ele a caça para recuperar sua pedra preciosa, ele desperta uma paixão que ela não sabia que existia... E não pode resistir.

Gargoyle Night Guardians protegem as almas humanas das garras do mal das fadas das trevas. Tenha cuidado, porém, gárgulas não são o seu herói comum, pois dentro de cada guardião repousa uma alma questionável, madura para a redenção e ansiosa para se tornar digna do que todos ansiamos, o amor.

PRÓLOGO

1192 AD

"Beaumont Laroche!"

Uma onda de adrenalina cortou as veias de Beaumont, acordando-o em um instante. A névoa, espessa e branca, o envolvia em seu abraço frio. Ele tentou forçar os braços, as pernas, a cabeça, qualquer parte do corpo a se mover, esforçando-se contra laços invisíveis, mas sem sucesso. A frustração *borbulhava e seu pulso batia forte na têmpora. Além da névoa sem fim, ele não conseguia sentir ou ver nada.*

"Quem é Você?" Embora ele pensasse que tinha falado em voz alta, ele não ouviu sua própria voz, exceto em sua cabeça.

"Rhiannon."

A deusa do sol, fertilidade e animais domesticados. Uma grande divindade do Outro Mundo. Sua mente disparou enquanto ele procurava respostas. "Onde estou?"

Rhiannon soltou um suspiro suave. "No éter, um lugar no espaço, aguardando seu julgamento."

A adrenalina em sua corrente sanguínea aumentou.

"Julgamento? Pelo quê?"

"Assassinato."

Uma luz brilhante iluminou a névoa, transformando a névoa em um tom forte e vibrante de branco. As memórias retornaram rapidamente, os eventos girando rapidamente em sucessão até que a lâmina afiada do carrasco cortou a cabeça dos ombros.

Um final adequado para um assassino.



"Como você se declara?" Rhiannon perguntou.

"Culpado."

"Hmm..." O silêncio preencheu o espaço por vários segundos.

Beaumont renovou seu esforço para se libertar.

Rhiannon exalou um suspiro frustrado. "Pare de lutar. Seu corpo se foi há muito tempo. Apenas seu espírito permanece, junto com suas memórias."

Em um nível subconsciente, e com o golpe do carrasco fresco em sua mente, ele entendeu que estava morto, mas não afundaria sem lutar. "O que acontece depois?"

"Essa é a questão da hora, não é?" A voz de Rhiannon continha uma pitada de diversão. "A honra irradia da sua aura, mas sinto a verdade em suas palavras. Você cometeu assassinato. Tal enigma. Diga-me, Beaumont, o que devo fazer com você?"

"Fazer comigo?" Ele tentou ver além da neblina, vislumbrar sua deusa, mas a neblina sem fim durou.

"Acho que nós dois concordamos que você não merece uma rota direta para as terras do Outro Mundo, onde os bons espíritos vivem para a eternidade. No entanto, com base na minha análise do seu caso, não acredito que sua alma seja inerentemente má. Além disso, prefiro não dar a Gwawl outro fae para seu exército. Ele atormentou e matou os humanos que amo com suas criaturas sombrias desde que o rejeitei por Pwyll, meu amante humano, há muitos milênios. Quanto ao seu destino..."

Beaumont concentrou-se em todas as palavras de Rhiannon.





"Eu reivindico você como uma alma questionável para servir no meu exército de gárgulas até um momento futuro em que você será testado novamente. Sua missão - proteger a raça humana da legião fae de Gwawl. Você será designado para um esquadrão, lutará contra o inimigo à noite e descansará em uma gárgula de pedra durante o dia. Sirva-me bem, meu filho."

Antes que ele pudesse responder, ele voou através da névoa, cada vez mais rápido, até o mundo escurecer, e ele sucumbiu à escuridão.



CAPÍTULO 1

Nos dias de hoje...

Beaumont Laroche limpou o sangue da sua lâmina de confiança no jeans. Com um rápido movimento do dedo, ele deslizou a arma na bainha. Três fae mortos por suas mãos. Nada mal para uma noite de trabalho. O problema era que sempre havia mais bastardos do mal.

Enrolando os dedos ao redor do ferro preto sujo da escada de incêndio e olhou para o beco.

Prédios em ruínas com suas lixeiras enferrujadas alinhavam-se na passagem, deixando um caminho no meio. Como muitas das esquecidas ruas secundárias de Chicago, evidências de atividade humana - algumas garrafas de cerveja quebradas, caixas rasgadas e uma pilha de bitucas de cigarro esmagadas - cobriam a calçada, mas nenhum humano enfeitava essa pista em particular, pelo menos, no momento. Isso foi bom. Quanto menos os humanos soubessem sobre o mal que ameaçava destruí-los, melhor.

Beaumont virou-se e fez uma careta para seus dois companheiros.

Seth, seu companheiro e guardião noturno, sempre constante no lado de Beaumont, levantou uma sobrancelha

escura. Com seus cabelos castanhos, olhos azuis e sorriso diabólico, o cara podia encantar um chocalho de uma

cobra. "Laroche, eu ensaquei dois fae naquela época. Qual é a sua conta?"

Um impulso familiar e competitivo borbulhou nas veias de Beaumont. Depois de uma infância de constantes desafios de seu irmão mais novo, ele não resistiu à provocação sutil.

Ele esboçou um sorriso. "Três."

"Droga. Se você continuar, nunca vou igualar seu recorde de mortes." Seth zombou e passou o dedo pela aba do chapéu de cowboy.

Embora Seth fosse alguns centímetros mais baixo, ele tinha uma constituição forte e podia derrubar um inimigo com um único estalo de seu chicote.

Quando o empurrão chegou, Seth era tão bom quanto ele e estava tão perto de um amigo quanto Beaumont permitiria. Ele nunca deixou ninguém chegar muito perto. Melhor para eles assim. Mas, novamente, eles estavam todos aqui por um motivo ou outro. Você não se tornou uma gárgula por ser um bom menino.

Finn, seu outro parceiro no esquadrão, cruzou os braços, mas seus olhos verdes irlandeses brilharam de alegria. "Parem de brincar. Temos trabalho a fazer."

Beaumont desenrolou os dedos da escada de incêndio e se afastou da parede de tijolos do edifício. O ferro da barra tremeu com a força. Situado no patamar a vários metros de altura, um grande vaso de flores de cerâmica com os restos do aniversário de alguém ou o presente do dia das mães oscilava na borda antes de se endireitar. Algumas folhas marrons e ásperas escaparam e flutuaram em direção à rua como se tentassem escapar.



Uma brisa leve e quente pegou. O barulho de sapatos de salto alto na calçada continuava, depois a risada de um homem e uma risada feminina suave.

Os pelos da nuca de Beaumont se arrepiaram.

Dois humanos, um homem e uma mulher de braços dados, cambaleavam pelo beco. O cheiro de bebida junto com o fedor podre de odor corporal permeava o nariz de Beaumont. Ele queria vomitar. Em vez disso, prendeu a respiração e encostou-se ao exterior de tijolos do edifício. Sua pele ondulou, assumindo o mesmo contexto e matiz avermelhado que o ambiente.

Como ele, Seth e Finn se camuflaram, um contra o prédio, o outro assumindo o tom acinzentado de uma lixeira velha. Nenhum se moveu. Suas respirações lentas e controladas e o barulho dos saltos da mulher eram os únicos sons.

O casal passou, inconsciente dos guardiões da noite a poucos metros de distância. Quando o homem passou o braço em volta do ombro da mulher, a ternura entre os dois não escapou à atenção de Beaumont. A amargura apertou as camadas protetoras ao redor de seu coração. Nunca mais alguém se tornaria tão perto dele. Sexo e idade não importavam. Ele havia desistido da confiança há muito tempo.

O leve clique de uma trava de uma porta a alguns edifícios de distância chamou sua atenção.

No final do beco, o brilho abafado da luz da rua fornecia iluminação suficiente para vislumbrar uma jovem. A luz brincava ao longo de seus fios curtos e sedosos, da cor do céu da meia-noite sem estrelas, pintando-os com um toque de fogo. Sua mão tremeu



com o repentino desejo de passar os dedos pelas madeixas macias, sentir a sedosidade entre as pontas dos dedos.

A mulher correu atrás do casal, seu corpo ágil coberto de roupas escuras, movendo-se com passos rápidos e determinados.

Ela esbarrou no homem, enfiou a mão no bolso de trás e retirou a carteira com facilidade. "Oh, com licença."

Bêbado como estava, o homem não pareceu notar que ela fugiu com sua carteira. Ele tropeçou para frente e sua amiga riu. O casal virou a esquina enquanto a jovem batedora de carteiras examinava seu saque.

Seth soltou um suspiro lento e ressurgiu de sua camuflagem. "Agradável. Essa tem alguma coragem."

De fato, ela tem. A atitude irradiava de sua postura rígida, queixo erguido e processo rápido e hábil. Beaumont não pôde deixar de notar. Ela atingiu seu alvo com uma eficiência que ele admirava.

Ao respirar fundo, um sabor metálico amargo cobriu o fundo de sua garganta, como se ele tivesse lambido um cano de aço. Ele apertou a mandíbula. Fae... As criaturas do mal vinham de todas as formas e tamanhos, mas se escondiam atrás de feições atraentes e de um charme irresistível para atrair presas humanas.

"Alvos se manifestando. Extremidade oposta do beco". Seth falou ao longo da conexão mental com Beaumont e Finn e soltou o chicote de um clipe no cinto. "Maldito seja seu sangue nocivo. Até o fedor podia colocar uma bala em mingau. Cristo, sinto falta do meu jogo de tiros."



Sob a luz fraca da luz da rua, o vento agitava os detritos em três pequenas pilhas, remanescentes de poeira. Pedaços de papel, sujeira e até um copo de papel vazio, com a tampa de plástico ainda presa, na ressaca e girado na agitação.

Da bainha no quadril direito, Beaumont retirou a adaga. A outra mão dele apalpou a aninhada no quadril esquerdo. Uma reserva ou duas era uma necessidade nesta guerra. Ele tinha três. A lâmina Hail Mary estava embainhada no tornozelo.

Com um rápido ataque mental, ele desligou a ocultação e falou com seus colegas de equipe através do elo silencioso. “Merde. Eles nunca desistem, não é? Um fae um pedaço, senhoras. Escolhas fáceis.”

A pele de Finn tremeu e voltou à sua coloração clara normal. Ele apertou os lábios, mas seus olhos verdes brilhavam. “Lasses, você quer dizer? Se não fosse pelo seu senso de humor, eu não gostaria, e sempre digo quando está bravo. Você xingou em francês. Aposto que eu posso matar o meu antes que você mate o seu.”

Uma dose de adrenalina subiu nas veias de Beaumont, tanto do lembrete de sua herança francesa quanto do desafio. Depois que a deusa Rhiannon o transferiu para cá da França, há mais de um século, para ajudar no "Novo Mundo", ele trabalhou duro para perder o sotaque. Ele não conseguia deixar de lado sua educação de guerreiro do século XII, apesar de seu desejo de enterrar seu passado.

Ele encontrou o olhar de Finn e assentiu. "Você está."





Seth e Finn se desmaterializaram, suas moléculas se espalhando pelo ar e indo em direção ao inimigo.

No final do beco, o turbilhão cessou. Três fae, de aparência humana, exceto pelo brilho amarelo ao redor dos olhos, se aproximaram rapidamente. Um deles usava um casaco marrom familiar que ondeava seus joelhos a cada passo que avançava. Com seus cabelos loiros, atitude alta e poderosa, e a longa bengala negra aninhada na dobra do cotovelo, não havia como confundir sua identidade - Marco Valentelli.

Um frio atingiu Beaumont no peito, alimentado por sua raiva. Quantos humanos e gárgulas esse fae em particular matou? Mais do que Beaumont poderia contar. Os mortos incluíam dois de seus parceiros, caras que ele sentia falta, apesar do relacionamento que tinha com seus braços.

Rhiannon não havia substituído seus companheiros de equipe perdidos, deixando-o, Finn e Seth para cobrir seu território. Drake, seu líder de equipe, gerenciava outros esquadrões da cidade e não podia se juntar a eles com frequência. Se Beaumont não acreditasse na causa deles para proteger os humanos, ele xingaria Rhiannon pela carga extra de trabalho.

Inocente ou não, humano ou gárgula, ninguém merecia uma morte cruel e torturante nas mãos de uma dessas criaturas malignas. Evasivo e astuto, esse fae em particular havia escapado de seu domínio, e Beaumont não queria nada além de derrubá-lo. A cicatriz na borda da pálpebra se contraiu. Ele apertou o





punho e respirou fundo, os músculos tensos em preparação para o ataque.

Por cima do ombro, o movimento chamou sua atenção. Merde, o batedor de carteiras caminhou na direção deles, seu ritmo rápido demais para o gosto de Beaumont.

Regra número um - proteja os humanos. O decreto de Rhiannon, sempre arraigado em sua mente, ecoou em seus ouvidos.

A tensão aumentou seus sentidos, e o lado animalesco dele, aquele que Rhiannon instilou em todos os seus guerreiros para combinar com suas formas endurecidas de gárgula diurna, rosnou seu descontentamento. O desejo de lutar contra seu inimigo brigava com a necessidade de proteger a jovem, mas, no final, seus instintos protetores dominavam.

Com uma rapidez nascida de sua gárgula parecida com um lobo, Beaumont embainhou sua adaga e se lançou em direção a ela, suas botas triturando ao longo de anos de areia e sujeira cobrindo a passagem estreita.

Ele alcançou o ladrão sob a escada de incêndio. A poucos centímetros de distância, ele parou e olhou para as feições dela. Sua respiração ficou presa na garganta. Os fios curtos e sedosos de seus cabelos escuros acariciavam seu queixo. Na base do pescoço, as pontas queimavam como as asas de um pássaro em voo, as pontas tingidas de rosa. Com um nariz empinado e lábios carnudos que imploravam pelo beijo de um homem, ela encontrou seu olhar. Os olhos dela se arregalaram de surpresa, mas não antes que ele capturasse a profunda tristeza gravada por dentro.





“Mon Dieu”, ele murmurou.

Ele não podia deixar Marco encontrá-la. A salauda destruiria em um instante. Com quase um milênio de experiência, ele a agarrou pelo pulso e a prendeu contra a parede de tijolos. Um grito explodiu de seus pulmões com o impacto, e ele cobriu a boca com a mão.

"Silêncio, a menos que você tenha um desejo de morte."

Seus olhos dispararam para frente e para trás enquanto o estudava, medo e surpresa afugentando a profunda tristeza que ele tinha visto. Quente e macio, seu corpo se conformava ao dele como se ela fosse feita para ele. Ela inalou e pressionou os seios firmes contra o peito dele. Mesmo através do material de suas camisas, ele sentiu os mamilos endurecerem.

A energia sexual sacudiu entre eles, provocando-o além da medida. Um rosnado baixo de confusão e frustração irrompeu em seu peito.

Grunhidos, gemidos e os sons de uma briga ecoaram do outro lado do beco. Ele desviou o olhar para a luta.

Finn, com o caixote do lixo erguido acima da cabeça, jogou a grande lata de lixo em um dos servos de Marco, prendendo a criatura contra a parede.

Seth estalou o chicote, enroscando as pontas ao redor do pulso do outro fae.

Marco caminhou pelo beco em direção a Beaumont e a mulher. A cada passo, a luz brilhava na ponta da lâmina exposta aninhada na palma da mão.





"Naturalmente." Beaumont voltou sua atenção para a mulher bonita. Ele se inclinou para mais perto, e o aroma fresco de limão diminuiu seus sentidos. “Eu não vou te machucar, mas esse ... homem ... descendo o beco o fará. A todo custo, fique em silêncio. Eu protegerei você. Confie em mim."

Ele se engasgou com as duas últimas palavras. Que merda. Ele pediu que ela confiasse nele quando ele próprio nunca confiaria em outro.

Ela assentiu e ele tirou a mão da boca dela. Antes que ele pudesse se conter, seu olhar foi para os lábios dela. Eles estavam cheios e convidativos, um pouco separados com sua respiração ofegante. Ele queria se inclinar para a frente, pressionar a boca contra a dela e descobrir se os lábios dela eram tão macios quanto pareciam.

O clique agudo de uma lâmina que se estendia de um canivete ecoou no espaço entre eles. Aço liso pressionado contra sua coxa.

“Sua, uh, arma está cavando no meu quadril. Devo removê-lo para você?” Enquanto ela sussurrava as palavras, seu hálito frio e mentolado acariciou sua bochecha.

A vontade de rir borbulhou logo abaixo da superfície. Na verdade, essa jovem mulher tinha coragem, ele daria isso a ela.

Antes que ela pudesse reagir, ele entrelaçou os dedos nos dela, o canivete agarrado entre eles e ergueu os braços acima da cabeça. Com uma rápida depressão no botão, ele retirou a lâmina e colocou a testa na dela. "Silêncio, e, a propósito, eu não possuo uma arma."





Ela inalou audivelmente. "Bem, então, você está tentando me seduzir?"

"Você gostaria que eu fizesse?" ele deixou escapar antes que pudesse se conter. A poucos centímetros de seus lábios, foi necessária toda a força de vontade para não a silenciar com um beijo.

Ela projetou o queixo, coragem e resistência brilhando naqueles lindos olhos verdes. "Eu não acho que você pode."

Ele sorriu e apertou a mandíbula. "Desafio aceito."

Os pesados passos do beco trouxeram de volta a realidade da situação e o perigo em que ela se encontrava. No momento, a melhor linha de defesa de Beaumont era camuflar-se e misturar os dois ao ambiente. Exceto isso, ele teria que recorrer ao exterior endurecido de sua gárgula. Não foi sua primeira escolha. Ele só usou isso como um método defensivo enquanto estava sob ataque.

Ele ondulou sua pele, assumindo as cores rústicas profundas do tijolo ao redor. Entre o pulso dele batendo alto nos ouvidos, a maravilhosa fragrância da mulher e as curvas suaves dela percorrendo sua mente com pensamentos sugestivos, a camuflagem brilhou, mas ela se manteve.

Ele se forçou a se concentrar. A vida dela dependia dele. Como se ela entendesse, ela ainda estava apoiada contra ele.

Marco parou a alguns metros de distância, ao lado de uma lata de lixo cinza surrada. Ele pisou em um pedaço de vidro quebrado e o estilhaço estalou sob os calcanhares. “Você está aqui em algum lugar, Laroche. Eu sinto sua pedra de faísca. Saia, saia, onde quer que esteja.”





A provocação deslizou através de Beaumont, fervendo seu sangue. Ele odiava que Marco pudesse sentir sua pedra de faísca.

Quando Rhiannon o recrutou para seu exército e jogou seu espírito em uma gárgula, ela manteve toda a sua alma atormentada, exceto um pedaço muito pequeno. Sua pedra de faísca segurava aquela parte fraturada e descansava dentro de uma depressão circular sobre seu coração.

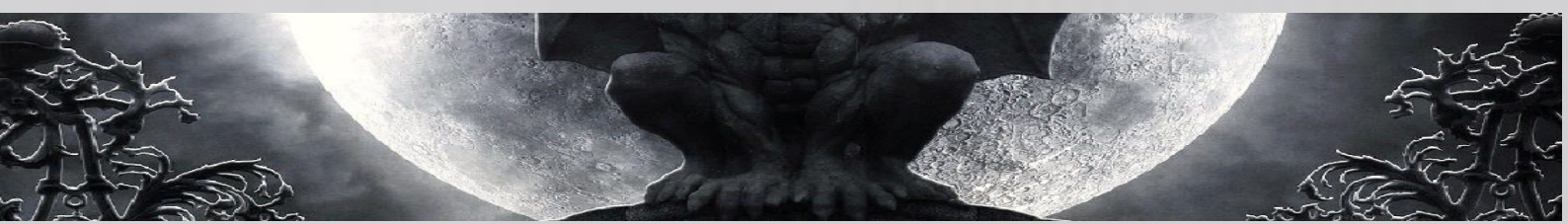
Sua raiva aqueceu o pedaço de granito que mudou o humor. Era sua maior fraqueza em mais de um sentido. Mesmo quando sua pele endureceu, o ponto vulnerável pôde ser perfurado, quebrando a gema e liberando sua alma para o éter. O resto de sua alma, a parte que Rhiannon mantinha, seguiria e ele deixaria de existir. Esse foi um destino muito pior que a morte.

A expiração alta de Marco ecoou nas paredes. "Venha agora. Estou cansado de esperar."

Tão perto de seu inimigo, o que ele havia rastreado e lutado inúmeras vezes, apenas para que o sujeito escorregasse por entre os dedos, queimasse quente e febril no estômago de Beaumont. Se não fosse pela mulher, ele sacaria sua adaga e a enterraria no globo ocular do fae, ou melhor ainda, evisceraria a criatura para depois esfaqueá-la nos olhos.

Uma noite, e logo, ele mataria a salaud ou morreria no processo. Ele segurou a mulher imóvel, desejando que ela permanecesse calada.

Um grito alto ecoou no ar quando o metal raspou contra o metal. Beaumont lançou um olhar para o inimigo. Marco levantou a tampa da lixeira adjacente e espiou dentro. O casaco deslizou da



mão estendida, expondo a bengala longa, a ponta em gancho aninhada no antebraço.

Com as costas de Marco viradas, Beaumont aproveitou a oportunidade para acalmar a mulher trêmula. Talvez ela tivesse percebido que estava em muito mais perigo do que previra. Ele acariciou a palma da mão dela com o polegar, tentando aliviar o medo dela da melhor maneira possível.

Infelizmente, ela estava no lugar errado na hora errada. Nenhum dos lados da guerra queria que os humanos descobrissem que gárgulas e fae existiam. Isso desafiaria as regras de Cernunnos, e ninguém queria a ira do Senhor do Outro Mundo em suas cabeças. No entanto, os rumores eram abundantes.

“Patrão! Não podemos segurá-los por mais tempo.” gritou um fae desconhecido. Sons de pés arrastados e carne se conectando com carne ecoaram pelo beco.

"Bem, acho que é sua noite de sorte, Laroche.” Marco soltou a tampa e o metal bateu contra a borda. "Até a próxima vez, então."

O fae jogou os braços para trás, queimando o casaco em volta das coxas. Um turbilhão rodopiou a seus pés, um mini tornado, movendo-se cada vez mais rápido. Em um instante, as moléculas de Marco desapareceram no meio. O diabo da poeira terminou tão rapidamente quanto começara.

A jovem lutou contra ele, tentando-o a cada movimento. “Liberte-me, seu idiota!”

Ele piscou. "Idiota? Eu salvei sua vida. Por que você está zangado?”



“Você está me segurando contra a minha vontade. Me deixe ir."

Ele terminou a capa camuflada, sua pele e roupas voltando ao normal e a libertou, deixando-a reter seu pequeno canivete.

Ela piscou, como se espantada, e levou a mão à garganta. Por baixo do colarinho aberto do seu casaco leve, uma corrente dourada se arrastava até um pequeno medalhão aninhado contra o peito.

Ela agarrou o pingente em uma mão e balançou o canivete para ele com a outra. “Seu burro, eu ainda devo usar isso em você.”

A boca dele se abriu. Durante os tempos medievais, ele havia aprendido que as mulheres eram castradas e não ousavam dizer o que pensavam. Ele aprendeu rapidamente que não era esse o caso, e ao longo dos séculos, com o passar do tempo e das tradições, ele se acostumou a novas ideias, mas as mulheres de hoje em dia ainda o confundiam.

Ele levantou as mãos e deu um passo para trás, dando-lhe algum espaço. Seu ombro se conectou com uma das vigas de apoio da escada de incêndio.

Um som estridente ecoou de cima. A base de cerâmica dura do vaso correu em sua direção. Ele endureceu a pele, mas não foi rápido o suficiente. O pote bateu contra sua cabeça. A dor brilhou em sua têmpora e a luz se contraiu até um pequeno ponto antes que a escuridão o levasse.



CAPÍTULO 2

Sadie McAllister olhou para o homem deitado a seus pés. Vestido com uma camiseta escura, Levi's pretos 501 e um par de botas de ponta de aço, ele se misturou com a noite, mas a luz fraca de uma janela do terceiro andar fornecia iluminação suficiente para ver sua aparência.

Pedaços de terra do vaso quebrado se espalharam por seus belos traços. Cabelos castanhos na altura dos ombros acariciaram sua bochecha, acentuando a cicatriz na borda da pálpebra. Com um nariz reto, mandíbula forte e lábios carnudos e tentadores, ele era absolutamente lindo.

Ela lembrou seus olhos castanhos profundos. Mesmo na penumbra, ela viu a determinação penetrante embutida naqueles orbes lindos, escuros e atormentados. Seu coração disparou de uma combinação de medo e emoção.

Com mais de um metro e oitenta e meio de altura com cordões trançados de músculo, ele a dominou com seu tamanho e força, mas apesar de sua natureza brusca, ele não tinha sido duro quando a prendeu contra a parede. Pelo contrário, ele a embalou contra ele, acariciando sua palma com o polegar, acalmando-a enquanto a protegia do estranho... homem, criatura, o que ele era.

Mesmo com 21 anos, seu aniversário se aproxima rapidamente, você não cresce como um garoto de rua sem ver uma coisa ou duas. Ao longo dos anos, ela observara alguns eventos incomuns e inexplicáveis à noite e ouvira muitos rumores sobre



criaturas do Outro Mundo, mas nunca conhecera um fae ou uma gárgula pessoalmente. Até agora.

Sua garganta se apertou e ela olhou para o homem mais uma vez. Embora o medo dos fae a tivesse levado a gritar com o cara, esta noite poderia ter sido sua morte se não fosse por ele.

Ajoelhou-se ao lado dele e colocou dois dedos contra a garganta dele. Firme e forte, seu coração pulsava.

Uma risada trêmula e aliviada escapou de seus lábios. “Você ficará bem, mas provavelmente terá uma dor de cabeça assassina.”

A compaixão a varreu, apertando o peito. Ela não podia deixá-lo assim. Ela retirou as chaves do casaco, enfiou-as no bolso da calça, tirou a jaqueta fina e fechou o material com o punho. A ternura pela situação dele cutucou seu coração, mas ela o afastou, deslizou os dedos sob o pescoço dele e aninhou o casaco sob a cabeça dele.

Uma pedra branca no peito espiou por baixo da borda da camiseta. Hipnotizada, ela empurrou o material para o lado e tocou a superfície lisa. Como se em resposta, a pedra mudou de cor do branco para uma água-marinha fria. Ela ofegou com a sua beleza. Que preço a joia incomum traria.

Uma rápida olhada no beco revelou dois homens, tão lustrosos e construídos quanto este, andando em sua direção. Ela os espionou pelo canto do olho durante a luta e suspeitou que eles eram seus amigos. A qualquer momento eles a notariam, mas ela estaria condenada se perdesse uma oportunidade como essa.

A pedra do estrangeiro pode buscar dinheiro suficiente para pagar o aluguel, mantê-la fora da rua e talvez aumentar a escassa





economia da faculdade. A determinação, endurecida pela experiência, apertou na boca do estômago. Ela apertou o botão do canivete e o clique familiar ecoou na parede de tijolos.

Em um movimento rápido, ela deslizou a ponta da lâmina contra a borda da pedra e tirou a gema de seu lugar de descanso. Ela enfiou a pedra no bolso da calça jeans, junto com sua arma confiável.

“Vamos ver se você tem uma carteira, grandalhão.” Ela deu um tapinha no bolso de trás.

Em vez de uma carteira, a palma da mão se conectou com as nádegas redondas e tensas. Como seria tocá-lo sem a camada de roupa?

“Ei você!” Os dois homens que ela viu começaram a correr em sua direção.

Um senso de urgência a colocou em movimento. Com os dedos trêmulos, ela enfiou a mão no outro bolso. O peito dela inchou. Ela retirou uma carteira fina e se levantou.

A culpa passou por ela. Ela realmente tinha acabado de roubar o cara que a resgatou? Chegou a isso? Mas que escolha ela tinha? Depois de sua passagem por Gabriel, seu mentor e ex amante, nunca, jamais, ela se deixaria arrastar de volta à vida nas ruas.

Ela olhou para o homem, notando como seus cabelos castanhos acariciavam sua bochecha e acentuavam seus lindos traços. "Boa sorte, bonito e obrigado pela doação."

Sadie saiu correndo pela rua. Quando ela não ouviu nenhum passo se aproximando, ela olhou por cima do ombro.





Os dois homens se ajoelharam ao lado do amigo. Um olhou para ela, mas, embora ele não demonstrasse interesse em perseguir, seus olhos brilhavam de um verde vibrante. O medo a empurrou para a frente, seus tênis levantando uma trilha de entulho em seu rastro.



CAPÍTULO 3

A cabeça de Beaumont bateu como se um trem de carga tivesse esculpido um caminho através de seu cérebro. Um gemido aliviou dele, mas o zumbido apenas amplificou a agonia. Ele apertou os lábios, desligando o som. Enquanto ele respirava, um doce aroma de limão entrou em seus pulmões. Os fragmentos fugazes de uma lembrança quente cutucaram a borda de sua consciência, indescritível e frustrante.

“Jaysus, acho que ele está por aí.” Finn sacudiu o ombro. “Para todo o amor... Beaumont, acorde. Você tomou uma dose ruim, não?”

Beaumont abriu uma pálpebra. Até a escuridão do poste no fim do beco parecia muito clara, e ele fechou os olhos novamente.

“Prefiro não” ele murmurou.

“Sim, ele está acordado.” Seth cutucou a coxa de Beaumont com a ponta de uma bota de cascavel. “O que aconteceu com você? Não gosta de flores?”

A lembrança do vaso correndo em direção à sua cabeça nadou para a superfície. "Aparentemente, este não gosta de mim."

Beaumont passou a palma da mão sobre o rosto, abriu os olhos e se forçou a sentar. Uma sensação de tontura se formou sobre ele, fazendo com que manchas brancas aparecessem diante de sua visão, mas elas retrocederam, apenas para serem substituídas pela caneca infantil de Finn, pelos de barba e tudo mais.

Beaumont virou a cabeça e afastou-o. "Por favor, me poupe."



Seth cruzou os braços e encostou-se na parede de tijolos. "Conseguimos matar dois fae, enviar aquelas almas vis para o éter"

“Sim, eu ganhei a aposta, a propósito”, Finn interrompeu. “Mas Marco correu em sua direção. Cadê a garota?” Seth terminou.

“Garota?” Beaumont levantou as sobrancelhas.

Sua mente voltou a ficar on-line, as memórias ressurgindo com uma vingança. A tensão se enrolou por dentro quando ele olhou ao redor. Quando ele não a viu, uma sensação de decepção pesou sobre seus ombros. Ele encolheu os ombros de lado. *Merde*.

Ele não sabia nada sobre a mulher alegre, atrevida e sexy, e ela estava melhor assim. Não tive tempo de levá-la embora. Marco se aproximou, então eu usei cammo para protegê-la. Ele fugiu, mas...

Beaumont enrolou a mão em punho. O fae bastardo o iludiu mais uma vez.

Finn estendeu a palma da mão. “Vamos colocar você de pé.”

Beaumont agarrou a mão do sujeito. Quando ele se levantou, teve um vislumbre de uma jaqueta escura, enrolada em uma bola - o casaco do batedor de carteiras e a fonte do aroma de limão. Surpresa tingida com um pouco de deleite desconhecido floresceu em seu peito. Ela colocou a jaqueta sob a cabeça dele para confortá-lo.

Ele balançou por um momento enquanto o sangue corria para seus pés, mas ele conseguiu ficar de pé. Seu templo dolorido batia em sincronia com o batimento cardíaco. A dor viajou para o peito e concentrou-se na pele ao redor da pedra de faísca. Ele esfregou a





testa. Graças ao poder curativo em seu sangue de gárgulas, a lesão se recuperava em poucas horas.

Finn franziu a testa. “Onde ela foi, essa moça?”

Para gárgulas, força poderosa, velocidade extraordinária e audição e visão extra-sensoriais vieram com o território, juntamente com a capacidade de desmaterializar e se comunicar com colegas de equipe, mas Rhiannon também abençoou cada gárgula com um talento único.

Contando com sua habilidade especial, Beaumont pegou a jaqueta e levou o material ao nariz. O aroma suave e picante da mulher diminuiu em seus sentidos.

Em retrospectiva, ele desejou tê-la beijado, em parte para enfrentar seu desafio de seduzi-la, mas também para segui-la. Se ele tivesse uma mera gota de sua saliva ou sangue, poderia rastreá-la até 80 quilômetros de distância. Infelizmente, ele não tinha nenhum. Tudo o que ele conseguiu obter com o cheiro dela no casaco era sua localização geral, a cerca de oito quilômetros a oeste daqui.

Ele apertou os dedos ao redor do pano escuro e empurrou o material em direção a Seth e Finn. “Isso pertencia àquele ladrão. Ela deve ter deixado depois...”

Beaumont prendeu a respiração com dificuldade. Ele apalpou o bolso de trás. Um gemido lento saiu de seus lábios. Para se certificar de que ele não havia colocado a carteira no outro bolso e convenientemente esquecido, ele deslizou a mão para o outro lado. Não. Foi.





Ele olhou para o céu cinzento, o primeiro sinal do amanhecer se aproximou e jogou a jaqueta no chão. “Aquele ladrão roubou minha carteira.”

A risada calorosa de Finn rolou pelo ar. “Com o que você se preocupou? Perdendo alguns dólares?”

Beaumont apertou os lábios. “É o princípio da questão.”

Ao anoitecer, todas as noites, quando as gárgulas se desmaterializavam de seus postos no topo dos edifícios no centro de Chicago, Rhiannon, através de sua magia, fornecia a cada homem roupas novas, um corte de cabelo e um barbeado limpos, se quisessem, e dinheiro em sua carteira para emergências. Cartões de identificação e de crédito, absolutamente não. Os humanos precisavam permanecer alheios às gárgulas no meio deles. Era melhor assim por toda parte. Mas essa não era a única coisa que o incomodava com a situação.

O engano do batedor de carteiras queimava em seu intestino muito mais do que ele queria admitir. Verdade, honra e integridade, arraigadas em seu caráter desde o nascimento, haviam crescido desde a sua morte, graças em parte a Marion, sua mentira e mentira prometida. Ela não estava ao lado dele e o defendia. Em vez disso, ela mentiu, traindo-o no processo. Se não fosse por sua traição, ele nunca se tornaria uma gárgula.

Ladrões, como o batedor de carteiras, eram parecidos com mentirosos. No entanto, o pequeno ladrão deve ter alguma integridade. Caso contrário, por que ela se daria ao trabalho de amortecer a cabeça dele? Ela era um mistério, um que ele desenrolava de um jeito ou de outro.





Ele torceu os lábios, mas não podia negar a atração que chicoteava através dele enquanto a protegia de Marco. Ele apreciara sua inteligência, coragem e, quando ela o desafiara a seduzi-lo, ele aceitou o desafio.

Ele passou a mão pelos cabelos. O que na Terra passou por sua mente? Algumas noites de vez em quando para saciar a fome sexual era uma coisa, mas seduzir uma mulher? Ele não fazia isso há séculos.

Seth olhou para o céu brilhante. "O sol vai nascer em breve. Hora de voltar ao poleiro."

Eles precisavam retornar às estátuas de gárgula antes do nascer do sol para recarregar sua energia e curar suas feridas para lutar outra noite. O sol, o doador da vida para tudo na Terra, era uma sentença de morte lenta para uma gárgula. Se ele não voltasse ao posto, morreria dentro de cinco ou seis dias, dependendo de sua força, suas moléculas desaparecendo no éter, para nunca mais reaparecer.

Um calafrio inesperado trouxe arrepios ao braço de Beaumont. Ele olhou para Seth. "Te encontro lá."

Universidade de Chicago. Seth, Finn e Beaumont faziam parte de uma equipe maior de gárgulas que residiam nos prédios da instituição. Central para grande parte da atividade no centro da cidade e nos arredores, o campus ofereceu um local ideal para os guardiões da noite.

Uma gárgula desde sua morte no século XII, Rhiannon o havia mudado de estátua em estátua por toda a Europa, por capricho dela. Cerca de cem anos atrás, ela o transferira para





Chicago. Não era bem como as belas cidades históricas em seu país natal, a França, mas ele não tinha escolha onde executava seus deveres profissionais.

Enquanto Seth e Finn se desmaterializavam, suas moléculas se espalhando na brisa, Beaumont fechou os olhos e se concentrou.

Nada aconteceu.

Ele ficou tenso.

Talvez a batida na cabeça o tivesse afetado mais do que ele pensava. Ele passou a palma da mão sobre o rosto e revirou os ombros, tentando aliviar a tensão.

Ele fechou os olhos novamente. *Concentrado…*

Esforçando-se sob os laços físicos que o prendiam, ele tentou mudar, para seguir seus colegas de casa.

Nada de novo.

Seth?

Finn?

Merde. O link da mente também não funcionou.

A frustração queimava no fundo de sua garganta, amarga e suja. Ele esfregou o peito, tentando afastar seu crescente desconforto. A ponta do dedo roçou contra um recuo na pele.

Seu pulso disparou, sangue correndo por ele com uma onda de adrenalina. Ele não conseguia recuperar o fôlego. O ar parecia muito quente, muito sufocante. Ele afastou a camisa e olhou para si mesmo. Onde sua pedra de faísca residia, um poço vazio preencheu o espaço. Cortes estragaram a superfície, evidência de que alguém havia lascado a gema preciosa com uma lâmina afiada.





Ele rangeu os dentes. "Batedor de carteiras! *Brûle en l'enfer!"* Queime no Outro Mundo, de fato.

A luz do sol ostentava as nuvens no céu, em um belo pique de rosa, estranhamente semelhante às pontas dos cabelos de seu pequeno ladrão. Ele precisava encontrar abrigo em breve ou não teria energia para localizá-la hoje à noite, o que pretendia totalmente, de um jeito ou de outro.

Um gato miando do beco, preto com pés brancos e uma mancha branca embaixo do queixo, esfregou a perna de Beaumont. Rabo direto no ar, o felino fez uma inversão de marcha e voltou para outro golpe.

Como todos os animais domesticados, a energia invisível serpenteava do gato para Beaumont, dando-lhe um pequeno impulso de poder. Felizmente, a transferência de energia não prejudicou os animais. "Snookums. Você com certeza se mexe. Você está me seguindo?"

O gato miou novamente.

Beaumont se ajoelhou ao lado da criatura e passou a palma da mão sobre o pelo macio. O gato levantou o queixo quando Beaumont coçou a orelha, um ronronar suave ressoando no pequeno peito. Ele já tinha visto isso em desviar uma ou duas vezes em alguns dos becos do bairro. Como qualquer desajustado ou órfão, Beaumont imediatamente se interessou por ele e deu seu nome.

"Parece que eu sou tão vagabunda hoje quanto você. Alguma sugestão de um lugar para ficar?"





Snookums esfregou os bigodes contra o dedo e olhou para ele. Seus olhos amarelos lembraram outro gato e seu dono peculiar. *Sim, perfeito.*

"Obrigado, Snookums."

Ele deu ao gato um carinho final por cima de seu pelo e depois se levantou. Com um objetivo em mente, ele correu para a única pessoa que poderia levá-lo. Se isso acontecesse, venha hoje à noite, ele perseguiria aquele batedor de carteiras mal-humorado. Caso contrário, hoje pode ser o último.



CAPÍTULO 4

Sadie fechou a porta, e o clique suave familiarizado ecoou pela pequena cozinha. Com meses de prática, ela caminhou pelo velho piso de linóleo, tomando cuidado para evitar o quadro estridente ao lado da geladeira. Dada a madrugada, ela não queria acordar Ruby, seu senhorio, pseudo mãe e, acima de tudo, amiga.

Ela passou pela mesa da cozinha dos anos noventa e cinquenta, com seu tampo de mármore falso e quatro cadeiras almofadadas correspondentes e desceu as escadas para o quarto alugado no porão. Enquanto seus pés deslizavam pelas tábuas irregulares, um calafrio percorreu seus braços. Esta noite fora uma para os livros de registro.

Ela exalou e jogou as chaves na tigela velha que pegou no brechó do bairro. Os pequenos pedaços de metal tilintaram contra o vidro, trazendo de volta a visão do pote batendo na gárgula quente e sexy na cabeça antes de quebrar no beco.

"Aquela passou perto."

De fato, se não fosse pelo vaso de plantas, quem sabia como a noite teria terminado. Memórias de seu corpo quente e duro pressionado contra o dela a fizeram estremecer e não de medo.

A despeito da força que havia diminuído dele em ondas, ele fora gentil, protegendo-a do assaltante desconhecido e, maldita seja, ela desfrutara a ressonância em sua voz profunda, cada contração de seus músculos e seu marrom penetrante. olhos. A cor do café rico e profundo, eles a hipnotizaram desde o início.

"Ok, pare", ela murmurou baixinho.



A última coisa que ela precisava era ficar toda excitada com uma marca, mas que marca ele tinha sido. Ainda bem que ela fugiu antes que seus amigos a alcançassem. A frustração bateu em sua testa enquanto ela caminhava para a mesa de cabeceira. Ela fechou os olhos e cruzou os dedos. “Por favor, deixe sobrar um.”

Ela abriu a gaveta. Contra um pequeno pacote de lenços repousava uma barra solitária de 3 mosqueteiros. Uma súbita leveza se expandiu em seu peito. Ela pegou o doce, descascou o papel de uma das pontas e mordiscou o chocolate do torrone. Sua mandíbula doía quando o açúcar se instalou em sua boca.

Abafando um gemido, ela colocou a barra de chocolate na mesa de cabeceira, retirou a carteira da gárgula do bolso da calça e sentou-se na cama. Ela passou o polegar sobre o grão macio do couro escuro. A cada golpe, o movimento a lembrava de seu toque gentil enquanto ele acariciava sua palma. Arrepios deliciosos rolaram sobre sua pele.

Enquanto ela estudava sua carteira, uma dor desconhecida cresceu em seu peito. Ele salvou a vida dela. Ela devia a ele. *Não, nunca mais o verei.* Ela baniu a crescente culpa antes que a sensação pudesse se instalar e montar a casa.

“Hora de descobrir quem você é, grandalhão.”

Ela abriu a carteira e sacou cinco notas de cem dólares. A respiração dela ficou presa na garganta. Quem andava por aí com tanto dinheiro? Com uma expiração rápida, ela levantou a aba, ansiosa para descobrir a identidade dele. Ela piscou. Não havia identificação, nem cartões de crédito, nem cartões de débito, nem mesmo um cartão de biblioteca.





"Sério?" Claro, não há nada com o seu nome.

Ela ficou de pé e caminhou até a cadeira solitária em seu quarto de solteiro, a carteira presa entre os dedos. Pelo menos ela tinha dinheiro suficiente para pagar o aluguel na segunda-feira. Memórias da gárgula ressurgiram, suas feições delineadas no brilho do poste, seus cílios escuros acariciando sua bochecha alta, a pedra única em seu peito.

Um estremecimento percorreu seus braços. Os humanos não tinham pedras embutidas na pele. Prova de seu status sobrenatural. Isso e a mudança de camaleão que ele deixara no beco, assumindo a tonalidade vermelha do tijolo. Se ela não tinha confiado nos rumores de criaturas paranormais antes, ela confiava agora.

Ela deu um tapinha no bolso da calça jeans. A pedra chata, com sua borda arredondada, cavou em seu quadril. Ela enfiou os dedos no forro e retirou a pequena pedra. Um branco opaco, estriado com pedaços de prata, a beleza da gema trouxe um sorriso aos seus lábios. Ela enrolou a mão ao redor da rocha e embalou seu novo tesouro ao lado de seu medalhão.

Você não deveria ter pegado a pedra dele. Talvez seja importante para ele. Sua consciência ameaçava atrapalhá-la, mas ela afastou o pensamento e, em vez disso, olhou os panfletos presos à placa de cortiça ao lado do antiquado espelho dourado que ela havia marcado em uma venda de garagem. "Complete sua educação!" "Inscreva-se hoje em uma faculdade comunitária!"





Por mais que ela quisesse frequentar a faculdade, ela nem tinha um diploma do ensino médio. Não que ela merecesse o ensino médio de qualquer maneira. Ela era uma ladra, afinal.

Você não é bom o suficiente. É por isso que você está na rua. Só eu posso te sustentar, e você me deve por isso. A familiar diatribe ressoou em seu cérebro. Ela reconheceu muito bem as palavras profundas e roucas - Gabriel Rhodes - seu mentor de carteirista e ex amante. Com seu sorriso travesso e olhos castanhos suaves, acentuados por três tatuagens de lágrimas na bochecha esquerda, ela se apaixonou por seu charme.

Uma noite, ele lhe deu um tapa no rosto por não devolver os óculos emprestados. Essa foi a primeira noite de muitas que estavam por vir, os abusos aumentando por vários meses. Depois de uma rodada difícil, quando não tinha certeza se deveria procurar tratamento médico para os olhos inchados, o nariz ensanguentado e o ombro torcido, escapou da gangue de rua.

A amargura encheu sua boca e ela engoliu o gosto ruim junto com a memória. Possuir alguém significava que eles tinham poder sobre você, e ela não estava prestes a ceder nenhum dela, nunca mais. Agora, ela fez todo o possível para pagar qualquer tipo de dívida o mais rápido possível.

Seu reflexo no espelho na parede sobre a penteadeira chamou sua atenção. Linhas franziram a testa e seus olhos tinham um olhar assombrado. Se ela perdesse o estresse amanhã, não tinha certeza se se reconheceria. Por muito tempo agora, ela fazia parte da sociedade underground, roubando turistas, visitantes e clientes





que ficavam muito tarde nas danceterias, bares e outros negócios abertos até as primeiras horas da manhã.

Quanto mais embriagada suas marcas, mais fácil era para ela escolher, e quanto mais tarde, menor era a chance de descoberta. Ela não aceitou os cartões de crédito, era muito arriscado, então o dinheiro foi decidido. Às vezes, isso exigia mais esforço e tempo, mas ela já havia visto muitos outros passarem a usar cartões. Ela se recusou a entrar nessa armadilha.

Um ping familiar tocou em seu telefone. Alguém postou no Facebook. *Hannah?* "Por favor por favor por favor."

Sadie tirou o Samsung Galaxy do jeans e passou o dedo pela tela. Com os dedos trêmulos, ela tocou no aplicativo do Facebook. O familiar fundo azul e branco iluminava a tela, a roda de carregamento girando. Sadie andava entre a cadeira solitária e a cama. "Vamos vamos."

Finalmente, a página se materializou e ela examinou as últimas entradas. Nada da irmã dela.

Sadie encostou-se na poltrona reclinável. A tensão enrolou em seu estômago. Ela clicou no perfil de Hannah e publicou sua última postagem. Uma foto de sua irmãzinha, cercada por dois amigos e um monte de balões coloridos iluminou a tela.

"Onde você está?" Sadie mordeu o lábio.

Hannah não era de não postar no Facebook. Quando filmamos no último ano do ensino médio, as fotos de baile, formatura e todas as celebrações da festa foram ininterruptas.

Até sete dias atrás.





O desconforto deslizou pelas veias de Sadie. Ela apertou o medalhão, tirando conforto da pequena joias. Depois de um longo suspiro, ela descansou o pedaço pesado contra o peito, clicou no ícone da mensagem privada e digitou, os dedos voando sobre as teclas. *Oi Mana*...

Ela parou. Uma mistura de arrependimento e vergonha girou e se misturou ao desconforto, criando uma mistura tóxica. Quantas vezes ela digitou uma mensagem apenas para excluir as palavras? Incontáveis. E, mais uma vez, ela fez o que sempre fez, retrocedendo, as letras desaparecendo na tela como se nunca estivessem lá.

A vergonha aqueceu suas bochechas, e ela não aguentou mais olhar para a tela. Com mais força do que o necessário, ela enfiou o telefone no bolso e depois apalpou o medalhão que pendia de uma corrente na garganta. O disco liso, com a foto de sua irmã dentro, oferecia um conforto que ela ansiava diariamente.

Sadie havia aprendido desde tenra idade como fugir de seus problemas. A mãe, por exemplo, a havia ensinado bem, e o pai só se importava com a próxima cerveja. Depois de fugir da morte dele durante o último ano do ensino médio, ela conheceu Gabriel e se juntou ao bando de ladrões, aprendendo o ofício, por assim dizer. Seu maior arrependimento - deixar Hannah lidar com seu tio abusivo. Quatro longos anos se passaram e ela ainda sentia falta da irmãzinha.

Sadie colocou o medalhão debaixo da gola da camisa. Sem pensamento consciente, ela coçou as cicatrizes auto infligidas ao longo do pulso. Percebeu o hábito nervoso registrado em sua





mente, e seu coração disparou. Ela não fazia isso há muito tempo. A velha necessidade de cortar diminuiu lentamente com o amor, a atenção e o apoio constante de Ruby. Ter o desejo de retornar não era um bom sinal. Ela fechou os olhos e forçou os dedos a relaxar.

Inspire, expire. Inspire, expire.

"Sadie, é você? Pensei ter ouvido você voltar para casa." A voz de Ruby ecoou escada abaixo. "Eu tenho um novo muffin experimental. Você seria uma querida e tentaria por mim?"

Sadie passou as pontas dos dedos sobre as inúmeras cicatrizes no pulso. "Já vou ai, Ruby!"

Se não fosse a bondade de Ruby, Sadie ainda estaria na rua. Ela conheceu a mulher mais velha na padaria que possuía a algumas ruas no bairro de Bridgeport. Sadie vagou em um dia, ostentou um bolinho de framboesa e adorou tanto o sabor doce que voltou três vezes em uma semana, gastando parte do precioso dinheiro que roubara.

Ruby deve ter sentido pena dela ou gostado dela ou de ambas, pois a senhora idosa a convidara para ficar no porão, alegando que o espaço precisava de um inquilino. O preço era justo, então Sadie havia se mudado. Isso aconteceu dois anos atrás, logo depois que ela fugiu de Gabriel.

Subindo as escadas duas de cada vez, Sadie correu para encontrar sua amiga. Quando ela entrou na pequena cozinha, Ruby abriu um recipiente selável e colocou a banheira de plástico no balcão ao lado dos bancos de bar.





Ela olhou para Sadie por cima dos óculos de leitura, um brilho se formando nos olhos. “Misturei um pouco de lavanda e limão com os mirtilos. Diz-me o que pensas.”

Sadie deslizou para a banqueta mais próxima e estudou os muffins. A cobertura envidraçada enfeitava os topos como uma fina camada de neve, pequenos cristais de açúcar granulado brilhando à luz. "Uau, estas são bonitas demais para comer."

Ruby riu. “Você sabe como me fazer sorrir, não é?”

A bondade nos olhos de Ruby aqueceu Sadie por dentro. “Tenho certeza que estes são fabulosos.”

“Bem, continue.”

Sadie sorriu e examinou suas escolhas. Todos pareciam tão bons. Ela selecionou um embrulhado em papel alumínio, retirou o papel e mordeu o topo com gosto. Uma infinidade de sabores explodiu em sua língua - doce de baga, torta de limão e uma pitada de lavanda. Ela gemeu enquanto mastigava.

“Tomarei isso como um sinal positivo. Agora, preciso lhe contar uma coisa.” A voz de Ruby engatou.

Os músculos dos ombros de Sadie ficaram tensos. Ela encontrou o olhar de Ruby. “O que está errado?”

Ruby suspirou, lágrimas brotando em seus olhos. “Minha irmã. Ela não está bem.”

Sadie levantou-se do banquinho e abraçou a amiga. “Há algo que eu possa fazer?”

Ruby fungou e se afastou. “Eu preciso visitá-la em Boston por alguns dias. Ellen e a equipe podem administrar a loja enquanto eu estiver fora. Você estaria disposto a alimentar George?”





George era um belo peixe de combate japonês Betta.

Sadie sorriu. “Claro que eu vou. Isso me dará a chance de retribuir, pelo menos um pouco, por tudo que você fez por mim.”

“Oh, obrigada, querida, mas você não me deve nada.” Ruby bateu palmas nas mãos de Sadie. "Se eu ficar fora por mais de uma semana, talvez seja necessário trocar a água dele também."

“Considere isso feito.” Sadie apertou os dedos de Ruby.

Desde que deixara Gabriel, fazia questão de cumprir seus compromissos, e o faria agora, principalmente pela amiga.

Ruby soltou Sadie e foi em direção ao banheiro solitário. “Sinta-se livre para parar na loja a qualquer momento. Use sua chave e sirva-se de qualquer um dos doces. Você é uma boa jovem, Sadie, muito boa.”

O peito de Sadie se apertou. Bom não era a primeira, segunda ou terceira palavra que ela usaria para se descrever. Ela nunca alcançou além do seu estilo de vida de carteirista. Sem um diploma do ensino médio, suas limitadas opções de trabalho nem sequer cobriam o valor escasso que ela pagou em aluguel. O estilo de vida lucrativo dos carteiristas pagou muito mais.

Você não é bom o suficiente. Nunca foi, nunca será. As palavras de Gabriel ecoaram em sua mente. Ela apertou a mão e bateu o punho contra o quadril. A dor ricocheteou dos dedos até o cotovelo. *A joia…*

Ela enfiou os dedos no bolso e retirou a pedra bonita. Manchas prateadas captaram a luz e acentuaram o belo branco opaco. Talvez, apenas talvez, Todd na loja de penhores lhe desse uma quantia decente pela pedra. Ela poderia dedicar um





pouco mais de dinheiro ao seu sonho de fazer o GED e voltar à escola para obter seu diploma de história.

Tudo o que ela queria era trabalhar em um museu com outras pessoas inteligentes. O menor pedaço de esperança flutuou em seu estômago como as asas de uma borboleta, mas não durou.

Você é um ladrão, um punk, um ninguém e, portanto, não é digno.

Ela rangeu os dentes e correu escada abaixo para o quarto do porão. Se ao menos ela pudesse superar seus pensamentos torturados.



CAPÍTULO 5

Com cuidadosos passos, medidos, Gabriel Rhodes acompanhou o homem em uma faixa escura. O cara balançou e agarrou a ponta de uma lixeira para se firmar. Gray tingiu os cabelos em sua têmpora, e sua carne cedeu ao longo das bochechas, criando uma queixo debaixo do queixo. Pontuado por um grito ocasional, um fluxo constante de murmúrios ininteligíveis saía de seus lábios.

Gabriel estalou os nós dos dedos e sorriu. *Perfeito. Simplesmente perfeito.* O homem faria um saco de pancadas ideal.

Depois da briga prolongada com uma de suas garotas, sua frustração o levou às ruas e de volta ao seu velho terreno. Ele deu um tapa nela, viu o choque em seus olhos e a marca vermelha em sua bochecha da palma da mão, e tinha um gosto por mais, mas hematomas e ossos quebrados eram ruins para os negócios. Melhor tirar sua frustração de outra pessoa.

O homem se arrastou ainda mais na escuridão. Até a luz da rua falhar em iluminar os recessos profundos escondidos entre as lixeiras e os velhos barris. Ele tossiu, um chiado estridente que ecoou nos prédios de tijolos.

Papéis farfalharam. Silêncio.

Gabriel rastejou pelo caminho, a emoção da caçada o levando adiante. Ele esfregou a palma da mão sobre o cavanhaque, o dedo



indicador roçando contra o nariz e depois ao longo das três tatuagens de lágrimas estampadas na bochecha.

Quando seus olhos se ajustaram à penumbra, sombras tomaram forma. Atrás da segunda lixeira, o homem agachou-se dentro de uma caixa velha e rasgada do tamanho de uma máquina de lavar louça. Suas pernas se projetavam sobre a borda. Quando Gabriel fechou a distância e parou em cima do homem, o medo registrou nas profundezas dos olhos arregalados de sua presa.

Ele deu um soco no cara, com o punho ligado à têmpora do homem. A carne em contato com a carne enviou um zíper de adrenalina pelas veias de Gabriel.

O homem gritou, mas Gabriel atacou novamente, silenciando o grito. Como se estivesse sonhando, ele continuou a bater com o punho na carne macia. Quando o homem parou de lutar, Gabriel parou. A respiração dele entrava e saía dos pulmões. Uma sensação de euforia iluminou seu peito.

“Deus, isso foi bom.”

“Deus não teve nada a ver com isso.”

Gabriel virou-se em direção à fonte da voz masculina profunda, os pés deslizando sobre a calçada suja no beco estreito. O sangue batia alto em seus ouvidos.

A alguns metros de distância, um homem encostou-se ao prédio. Vestindo um casaco longo e escuro, uma bengala preta descansava na dobra do cotovelo. Com cabelos louros curtos e bem arrumados, o homem poderia ter saído de uma capa de uma revista Esquire.





Nos últimos anos, o cara teria deixado uma marca interessante, mas a maneira como seu olhar avaliava os sapatos de Gabriel para os olhos, como se o avaliasse como vítima, causou um calafrio nos braços de Gabriel.

Ele estreitou os olhos para o estranho arrogante. “Quem é você?”

O homem se afastou do prédio. Um sorriso divertido curvou seus lábios. “Alguém que você pode querer conhecer.”

“Pode?” Gabriel olhou para o final do beco, calculando suas chances de escapar. poucas para nenhuma. Se o homem atacasse, ele teria que lutar. Que assim seja. Talvez esse fosse o desafio que ele estava procurando em primeiro lugar.

O homem avançou, seus passos intencionais, mas não apressados. Controle e poder irradiavam de todos os seus movimentos. “Você tem promessa. Eu poderia usar alguém como você.”

Os ombros de Gabriel ficaram tensos. Ele flexionou a mão e segurou os dedos sobre o bolso, onde descansava seu fiel canivete. “Ninguém 'me usa'.”

O homem estremeceu. Com um rápido movimento do dedo do estranho, a faca de Gabriel saiu do bolso e caiu na calçada.

Os cabelos na nuca de Gabriel se arrepiaram. Como esse estranho sabia sobre a faca e o desarmou sem sequer um toque? Sua lâmina estava aos seus pés. De jeito nenhum ele poderia recuperá-lo antes que o homem atacasse.



Gabriel focou nos olhos do homem. Um marrom escuro, pequenas manchas amarelas brilhavam através deles. Eles pareciam quase brilhar.

Um sorriso arrogante curvou os lábios do homem. “Talvez estejamos começando mal. Deixe-me me apresentar. Meu nome é Marco Valentelli, e você é?”

Ele engoliu em seco. “Gabriel Rhodes.”

“Isso é melhor. Agora que estamos bem familiarizados.” ele parou a um pé de distância “tenho uma proposta para você.”

“Uma proposta?” O homem despertou seu interesse e Gabriel se aproximou.

“Estou procurando alguns recrutas para o meu exército humano.” O olhar avaliador de Marco sacudiu o corpo de Gabriel em leitura óbvia. “Você se encaixa na conta. Interessado?”

A confusão parou seus pensamentos. “O que?”

Marco riu, o som baixo e misterioso vibrando no espaço entre eles. “Meu exército é novo. Preciso de ouvidos e olhos durante o dia em que estou ocupado. Você será bem recompensado e, se tiver um desempenho satisfatório, poderá ser promovido.”

A tentação de dinheiro e poder despertou o interesse de Gabriel.

Ele encontrou o olhar de Marco. “Você é um fae, não é?”

Amarelo passou pelos olhos de Marco. "Mas é claro. Não me diga que nunca conheceu um fae antes.”

De fato, quando ele começou sua vida de rua na adolescência, viu as criaturas assassinarem seres humanos como ele muitas vezes, mas se afastou delas. Uma mecha de medo brotou em seu



intestino, mas ele a esmagou antes que a emoção pudesse criar raízes. Mostrar qualquer tipo de apreensão ou desconforto significaria sua morte. Ele não precisava ser um cientista de foguetes para descobrir isso.

Ele levantou o queixo. “Eu nunca falei com um fae, mas já vi alguns. Você luta contra as gárgulas em algum tipo de guerra.”

“Isso é verdade, mas”, Marco roçou as unhas na lapela, “devemos ficar 'em sigilo' e não envolver os humanos. No entanto, nunca fui de seguir as instruções. Então, acho que você está interessado.”

“Eu estou.” Apesar do mal-estar provocando sua nuca, Gabriel deu o seu melhor sorriso. "Quando eu começo?”

Com a bengala ainda apoiada no braço, Marco esfregou os dedos sobre o cabo escuro. “Para ganhar uma posição no meu regimento incipiente, faça algo digno ou me traga algo útil.”

“Como o quê?”

“Isso é para você descobrir. Só não me decepcione.” Um sorriso se formou nos lábios de Marco. Com uma volta rápida, ele caminhou em direção à rua, com o casaco queimando nos joelhos.

Gabriel piscou. “Esperar. Como posso te encontrar?”

“Oh, sim, isso.” Marco parou e enfiou a mão no bolso do casaco. Ele retirou um pequeno medalhão e o lançou no ar. Mesmo no beco pouco iluminado, a moeda dourada refletia a luz.

Gabriel pegou o disco na palma da mão. Quente ao toque, ele jogou a peça entre os dedos. Belas gravuras de um grifo adornavam um lado e um dragão decorava o outro. Ele nunca tinha visto algo tão requintado.





“Quando você tiver algo de valor, segure o medalhão na palma da mão e diga meu nome uma vez. Vou te encontrar.”

Antes que Gabriel pudesse responder, a poeira rodopiou nos pés de Marco. Alguns papéis perdidos e uma Coca Cola vazia podem se juntar ao crescente redemoinho. Um momento depois, Marco desapareceu.

O coração de Gabriel bateu forte. Ele alucinou o fae? A incerteza brincou ao longo de sua mente, mas o medalhão de ouro na palma da mão era muito real. Embora ele tenha ganhado o suficiente no negócio de tráfico sexual para sobreviver, ele não estava rolando em dinheiro. O fascínio de riquezas e poder o chamava como uma sirene. Um que ele não podia ignorar.

Ele enfiou o disco no bolso, pegou a lâmina e fechou o punho em torno da maçaneta. “Eu vou passar por você, Marco. Isso é uma promessa.”



CAPÍTULO 6

Beaumont levantou o punho e bateu os dedos contra o exterior áspero da porta. A luz da varanda iluminava a pequena entrada, e seu olhar viajou do "eu gosto sujo", do tapete da porta até o raspador de sapatos de porco-espinho falso. Uma pequena aranha marrom apareceu debaixo do nariz da criatura. Por cima do ombro, o sol nascente refletia na janela do segundo andar de um vizinho. Mesmo no início da manhã, o orbe gigante sugou sua energia, arrastando-a lentamente com uma malícia gananciosa e faminta.

Buscar abrigo dos raios do sol era sua prioridade número um. Antes de retornar ao seu posto de gárgula, havia três maneiras de diminuir seu esgotamento de energia - água sobre a pele, ei, ele era uma gárgula, afinal, proximidade com animais domésticos, incluindo o familiar de uma bruxa e sexo. Este último era seu passatempo favorito, mas havia perdido seu brilho ao longo dos séculos. Maldito como estava, ele não iria arrastar outro para um relacionamento com sua bunda arrependida.

Uma mistura de irritação e impaciência percorreu seu sangue, fazendo seus dedos tremerem. A impaciência venceu e ele bateu na porta novamente, com mais força. "Vamos Wynne."

Uma luz de dentro acendeu, iluminando o vidro fosco de cada lado da porta robusta.

“Graças à deusa”, Beaumont murmurou.

A porta se abriu em um suave whoosh.



Wynne, vestida de calça marrom com uma blusa de manga curta combinando, levou a mão à boca, os olhos arregalados. “Beaumont?”

A atenção dela passou pelo ombro dele e depois voltou a encontrar seu olhar. “O sol está no céu. O que você está fazendo aqui?”

Ele deu um sorriso rápido e piscou. “Queria visitar a cidade hoje. Procurando um guia. Interessado?”

Ela piscou. “O que?”

Ele deu de ombros, desistindo das brincadeiras sarcásticas. “Eu estou...”

As palavras não viriam. Quão difícil poderia ser pedir ajuda? Muito difícil, aparentemente. Ele sempre se orgulhava de sua capacidade de lidar com qualquer coisa que surgisse e fazê-lo por conta própria. Ter que pedir ajuda? Ele prefere enfiar um garfo no olho.

Ainda jovem, com vinte e poucos anos, Wynne havia se apresentado recentemente como a próxima bruxa do clã Becknell para vigiá-lo e algumas das outras gárgulas cujas figuras de pedra residiam no topo dos edifícios da Universidade de Chicago. Ele a conhecera algumas vezes no passado, quando ela veio visitar sua tia, mas depois que a bruxa mais velha faleceu há alguns meses, ela se mudou. Desde então, ele parou por um punhado de muitas vezes a negócios e conhecer um pouco sobre ela.

Ela colocou alguns fios de cabelo atrás da orelha, um sorriso tímido puxando seus lábios. “Você gostaria de entrar?”





Ele colocou a mão no ombro dela e a apertou gentilmente. “Você é um amor. Você sabe disso, certo?”

Embora tivesse estado no esconderijo de Wynne algumas vezes no passado, sempre fazia questão de respeitá-la. Ela ajudou as gárgulas de várias maneiras, especialmente protegendo sua forma de pedra durante o dia em que ele estava mais vulnerável.

Suas bochechas ficaram vermelhas. Ela baixou o olhar e se afastou para deixá-lo passar.

Várias portas se abriram no longo corredor. Imagens em preto e branco do passado cobriam as paredes. O primeiro era um retrato de cinco mulheres vestidas com trajes da época do século XX, com chapéus de plumas, vestidos completos e sapatos pontudos. Ele reconheceu as bruxas Becknell.

“Wynne, quem está aí?” Uma voz feminina áspera se filtrou pelo corredor.

Wynne pigarreou. “Beaumont Laroche.”

Um conjunto de passos pesados seguidos por um par mais leve percorreu a casa. Um momento depois, Sasha, a irmã mais velha de Wynne, atravessou uma das portas, seguida por sua filha Rachel.

Sasha olhou, boca aberta, seu cabelo loiro curto pousando em volta dos ombros. “Eu não acredito nisso. Uau, ele é mais fofo do que eu me lembro.”

Rachel puxou a perna da calça da mãe. “Podemos levá-lo para casa, mamãe?”

Beaumont não pôde conter sua risada. “Bem, eu tenho medo que eu vim aqui para ver Wynne.”





Wynne soltou um suspiro exasperado. “Sasha, você não precisa ver a prima Erwina antes de se estabelecer para o dia?”

Sasha piscou e endireitou a blusa sobre o peito amplo. "Você está certa. Eu quase esqueci. Vamos Rachel. Talvez a prima Erwina tenha alguns desses biscoitos especiais que você gosta. Podemos levar um pouco de casa para sua irmã.”

“Ooh, yum!” Rachel agarrou a mão de sua mãe e um sorriso largo apareceu em suas feições suaves. Com seus cabelos loiros e olhos azuis, ela era uma garota bonita.

Quando Sasha passou Rachel por Beaumont, o aroma quente de canela e noz-moscada se filtrou em seus sentidos. O olhar atento de Sasha o estudou como se ele fosse um pedaço de carne à venda. Os pelos da nuca dele enrijeceram.

“Tchau, tia Wynne.” Rachel acenou.

Sasha apontou para Wynne, com um sorriso malicioso no rosto. “Detalhes. Espero detalhes depois.”

Wynne fechou a porta atrás deles, e o clique suave ecoou na casa imóvel. “Perdoe minha irmã. Ela tem problemas para controlar a boca às vezes.”

Ele assentiu. “E essa é uma das razões pelas quais você é chefe da família em vez dela.”

Ela levantou uma sobrancelha, passou por ele e seguiu pelo corredor. “Me siga.”

Ele fez o que ela pediu. Quando chegaram à primeira porta, ela desapareceu no quarto.

Quando ele dobrou a esquina, o cheiro de patchouli diminuiu em seus sentidos. A fumaça derivava do incenso enrolado em um





queimador ao longo da lareira, o suporte em forma de gárgula, nada menos.

Um livro sobre a história egípcia antiga, um bule de chá e três xícaras de pires repousava sobre a mesa de café em frente ao sofá, onde havia um conjunto de cartas de tarô espalhadas sobre uma das almofadas. Encolhido no canto oposto do sofá, descansava Neira, familiar de Wynne. O gato o estudou, seus olhos amarelos brilhando com uma intenção estranha.

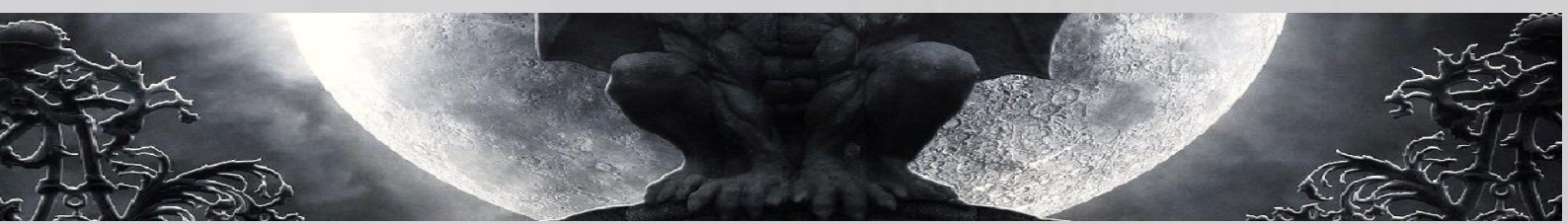
Wynne olhou para ele, a preocupação gravada nas linhas ao longo da testa. “Por que você está aqui?”

Dourados como a cor do trigo de verão, os cabelos de Wynne se enrolavam nos ombros. Com sua pele macia de porcelana, penetrantes olhos azuis e lábios carnudos, ela era linda, como todas as bruxas Becknell que o vigiavam antes dela.

Mesmo assim, ele não estava atraído por ela além de sua beleza superficial e não cruzaria essa linha para misturar negócios com prazer. Nunca tive com esta família e nunca faria. Outras gárgulas não tinham tais escrúpulos, mas ele era uma gárgula há mais tempo do que a maioria e tinha visto o problema que poderia resultar de um relacionamento que deu errado com uma bruxa. Ele não queria fazer parte disso. Além disso, ele era uma má notícia para quem se aproximava demais.

“Eu não tinha outro lugar para ir.” Ele puxou a ponta da camiseta e passou o dedo sobre o local vazio onde sua pedra de faísca residia.

A raiva ardeu no fundo, e uma visão do batedor de carteiras ganhou vida. Com seus cabelos escuros, pontas rosadas brilhavam





no final, seu nariz empinado e arrebitado e aqueles olhos verdes tristes, porém determinados, e sua coragem atraía um lado dele que ele não sabia que existia. Ele queria beijá-la, fazê-la implorar por mais e torcer o pescoço ao mesmo tempo.

Os olhos de Wynne se arregalaram. Ela deu um passo à frente, apontando o dedo para o peito dele. "Sua pedra de faísca. Foi-se."

"Ah sim. Obrigado por me dizer. Eu não tinha notado." Assim que ele disse as palavras irreverentes, seu estômago se contraiu. Wynne não merecia sua marca de sarcasmo.

Ela recuou, ainda que levemente, mas depois ergueu o queixo. "Você é bem-vindo a sair do jeito que entrou."

Ele tocou o antebraço dela. "Eu sinto muito. Não devo tirar minha frustração de você."

Ela o estudou, seus olhos passando rapidamente de onde a pedra deveria estar no rosto. Depois de uma longa pausa, ela mordeu o lábio e assentiu. "Diga-me o que aconteceu."

Ele caminhou até a lareira e agarrou a lareira. A madeira gemeu sob a tensão. Como ele queria dizer a ela que havia perdido a pedra em uma batalha contra um inimigo formidável como Marco Valentelli. Inferno, seu registro de fae kill sozinho era uma outra gárgula reverenciada. Ela acreditaria nele em um piscar de olhos, mas ele se recusou a mentir.

Não querendo compartilhar como uma mulher pequena e humana o superara, Beaumont, uma das gárgulas mais antigas, mais duras e cruéis, ele deixou escapar um pouco da verdade. "Fui nocauteado e um adversário roubou a pedra."



Ela colocou a mão no ombro dele, seu toque gentil e carinhoso. “Você é bem-vindo a ficar aqui. Eu faria qualquer coisa para ajudá-lo.”

Ele endureceu e estudou um pedaço de lenha carbonizada e desolada. Sua alma se pareceria com o toco murcho, desmoronaria em pó e deixaria de existir se ele não o recuperasse logo. "Eu sei que você faria. Sua família guardou meu posto, cuidou de minhas feridas e cuidou de mim por incontáveis séculos.”

Ela puxou seu braço, encorajando-o a encará-la. “Você pode contar comigo, sempre.”

Ele não conseguia segurar o olhar dela, sem vontade de ver o que havia nas profundezas dos olhos dela. Em vez disso, ele andou até a janela. Através do vidro duplo, o sol cobria os carros que ladeavam a rua. Não demoraria muito para que os raios passassem pelo peitoril e entrassem na sala. Ele abriu as pesadas cortinas.

Os passos suaves de Wynne se aproximaram. Ela pairou atrás dele, sua proximidade um pouco perto demais para o conforto. "Gostaria de tomar um banho? Você precisará manter sua energia até recuperar sua pedra de faísca. Esse é o seu plano, certo?”

Como um grampo de aço, sua mandíbula se apertou. "Recuperarei o que me pertence."

“Então venha.” Ela passou os dedos pelo braço dele.

Ele se afastou e olhou para Neira. “A energia do seu familiar será suficiente.”



Decepção enrugou sua sobrancelha. “Muito bem. Eu estava a caminho do meu quarto, pelo menos.”

As três xícaras, o bule de chá e as cartas de tarô evidenciavam sua mentira, mas ele não a chamou. Ele colocou a mão no braço dela, parando-a. "Sua dedicação a mim e à minha espécie é apreciada."

Ela assentiu uma vez e desapareceu pelas escadas. As tábuas do piso acima rangiam uma ou duas vezes e depois se acalmavam. Como os fae só podiam viajar do Outro Mundo à noite e da mesma forma as gárgulas de seus postos diurnos, as bruxas dormiam durante o dia para ajudar na batalha noturna. Eles precisavam descansar como qualquer outro humano.

Ele olhou para o familiar.

Enquanto o felino cinza e branco esticava suas pernas, as pontas de suas garras se estendiam de suas patas como pequenas facas. Diante dos olhos dele, ela se transformou em forma humana. Vestida com uma calça preta folgada e uma blusa cinza com uma fita vermelha no ombro, ela encontrou o olhar dele.

“Beaumont”, ela ronronou, arrastando o nome dele.

Ele cruzou os braços. “Neira”.

Ela levantou as mãos acima da cabeça e se esticou novamente. O material de sua blusa estava tenso, acentuando seus seios firmes. Com um suspiro alto, ela colocou um braço na parte de trás do sofá e descansou o outro contra sua coxa, reivindicando o espaço para si mesma. “Vamos dividir o sofá hoje? Eu poderia usar um animal de estimação.”





"Não." A palavra saiu de seus lábios. No outro mundo não havia como ele a tocar. Não enquanto ela estava em forma humana e certamente não quando ela era um gato. Isso foi estranho.

Ela riu, o som irritando seus nervos. Havia algo nela que o deixava tenso. Ao contrário das gárgulas, todas do sexo masculino, Rhiannon lançou almas duvidosas para familiares e as colocou em famílias de bruxas até que pudessem ser testadas novamente.

Os familiares não tinham a mesma obrigação de proteger os humanos na linha de frente, mas esperava-se que eles ajudassem as bruxas em sua dedicação e compromisso em ajudar as gárgulas. Passado de geração em geração de Becknells, Neira era quase tão velho quanto ele. Como eles suportaram a existência um do outro por tanto tempo foi um mistério. Parece que a miséria tornava estranhos companheiros de cama.

Ele apontou para a cadeira com encosto alto aninhada no canto mais distante da sala. "Eu vou dormir lá."

Enquanto caminhava em direção ao móvel velho e irregular, sentiu o olhar de Neira nele. Os cabelos de sua nuca se ergueram.

"Você sabe que Wynne tem uma queda por você, não é?"

Os músculos de suas costas enrijeceram. Não, ele não tinha percebido, não em um nível consciente de qualquer maneira. Ele rolou os ombros, pegou a cama de estimação da almofada, colocou-a no chão e se sentou no assento. A ponta afiada de uma mola perto da superfície da almofada pressionava desconfortavelmente contra sua nádega esquerda. Naturalmente.

Ele se ajustou e olhou para seu inimigo. "Mantenha suas opiniões para si mesmo."





Uma faixa de diversão passou por seus olhos. “Não é da minha natureza, se você não percebeu.”

“Como eu não poderia?” Ele descansou a cabeça nas costas da cadeira e fechou os olhos.

Não havia como ele permitir que esse felino o arrastasse para uma discussão sobre seus assuntos pessoais. Especialmente sobre qualquer interesse romântico. Tudo o que ele queria era um pouco de paz antes de encontrar o duende que havia roubado sua pedra de faísca.

Memórias de seus lábios beijáveis e aqueles tristes olhos verdes o assombraram, rasgando sua mente com um vento forte. Um grunhido de pura frustração irrompeu em seu peito. Ele se ajeitou no banco novamente, tentando encontrar uma posição confortável, mas sem sucesso. Neira pegou as cartas de tarô da almofada do assento, empilhou-as em uma pilha arrumada na mesa de café e passou os dedos ao redor do livro sobre o Egito Antigo. Ela se acomodou nas almofadas, abriu o livro e olhou para ele por cima da encadernação. “Um último conselho. Wynne adora o chão em que você anda. Você prestou pouca atenção a ela. Cuidado, Beaumont, que pode voltar para te morder. Ou seja, se eu não fizer isso primeiro.”

A risada suave de Neira ecoou pela sala, e foi necessária toda sua força de vontade para não responder. Ele não daria a ela a satisfação de vê-lo ferver. Em vez disso, ele lhe deu as costas, deixou que a energia dela penetrasse nele e concentrou-se em adormecer, mas a memória do jovem batedor de carteiras o perseguiu.





CAPÍTULO 7

Sadie arrastou seus dedos sobre as cicatrizes em seu pulso esquerdo, em seguida, puxou para baixo camisa de manga. Ela tinha esquecido de pegar uma jaqueta antes de sair da casa de Ruby, mas pelo menos ela vestira uma camisa de manga comprida. Embora as noites de verão continuassem quentes, às vezes o vento estava frio. Enquanto estava na calçada, olhou por cima do capô de um velho Ford Explorer para o lado oposto da rua. A lâmpada do lado de fora de Pawn, Jewelry e Gun Shop de Todd projetava sombras estranhas ao longo da passarela, alongando o toldo desgastado em garras irregulares.

Ainda era cedo e um punhado de pedestres se apressou pela estrada. Uma rajada de vento enviou alguns papéis perdidos pela calçada, e um homem de terno passou correndo, com a mão no chapéu.

Que alvo excelente. Provavelmente, a carteira dele provavelmente tinha dinheiro suficiente para durar pelo resto da semana. Se ela não precisasse ver Todd, teria feito dele sua próxima marca.

O arrependimento explodiu dela em um acesso de raiva. Ela atravessou a rua e abriu a porta. Um pequeno sino sobre o peitoril tocou, anunciando sua chegada. O cheiro de mofo da idade filtrou em seus sentidos. Ela torceu o nariz. Apesar das muitas vezes que ela veio aqui, ela ainda não conseguia se acostumar com esse cheiro. Como Todd aguentou isso, ela nunca entenderia.





O proprietário de meia-idade estava sentado em um balcão envolto em vidro. Diante dele, um colar repousava sobre um pedaço de feltro. Ele levantou a cabeça e olhou para ela. Uma pequena ocular incrustada de ouro se projetava de um olho, dando-lhe uma aparência estranha e estranha. Com um rápido golpe da palma da mão, ele removeu o dispositivo.

Um sorriso se espalhou por seu rosto. “Bem, bem, se não é o meu mascate favorito.”

O calor irradiava de seu peito e se espalhava por seus braços. Ela caminhou na direção dele. “Oi, Todd. Fico feliz em vê-lo também.”

Ele se levantou, sua cintura larga esticando sua camisa abotoada até o ponto em que o material se separava, expondo um pouco de pele peluda. Sadie desviou o olhar mais rapidamente do que um coelho correndo de um coiote. Infelizmente, havia algumas coisas que você simplesmente não podia ver.

Todd levantou uma sobrancelha. “Acho que você trouxe algo para vender?”

Ela colocou a mão sobre a pedra enterrada no bolso. Uma estranha sensação de remorso borbulhou na superfície, deixando-a sem palavras. Durante todo o dia, ela jogou e voltou a dormir. Imagens estranhas da gárgula endurecida, com sua força imensa, feições cinzeladas e olhos castanhos profundos, sexy e arrepiantes, a assombravam. Em vez de se sentir descansada, seu corpo cansado doía por toda parte.

“Sadie, está tudo bem?” Todd andou pelo balcão sem que ela percebesse.





Ela piscou e encontrou o olhar dele. “Sim, está tudo bem. Você não vai acreditar no que tenho para você.”

Uma onda de adrenalina excitou o remorso. Ela procurou no bolso a pedra incomum. Com um puxão, ela a retirou de seu esconderijo e segurou a pedra entre o polegar e o indicador. Os pedaços de prata embutidos na gema brilhavam à luz.

As sobrancelhas de Todd se ergueram. Ele estendeu a palma da mão. “Deixe-me ver.”

Os batimentos cardíacos de Sadie batiam em seus ouvidos. Talvez, apenas talvez, valesse mais do que ela pensara. Ela deixou cair a joia preciosa na mão carnuda dele.

Todd voltou para sua cadeira. Quando ele se acomodou, a madeira rangeu e estalou, pressionando sob seu peso. Ele moveu o colar para o lado com pouco cuidado, como se fossem meras bijuterias, e colocou a pedra na almofada de veludo.

Seus dedos tremiam quando ele retornou a ocular ao seu local de descanso. Ele se inclinou para frente. Um apito baixo saiu de seus lábios.

Ele virou a pedra e examinou o outro lado. “Isso é incomum.”

O coração de Sadie inchou. *Por favor, por favor, deixe que valha alguma coisa.* Ela mordeu o lábio para impedir que as palavras escapassem.

Todd abriu uma gaveta escondida embaixo da caixa de vidro. Um chiado alto ecoou pela sala. Uma gota de suor se formou ao longo de sua testa, mas ele não pareceu notar. Em vez disso, ele retirou um conjunto de pinças de medição de metal. Ele colocou as





duas pontas pontiagudas ao redor da pedra. “Isso tem exatamente uma polegada de diâmetro.”

Ela saltou na ponta dos pés e não conseguiu mais segurar sua língua. “Quanto vale isso?”

Ele olhou para ela, o único olho não coberto pela ocular nítido e avaliando.

Tempo de negociação.

Sadie aproveitou sua experiência aprimorada nas ruas de Chicago e levantou o queixo. “Não brinque comigo, Todd. Eu não estou no clima.”

Uma risada lenta se afastou dele, e sua barriga tremeu. “Eu faria isso?”

Claro que sim, seu cachorro sujo.

Ela colocou a mão no peito e deu-lhe o sorriso vencedor. “Não, claro que não. Qual é a sua oferta?”

Ele jogou a ocular na almofada de veludo e recostou-se na cadeira. A madeira gemeu em resposta. “Primeiro, me diga como você adquiriu esta peça. Não está quente, está?”

Ela colocou as mãos no tampo de vidro e se inclinou. “Peguei a pedra de uma marca. Não precisa se preocupar com sua rastreabilidade. Garanto que não há relatório da polícia sobre essa joia.”

Linhas se formaram ao redor de seus olhos enquanto ele a estudava. “Como você pode ter tanta certeza?”

Não havia como ela dizer que roubou a peça de uma gárgula. É melhor deixar algumas coisas não ditas. “Vamos





apenas dizer que a marca também não iria querer a polícia envolvida."

Ele levantou uma sobrancelha.

Droga. Coisa errada a dizer. Ela se chutou mentalmente.

"Bem agora. Isso é interessante." Ele colocou os dedos sobre o abdômen aumentado e balançou na cadeira. "Parece que há um pouco de risco aqui. Isso reduz o valor, receio."

Sadie cruzou os braços. "Me dê um número."

Ele balançou na cadeira, o guincho rítmico cutucando a dor de cabeça dela. Depois de um longo momento, ele disse: "Bem, estou disposto a lhe dar oitenta dólares por isso".

"Oitenta dólares?" As palavras saíram dela em um grito agudo. Ela queria atravessar o balcão e estrangulá-lo com as duas mãos. Em vez disso, ela alisou a blusa, pressionando o material contra os seios e estampou um sorriso.

"Vale pelo menos três vezes esse valor e você sabe disso. Talvez eu deva levar a joia incomum para outro lugar." Ela pegou a pedra, mas ele a agarrou antes que ela pudesse.

Perfeito. Que comecem as negociações.

Ele embalou a pedra no peito. "Vou dar oitenta por isso e nem um centavo a mais."

Sadie colocou um dedo no lado da boca e fingiu estudar algo no teto.

"Hmm, deixe-me pensar. Não. Entregue." Ela estendeu a palma da mão.

Ele sentou-se à frente em seu assento e bateu os pés no chão. "Bem. Cem até. Oferta final."



Embora a soma não fosse tanto quanto ela esperava, era mais do que ela geralmente recebia quando penhorava joias aqui. Ela olhou da palma da mão para os olhos determinados. Esta foi sua oferta final.

Um desejo estranho de manter a pedra sobre os ombros. Ela sacudiu e assentiu. “Você tem um acordo.”

“Deixe-me pegar seu dinheiro.” Ele se levantou da cadeira, a pedra ainda estava na palma da mão, e foi para o caixa. Situado na mesa, atrás do armário de armas e da vitrine, o caixa tocou quando ele abriu a gaveta.

Ele entregou a ela cinco anos. “É melhor não ter problemas com isso.”

Ela piscou e deu seu melhor sorriso. “Depois de todo esse tempo, você me conhece muito bem. Eu não lhe traria algo que alguém procuraria. Nós somos dourados. Confie em mim.”

Ele riu. “Confiar em você? É disso que tenho medo.”

Ela enfiou o dinheiro no bolso e foi até a porta. Com um rápido olhar por cima do ombro, ela saudou. “É bom fazer negócios com você. Até a próxima vez.”

Quando ela fechou a porta, ela soltou um pequeno grito. Esse dinheiro entrava em seu cofrinho para adicionar ao seu escasso fundo escolar. Uma pequena nuvem de dúvida ameaçava no horizonte. Ela pagaria um preço pelo roubo de uma gárgula?

CAPÍTULO 8

Rajadas de vento atiraram na calçada, e uma brisa constante chicoteado pelo cabelo de Beaumont, soprando alguns, fios molhados sobre os olhos. Do lado de fora da entrada do clube havia uma placa em letras vermelhas brilhantes de neon, o The Mac Club, o "M" piscando em um ritmo estranho. Barras de ferro cobriam as janelas escuras e a pequena abertura no meio da grossa porta de madeira.

O perfume que ele pegou da jaqueta do batedor de carteiras indicava que ela estava na área. No entanto, este lugar não era o que ele imaginara. O que ele esperava? Boa pergunta. Uma nova e moderna lanchonete tailandesa, uma academia, um cinema, talvez? Não, ele sabia melhor que isso.

Merde... Ele lutou para entender como havia permitido que o ladrão não apenas roubasse sua carteira, mas também sua pedra de centelha.

Ao primeiro sinal do anoitecer, duro e dolorido por dormir na cadeira estofada, ele deixou a casa de Wynne antes que ela descesse as escadas. Ele não queria lidar com ela ou seu familiar, Neira, por mais um momento. Como ele não podia retornar à sua gárgula de pedra sem sua pedra de faísca, ele estava de mãos vazias. Graças aos deuses, Wynne guardava roupas extras para os guerreiros em caso de emergência. Pelo menos ele pegou uma camisa nova e calça na saída.



Depois de se hospedar na vizinhança geral do batedor de carteiras, ele se viu no beco na cena do crime. A porta pela qual o ladrão emergira na noite anterior não tinha maçaneta, a palavra "Saída" estampada em vermelho através do metal escuro. Incapaz de entrar, ele andou a passos largos para o outro lado do edifício, sua frustração aumentando a cada passo.

Mesmo agora, ele enrolou e desenrolou os dedos em punho. Ele morreria sem a sua faísca. Quanto tempo ele tinha? Menos do que uma semana. Não há tempo como o presente para rastrear aquele maldito batedor de carteiras e recuperar sua pedra.

Ele abriu a porta, a água pingando das pontas dos cabelos. Uma mulher vestida com uma saia justa e uma blusa justa e decotada estava em uma pequena alcova. A atenção dela passou dos cabelos dele para o peito e mais para o sul antes de encontrar seu olhar. Um sorriso sedutor apareceu em seus lábios. Ela se inclinou para frente, dando-lhe a visão completa de seu amplo peito.

"Você deve ser o novo cara. Você chegou um pouco cedo. A maioria dos dançarinos não chega por mais meia hora. Você pode se vestir." ela riu e apontou por cima do ombro "ou despir-se, em vez disso, em um dos provadores. Eles estão atrás do último estágio."

Irritação brilhou em sua têmpora, mas ele a controlou. Ela pode ter algumas informações úteis, e ele não queria perder a chance irritando-a. Com um sorriso forçado e um aceno de cabeça,



ele apontou para o maior dos três estágios. “Eu não sou dançarina, mas sou-“

Ela colocou a mão sobre o peito exposto, os olhos arregalados. “Oh, meu erro. Se você está aqui para assistir aos artistas masculinos, ainda não estamos completamente abertos...”

“Não não. Isso não. Estou aqui para encontrar alguém.”

A mulher piscou. “Encontra alguém? Quem?”

“Uma jovem de vinte e poucos anos. Cabelo pequeno, curto e escuro com um pouco de rosa atrás das orelhas. Soa familiar?”

A testa dela franziu. “Hum, não, mas”, seus olhos brilharam, “você pode perguntar a Kevin. Ele conhece quase todo mundo que vem aqui. Ele está no bar, ali.”

Um homem estava parado atrás de um bar antiquado do tipo saloon, contra a parede oposta. Emoldurado por mogno profundo, o espelho gigante se estendia do balcão ao teto. Garrafas de álcool de todas as formas e cores cobriam as prateleiras. Kevin estava de costas para Beaumont. Sua camiseta dizia: "Falo sarcasmo fluentemente".

Perfeito. Estamos no mesmo comprimento de onda.

Beaumont voltou sua atenção para a mulher. "Obrigado…"

"Candy, o nome é Candy.” Ela apontou para o crachá preso na manga.

Engraçado como ele tinha sentido falta disso antes. "Obrigado, Candy."

“A qualquer momento. Se você não encontrar a garota que está procurando, eu estarei por perto.” Ela lançou lhe um olhar paquerador debaixo dos cílios.



O fundo de sua garganta ardeu. Cansado e entediado de sexo casual, ele não tinha intenção de aceitar a oferta. Enquanto ele caminhava em direção ao bar, o suspiro suave dela o seguiu.

Kevin se virou, um copo de cerveja em uma mão, um pano na outra. Olhos azuis, da cor do gelo fosco, seguravam o olhar de Beaumont.

Depois de um longo momento, Kevin levantou o queixo em saudação. Ele passou o pano no lábio e colocou o copo no balcão. “O que posso fazer para você?”

Beaumont colocou a palma da mão no balcão e ergueu os ombros. “Candy disse que você tinha uma boa opinião sobre seus clientes. Estou procurando uma garota, talvez você a conheça.”

Kevin deu de ombros. “Possivelmente. Eu conheço muitas garotas. Qual?”

“Jovens, vinte e poucos anos, desse tamanho.” Beaumont segurou a mão na altura dos ombros. “Ela tem cabelos escuros e curtos, com pontas rosadas embaixo das orelhas. Ela esteve aqui ontem à noite. Você conhece alguém assim?”

Kevin pegou outro copo de uma prateleira de lava-louças de plástico e limpou-o. Ele estudou Beaumont, seu olhar passando do rosto para os ombros e para trás novamente. "Não parece familiar."

A mandíbula de Beaumont se contraiu. Mesmo sem as habilidades sobrenaturais de sua gárgula, ele sentiu a mentira e a necessidade. Este homem queria uma recompensa. Tudo bem, ele faria do seu jeito, se é isso que precisava.





Beaumont sorriu e pegou a carteira no bolso de trás. A tensão congelou seus músculos no lugar. "*Merde*..."

Sem carteira. Sem dinheiro

"O que você disse?" Os olhos de Kevin se estreitaram.

A vontade de agarrar o cara pela garganta e torcer as informações dele se apoderou de Beaumont. Havia uma razão para ele ter uma alma questionável e, sem saber, esse homem pisava em terreno perigoso. Se não fosse pelo decreto de Rhiannon - proteja os humanos - ele já teria o cara em suas mãos.

Beaumont apertou a mão dele em punho, as articulações estalando com a pressão. "Onde posso encontrá-la?"

Kevin deu um passo para trás. A boca dele se abriu. "V... seus olhos, eles brilham em verde. Você é uma criatura do Outro Mundo. Uma gárgula. Não acreditei em Mark quando ele me disse que tinha visto um, mas agora..."

"Bem, agora você já viu uma de perto e pessoal. Conte-me sobre a garota."

"Não sei onde ela mora. Ela vem aqui de vez em quando. Eu nem sei o nome dela, mas a ouvi mencionar que ela gosta de museus e filmes." Os dedos de Kevin tremiam tão rápido que a base do copo bateu contra o balcão de madeira. "I... isso é tudo que sei."

Beaumont estudou Kevin por mais um momento. Quando ficou claro que ele não conseguiria mais informações do cara, ele se virou e caminhou em direção à saída. Seus pés de botas ecoavam no teto alto a cada passo.

Na saída, Candy ronronou: "Volte e me veja algum dia."





***

Beaumont esperou do lado de fora de um cinema no distrito de Logan Square. A chuva havia parado, mas a brisa continuava chicoteando alguns pedaços de papel na rua. Ele estava na frente de um cartaz anunciando o último filme dos X-Men. Misturada ao seu redor, sua pele manchada lembrava Hugh Jackman como o Wolverine. Pelo menos o anúncio não era do Ciclope.

Quando as portas do teatro se abriram, as pessoas se derramaram na calçada. Os humanos passaram por ele sem aviso prévio, andando pela rua. Seu olhar passou de um jovem casal, de mãos dadas, para um bando de adolescentes, para um homem solteiro. Nenhum sinal do pequeno batedor de carteiras. Ele fervia.

Nas últimas horas, Beaumont vasculhou as ruas próximas, procurando por seu atormentador, tentando encontrar lugares em que ela pudesse procurar alvos. Sua necessidade de encontrá-la, recuperar sua pedra de faísca e retornar à sua vida, queimada em seu intestino. Durante sua busca, ele não tinha encontrado nenhum fae hediondo. Uma parte dele desejava ter, para que ele pudesse eliminar um pouco de sua frustração.

A multidão quase sumiu, ele se afastou do pôster e suas roupas e pele voltaram ao normal.

"Laroche!" A voz de Seth carregou a brisa.

Beaumont virou-se para o amigo.

Seth correu pela rua, Finn logo atrás.





Seth tirou o chapéu, passou a mão pelos cabelos e puxou a aba pela testa. “O que aconteceu com você? Você não retornou à sua postagem ontem à noite e não foi possível entrar em contato com você pelo link da mente. Drake está chateado.”

Beaumont exalou. “Drake pode morder minha bunda. Eu tenho um problema que nem ele pode resolver.”

Drake, seu líder de esquadrão, era um defensor, exigindo que todas as gárgulas sob seu comando retornassem aos seus postos todas as noites. Ele queria todos os seus guerreiros com força total. Eles tinham um trabalho a fazer. Qualquer gárgula pega pulando por uma noite e tinha o Outro Mundo a pagar.

Finn estreitou o olhar. “Deve estar algo cru. O que poderia ser isso?”

“Lembra da batalha da noite passada e daquela mulher?”

“O ladrão?” Seth cruzou os braços. “Então e ela?”

Beaumont rangeu os dentes. A última coisa que ele queria era admitir o que tinha acontecido, mas ele não podia negar a verdade. “Enquanto eu estava inconsciente, ela roubou minha pedra de faísca.”

A cor sumiu das bochechas de Finn. “Não, você está nos confundido. Nos dê um show.”

Beaumont puxou a gola da camiseta, expondo o ponto vazio acima de seu coração.

Seth tirou o chapéu. Sob a testa franzida, a preocupação despertou em seus olhos. “Agora isso é inesperado e infeliz. Não posso falar por Finn, mas deixe-me ajudá-lo a procurá-la...”





Finn levantou a mão. "Eu vou ajudar também."

Uma pontada inesperada bateu em Beaumont no peito. O fato de suas coortes arriscarem a ira de Drake e Rhiannon falou muito pela amizade deles. Um que ele não merecia.

Ele bateu o punho contra o peito para aliviar a dor. “Eu não posso deixar você fazer isso. Drake precisa de você na linha de frente mais do que nunca. Com Evan e Turner perecendo há algumas semanas, nossa equipe está com muitos membros em falta. Esta parte da cidade já corre o risco de ser invadida pelos fae. Vou encontrá-la e voltarei ao trabalho antes que você perceba.”

Nenhum de seus amigos falou, mas ele percebeu pelo olhar complacente que eles concordaram.

Por fim, Seth pigarreou e assentiu. - Você tem alguns dias para encontrá-la antes que sua força e velocidade diminuam, e o Critch começa a dominar seu corpo. Se puder, mergulhe-se na água, pegue alguma energia de um animal domesticado ou, melhor ainda, fique sujo com uma mulher. Isso prolongará seu poder por um tempo.

O Critch…

Pequenos fusos escuros de dormência debilitante que rastejavam sobre os membros de uma gárgula eram um sinal claro de destruição iminente. Beaumont cerrou os dentes com o pensamento. Ele faria o que fosse necessário para manter o Critch à distância o maior tempo possível.

Seth estendeu a mão.

Beaumont encontrou o olhar do sujeito e eles apertaram as mãos.





Quando Seth se soltou, ele colocou o chapéu na cabeça. “Outra coisa, mantenha seu rastreador interno ligado. Sem a sua pedra de faísca, não podemos conversar pelo link mental, mas manteremos o olho em você. Se virmos aquela garota, vamos gritar.”

Finn levou o dedo indicador ao olho e depois apontou para Beaumont. “Você é um bom homem, companheiro. Estaremos por aqui.”

Antes que Beaumont pudesse responder, Finn e Seth se desmaterializaram.

Por mais que ele tentasse manter Seth e Finn à distância, ele sentia um parentesco com eles além de seus deveres comuns. Os dedos frios do medo deslizaram por sua espinha. Permitir que alguém chegasse muito perto era perigoso. Ele não colocaria seus amigos em risco fazendo com que eles o ajudassem.

Ele endureceu sua determinação, determinado a encontrar esse batedor de carteiras a todo custo. Logo, pouco antes da meia-noite, o evento do Instituto de Arte de Chicago liberaria os clientes. Talvez o pequeno ladrão tenha mirado essa multidão. Ele começou a correr, passando por humanos inocentes em um borrão. Ela não escaparia dele.



CAPÍTULO 9

Sadie esperou fora do Art Institute of Chicago. As noites de sexta-feira eram sempre boas escolhas aqui e, em breve, os apoiadores que compareceram ao evento fora do horário do museu surgiriam.

Ela estava sentada na beira da fonte no South Garden, com as pernas cruzadas, os pés saltando no ritmo das batidas do coração. Este era o melhor instituto de arte de Chicago, pelo menos em sua opinião. No passado, quando tinha um pouco de dinheiro extra, fazia uma visita, passando a maior parte do tempo na galeria de arte, armas e armaduras medievais.

Mesmo agora, as lembranças de sua última visita vieram à tona. A bela armadura do cavaleiro brilhava enquanto ele estava sentado em sua fiel montaria. Como seria conhecer um homem assim? Espontaneamente, uma imagem da gárgula sexy, sua marca final inesperada da noite passada, passou por sua mente.

Com as costas largas, os bíceps enormes e as grossas pernas musculosas, ela podia imaginá-lo empunhando uma espada e muito mais. Uma pequena emoção a percorreu, e ela fechou os olhos, apreciando o zumbido em suas veias. Somente em seus sonhos...

O borbulhar suave da água da fonte e o farfalhar do vento através das árvores misturavam-se com o zumbido constante dos motores dos carros e o som de uma buzina. Não havia lugar como Chicago.



Risos e vozes altas perfuraram o ar. Uma multidão de apoiadores surgiu da entrada do museu. Enquanto a multidão descia os degraus, Sadie se afastou do local de descanso e se escondeu entre os gafanhotos. Plantados em canteiros, blocos de cimento rodeavam cada um. As árvores criaram um dossel exuberante sobre toda a praça e forneceram o local perfeito para se esconder, espionar e selecionar sua marca.

Um casal de idosos, uma mulher e sua filha adolescente e um homem em cadeira de rodas apareceram. Sadie apertou os lábios. Nenhuma dessas pessoas jamais seria seu alvo. Por mais que odiasse o que fazia, nunca tiraria de outros mais fracos que ela. Ela simplesmente não faria. Uma garota tinha que ter alguns padrões.

Vamos, vamos. Ela mentalmente encorajou sua marca a se mostrar.

O braço de um homem deslizou em torno de sua cintura e a puxou para ele, de volta para frente. A adrenalina disparou através dela como uma bala. Ela inalou para gritar, mas ele colocou a mão na boca dela. Seu grito abafado ecoou alto em seus ouvidos, competindo com o coração acelerado.

Ele a puxou ainda mais para a escuridão, longe das pessoas restantes nos degraus do museu. Ela lutou, mas o aperto dele era firme, prendendo os braços no lugar. Medo como ela nunca tinha conhecido antes a fez atacar, chutando-o na canela, no tornozelo, no pé, em qualquer lugar que ela pudesse alcançar. Ele não reagiu. Era como se ele fosse feito de pedra.





“Quieto agora. Eu não vou te machucar.” Suas palavras sussurradas acariciaram a parte de trás de sua orelha, o timbre profundo muito familiar. Ele era a gárgula da noite passada, a que ela roubou.

Ela passou as unhas pelo braço dele, marcando a carne.

“Pare de lutar. Você só vai se machucar.”

A adrenalina deu a ela aquela dose extra de energia, e ela continuou chutando, arranhando e lutando até não conseguir recuperar o fôlego. Incapaz de continuar a luta por mais tempo, a tensão drenou dela como uma bateria fraca. Ela parou contra ele.

“Isso é melhor. Como eu disse, não vou te machucar.”

Fiel à sua palavra, ele não a machucou. Suas costas estavam pressionadas contra seu peito musculoso, e seus braços poderosos a seguravam em seu abraço firme.

“Precisamos conversar sobre o que você roubou de mim. Se eu soltar você, você promete não gritar? O estrondo em sua voz rastreou de sua orelha sensível por toda a espinha até o traseiro, fazendo cócegas nela.

Chance de gordura, Sr. Músculos. Ela assentiu em concordância.

Ele tirou a mão da boca dela.

Em uma inspiração rápida, ela começou a gritar.

Apenas para que ele prenda a palma da mão sobre os lábios dela e a abafe. Com um movimento rápido de seu pulso, ele a virou, prendendo um dos braços atrás das costas, o outro preso entre os peitos. Se ela quisesse, ela poderia alcançar o esfoliante no queixo dele.





Mão ainda pressionada em sua boca, ele a encarou. "*Merde*. De alguma forma, eu sabia que você não iria cooperar. Você realmente é uma coisinha mal-humorada, não é?"

Aqueles olhos castanhos escuros dele brilhavam com uma estranha iridescência verde. Ela foi atraída pela beleza não natural deles. Ele levantou uma sobrancelha, a cicatriz na borda esticada, e quando ele sorriu e revelou suas covinhas, ela quase derreteu. Ele era uma gárgula linda, gloriosa e bonita, era o que ele era, e ela o odiava por isso.

Ela conhecia homens. Dê a ele uma chance, ele a usaria e a abandonaria. Esqueça isso. Ela nunca o deixaria chegar tão perto.

Seu olhar percorreu as feições dela como se ele estudasse todas as falhas, todas as imperfeições, todos os defeitos. Talvez, dada sua experiência passada com homens, ela imaginou que era isso o que ele via, mas ela se manteve firme de qualquer maneira, olhando de volta. Desamparado em suas mãos, ela odiava o controle que ele tinha sobre ela. Se ela pudesse cuspir na cara dele, ela faria.

"Ok, nós estamos indo para a segunda rodada, batedor de carteiras. Quando retiro minha mão, não grite. Você não vai gostar muito de mim se tentar novamente." Ele lentamente retirou a mão.

Ela segurou a língua por dois segundos. "Eu não gosto muito de você agora, e você me xingou em francês?"

"*Oui*". Ele riu, o som retumbou de seu peito no dela.

Contra sua vontade, seus mamilos se apertaram, endurecendo sob o sutiã. Seu nariz queimava e o castanho dos





olhos escurecia. Com um movimento rápido, seu olhar viajou para os lábios dela.

Oh Deus, era como se ele sentisse sua excitação.

Ela passou a língua em cima do lábio inferior, umedecendo o.

Um gemido necessário irrompeu dele, e seu aperto aumentou, puxando-a ainda mais para perto. “Tudo bem, ladrão, me diga, o que você fez com a minha pedra de faísca?”

“Pedra de faísca?” Sua mente se recuperou de toda aquela força masculina que a segurava firme. Mão presa entre eles, ela bateu no peito dele com o dedo mindinho. Foi o único dígito que alcançaria. “Você quer dizer o que estava aqui?”

Ele passou a mão livre pela nuca dela, inclinou-se e colocou a testa na dela. “Sim, esse.”

Lábios a meros centímetros dos dela, seu hálito húmido e frio cascateava por suas bochechas. Uma centelha de consciência sexual despertou profundamente, e ela teve que lutar contra o desejo de pressionar os lábios contra os dele, descobrir se eram tão duros, firmes e exigentes quanto o resto dele.

Ela engoliu em seco, e uma risada suave a aliviou. “Então, isso é chamado de pedra de faísca. Isso é interessante.”

“A pedra não era sua para ser tomada. Quero de volta, malcriada.” Ele esfregou a parte de trás do pescoço dela, provocando-a com sua carícia gentil.

Antes que ela pudesse se conter, ela passou os dedos pelos cabelos finos no queixo dele. “Claro que sim, e, a propósito, eu sei o que você está tentando fazer.”





"Tentando?" O brilho em seus olhos o tornou ainda mais atraente.

Ela se odiava por perceber e o olhou com raiva. "Não está funcionando. Você *não* está *me* seduzindo."

Uma risada curta irrompeu dele. "Eu não estou? Bem, então, deixe-me tentar um pouco mais. Você tem minha pedra, junto com minha carteira, no seu bolso?" Ele apertou seu aperto na mão dela presa atrás das costas e pressionou o aperto combinado contra o traseiro dela.

Quando seus corpos inferiores se pressionaram, sua ereção cavou em seu abdômen. Ela respirou fundo. *Oh. Meu. Deus.* O impressionante comprimento e largura dele faria uma garota choramingar e implorar ou sentar-se e cantar a Bandeira Estelar com uma saudação completa.

Ele sorriu, e ela se concentrou naqueles lábios deliciosos.

"Ou talvez minha pedra esteja..."

Incapaz de resistir, ela o beijou. Seus lábios eram quentes e convidativos, não duros como ela imaginara. Ele ficou tenso por um momento, mas seu choque deve ter passado, pois ele assumiu o controle.

Ele ajustou a parte de trás da cabeça dela na palma da mão, dando-lhe mais acesso e lambendo os lábios dela. Quando ela se abriu para ele, ele provou menta e especiarias, a mistura única queimando em seus sentidos. Seu beijo passou de suave para poderoso, e ela saboreava sua força, sua posse, sua necessidade aparentemente absoluta.





Oh, droga, ela poderia se perder para um homem como este se não tomasse cuidado.

Campainhas de aviso tocaram em sua cabeça. *O que eu estou fazendo? Eu nem conheço esse cara, e ele é uma gárgula.* Ela se afastou e ele a soltou.

Um brilho se formou em seus olhos. "Muito bom, muito bom mesmo, mas isso não tira você do gancho. Retorne para mim o que você roubou."

O farfalhar das folhas ecoou pelas árvores, mais rápido do que apenas com uma brisa normal. Com base no que ela aprendeu sobre fae, ela e Beaumont não estavam sozinhas.

Ela inalou, preparada para gritar.

Ele colocou o dedo indicador sobre os lábios dela. "Silêncio, a menos que você tenha um desejo de morte."

"Nós não fizemos isso uma vez antes?" ela sussurrou.

Sua boca subiu na esquina, e o brilho misterioso voltou aos seus olhos. "É melhor não terminar da mesma maneira."

Sim, com ele nocauteado.

O farfalhar ficou mais alto, mais próximo.

Todos os músculos do corpo de Beaumont ficaram tensos, endurecendo quase como pedra. Ele a soltou e deu-lhe um empurrão rápido.

"Corra!" ele rosnou. "Agora!"

No final da fileira de árvores, três tempestades de poeira rodavam como mini tornados. A agitação cessou e em seu lugar estavam três homens. Não humanos, no entanto. Eles tinham olhos amarelos e garras de quinze centímetros. Um grito se alojou



em sua garganta, mas seus pés bateram no chão enquanto ela fugia.

***

"Eu vou te encontrar, ladrão. Isso eu prometo." Beaumont teve um vislumbre de suas costas arredondadas enquanto corria para o museu.

Ele não podia protegê-la de três fae, não com a perda de energia. Ele havia recuperado alguns de Neira, mas não o suficiente. O batedor de carteiras cometera um erro crucial beijando-o, no entanto. Ela lhe dera saliva e, com o cheiro na língua dele, ele a seguiria mais tarde.

Ele sacou a adaga da mochila e encarou o inimigo.

O primeiro dos três fae saltou sobre uma das camas levantadas. Um uivo de emoção rasgou a garganta do cara. Vestido com calça escura e paletó, o inimigo parecia um contador enlouquecido no final da estação movimentada. A criatura nefasta levantou o braço, um picador de gelo em suas mãos.

Com a habilidade aprendida no campo de batalha do século XII, Beaumont cortou a adaga no pulso do fae. Um grito estourou de seus lábios. A picareta caiu no chão de cimento e caiu no chão.

O segundo fae, um cara com uma camiseta do Grateful Dead e um moicano loiro, se lançou no ar. Como um trator, o peso do homem derrubou Beaumont. Ainda segurando a adaga, ele agarrou os braços do sujeito e rolou, repetidamente, até as costas de Beaumont caírem em uma cama elevada.



A dor ricocheteou em seus braços. Ele usou o desconforto para alimentar sua raiva e bateu o crânio da criatura contra o cimento.

Um estalo agudo ecoou entre as árvores.

Os olhos do cara vidraram. Seus músculos relaxaram.

Beaumont esfaqueou o cara nos olhos. Os fae se desintegraram e uma pequena nuvem de poeira girou as folhas e depois se acalmou.

Os primeiros fae reuniram sua picadora de gelo. O sangue escorria de seu pulso.

"Você está voltando para mais?" O fôlego de Beaumont saiu de seus lábios.

Merde. Ele não deveria estar tão sem fôlego.

Por cima do ombro do oponente, Beaumont viu o terceiro fae. Ele pulou em cima de uma das camas levantadas e encostou-se a um tronco de árvore. Com seu sobretudo marrom, na altura dos joelhos, cabelo loiro curto e sorriso notório, Marco ergueu o queixo em uma falsa saudação.

"Marco", Beaumont sibilou o nome do inimigo entre dentes.

"Termine com ele, Cedric." Marco acenou com a mão. "Temos mais matanças a fazer... da variedade humana."

Os fae do terno sorriram, revelando um conjunto perverso de presas.

Beaumont entortou os dedos na mão livre. "Vamos lá, você *descarta.* Não deixe a morte esperando."

Os fae sibilaram e correram para ele.



Beaumont fingiu à direita e cortou o bíceps do cara com sua adaga. O sangue escureceu o paletó cinza e o perfume metálico se intensificou. Nojo o fez torcer o lábio. Como ele odiava essas criaturas do mal.

Os fae o chutaram na canela. A dor irradiava por sua perna.

Ele agarrou o ser hediondo pela gola do terno. Com um movimento rápido, Beaumont deslizou a lâmina na garganta do sujeito.

Pequenos sons borbulhantes emergiram dos lábios do fae moribundo, então ele, como seu amigo antes dele, se desintegrou em um turbilhão de terra, folhas e galhos.

Marco bateu palmas, uma vez, duas, três vezes, o som ecoando nas árvores. “Muito bem, meu inimigo, muito bem. Eu esperava que eles tivessem um desempenho melhor, mas eles eram novatos. O que posso dizer?”

Beaumont virou-se para enfrentar seu inimigo amargo, aquele que o iludia há anos. "Você é o próximo."

“Venha agora. Nós dois sabemos que isso não é verdade.” Marco se afastou da árvore. Ele sorriu e apontou para o peito de Beaumont. "Claramente, você está em desvantagem.”

Beaumont juntou as sobrancelhas e olhou para o peito. O sangue encharcou sua camiseta. Um longo corte cortou o material, expondo seu peito. De alguma forma, a escolha dos fae o cortou sem aviso prévio. O peso pesava sobre seus ombros, sua energia drenando mais rápido do que ele jamais esperava.



Marco pulou da cama de cimento elevada. “Parece-me que você está perdendo algo valioso. Talvez hoje seja a noite em que você perece.”

A raiva rasgou Beaumont, e sua pele ondulou, a carne ondulando com seu desejo de virar pedra. Ele apertou mais a adaga e depois atacou.

Marco retirou uma estrela de seu casaco. A arma assobiou no ar, seguida por outra e outra em rápida sucessão.

Beaumont desviou do primeiro. O segundo cortou seu braço.

Ele endureceu a pele, tornando a carne cinza e dura como pedra.

O terceiro disco de metal olhou para fora de seu peito.

Beaumont fechou a distância e cortou a adaga no rosto de Marco. A lâmina chicoteou o ar, apenas errando seu alvo.

Marco pigarreou e uma bolha de cuspe se formou no canto da boca. Fae produzia um suprimento limitado de ácido venenoso contido em um saco no fundo da garganta. O material poderia penetrar até nas pedras mais duras.

Beaumont puxou sua energia, mas não antes que Marco cuspisse uma grande quantidade de líquido escuro no peito de Beaumont. Dor irrompeu ao longo da marca, enviando uma pitada de manchas brancas diante da visão de Beaumont. Graças à deusa, Marco havia perdido seu ponto mais vulnerável, o lugar vazio sobre seu coração. Mesmo com sua pedra de faísca, um golpe direto lá poderia debilitá-lo. Sem ele, isso seria mortal.

Puxando sua força minguante, Beaumont deu um soco no fae no nariz. Marco tropeçou e balançou a cabeça.





A visão de Beaumont vacilou e, por um momento, dois Marco ficaram diante dele. *Oh não, por favor. Um foi o bastante.*

Ele bateu com a adaga, mas o veneno deslizou por sua corrente sanguínea, enfraquecendo-o. Em vez de penetrar no crânio de Marco, a lâmina cortou sua orelha, cortando um pedaço de carne.

Os fae gritaram.

"Parece uma luta. Por aqui." Gritos humanos ecoaram da rua próxima.

Marco arreganhou as presas e sibilou. "Sua hora chegará, Laroche."

Em um instante, as moléculas de Marco rodaram em uma pequena tempestade de poeira, folhas e galhos presos dentro da terra que girava, que se acalmaram tão rapidamente quanto havia começado. Os fae fugiram para o Outro Mundo.

Beaumont caiu de joelhos. As árvores acima pareciam girar, seus galhos se perseguindo como se em uma dança estranha. Ele descansou atrás de seus calcanhares e sorriu para a beleza deles. Nos recônditos de sua mente, sua gárgula gritava, mas Beaumont não conseguia entender o porquê. Tudo o que ele queria era assistir à dança.

"Ei, tem alguém aqui", disse um homem.

Sua voz atravessou a névoa no cérebro de Beaumont.

A necessidade de permanecer escondido o arrancou do delírio por tempo suficiente para compreender que ele corria risco de ser descoberto. Ele não podia permitir que os humanos o





encontrassem. Puxando suas reservas cada vez menores, ele se misturou à noite e correu como o vento.

O destino dele - a casa de Wynne.

Embora ele não quisesse voltar para ela, ela tinha o antídoto que ele precisava desesperadamente. Se ele não recebesse, estaria morto de manhã.





CAPÍTULO 10

Sadie correu passos do museu. As solas dos tênis batiam no cimento, mas não conseguiam abafar o grito que ecoava no South Garden. Esse foi o grito dele? A gárgula que queria sua pedra de faísca? Seus pensamentos congelaram junto com seus músculos.

Ela parou no fundo. O desejo de ajudá-lo percorreu seus nervos, enviando uma onda de energia através de seu corpo. Ela olhou por cima do ombro.

Uma pesada escuridão se estabeleceu entre as árvores. Outro grito, este com mais sangue coagulando que o anterior, ecoou na escuridão. Os cabelos da nuca dela se arrepiaram.

Ela acelerou o passo mais uma vez, correndo pela calçada e colocando o máximo de distância possível entre ela e a gárgula. Ele a caçara, a encontrara de alguma forma e realmente queria que sua pedra preciosa fosse devolvida. Ela estava ferrada se ele descobrisse que ela havia vendido.

Na esquina, ela se virou e encostou-se a um prédio. O tijolo frio, mesmo através da blusa fina, era um alívio bem-vindo contra a pele queimada. A respiração dela soltou dos pulmões e ela apoiou a cabeça na superfície áspera.

Passos ecoaram na direção que ela tinha vindo. Era ele ou uma das criaturas que ela tinha visto? Um gemido suave escapou de seus lábios. O desejo de fugir enviou uma onda de adrenalina aos músculos. Nas proximidades, uma porta oferecia segurança. Ela correu para se esconder e se escondeu nas sombras.

Os passos ficaram mais altos.





Seu coração disparou, quase explodindo de medo. Ela prendeu a respiração.

Um homem de vinte e poucos anos entrou no beco e parou a alguns metros de distância. Ele usava um jeans velho e empoeirado e uma camiseta suja. O farfalhar de um saco de papel ecoou no espaço entre eles. Um momento depois, o homem levantou o saco, a ponta de uma garrafa de vidro saindo do final. Ele levou-o aos lábios e bebeu.

O coração de Sadie bateu forte. Ele era um passageiro. Embora ela precisasse permanecer cautelosa, pelo menos ele não era um dos fae. Ela exalou.

Ele ficou tenso e virou-se para ela. “Ei, alguém aí?”

Sua respiração ficou presa na garganta. Ela não se atreveu a mover um músculo.

O homem se aproximou, mais rápido do que ela esperaria, devido ao estado embriagado dele. “Eu vejo você, feminino. Meu Deus, você é uma linda...”

Presa no espaço confinado, ela retirou a adaga e saiu das sombras. Com um rápido toque no botão, a lâmina se estendia da alça. O clique ecoou no tijolo.

“Afaste-se, idiota”, ela rosnou.

“Você gosta disso, não é?” O homem sorriu. “Eu também.”

Ele enrolou os dedos em volta da garrafa e se lançou contra ela.

Baseando-se em suas habilidades aprendidas nas ruas, ela antecipou o ataque dele. No último momento, ela contornou-o.

Ele tropeçou na parede.





A garrafa quebrou. Estilhaços de vidro se espalharam pela entrada.

Ela usou seu impulso para passar por ele. A ponta da adaga cortou seu braço. O sangue brilhava na penumbra.

Quando ela se virou para correr pelo beco, ele agarrou seu tornozelo.

Ela caiu. O joelho dela bateu contra a calçada junto com o ombro. A dor ricocheteou na perna dela. Pedaços de vidro trituravam sob a blusa. A adaga escorregou dos dedos e deslizou para trás de uma lixeira.

"Venha aqui, cadela." Apesar de seu estado de embriaguez, ele segurou firme e a puxou em sua direção.

Sadie chutou-o na cabeça com o pé livre, mas ele não pareceu registrar nenhuma dor. Ele agarrou sua coxa.

O pânico enviou uma nova onda de adrenalina pela corrente sanguínea.

Quando ele se arrastou sobre ela, ela dobrou os joelhos e empurrou os pés sob ele. Com toda a força, ela rolou sobre os ombros e chutou, lançando-o sobre a cabeça.

Ele aterrissou no beco com um baque alto. Um chiado tenso se afastou dele.

Os batimentos cardíacos de Sadie dispararam. Ainda na escuridão da porta, ela se levantou.

Do nada, uma figura sombria atacou o homem. A dupla derrapou pela calçada e fora de sua linha de visão. Apenas os sapatos do bêbado eram visíveis além do batente da porta.

Sadie engoliu seu grito, sua adrenalina subindo novamente.





"Ei, pare. Não. O homem lutou contra o agressor."

Ela olhou por trás da porta.

O criminoso montou no homem, com as mãos em volta da garganta do passageiro. Com restolho de zibelina que acentuava sua mandíbula forte e nariz reto, o atacante poderia ter sido um modelo masculino.

Um sorriso torceu os lábios do cara. "Sua alma é negra. Você será uma boa adição à equipe."

Campainhas de aviso tocaram em seus ouvidos. *Fae*…

Ela não se atreveu a se mexer. Antes que ela pudesse piscar, a aparência dos fae se transformou. Com olhos amarelos e feições contorcidas em um sorriso horrível, ele abriu a boca, revelando um conjunto de presas longas e pontudas.

Os olhos do homem se arregalaram. Um grito de puro terror irrompeu de seus lábios.

Mais rápido do que humanamente possível, os fae atacaram, afundando os dentes na garganta do homem. Os fae apertaram mais seu prêmio.

Um gorgolejo estrangulado escorregou dos lábios do homem. Ele ficou calado.

O pulso de Sadie disparou, sangue batendo em seus ouvidos. A qualquer momento, os fae olhariam para ela. Ela seria a próxima. O terror distorceu seu senso de tempo. O mundo pareceu desacelerar. Ela prendeu a respiração.

Os fae soltaram o homem e o corpo deslizou para o chão. Uma brisa estranha flutuou, girando em torno do homem e dos fae. O turbilhão ganhou velocidade, girando cada vez mais





rápido. Pedaços de jornais espalhados, um canudo de plástico e um velho Dr. Pepper podem se juntar à mistura.

Um flash de luz irrompeu do meio, juntamente com um uivo sobrenatural de triunfo. O som ecoou contra o prédio. Os fae e o homem desapareceram. O turbilhão de lixo parou e a lata rolou antes de descansar ao lado de um bueiro.

Sadie encostou-se na porta de metal. Incapaz de ficar de pé, ela deslizou até sua bunda atingir o chão de concreto. Lágrimas, em parte tristeza pelo homem morto, em parte alívio por ela ter escapado de seu destino, deslizaram por sua bochecha.

Em todos os anos em que esteve na rua, nunca tinha visto um fae matar. Os rumores dos fae matando humanos para adicionar almas más às suas fileiras não haviam sido exagerados. Na realidade, eles eram piores do que o descrito.

Sadie apertou o medalhão, tirando conforto do objeto familiar. A corrente puxou a parte de trás do pescoço dela, capturando um punhado de pelos perdidos. Ela os arrancou e vários fios rosa flutuaram no chão. A cor brilhante brilhava no cinza monótono da entrada.

Ela não sabia quanto tempo ficou agachada lá, mas um formigamento no pé esquerdo a despertou. *Eu tenho que sair daqui.*

Onde havia um fae, poderia haver mais. Ela não queria acabar como aquele pobre homem.

Se ela morresse, não tinha família para lamentá-la, e do jeito que sua vida estava indo, ela nunca faria isso.





Uma dor aguda apertou seu peito, quase como se alguém a tivesse esfaqueado no coração. Ela tomou sua decisão e emergiu de seu esconderijo. Não querendo sair sem sua lâmina de confiança, ela pegou o canivete debaixo de uma das rodas da lixeira e depois disparou pelo beco. Enquanto seus pés deslizavam sobre a calçada, ela não tinha certeza se fugia de seu passado ou de seu futuro.



CAPÍTULO 11

O cheiro de patchuli misturado com anti séptico penetrou nos pulmões de Beaumont. Uma parte dele reconheceu a fragrância, mas em sua mente enevoada, ele não conseguiu identificar sua localização. Seus pulmões se expandiram com a respiração e uma dor correu do peito até as extremidades. Um arrepio percorreu seus ombros, mesmo quando uma gota de suor percorreu sua testa e sua orelha.

"Acorde, Beaumont."

Palavras suaves e encorajadoras derivaram de uma voz familiar, mas ele não reconheceu a quem a voz pertencia.

Um pano molhado passou por sua testa e ao redor de sua bochecha, o toque carinhoso, tanto quanto a frescura abençoada, arrastando-o para a consciência. Ele abriu uma pálpebra. Brilho penetrou em seu cérebro. Um gemido saiu de seus lábios.

"Graças à deusa, você está bem."

As palavras de Wynne o despertaram, deixando-o totalmente acordado e consciente. Ele piscou, deixando seus olhos se ajustarem à luz. Sangue bateu em sua cabeça. *Merde*... A última coisa que ele lembrou foi a batalha com Marco, seus subordinados e a saliva venenosa de seu inimigo no peito.

"Onde estou?" Sua voz rouca ecoou no espaço ao seu redor.

Na minha casa sussurrou Wynne.

Ele se sentou na cama, apoiado em um cotovelo e olhou para si mesmo. Um lençol fino o cobria da cintura para baixo. A marca

em seu peito não existia mais, substituída por uma fina cicatriz rosa. Ele tocou a carne tenra. Wynne o curou. Beaumont chamou sua atenção para a bruxa.

Suas feições brilharam e, quando ela piscou, seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. “Como você está se sentindo?”

Sua cabeça doía como se um trem tivesse passado por cima dele. “Perfeito. Maravilhoso.”

Os ombros dela relaxaram e ela passou o dedo pelo braço dele e até a mão dele, circulando a pele sobre os nós dos dedos. Quando atendi sua batida na porta, você tropeçou no limiar e acabou inconsciente no tapete. Com a ajuda de Neira, nós o arrastamos para minha cama para que eu pudesse curá-lo.

Ele apertou os dedos dela na palma da mão para impedir sua carícia. “Obrigado. Não há como eu pagar essa dívida.”

Ela olhou nos olhos dele. “Eu não espero que você pague. Faz parte do meu serviço a Rhiannon. Como todas as bruxas que vieram antes de mim e tudo o que virá depois, honramos nossa deusa ajudando as gárgulas da maneira que for necessária. Eu o ajudaria novamente em um piscar de olhos.”

Ah, deuses, ele não aguentou isso em outro momento. Ele afastou a mão, deslizou as pernas para o lado da cama e jogou o lençol para longe. O ar frio atingiu sua pele nua. *Merde!*

Com um puxão rápido, ele puxou as cobertas de volta no lugar. “Você tirou minha roupa?”



Wynne levantou-se da cadeira. Ela levou os dedos à boca. “Tivemos que garantir que você não se machucasse em nenhum outro lugar.”

“Nós? Você quer dizer Neira...” Ele não conseguiu terminar suas palavras. Eles estavam alojados atrás do nó na garganta.

Wynne deu de ombros. “Fizemos o que era necessário. Coloquei a pomada de cura com laços mágicos na sua queimadura. Demorou algumas horas, mas o bálsamo retirou o veneno do seu corpo.”

Ele esfregou a mão no rosto. Perto dele, uma mesa com uma variedade de óleos, ervas e loções estava ao lado de um pentagrama de cinco pontas e o sempre presente queimador de incenso patchouli. Sem dúvida, um desses frascos continha a pomada que ela usara para curá-lo.

“Obrigado, Wynne, por me curar.”

"Bem, eu curei a queimadura, mas sem a sua pedra de faísca, você ainda está vulnerável"

Ele já teve o bastante. Não há mais conversa sobre sua pedra de faísca desaparecida com o destino predeterminado. "Eu preciso ir."

"É luz do dia.” Suas palavras sussurradas pairaram no ar.

Naturalmente. O que mais pode dar errado? Ele sabia melhor. As coisas sempre podem piorar.

Ela passou a mão para cima e para baixo no braço. "Gostaria de tomar um banho? Talvez alguma comida?”

Ele não queria ficar, mas se saísse, apenas diminuiria sua energia a um ritmo ainda mais rápido. Um chuveiro, por outro





lado, ajudaria a restaurar algumas das forças necessárias. Semelhante à água que fluía sobre sua forma de gárgula de pedra, a água sobre sua pele tinha habilidades naturais de cura.

Ele esfregou a mão sob os olhos, puxando a pequena cicatriz que residia lá. "Um banho seria ótimo."

Um sorriso iluminou suas feições. “Você pode usar meu banheiro particular. Há uma toalha limpa lá dentro. Vou fazer comida.”

"Obrigado.” Ele devolveu o sorriso dela.

Com a trança loira no ar, Wynne praticamente saltou para a porta. "Voltarei em alguns minutos."

Quando a porta se fechou, ele se empurrou da cama e entrou no banheiro de Wynne. Com toalhas, tapete de banho e cortina de chuveiro em tons de rosa, o lugar gritava Wynne. Ele rangeu os dentes, ligou a água e entrou no chuveiro. A explosão inicial de frio sobre sua pele o fez ofegar, mas depois de um longo momento, a água aqueceu.

Beaumont deslizou os dedos pelos cabelos. Água ensaboada escorria por cima dos ombros e nas costas. Cada momento sob o líquido quente aumentava sua força. Mesmo assim, nada se compara a um dia de descanso no topo de seu posto. Ele pegou uma barra de sabão, a palavra *Ivory* esculpida na barra com suas letras icônicas. Claro, ela não usaria Old Spice.

Ele esfregou a barra no primeiro braço e depois no outro. Depois de passar para o peito, ele esfregou o peitoral. Quando ele alcançou o ponto vazio sobre seu coração, ele





parou. Cutucando e cutucando, ele explorou o torno côncavo redondo. A superfície áspera e cicatrizada trouxe de volta memórias daquela batedora de carteiras irritante, frustrante e bonita.

A lembrança de sua provocação, seu beijo ousado e sua provocação de que a sedução dele não tinha funcionado queimavam como um fogo em suas veias. Ele agarrou o sabão com força e parte da substância macia espremeu-se entre os nós dos dedos. Sua outra mão apertou em torno de sua ereção.

Um rosnado baixo e frustrado emergiu de seus lábios. Ele nunca tinha se masturbado no chuveiro antes. Nos mais de oitocentos anos de sua existência, ele sempre encontrava parceiros de cama dispostos.

Como um banho, o sexo poderia restaurar sua força, mas as relações sexuais haviam perdido seu fascínio há muito tempo. O sexo era uma função corporal, uma fonte ocasional de prazer e uma das maneiras de restaurar sua energia, nada mais. Ele não conseguia se lembrar da última vez que esteve sozinho e teve uma ereção.

O spray interminável correu sobre sua pele, deslizando sobre seu peitoral e descendo até sua ereção. Contra sua vontade, a imagem do batedor de carteiras passou por sua mente. Ele deslizou a mão com sabão pelo eixo, por cima da ponta e voltou a descer. *Porém*, fazia muito tempo desde que ele tinha uma mulher.

Ele nem sabia o nome do ladrão, e isso queimava em seu peito mais do que ele queria admitir. Rangendo os dentes, ele se libertou. O sabão em sua outra mão escorregou de suas mãos e,



como se tivesse uma mente própria, passou pelo ar e por cima da cortina do chuveiro.

"Naturalmente." Pressionando o punho na boca, ele não tinha certeza se queria gritar ou rir. O riso venceu e ele soltou. A tensão diminuiu de seus ombros e ele afastou a cortina do chuveiro para recuperar o escorregadio.

Embora a névoa envolvesse a sala em uma névoa densa, ele captou um reflexo no espelho, e não era o seu. *Wynne*…

Ele olhou para a porta. A bruxa da casa estava lá envolta em um roupão rosa até o joelho, as pernas tonificadas visíveis além da bainha. Cabelos longos e loiros, liberados da trança, acariciaram seus ombros. Com os olhos arregalados, a atenção dela passou da ereção ainda dura para o rosto dele.

Ele fechou a cortina o suficiente para cobrir suas partes íntimas. "O que você está fazendo aqui?"

Ela olhou para o chão, aquele sorriso tímido puxando seus lábios. Quando ela encontrou seu olhar, uma faísca brilhou em seus olhos. "Eu pensei que você poderia usar alguma ajuda. Você sabe, tomando banho."

Não, não, não. Isso não poderia acontecer. Sua ereção esvaziou. Ele não queria começar algo com ela, ele não iria terminar.

Ele limpou a garganta. "Wynne, isso não será necessário. Deixa comigo."

"Então eu vi." Ela deu um passo hesitante mais perto. "Eu poderia cuidar disso para você."



Suas pernas longas e bronzeadas eram bonitas, mas ele não estava interessado. Ela era mais importante para ele como associado de negócios.

"Wynne, realmente, eu estou bem."

Ela se abaixou e apertou o que restava da barra de sabão. Com passos lentos e deliberados, ela se aproximou. "Você não se sentiria muito melhor se eu esfregasse isso sobre sua pele?"

Ele gemeu. Quantos de seus companheiros guerreiros aproveitariam a chance? Todos eles. De alguma forma, ele foi o único ferrado para recusá-la.

Ele pegou o bar da mão estendida dela. "Obrigado, mas eu estou quase terminando."

Ela desamarrou o cinto na cintura. O roupão deslizou para o chão. Em exibição, seus seios redondos e firmes, com pontas rosadas, e sua cintura fina, que se alargava até os quadris amplos.

"*Je me faire foutre."* As palavras caíram de seus lábios.

Sim, ele se ferrou com certeza.

A testa dela franziu. "O que você disse?"

"Eu não sou bom o suficiente. Eu não mereço você... *Ou qualquer outra pessoa."* Ele era um perigo para aqueles com quem se importava, e seria condenado se deixasse alguém se aproximar, mas principalmente não alguém com quem trabalhava.

Ela sorriu e deu um passo mais perto.

Sua pressão arterial aumentou. Ela pensou que isso era um convite?

Quando ela alcançou a cortina, ele agarrou seu pulso. "Wynne, pare."





Ela encontrou o olhar dele. A primeira sugestão de mágoa e decepção alinhou seus olhos.

Seu peito apertou. *Mon Dieu*, como ele odiava fazer isso.

Ele apertou a mandíbula. “Não.”

Água amarga e fria irrompeu do chuveiro. O dispensador de sabão, o porta escova de dentes e um frasco de creme para as mãos sacudiram no balcão da pia.

Wynne puxou a mão dele. “Por que não? Achei que você iria querer...”

Ele exalou, longo e devagar. “Nada de bom pode vir disso. Não sou digno e não misturo negócios com prazer.”

Suas bochechas ficaram vermelhas. "Não? Não foi o que a vovó disse. Pelo que ouvi, você vai estragar tudo que aparecer no seu caminho.”

A raiva surgiu, fervendo seu sangue. “Não é mais e isso foi há muito tempo. Só para esclarecer as coisas, nunca me deitei com ela.”

A água no banheiro girava, violenta e rápida, gotas de líquido saltando alto o suficiente para pousar no assento.

Wynne pegou seu roupão do chão e o vestiu. “Talvez eu seja a pessoa que não é boa o suficiente.”

Ela sacudiu o queixo e foi em direção à porta.

Ele pulou do chuveiro, a água se espalhando pela parede, a pia, o chão. Com mais força do que ele pretendia, ele agarrou o braço dela, parando-a.

Ela olhou para ele, raiva embutida em seus olhos azuis.





“Você é uma bruxa linda e talentosa. Qualquer homem, gárgula ou criatura do Outro Mundo ficaria honrado em estar com você. Eu, no entanto, não vou cruzar a linha quando se trata de você. Eu valorizo demais nossa relação de trabalho. Eu gostaria de poder ter te amado, mas você está melhor do que eu...Você está melhor, confie em mim.” Ele prendeu a respiração.

A água que batia nos ladrilhos do chuveiro ecoou na sala silenciosa por vários segundos desconfortáveis.

Wynne afastou o braço dele e ergueu o queixo. “Você está certo. Você não é bom o suficiente. Espero você fora da minha casa em quinze minutos.”

Ele assentiu, pegou uma toalha da prateleira e a enrolou na cintura. "Como quiser.”

Com a cabeça erguida, ela caminhou em direção à porta. Na entrada, ela fez uma pausa, os músculos nas costas contraídos. Ela olhou por cima do ombro para ele.

Seus olhos estavam vidrados com lágrimas não derramadas, e dor e raiva irradiavam de suas profundezas. “Você não deveria ter brincado comigo. Se não fosse pela minha dedicação a Rhiannon...”

Ele exalou. “Wynne, você não entendeu minha atenção...”

“Não diga outra palavra.” Saliva voou de seus lábios, e a água no banheiro renovou sua força violenta. “Você já falou demais."

Ele fechou a boca. Mais palavras dele apenas piorariam as coisas.

Ela endireitou as costas e fugiu da sala.





Um peso pesado caiu sobre seus ombros. Ele deveria ter previsto isso. Foi aqui que ele manteve todos à distância.

Ele vestiu a calça e a camiseta que colocou na prateleira de vime ao lado da pia. A abertura na janela cortinada do banheiro mostrava o sol do fim da tarde mergulhando em direção ao horizonte. Tanta coisa para esperar até o anoitecer. Assim que ele se vestiu, ele saiu daqui.

Ele não sabia aonde iria, mas rezou para que chegasse lá antes que o sol o deixasse frito.



CAPÍTULO 12

Sadie comeu a última colherada de Captain Crunch e deixou cair o utensílio no leite restante. O metal tilintou contra a tigela e ecoou pela cozinha vazia. Com Ruby fora da cidade, o lugar parecia frio e escuro, apesar do calor do sol do fim da tarde de verão batendo pela janela. Ela pegou a tigela e caminhou até a pia.

Por mais que ela adorasse seu cereal açucarado, ela não conseguia beber o leite adoçado. Isso foi nojento.

O líquido, manchado de amarelo da comida, rodou pelo ralo com a água da torneira, trazendo de volta a memória dos fae - seus olhos amarelos brilhantes, presas pontudas, traços distorcidos e a maneira cruel de matar um homem.

Arrepios subiram ao longo de seus braços. Como seria morrer nas mãos de um fae?

Ela balançou a cabeça e colocou a tigela e a colher na máquina de lavar louça. “Deixe ir, deixe ir, deixe ir.”

Apesar de sua exaustão, ela dormiu em ataques, memórias dos eventos da noite se transformando em sonhos estranhos que incluíam não apenas os fae, mas a gárgula sexy que a perseguira também.

Uma risada abafada saiu dela, parte humor, parte nervosismo. “O que você faria comigo, grandalhão, se soubesse que eu vendi sua pedra de faísca?”

Seu coração pulou uma batida. Ele a encontrou no museu, a capturou em seus braços e a puxou para perto de seu peito duro e

musculoso. Com suas maneiras provocadoras, ele tentou coagir as informações dela. Ela deveria estar brava, mas no fundo, uma parte dela queria que ele a encontrasse, queria sentir sua boca pressionada contra a dela mais uma vez. Seus lábios formigavam em antecipação, seguidos por um aperto no estômago.

Ela se afastou da pia. Ela não deveria ter nada a ver com as criaturas do Outro Mundo. Eles lutaram em algum tipo de batalha. Quando ela morava na gangue de rua, outros a aconselharam a ficar o mais longe possível deles, especialmente os fae.

Agora que ela viu o que poderia acontecer, ela entendeu o porquê. Fae eram maus.

A gárgula? Apesar de seu intenso desejo de recuperar sua pedra de faísca, ele a soltou para protegê-la dos fae. Não apenas isso, ele se virou para lutar contra os três seres das trevas também. Uma medida de respeito inchou por dentro. Ele ganhou alguns pontos importantes por sua coragem, mas nozes duras por ele ter roubado sua pedra preciosa. Era um mundo difícil lá fora. Todo mundo teve problemas em suas vidas.

Dirigiu-se para a pequena sala de estar, passou pela cadeira antiga e bem usada, com o encosto alto, o sofá grande, estofado e muito confortável e a TV de tela plana gigante. Sobre a lareira, o relógio da lareira marcava, marcava seu ritmo consistente e reconfortante. Na mesa lateral da herança havia um aquário de vidro. Lá dentro, um peixe Betta azul e vermelho nadava entre as folhas de plástico do oceano.



"Ei, George, você está com fome?" Ela agarrou o recipiente de comida amarelo, torceu a tampa e puxou uma pitada entre o polegar e o indicador.

Ele abriu e fechou a boca, seu lindo rabo se espalhando atrás dele. Ela deixou cair os flocos de peixe na tigela, onde flutuavam em cima da água. George balançou enquanto comia, atacando a comida com vingança.

Ela fechou a tampa e devolveu a comida à mesa. Sua atenção em um folheto aninhado ao lado de algumas cartas que Ruby deixou no aparador. *Ganhe sua graduação na Universidade de Chicago!* Ela passou o dedo sobre o antigo prédio de tijolos na capa lustrosa. A saudade pesava no peito dela.

George comeu o último dos flocos de peixe e nadou até a borda da tigela, como se tentasse alcançá-la.

Sadie tocou o dedo no vidro. "Você já ficou sozinho, George?"

Você é estupido. Bom para nada. Por que você não pode ser mais como sua irmã? As palavras familiares de sua mãe ecoaram na mente de Sadie.

Por hábito, ela apertou a mão em torno do medalhão. Se não fosse pela adoração de sua irmã, ela nunca teria sobrevivido ao abuso verbal de sua mãe. Quando Sadie tinha dez anos e Hannah seis, sua mãe saiu pela porta para nunca mais voltar. Depois disso, seu pai entrou em depressão e tudo o que ele fez foi trabalhar, voltar para casa e se embriagar. Ela costumava orar por uma vida sem ele. Engraçado como às vezes você conseguiu o que pediu e depois desejou não ter.

A vida sempre pode piorar.





Sadie mordeu o lábio inferior, a incerteza subindo pela espinha. Após a morte de seu pai, Sadie saiu, abandonando Hannah ao tio abusivo Frank. Nas poucas vezes em que o irmão de sua mãe a visitou, tia Sally, sua esposa, muitas vezes fora machucada, de olhos vazios. Sadie nunca acreditou na diatribe de Hank que ela escorregou, caiu ou esbarrou em uma maçaneta. Apenas não. Um nó se formou em seu estômago. Sadie tinha certeza de que Frank havia batido em Hannah também.

Sadie tirou o celular do bolso e abriu o aplicativo do Facebook. Ela examinou algumas das postagens mais recentes, a maioria publicitária de algum tipo, e uma pontada de preocupação se alojou em sua garganta. Nada de Hannah. Ela puxou o último post da irmã. A mesma imagem familiar com os balões brilhava na tela.

"Onde você está?" ela sussurrou.

O desejo de digitar uma mensagem privada competia com suas dúvidas e medo. Um calafrio percorreu o braço de Sadie. Aconteceu alguma coisa com sua irmãzinha? Hannah sobreviveu a viver com o tio Frank, mas a que custo?

O nó no estômago de Sadie se apertou e o gosto de bile subiu na garganta. Hannah havia sobrevivido, mas apenas viver, como Sadie aprendera muito bem, era muito diferente de prosperar.

Sadie estudou a foto da irmã. Esse sorriso foi real ou forçado? Um formigamento de inquietação formigou os cabelos ao longo de sua nuca. Ela aproximou o telefone e olhou com mais força, tentando interpretar as linhas ao redor dos olhos de





Hannah. Aqueles eram de tensão? A qualidade granulada da imagem dificultava a identificação.

Sadie engoliu em seco. Pode haver uma série de razões pelas quais sua irmã não postou na semana passada. Talvez Hannah tenha perdido o telefone e ainda não o tivesse, ou talvez tenha deixado cair no banheiro. A grande questão permaneceu, no entanto. Se Sadie mandasse uma mensagem privada, depois de todo esse tempo, o que Hannah faria? Ela ficaria brava? Ressentiu Sadie por sair?

Mesmo assim, Sadie não conseguiu abalar o desconforto. Hannah poderia ter vivido uma vida infernal e, quatro anos após a morte de seu pai, os danos foram muito além do reparo. No entanto, apesar do amor por sua irmã, Sadie não conseguiu enviar uma mensagem para Hannah. Ela não seria capaz de lidar com a rejeição.

Com uma respiração forte, Sadie enfiou alguns pelos atrás da orelha, enfiou o telefone no bolso da calça jeans e retirou o canivete. Ela apertou o botão e a lâmina sacudiu da bainha. A ponta brilhou na luz.

Que tipo de pessoa deixa sua irmãzinha com um monstro? Eu sou um pedaço de merda. Mãe estava certa. Ela colocou a ponta do pulso esquerdo sobre a multidão de cicatrizes. A pele recuou da pressão.

Os dedos de Sadie tremiam. Sua visão ficou turva por causa das lágrimas.

A lâmina cortou sua pele. Sangue se acumulou ao longo do corte raso.





Um calafrio de alívio percorreu seus nervos. A marca não era profunda, apenas o suficiente para cortar a superfície e tirar sangue.

O calor correu pelo pescoço dela e em seu rosto. Ela se cortou novamente. Cortar era algo que ela fazia regularmente durante seu tempo com Gabriel, mas ela parou logo depois de se mudar com Ruby. Agora, porém, a dor e a agonia do que poderia ter acontecido com Hannah ferviam logo abaixo da superfície. Algo estava errado com sua irmã.

Ela retirou a lâmina e enfiou a faca no bolso. Depois de limpar o sangue do pulso no jeans, ela correu para o banheiro. Escondido embaixo da pia, na parte de trás do armário, havia um antigo kit de primeiros socorros, que ela havia colocado lá quando se mudou.

Sadie pegou a caixa de seu esconderijo, soltou a trava e retirou um curativo. Ela colocou o pequeno curativo sobre o corte e jogou a embalagem no lixo.

Sadie olhou para o kit de primeiros socorros, com os olhos borrados de lágrimas. Ela puxou a manga sobre a evidência brutal, trancou a caixa de metal e a empurrou de volta para a pia.

Com passos rápidos, ela saiu do banheiro e caminhou até a janela da sala de estar. Rachaduras cobriam a madeira, acabamentos marrons cutucando a tinta verde desbotada. Ela afastou a velha cortina de renda branca e espiou pela janela.

Carros com mais do que a sua quota de desgaste alinhavam-se na rua. A grama do vizinho precisava ser cortada. Um garoto passou de skate, com o boné escuro puxado para baixo da testa. O





que chamou sua atenção, no entanto, foi a garotinha do outro lado da rua.

Ela estava sentada no degrau da varanda, um livro aberto aninhado entre os joelhos. Ao seu lado, sua mãe se aconchegou mais perto, uma mão enrolada no ombro da menina. Com o outro, a mulher apontou para algo no livro. A menina riu e a mãe a beijou na testa.

Quando Sadie deixou a cortina se encaixar, um vazio encheu seu peito. O desejo de uma vida diferente prendeu a respiração em seus pulmões.

Sadie endireitou os ombros. O crepúsculo chegaria em breve. Hora de ir ao trabalho. Havia bolsos para escolher e dinheiro a ser levado. Ela não teve tempo de pensar no que poderia ter sido.

Seu estômago roncou. Talvez ela parasse na padaria de Ruby antes de chegar à calçada, pegando um bolinho para a estrada.

Ela fechou o casaco leve que pegara da parte de trás do armário para substituir o casaco que aninhara sob a cabeça da gárgula e caminhou em direção à porta.

Um sentimento de desconforto enviou um calafrio sobre seus ombros, e ela puxou o capuz. Constantemente fugindo da polícia e de seu ex, ela aprendeu a ficar sob o radar. Até agora, ela havia evitado Gabriel. Quanto tempo sua sorte duraria, ela não sabia, mas isso era uma preocupação para outro dia.

Mais importante - ela poderia ficar escondida de uma gárgula irritada, mas sedutora? O fundo de sua garganta se apertou. Ninguém a segurou como ele, tão gentil, tão protetor. Ela





ansiava por mais com um desespero que a surpreendeu. Pena que não havia uma chance no inferno que ela merecesse amor, não depois do que tinha feito.

Puxando sua força interior, ela levantou o queixo. Não tenho tempo para isso. Eu tenho um trabalho a fazer.

Ela fugiu pela porta e fugiu para a noite.



CAPÍTULO 13

Gabriel esfregou o restolho no queixo e estudou a loja de penhores. Engraçado como você poderia viver na mesma cidade a vida toda e ainda descobrir novas adições.

Bares cobriam as janelas e portas, evidência da quantidade de crimes no bairro. Um olhar nos olhos do dono e ele saberia se poderia descarregar a merda que tirara de todos os idiotas sem noção andando por aí com as carteiras nos bolsos traseiros e bolsas por cima dos ombros.

Se o ônibus não tivesse aberto uma junta a alguns quarteirões de distância, forçando-o a caminhar o resto do caminho até o apartamento de sua avó, ele nunca saberia que esse lugar existia. Pouco antes de o ônibus quebrar, Gabriel estava pensando em como conseguir alguma credibilidade com Marco. *Para ganhar uma posição no meu regimento incipiente, faça algo digno ou me traga algo útil.*

A oferta do fae ecoou na mente de Gabriel, ficando mais frequente junto com seu senso de urgência. Pense em todo o poder e dinheiro que ele poderia acumular se pudesse trabalhar por um fae. Seu batimento cardíaco disparou, e um sorriso que ele não pôde conter puxou seus lábios.

Sua atenção voltou para a loja. “Perfeito, simplesmente perfeito.”

Quanto mais casas de penhores ele pudesse entrar em seu círculo particular, melhor. Além de suas meninas, ele tinha um

punhado de 'funcionários', garotos de rua que cresceram e se tornaram bons ladrões.

Ele saiu do meio-fio, atravessou o asfalto assado e caminhou até a porta. Com um giro rápido da maçaneta, o toque de um sino anunciou sua chegada.

O cheiro de óleo de pistola misturado com o interior envelhecido do edifício deslizou em seus sentidos. Ele respirou fundo, deixando o aroma único assentar em seus pulmões. Como ele gostou do cheiro. Isso o lembrou de sua própria coleção de armas em casa.

Um homem com um grande intestino estava sentado em uma cadeira giratória atrás de um balcão de carvalho. Uma banda envolveu sua cabeça e segurou uma lupa sobre um olho. Ele parecia sozinho na loja, até onde Gabriel sabia. Ele olhou para o novo cliente.

Seus olhares travaram. Gabriel sorriu. Um calor vertiginoso se espalhou por seus braços.

Ele estufou o peito e caminhou em direção ao homem, mão estendida. "Prazer em conhecê-lo. O nome é Gabriel - Gabriel Rhodes."

O homem removeu o olho e levantou-se da cadeira, com um guincho de madeira como se estivesse aliviado. Ele saiu de trás do balcão e aceitou o aperto de mão de Gabriel. "Todd Jagger. Você está procurando algo em particular?"

Gabriel esperou até que o homem soltasse seu aperto e caminhou por um dos armários, fingindo interesse nos anéis,



colares e outros lixos na caixa de vidro próxima. Ele tirou um doce de caramelo do bolso, desembrulhou o doce e colocou na boca.

Com um ar de indiferença, ele sorrateiramente deixou cair a embalagem vazia no chão e encolheu os ombros. "Nada em particular. Você tem uma boa seleção aqui. Você está procurando mais?"

O homem cruzou os braços, os músculos do bíceps ainda visíveis sob o peso extra. "Eu administro uma loja de penhores. Isto é o que eu faço."

Gabriel deu de ombros e encostou-se na vitrine. O cara não mencionou que não levou mercadorias roubadas. Aquilo foi um bom sinal. Só precisava fechar o negócio.

"Não tenho nada no momento, mas terei. Precisa caçar um pouco primeiro, sabe o que quero dizer?" Ele enviou um sorriso malicioso ao proprietário.

Todd sorriu. "Quando você tiver algo para vender, volte. Vou dar uma olhada e pagar um preço justo." Ele caminhou atrás do balcão, sentou-se e colocou a ocular sobre o olho esquerdo.

A emoção da vitória encheu os pulmões de Gabriel. Ele olhou para a vitrine cheia, colares, anéis e outras joias competindo por espaço nas prateleiras. Em breve, o homem precisaria obter outro gabinete para todas as bugigangas que a equipe de Gabriel adquiriria, sem mencionar os cartões de crédito roubados e...

Uma pequena pedra redonda, branca com listras prateadas, aninhada em veludo azul, chamou sua atenção.

Ele prendeu a respiração. Pestanejou. Seria isso o que ele pensava que era?





“Ei”, sua voz falhou, “me mostre isso.”

A atenção de Todd chamou a atenção do relógio em seu pano de trabalho para o olhar de Gabriel. Uma careta apertou suas feições. "Pensei que você fosse um vendedor, não um comprador."

Fingindo um ar de indiferença, Gabriel deu de ombros e levantou uma sobrancelha.

O homem levantou-se e jogou a ocular no balcão, onde saltou antes de se instalar ao lado do relógio. Ele retirou um conjunto de chaves. Eles tilintaram quando ele inseriu um pequeno prateado na fechadura.

“O que te interessa?”

Quando Gabriel apontou para a pedra, seu dedo tremia. Irritação brilhou em sua têmpora, mas se essa pedra fosse o que ele acreditava, ele acertaria o proverbial jackpot. “Aquela pedra plana, a branca, ali.”

Todd pegou a pequena joia em seu forro de veludo azul e colocou a joia na bancada de vidro.

A pedra mudaria de cor ao seu toque? Gabriel respirou fundo e colocou o dedo na superfície lisa da pedra.

Nada. Nada. Zilch.

Exceto pelas estrias de prata, a pedra permaneceu branca como a neve. Sua alegria desvaneceu como um pau mole. Ainda assim, ele acreditava em seu palpite.

Ao longo dos anos que passara nas ruas escuras e becos de Chicago, vira Gárgulas suficientes para saber que todas tinham uma pedra embutida no peito, uma que mudava de cor. Ele não sabia o que significava, mas sentia sua importância, e se uma



pedra era significativa o suficiente para ser implantada na pele, provavelmente era um grande negócio. Uma descoberta como essa poderia impressionar Marco.

Gabriel pegou a gema e esfregou o polegar sobre a superfície lisa. A pele dele deslizou sobre um pequeno arranhão. Ele estudou a marca lascada ao longo da borda e os três sulcos que marcavam sua superfície. Eles eram entalhes de faca.

O pulso dele aumentou. "Conte-me sobre isso."

“Nova chegada. Chegou ontem.” Todd deu de ombros. “Parece ser uma joia preciosa de algum tipo, mas nunca vi nada parecido.”

“Quanto?”

Todd levantou uma sobrancelha, seu olhar percorrendo a jaqueta de couro gasta de Gabriel, jeans rasgados e botas arranhadas. “Mais do que você pode pagar.”

Gabriel retirou o canivete. Ele sacudiu a lâmina e o som ecoou nas paredes.

Mais rápido do que um homem com tanta coragem deveria poder se mover, Todd puxou uma arma de baixo do balcão. Ele segurou a arma solta, o cano apontado para o teto. “Nenhuma arma permitida em minha loja. Você ouve?”

Os ombros de Gabriel ficaram tensos, mas ele se recusou a recuar. Com intenção deliberada, ele passou a ponta da lâmina sobre as marcas de faca na pedra. “Eu não estou aqui para roubar você. Eu tenho mais do que o suficiente para pagar esse... pedaço de rocha danificado.”



Estragado? Deixe-me ver isso." Todd enfiou a arma na cintura atrás das costas.

Gabriel ergueu a pedra, mas não abandonou sua descoberta valiosa. Ele apontou para as linhas com a ponta da lâmina. "Ali."

O homem apertou os olhos, seu olhar seguindo para o local. Ele apertou a boca. "Eu costumo verificar novas aquisições antes de comprar."

"Apenas responda à pergunta. Quanto custa esse maldito seixo rachado?"

Todd encontrou seu olhar. "Guarde a lâmina e negociaremos."

Gabriel retirou a faca e colocou a arma bem gasta no bolso do casaco. "Eu gosto de você, Todd. Você tem bolas. Agora quanto?"

"Quinhentos."

"O que?" Gabriel riu. "Não vale metade disso. Eu te daria cinquenta."

Todd arqueou uma sobrancelha. "Eu não estou dando. Apesar da chamada falha, a gema ainda é uma peça bonita e única. Quatrocentos. É o melhor que posso fazer."

"Hmm ... não. Nem mesmo. Talvez eu considere cem."

Todd estendeu a palma da mão. "Devolva então. Eu deveria levar a um gemologista para avaliar a coisa de qualquer maneira."

O interior de Gabriel agitou. Ele não pôde se separar da pedra. Esta poderia ser sua grande oportunidade com Marco.

Ele apertou a mão em volta da pedra. "Merda. É único. Vou duzentos, mas esse é o meu limite."





Todd passou a palma da mão pelo rosto. Seu olhar passou da gema para Gabriel e voltou. “Bem. É seu por duzentos, mas,” ele levantou o dedo “quero dinheiro.”

Uma corrente de excitação percorreu Gabriel. Ele queria pular de alegria como quando criança, muito antes de sua mãe ter tomado uma overdose e seu pai acabar preso por assassinato, deixando-o com sua avó irritante e estrita. Não é à toa que ele se tornou um garoto de rua.

Tirou um punhado de notas do bolso da frente e entregou dinheiro suficiente para cobrir o preço acordado.

Com um sorriso presunçoso, ele embolsou seu tesouro. “É bom fazer negócios com você. Tenho certeza de que teremos um ótimo relacionamento de trabalho.”

Ele se dirigiu para a saída, um salto imperceptível em seus passos. Seu dia melhorara notavelmente. Agora, espere o pôr-do-sol e encontre-se com Marco.



CAPÍTULO 14

Beaumont removido a toalha de sua cabeça, o que ele tinha roubado da casa de Wynne, e atirou-o atrás de uma das árvores de gafanhotos mel no Instituto de Arte de Chicago, Jardim Sul. Forçado a sair antes do pôr-do-sol, ele ficou nas sombras o máximo possível, mas sob o manguito da camiseta, o sol minguante queimara a pele exposta na parte de trás de seus braços, tornando-a vermelha de raiva. O calor irradiava das células danificadas, mas ele ignorou a dor.

O golpe na casa de Wynne foi um desastre. As coisas foram de mal a pior, mais rápido do que ele jamais imaginara. Não disposto a enfrentar seu papel na bagunça, ele voltou sua atenção para a tarefa em questão. Encontre aquele batedor de carteiras humano mal-humorado e recupere sua pedra de centelha. Desta vez, ele teria sucesso.

Ele apertou o punho. Gavinhas escuras e cheias de aranha subiam por seus dedos e por suas juntas.

O Critch. Não. Fazia apenas um dia. Bem, talvez dois. Ele deveria ter pelo menos mais alguns antes que a morte o reivindicasse. Com esforço, ele tentou abrir o punho, mas seus dedos não se moveram. Sua respiração acelerou, acelerando os batimentos cardíacos. Os tentáculos parecidos com videiras enrolavam em seu pulso, as pontas se esforçando para reivindicar seu antebraço.



“Acalme-se.” Fechando os olhos, ele forçou uma respiração lenta dos lábios.

Inalar. Expire. Inalar. Expire. O mantra ajudou a relaxar os ombros tensos. Sua respiração diminuiu com o batimento cardíaco. Ele abriu os olhos.

A pele de marfim habitual havia retornado à sua pele. Nenhum sinal do Critch permaneceu, e a queimadura nas costas de seus braços se transformou em um bronzeado. Ele flexionou os dedos. O alívio tomou conta dele, e ele soltou um longo suspiro. Ele não podia deixar que suas emoções o dominassem. Como ele viu, isso apenas aceleraria sua morte.

Reorientando sua atenção, ele respirou fundo, procurando o cheiro do batedor de carteiras. Agora que ela o beijara, compartilhando sua saliva no processo, ele tinha sua deliciosa fragrância de limão, uma mistura picante de amargo e doce, incorporada em seu cérebro. Fraco, mas ainda lá, o aroma especial fez cócegas em seus sentidos.

O crepúsculo projetava sombras entre as árvores, a escuridão crescendo a cada segundo.

Os músculos de sua mandíbula se contraíram. “Hora de ir.”

Dando passos rápidos, ele seguiu a trilha dela até os degraus do museu. Vários casais circulavam pela entrada do prédio, alguns sentados nas escadas, outros conversando em pequenos grupos. Ninguém parecia notar a criatura do Outro Mundo no meio deles.

O que eles não sabiam, não podiam machucá-los, certo? Errado, mas é melhor deixar algumas coisas em paz.





Embora ele pudesse passar como humano, ele não era um deles, não mais. Para ele voltar à forma humana, ele teria que ser testado novamente. Isso exigiria que ele se preocupasse com outro, amar alguém.

Ele evitou o amor por mais de oitocentos anos e o faria por outros oitocentos. Não havia como ele derrubar outro com ele, não como da última vez. Com determinação renovada, ele desceu as escadas correndo, com os pés arrancados batendo nos degraus.

O cheiro de limão do ladrão o levou adiante, ao longo da rua e passando por vários edifícios de escritórios, correios, bancos e alguns restaurantes espalhados antes de direcioná-lo para um pequeno beco. O medo tingiu sua essência, acrescentando uma mordida amarga junto com o aroma distinto da morte.

Seu pequeno batedor de carteira morreu? Uma mistura confusa de inquietação, medo e tristeza rodou na mente de Beaumont. Ele balançou a cabeça para limpar as emoções indesejadas e deslizou a adaga da bainha.

A escuridão desceu no beco. Ele torceu os ouvidos, ouvindo. Um rato correu atrás de uma lata de lixo. Um gato seguiu. O som de uma buzina de uma rua distante ecoou no ar sombrio.

Muito cedo para que os fae escapem de seus buracos, mas o mal também se escondia nos humanos. Beaumont se adiantou. No chão, o sangue se acumulava na rua do lado de fora de uma pequena entrada. Ajoelhou-se, passou o dedo pela substância pegajosa e semi seca e levou a ponta do dedo ao nariz.





Seu cérebro girou. Os pelos finos de seu braço se ergueram. O sangue cheirava a um homem humano, morto nas mãos de um fae.

Ele soltou o fôlego, a tensão diminuindo de seus ombros. E o carteirista corajoso? Sua atenção chamou a alcova. Ele limpou o dedo na calça jeans, levantou-se e foi até a pequena entrada. No espaço confinado, o cheiro dela assaltou suas narinas, o medo dela penetrando em seus pulmões.

A imagem do furioso batedor de carteiras encolhendo-se em seu esconderijo enquanto um fae despachava um humano enviou seu pulso para a órbita. Sua pele ondulou com seu desejo de mergulhar a adaga na criatura do Outro Mundo que a assustou. Sua mão enrijeceu e ele flexionou os dedos, forçando-se a se acalmar.

A jovem não deveria ter sofrido uma coisa dessas. Onde ela estava agora?

Agrupadas em uma pilha no chão, algumas fibras de cabelo rosa contrastavam com a superfície escura. Se ele não tivesse tido uma visão noturna extraordinária, teria sentido falta deles. Ele raspou os fios finos e macios. Esfregando-os entre os dedos, ele gostou de como eles atormentavam suas almofadas sensíveis. Quando ele os levou ao nariz, a quente fragrância de limão dela penetrou em sua alma.

“Eu vou te encontrar, pequeno batedor de carteiras. Esta noite. Desta vez, você não vai fugir.”

Ele saiu da porta e espiou pela rua. A escuridão da noite iminente encheu o céu. Um poste na esquina iluminou a calçada





abaixo. O dreno em suas reservas diminuiu. Ele expulsou um suspiro baixo.

Beaumont continuou seu caminho, seguindo o cheiro dela. De rua em rua, ele manteve o ritmo, passando por um humano ocasional. Do lado de fora de uma pequena padaria, o nome Ruby's Sweet Treats, pintado à mão na janela escura, chamou sua atenção, o sinal "Stop by Again" pressionado contra o vidro. A fragrância de limão da mulher ficou mais forte em direção à porta fechada.

Confusão uniu sua testa. Antes que ele pudesse pensar nisso, a porta se abriu e saiu de seu alvo. *Picar!* Talvez sua sorte tenha mudado.

Os olhos dela se arregalaram. "Você!"

Ela se retirou para a loja fechada e sombria e bateu a porta, mas não antes que ele enfiasse a bota na fenda.

Ela levantou o corpo contra a moldura de madeira, seu esforço evidente em seus grunhidos e gemidos.

Ele abriu a porta e entrou.

Ela pulou entre as poucas mesas, cadeiras viradas de cabeça para baixo em cima, seus tênis chiando no chão de linóleo. Ninguém mais estava na loja fechada e vazia.

Como um predador caçando sua presa, ele saltou atrás dela. Ele a pegou pelo braço perto de uma vitrine de vidro cheia de uma variedade de bolos, doces e biscoitos.

Ela gritou, puxando contra o braço dele. Ele a puxou para ele e a envolveu em seus braços. Ela continuou a lutar, cada curva de seu corpo se ajustando contra ele da maneira certa.





“O que você está fazendo aqui?” ele rosnou.

Ela parou de lutar e levantou o queixo. “Essa não é a minha fala?”

Ele piscou. “Talvez, mas perguntei primeiro.”

“Este é o lar de minha amiga. Eu parei para pegar um bolinho de framboesa.” Ela levantou a bolsa na mão. “Você deveria tentar uma. Eles são incríveis. Garantido que derreta na sua língua.

Visões de sua língua se enredando com a dele rasgaram sua mente. Ele se concentrou nos lábios dela e, como se ela tivesse lido seus pensamentos, a ponta da língua rosa deslizou sobre o lábio inferior, umedecendo-o.

O sangue viajou para o sul e ele gemeu. “Você é mau, pequeno batedor de carteiras, em mais de um sentido.”

Uma cintilação brilhou através de seus lindos olhos verdes. “É sua vez.”

“Minha vez?” Ele piscou. Como sua mente se tornou tão fácil?

“Sim, embora eu saiba por que você está aqui.” Ela se mexeu contra ele, tentando quebrar o aperto dele.

Seus seios firmes esfregaram contra seu peito. Mesmo através das camisas, o atrito provocava sua pele, iluminando seus sentidos. Deuses, ela o tentou.

Ele a puxou para mais perto, seus lábios a meros centímetros dos dela. “Diga-me, ladrão, o que você fez com a minha pedra?”

Os olhos dela se moveram para frente e para trás enquanto o estudava. “Eu... Eu...”





“Venha agora, gato pegou sua língua? Talvez eu possa me livrar dele por você.” Ele deu um beijo gentil no canto da boca dela, aproveitando o suspiro suave que escapou de seus lábios.

“Você não está tentando me seduzir novamente, está?”

Se ela queria jogar, não fazia ideia de quem apostaria. Beaumont nunca perdeu.

Ele sorriu e seguiu beijos delicados ao longo de sua mandíbula até chegar ao ponto sensível perto de sua orelha. “De fato, eu estou. Está funcionando?”

Ela respirou fundo, seu peito se expandindo e pressionando-a ainda mais em seu abraço. “N... Não. De modo nenhum.”

Ele sorriu e, enquanto respirava, o cheiro de limão dela o dominava, deslizando em seus poros, tornando-se parte dele. Deuses, essa mulher poderia ser sua ruína se ele não fosse cuidadoso.

“Agora, diga-me, pequeno bandido, onde está minha pedra de faísca?”

"Eu ... eu não tenho."

Lábios pressionados contra a parte de trás da orelha dela, ele ficou tenso. “O que você disse?”

Com uma rapidez dada a ele por sua deusa, ele a agarrou pelos ombros e se afastou para olhá-la. A bolsa caiu no chão e caiu com um baque.

Ela levantou o queixo, toda atitude e desafio brilhando em seu olhar. “Eu disse que não tenho sua pedra preciosa.”

Irritação brilhou em sua têmpora. “Como você pode não ter isso? Você roubou de mim. Você admitiu isso.”





Ela mordeu o lábio inferior exuberante. “Eu nunca admiti roubar sua pedra.”

Deuses, ela era adorável. Mesmo que ela o deixasse louco, ele não pôde deixar de admirar sua coragem e bom senso. *Merde*... Ele estava com problemas até os joelhos.

Uma tristeza, a que ele notou na primeira vez que a viu, brilhou em seus olhos.

“Certo, tudo bem. Peguei sua pedra de faísca, mas não a tenho mais.”

Ele a soltou. Ela se afastou e ficou atrás da caixa de vidro, como se estivesse ansiosa para colocar distância entre eles. Ele não a culpou. Ela era humana, e ele era uma gárgula.

“Então, onde está minha pedra?”

Ela se encolheu, mas se recuperou o suficiente para encará-lo. “É em uma loja de penhores.”

“Você penhorou minha pedra de faísca?” Seu estômago revirou.

Ela mordeu o lábio, roendo a carne macia. Seu olhar fixou-se ali, e ele queria atraí-la para ele, beijá-la até que ambos ofegassem. Não, até que ela gritou o nome dele.

“Ouviste-me?” Suas palavras sussurradas chamaram sua atenção para seus olhos.

“O que?” Ele piscou.

A testa dela franziu. "Você está bem?"

Beaumont passou a mão pelos cabelos. Não, ele não estava bem, longe disso.





Ele rangeu os dentes. “Você vai me levar para a loja de penhores.”

As sobrancelhas dela se ergueram sobre aqueles atraentes olhos verdes. “O que? Você está fora de sua mente sempre amorosa, se pensa que estou te levando a qualquer lugar. Você está invadindo...”

“Suficiente.” Ele fechou a distância em um instante e agarrou o braço dela. “Leve-me lá.”

O medo passou por suas feições.

O peito dele se apertou. Ele a soltou, rápido, como se a pele dela tivesse queimado seus dedos. Depois de se afastar, ele deu as costas para ela.

“Eu preciso da minha pedra de faísca. Se eu não voltar...” Ele fez uma careta, fechou os olhos e os abriu.

Ela caminhou por trás do estojo e deu um passo hesitante em sua direção. “Por que essa rocha é tão importante para você?”

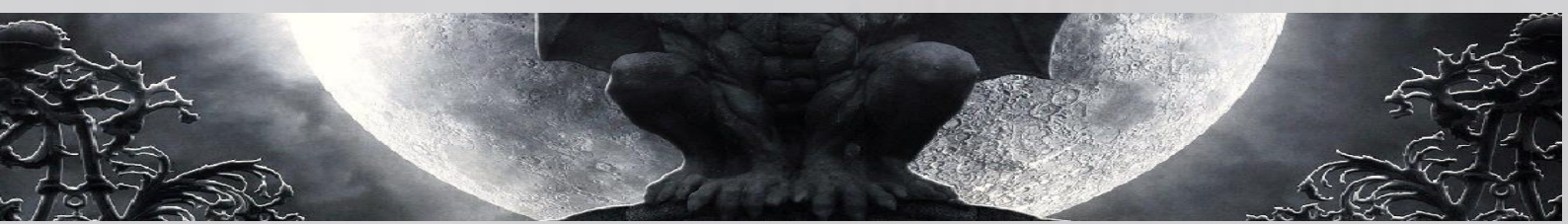
Ele apontou o local vazio sobre o peito. Quanto ele poderia compartilhar com ela? Ele nem sabia o nome dela. Sua garganta se apertou.

Depois de uma volta lenta, ele a encarou. “Qual o seu nome?”

Seus ombros caíram levemente, mas ela sustentou o olhar dele. “Sadie McAllister.”

“Sadie.” As sílabas soavam estranhas em sua língua e muito, muito solitárias.

Ele não gostou que o nome dela contivesse a palavra “triste.” Assim como a infelicidade que ele viu em seu olhar a primeira vez que eles se conheceram. Ele não conseguiu chamá-la





pelo nome dela. "Eu o conheci como m*eu*... pequeno batedor de carteiras, ladrão, bandido... combina melhor com você, na minha opinião."

Ela cruzou os braços, mas uma pequena peculiaridade puxou seu lábio em um sorriso. "Qual é o seu?"

"Beaumont. Beaumont Laroche."

A atenção dela permaneceu nos traços dele antes de deslizar pelo corpo dele e voltar ao rosto.

Ela apertou os lábios. "Então, Beaumont Larouche, você vai responder à minha pergunta?"

"Qual foi?"

"Por que a pedra é tão importante para você." Ela levantou a mão, encontrou o olhar dele, depois deslizou os dedos sobre a borda da marca dele, a parte saliente por baixo da gola da camisa dele. O toque dela iluminou sua pele, ondas de excitação disparando ao longo dos nervos sensíveis. Ele agarrou a mão dela, parando sua exploração.

"A pedra faz parte de você, não é?" Suas palavras sussurradas caíram sobre ele, acalmando-o e excitando-o ao mesmo tempo.

"Sim. Uma parte muito importante." Ele acariciou o polegar ao longo da palma da mão dela. Textura suave como seda, sua pele quente o atraiu além da medida.

"Conte-me."

Frustrado com sua reação e suas circunstâncias, ele a soltou e se virou para encarar a janela. Com alguns passos apressados, ele se encostou na moldura e olhou para a noite.





Antes que ele pudesse mudar de ideia, ele deixou escapar: “Minha pedra de centelha contém um pedaço da minha alma. Se não encontrar minha pedra, perecerei dentro de alguns dias.”

Ela se encolheu e sua sobrancelha se uniu. “Eu sinto muito. Eu não sabia Como você vai, hum, morrer?”

Ele deslizou os dedos pelos cabelos. “Se eu não estiver reunido com minha pedra de faísca, perderei energia até que minha alma deixe de existir. Então, como mil moléculas minúsculas, meu espírito desaparecerá no éter.”

O batedor de carteiras inalou audivelmente. “Existe algo que possa ajudar?”

“Posso rejuvenescer parte da minha energia através da água, da proximidade de animais domésticos e do sexo, mas isso só pode durar um tanto tempo.”

Ela piscou e suas bochechas ficaram um tom vibrante e agradável de rosa. "Eu... Eu... você sabe, Todd ainda pode ter sua pedra.”

Seu coração pulou uma batida. “Acho que ele é o dono desta loja de penhores que você mencionou. Então, você vai me levar até lá?”

Ela o estudou, indecisão franzindo a testa. Como se tivesse decidido, seus lábios se contraíram.

Ela cruzou os braços sobre o peito. “Eu vou te levar lá, mas depois disso, terminamos.”

Ah não. Não não não.





Longe de terminar, ele ainda tinha que enfrentar seu desafio, seduzi-la até que ela estivesse deitada diante dele, exausta, fraca e satisfeita.

Ele sorriu. “Lidere o caminho.”



CAPÍTULO 15

O peito de Sadie estava apertado. Felizmente, Todd não havia saído para o dia e ainda tinha a pedra de faísca de Beaumont. Embora ele nunca publicasse o horário da loja, ele geralmente não ficava depois do anoitecer. Vai saber. Não nessas ruas. Muitos crimes malditos aconteceram aqui.

Ela olhou ao virar da esquina e olhou para a entrada da loja de Todd. A luz iluminava as janelas da frente da barra. A tensão que ela não tinha percebido que tinha segurado diminuiu de seus músculos.

“Esse é o lugar?” Beaumont fechou a distância atrás dela, colocou a mão na cintura e espiou por cima do ombro.

O gesto sensual e possessivo a irritou, mas não o suficiente para se afastar. Em vez disso, uma pequena parte traidora dela no fundo gostava da maneira como ele assumia o controle.

Beaumont Laroche... Ao longo da curta caminhada da padaria, ela disse mentalmente o nome dele pelo menos cem vezes, a língua dela se movendo silenciosamente na boca. Ela gostou do jeito que soou. Como sorvete, as sílabas derretiam em sua língua, afundando em seu cérebro.

Ele jogou no ar um pequeno pedaço de concreto que pegou no caminho e o pegou, uma, duas, três vezes. O olhar dele passou da loja para o rosto dela. Ele a estudou, o marrom de seus olhos como piscinas profundas de café rico.

“Você disse 'Todd’, certo?” Ele levantou uma sobrancelha.



Ele sabia o quão sexy isso parecia?

Reunindo a compostura, ela assentiu. “Sim. Esse é o lugar.”

Ele andou em volta dela e caminhou em direção à entrada, seus longos passos colocando distância entre eles em um ritmo rápido. Ela correu para alcançá-lo.

“Esperar.” Ela agarrou o braço dele, parando-o. “O que você está fazendo?”

Seu olhar determinado encontrou o dela, a pequena cicatriz na borda apertando. “Eu vou atrás da minha pedra de faísca.”

“Você não pode simplesmente entrar lá e exigir isso, você sabe.”

“Me veja.” Ele se afastou e continuou seu caminho.

Ela passou por ele e ficou no caminho dele. Colocando as mãos nos quadris, ela o encarou. “Deixe-me lidar com ele.”

Um leve toque de diversão curvou seus lábios. “Você é corajosa. Isso é certeza.”

Com as palavras dele, seu coração de dupla travessia inchou. Ela agarrou a sensação quente e empurrou-a para fora do caminho.

Franzindo os lábios, ela olhou para ele. “Ele me conhece. Vou obter resultados muito melhores do que você todo homem das cavernas nele.”

Ele a estudou por um longo momento, o tique na mandíbula pulsando.

Com um movimento do pulso, ele jogou o pedaço de concreto, pegou-o mais uma vez e fez sinal para ela prosseguir. “Bem, pequeno ladrão, fique à vontade. Apenas um aviso, porém, vou





entrar para recuperar o que é meu de qualquer maneira necessária."

Ela levantou o queixo e tentou olhar para ele, mas como ele era pelo menos um pé mais alto que ela, isso era impossível. Em vez disso, ela suspirou. "Bem. Me siga."

Depois de chegar à entrada da loja, abriu a porta e o toque familiar da campainha ecoou na sala.

"Sadie, garota, é bom ver... Ei, quem chegou aí com você?" Todd saiu de trás do balcão. Ele endireitou as costas e esfregou o punho na palma da outra mão.

Sadie sentiu a tensão de Beaumont, mesmo que ele estivesse atrás dela. Seu grande corpo ficou rígido.

Sadie colocou a mão no antebraço de Beaumont. "Todd, esse é Beaumont. Estamos aqui sobre a pedra preciosa que eu vendi para você."

Todd estreitou o olhar. "Você prometeu que o rock não estava quente."

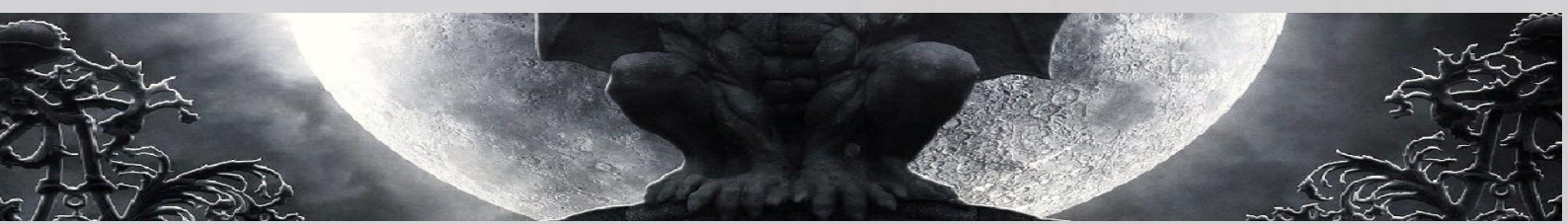
"Não é." A mentira estava fora de sua boca antes que ela pudesse parar.

Beaumont deu a volta nela. Ele jogou o pedaço de concreto, pegou e apertou. Quando ele abriu a palma da mão, o pó escorreu de seus dedos.

Ele quadrou os ombros. "O 'rock", como você chama, pertence a mim. Eu quero de volta."

Todd engoliu em seco, seu pomo de adão balançando.

Sadie piscou. Ela nunca viu Todd recuar tão rápido.





Beaumont caminhou na direção do homem antes que Sadie pudesse detê-lo. “Cadê?"

Todd correu para trás do balcão, sem grandes feitos para um homem do seu tamanho. Uma gota de suor se formou em sua testa. "Eu vendi."

“Você o que?” A voz de Beaumont ecoou no grande espaço.

Oh não, ele vai matar Todd.

A culpa deu um tapa nela quando Sadie agarrou seu braço. “Acalme-se.”

Pequenas linhas negras, como uma hera escura, viajavam pelo seu antebraço.

Uma mecha de medo se enrolou em seus pulmões, apertando-os com força. “O que há de errado com seu braço?”

“*Picar*!” Beaumont saltou de suas mãos e deu as costas para ela. "Não é nada.”

“Besteira.” Ela passou os dedos por cima do ombro dele e gentilmente puxou, encorajando-o a encará-la, mas ele recusou. “Você está bem?”

Ele inspirou e expirou algumas respirações medidas, depois olhou para ela e levantou uma sobrancelha. “Estou bem. Agora sobre a minha pedra...”

O intestino de Sadie se contorceu de culpa. “Está bem, está bem.”

Ela enfrentou Todd. “Você sabe quem comprou?”

Todd deu de ombros. “Um cara novo. Nunca o vi antes. Ele me pagou duzentos por isso.”

Ela ofegou. “Duzentos? Muito?”





“Duzentos? Isso é tudo?” Beaumont virou-se.

As linhas escuras não cobriam mais sua pele.

Todd piscou. Seus ombros relaxaram e ele riu. “Vocês dois são uma revolta.”

Beaumont deu um passo à frente e encarou Todd.

O sorriso no rosto de Todd vacilou.

Sadie colocou as mãos nos quadris. “Como ele era?”

Todd esfregou o queixo e olhou entre ela e Beaumont, inquieto alinhando sua testa. “Teve uma tatuagem. Três pequenas lágrimas na bochecha esquerda. Disse que o nome dele era Gabriel.”

A visão de Sadie foi manchada, manchas brancas se aproximando. Ela não conseguia respirar.

Beaumont passou o braço em volta da cintura dela, a sensação reconfortante e segura. Ele a puxou para uma posição sentada, o fundo dela pousando com uma pancada na cadeira. De onde veio o assento, ela não tinha certeza, sua mente fora de foco, cambaleando. A boca dele se moveu, mas ela não podia ouvir as palavras dele através do bater em seus ouvidos.

Ele colocou a mão quente na parte de trás do pescoço dela e, com uma pressão suave, enfiou a cabeça entre os joelhos. “Respire.”

Longe e distante, seu murmúrio suave e encorajador penetrou através da névoa mental. Ela inspirou e expirou. A cada respiração, seus batimentos cardíacos diminuíam. Depois de alguns momentos, ela levantou a cabeça.





A atenção fascinada de Beaumont sustentou seu olhar, preocupação gravada nas linhas ao redor dos olhos dele. “Você está bem?”

Ela assentiu. “Sim, só preciso de um momento.”

Todd entregou-lhe um copo de papel cheio de água. “Beba isso.”

Sua garganta seca, seca como um osso, doía. Ela pegou o copo e engoliu o líquido frio. Depois que ela terminou, ela deu um sorriso rápido. “Obrigado.”

Quando ela colocou a xícara no balcão, seus dedos tremiam. *Gabriel*... Com sua tatuagem distinta, não havia dúvida de que era ele, seu antigo mentor e ex amante. Se ele a encontrasse, ele a mataria. Sem perguntas. Ela viu o que ele fez com Samuel, um dos outros garotos de rua, apenas por olhá-lo de lado. Ao deixar Gabriel, ela fez muito mais do que ofendê-lo.

O medo deslizou sob sua pele. Ela estremeceu.

Beaumont passou a palma da mão por cima do ombro e esfregou a nuca.

“Você conhece esse cara?” Seu tom baixo e exigente ondulou no espaço entre eles.

“Sim, ele é um velho conhecido.”

Beaumont não conseguia descobrir sobre o tipo de coisa que tinha feito com Gabriel. As surras que ela tirara dele ou o sexo ferrado. Aquela luz nos olhos de Beaumont, o calor e o respeito com que ele a olhava, morreriam.

Beaumont se ajoelhou ao lado dela, e seu olhar atento percorreu suas feições. “Você sabe onde ele está?”





Ela balançou a cabeça. “Eu não faço ideia.”

“Está tudo bem. Nós o encontraremos.” Seu foco chamou a Todd. “Ele deixou alguma coisa?”

“Não, nada.”

“Um papel, tecido e até um pedaço de lixo servem.”

Todd cruzou os braços sobre o peito amplo, ceticismo em seu olhar apertado. “Como isso ajudaria?”

Sem pular uma batida, o sorriso de Beaumont, um sorriso caloroso, confia em mim, iluminou suas feições. “Vou analisá-lo. Você sabe, coisas secretas.”

Todd levantou um dedo. “Na verdade, ele deixou alguma coisa. Só um segundo. Deixe-me entender.”

Quando Todd foi para trás do balcão, mais uma vez, o foco examinador de Beaumont voltou para ela. “Você vai me contar mais sobre esse Gabriel mais tarde.”

Ela estremeceu. Para ela, não haveria um "mais tarde". Ao pensar nisso, uma estranha tristeza apareceu, fria e úmida.

Supere isso, Sadie. Tudo o que importa é sua pedra de faísca, e você não pode culpá-lo. Você é a razão pela qual ele está nesse ponto ruim, para começar. Por mais bonito que ele fosse e por mais que ela desejasse seu toque, não poderia haver futuro para eles.

Puxando a raiva que costumava se defender, ela se levantou e o encarou. “O que faz você pensar...”

“Ah, aqui está.” Todd voltou, carregando uma lata de lixo em uma mão. Ele alcançou dentro e retirou uma pequena embalagem de doces. “Aquele idiota comeu um pedaço de doce e jogou a embalagem no chão. Como se eu tivesse tempo de limpar depois de





um homem adulto que carregava doces nas calças. Assustador como o inferno, se você me perguntar."

Beaumont agarrou o celofane entre o polegar e o indicador e segurou a embalagem vazia contra a luz.

Um sorriso passou por seus lábios, acentuando as adoráveis covinhas em suas bochechas. "Isto é perfeito."

A testa de Todd franziu. "Você pode encontrá-lo em uma embalagem de doces?"

Beaumont bateu a mão no ombro de Todd e se inclinou para frente. "A tecnologia de impressão digital pode fazer maravilhas hoje em dia."

As feições de Todd suavizaram, e uma risada curta saiu dele. Ele devolveu o tapinha nas costas. "Cara, eu vou ligar para você na próxima vez que alguém decidir dar um desconto de cinco dedos, o que só acontece, tipo, oito vezes por dia..."

"Temos o que precisamos." Beaumont agarrou o cotovelo de Sadie. "Vamos."

"Ir? De jeito nenhum." Ela soltou o braço dela. "Sinto muito, mas não posso ir com você. Eu disse que o levaria à loja de penhores e não mais. Eu quis dizer isso."

Suas feições escureceram, mas por baixo de toda essa bravura, seus olhos traíram seu desconforto.

O coração dela gaguejou. A empatia por sua situação a inundou como um dilúvio. Ela era a razão de ele estar nessa bagunça em primeiro lugar.

Se não encontrar minha pedra, perecerei. As palavras de Beaumont ecoaram em seus ouvidos.



Ela tocou a crosta no pulso, sua mente correndo com possibilidades. Se Gabriel a alcançasse, ele a venceria até que ela não respirasse mais e a visão não fosse um cadáver bonito.

Um calafrio percorreu sua espinha, mas ela devia a Beaumont e sempre pagava suas dívidas. Além disso, ela não poderia viver com o conhecimento que causara a morte de outra pessoa se não o ajudasse.

"Eu não consigo encontrar Gabriel sem você." O tom baixo de Beaumont rachou de emoção.

O peito de Sadie se apertou. Este guerreiro forte e corajoso precisava dela. Ninguém, além de Hannah, já precisara dela antes.

Ela apertou os lábios e encontrou o olhar dele. "Eu vou fazer isso. Eu irei com você."

O desconforto escapou do rosto de Beaumont, e ele sorriu, aquele sorriso maldito e bonito, aquele que podia derreter a calcinha. O coração de Sadie deu um pulo e ela silenciosamente amaldiçoou o órgão inconstante.

Todd pigarreou. "É como assistir uma comédia romântica, um musical ou alguma porcaria assim. Tudo o que falta é uma boa música e um pouco de pipoca."

Beaumont piscou, e uma faísca passou por seus olhos. "Eu não posso ajudá-lo com o milho, mas e quanto a isso? Você e eu, garota, estamos envolvidos nesse esforço inteligente."

O barítono profundo sacudiu ao redor da sala, fora de ritmo e desafinado. Sua mudança repentina de comportamento assustou Sadie, e uma risada explodiu antes que ela pudesse impedir.



“Você acabou de fazer isso?” Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça com uma ligeira elevação na testa.

Talvez a música de Beaumont estivesse carregada de sarcasmo, mas ainda havia um senso de humor subjacente. Isso era algo que ela nunca esperava, e pela maneira como seu peito inchou, significou mais para ela do que ela percebeu.

"Estamos atolados nessa inteligente..."

Incapaz de ter outro momento de sua voz rouca e discordante, ela levantou as mãos. “Tudo bem, tudo bem. Por favor pare. Qualquer coisa, menos mais cantoria.”

O sorriso dele aumentou. Um flash de triunfo passou por seus olhos. Ele apontou a cabeça para Todd, agarrou a mão dela e caminhou pelas escadas.

Estômago agitado, ela se apressou para acompanhar seus passos largos.

Tarde demais para voltar agora.



CAPÍTULO 16

Gabriel esperou no estacionamento da lanchonete local. Sentado em cima de uma mesa de piquenique sob os Arcos Dourados, ele bateu o pé no banco de madeira. Embora ainda fosse cedo, alguns clientes estavam na fila e pediam a dose diária de gordura.

Ele nunca gostou muito da comida, mas, como ficava perto da delegacia local, ele usara esse local várias vezes no passado. Onde é melhor conduzir negócios do que bem debaixo do nariz da polícia?

Incapaz de se conter, enfiou a mão no bolso do casaco e acariciou a pedra. Suave ao toque, seu polegar formigou quando ele esfregou a superfície. Antes de sair de seu apartamento, ele esperou até que a escuridão se instalasse para a noite. Nunca era bom parecer muito ansioso, mas agora que ele estava aqui, ele não aguentava mais o suspense.

Depois de soltar a pedra, enfiou a mão no bolso e agarrou o medalhão que Marco havia lhe dado. “Marco, eu tenho algo para você.”

Um arrepio excitado escorreu por suas costas.

Ele viu um jovem casal pisar no balcão e fazer seu pedido. A garota tinha cabelos escuros na altura dos ombros, um nariz fofo e uma figura linda e curvilínea. Ela o lembrou de Sadie.

Uma pontada agridoce puxou seu peito. Apesar das muitas garotas que vieram depois dela, ele ainda não conseguia se livrar



do fantasma dela. Ela lutou durante as brigas. Isso só havia sugado sua necessidade por ela e a violência.

Depois que ela saiu, ele tentou encontrá-la algumas vezes. Era como se ela tivesse desaparecido da cidade. Ela poderia estar em qualquer lugar, mas ele duvidava que ela ficasse em Chicago. Infelizmente, ela parecia assombrá-lo nos momentos mais improváveis. Como agora, enquanto esperava seu novo chefe, esperançosamente.

Ele bateu o calcanhar contra a madeira. E se ele não aparecesse?

Gabriel não havia contemplado essa opção, mas quanto mais ele esperava, mais se perguntava se toda a experiência havia sido algum tipo de jogo bizarro.

Um coelho empoeirado ganhou vida sobre uma pilha de lixo. Um saco de papel preso no redemoinho, os arcos duplos estampados no papel girando em frenesi. A tempestade de poeira cresceu e parou tão rapidamente quanto começou.

Marco estava em seu lugar, com a camisa imaculada e as calças imperturbáveis sob o casaco aberto, a bengala repousando sobre o antebraço.

Um sorriso arrepiante se espalhou por suas feições. “Gabriel Rhodes. Eu recebi sua mensagem. O que você tem para mim?"

Enquanto mantinha contato visual, Gabriel deslizou da mesa. “Diga-me uma coisa primeiro. Você mencionou que eu teria a oportunidade de ser um líder em seu exército humano. Isso vem com um salário saudável?”





O sorriso de Marco desapareceu. Um flash amarelo passou por seus olhos. Antes que Gabriel pudesse dizer outra palavra, Marco apertou os dedos em volta da garganta de Gabriel.

Os fae zombaram dele. “Vamos esclarecer algo desde o início. Você responde minhas perguntas, e não o contrário.”

Incapaz de respirar, Gabriel se esforçou contra o forte aperto, arranhando a mão dos fae. Seus pulmões doíam. Pontos brancos invadiram sua visão, sinalizando inconsciência iminente.

Marco o soltou.

Ao inspirar, um alívio abençoado encheu seus pulmões. Tossiu e tropeçou na mesa de piquenique.

Marco passou os dedos sobre a lapela e limpou a garganta. “Mas porque eu sou um cara tão legal, eu me dignarei a responder sua pergunta. Os líderes do meu exército serão bem recompensados.”

Gabriel esfregou o pescoço e engoliu em seco. Ele não estava em pé de igualdade com esse cara. Marco era um fae assustador e péssimo e muito mais forte que Gabriel. Se ele corresse agora, talvez ele pudesse escapar. No entanto, a promessa de dinheiro e, mais ainda, poder, manteve-o no lugar.

Ele encontrou o olhar dos fae e forçou um sorriso. “Então, eu tenho algo que você vai gostar.”

Pelo menos ele esperava que a pedra no bolso pertencesse a uma gárgula. Um peso se instalou em seu estômago. E se o palpite dele estivesse errado? Tarde demais para voltar agora. A aposta o faria ou quebraria.





Ele retirou a pedra do bolso e estendeu o punho. Com um pouco mais de drama do que ele pretendia, ele abriu a palma da mão.

Os riscos prateados na pedra branca brilhavam à luz das janelas dos Arcos Dourados.

Ninguém falou.

Risos de dentro do prédio caíram na noite quando um cliente saiu da lanchonete.

“Onde você conseguiu isso?” Marco raspou.

“Em uma loja de penhores.”

“Deixe-me ver.” O fae curvou seus dedos.

A vitória inchou no peito de Gabriel. Ele colocou a pedra na palma da mão de Marco.

Marco inalou e levantou a gema, virando a pedra de um lado para o outro, estudando-a. Ele deslizou o dedo sobre a superfície da rocha. A cor branca da pedra mudou de vermelho para verde e azul antes de retornar ao seu brilho opaco.

Gabriel inalou. “É lindo.”

Marco colocou a mão em volta da pedra. Suas feições endureceram. “A beleza está nos olhos de quem vê, não é? Acho isso repugnante, mas essa rocha tem um grande valor.”

A esperança surgiu na garganta de Gabriel, cortando qualquer tipo de resposta.

A boca do fae se curvou. “Você fez bem, cadete. Esta pedra pertence a uma gárgula, que me atormentou por muitos anos - Beaumont Laroche.”





Gabriel franziu a testa. “Como você sabe que a pedra pertence a ele?”

“É uma pedra de faísca e contém um pedaço do seu espírito. Eu posso sentir sua essência dentro da pedra.” Marco levantou o punho, franzindo a testa, a mão tremendo. “Se eu estivesse tão inclinado, poderia esmagar sua alma na palma da minha mão e me livrar dele. Seu espírito desapareceria no éter.”

“Se ele incomodou você por anos, por que não?” Gabriel engoliu em seco, ciente de seu erro para questionar o fae.

Marco curvou os lábios naquele sorriso diabólico. “Quero torturá-lo e ver o branco em seus olhos antes de matá-lo.”

O pulso de Gabriel acelerou. Assim como quando ele atacou o vagabundo no beco, a emoção da brutalidade lhe deu uma elevação natural. Ele sorriu. “Você e eu temos algo em comum. Como um gato com um rato, nós dois gostamos de brincar antes do final.”

“Bem, então vamos prosseguir? Olhe nos meus olhos.” A voz dominante de Marco não deixou espaço para discussão.

A atenção de Gabriel se concentrou nas esferas marrons de Marco. Um brilho amarelo sinistro cercava cada um. Hipnotizante…

“Incline a cabeça para trás e abra a boca.” As palavras de Marco deslizaram para Gabriel com uma carícia suave.

A tensão apertou os músculos nos ombros de Gabriel. O que os fae fariam com ele? Gabriel lutou para se mover, mas seus músculos não estavam de acordo. Incapaz de se conter, ele inclinou a cabeça e separou os lábios.





Um sorriso apareceu no canto da boca de Marco. Ele agarrou os ombros de Gabriel, abriu a boca e estendeu a língua. Uma gota de saliva brilhava na ponta.

Os fae pretendiam beijá-lo? Uma lasca de medo deslizou pela espinha de Gabriel, mas então sua mente ficou embaçada e a preocupação desapareceu rapidamente, seguida por uma sensação de admiração e reverência. Uma parte dele não tinha certeza se essas emoções foram impostas a ele ou se eram dele. Outra parte não se importava.

Marco segurou a língua sobre a boca aberta de Gabriel. A gota de saliva escorregou do final e caiu na língua de Gabriel.

Um gosto amargo, como o cheiro de leite estragado, deslizou por sua garganta. Seu reflexo de vômito entrou em ação, mas o líquido chegou até o estômago. Visões brilhavam diante de seus olhos de um homem alto, com cabelos castanhos na altura dos ombros, olhos castanhos e uma pequena cicatriz na borda da pálpebra esquerda.

"Essa é Beaumont Laroche. Esteja atento a ele. Ele *vai* procurar sua pedra faísca." Marco colocou o artefato no bolso do casaco. "Enquanto ele estiver sem sua preciosa pedra preciosa, ele não poderá retornar ao seu poleiro de pedra. Ele é vulnerável. É aí que você entra."

Gabriel se inclinou para frente. "Eu? Como assim?"

"A gárgula de pedra de Laroche fica no topo de Stuart Hall, na Universidade de Chicago. Ao encarar o prédio, ele é a última gárgula à esquerda. Vá lá durante o dia e esmague-o."

Marco piscou. "Simples como torta."





Os fae queriam que ele destruísse uma figura de pedra empoleirada no topo de um prédio, talvez com vários andares de altura, durante o dia, em um campus, enquanto estudantes andavam por aí. Como ele deveria conseguir isso?

Gabriel abriu a boca para perguntar, mas o brilho nos olhos escuros de Marco o fez fechar o queixo. Se Gabriel quisesse se tornar um dos líderes desse exército chamado "humano", ele precisaria provar que poderia lidar com a tarefa. Simples, minha bunda, mas ele se recusou a mostrar fraqueza ante esse fae.

Ele esboçou um sorriso. “Considere isso feito.”

Marco enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno maço de dinheiro. Ele colocou as notas enroladas na palma de Gabriel. “Considere isso um adiantamento. Mais por vir quando você concluir sua tarefa. Não conte a nenhum outro humano o seu trato comigo.”

Marco sorriu, aquele sorriso maligno e malévolo curvando seus lábios. Ele se virou e levantou um dedo. "Uma última coisa. Para meu desgosto, as bruxas ajudam as gárgulas. Eles guardam as figuras de pedra à noite através de feitiços. Se eles fazem isso durante o dia tem sido debatido pelos fae há anos.”

Os músculos dos ombros de Gabriel ficaram tensos. “Bruxas são reais?”

“Eles vão te matar antes mesmo que você saiba que eles estão lá, então certifique-se de realizar sua tarefa rapidamente.” Um sorriso malicioso curvou o lábio de Marco. “Me deixe orgulhoso.”

Um turbilhão de poeira subiu do chão. Mais e mais rápido o redemoinho rodopiou. Quando alcançou um tom febril e cobriu





Marco da cabeça aos pés, os faes desapareceram. O vento sussurrante diminuiu até parar.

O silêncio encheu o ar.

Um calafrio que ele não havia notado antes deslizou pela nuca de Gabriel. Incerto da fonte, ele pensou no encontro com Marco. Uma vaga lembrança dos fae segurando os ombros de Gabriel e inclinando-se perto passou por sua mente, mas nada veio à tona.

Ele esfregou o pescoço, afugentando a sensação de desconforto. Mais do que tudo, ele queria agradar a Marco e receber sua recompensa. Na manhã seguinte, ele vigiaria a universidade, elaboraria um plano e destruía uma gárgula.

Fácil né?



CAPÍTULO 17

Com Beaumont liderando o caminho, Sadie saiu da casa de penhores e para a calçada. Ela lutou para acompanhar. A luz do poste lançou um brilho sinistro sobre a grande moldura de Beaumont. Ombros rígidos, os músculos das costas flexionavam a cada passo determinado. *Atolados juntos neste empreendimento inteligente. Sim, uau.*

Ela olhou para as feições dele. Beaumont poderia realmente rastrear Gabriel do papel de bala? Ela não acreditava em tudo "as coisas acontecem por uma razão", mas essa reviravolta parecia um pouco com um episódio antigo da *Twilight Zone que* seu pai costumava assistir.

Então, havia as linhas escuras que haviam se arrastado sobre o braço de Beaumont. O que eram? Havia algo de errado com ele? Ela tinha que saber.

Beaumont. Sadie puxou sua mão, mas seu aperto apenas aumentou.

Ela apoiou os pés na calçada, diminuindo a velocidade deles.

A testa de Beaumont franziu, mas ele continuou se movendo. “O que é isso? Algo está errado?”

Ela tocou as costas da mão dele. “Conte-me sobre essas linhas negras. O que é que foi isso?”

Uma sombra apareceu em seus traços. “Isso se chama 'Critch', um sinal precoce da minha energia decrescente.”

Arrepios se formaram ao longo de seus braços. “Vai piorar?”



"O Critch continuará a crescer até que eu encontre minha pedra de faísca ou..." Ele encolheu os ombros, seus ombros enormes reunidos sob a camisa e a cicatriz na borda do olho apertada.

Ela notou a cicatriz fazer isso uma vez antes, quando ele parecia desconfortável. O gosto amargo do remorso encheu sua boca. Ele não precisava terminar sua frase. Ele já havia dito a ela o que aconteceria se não recuperasse sua pedra de faísca.

Ela engoliu o caroço que se formou. "OK. Em segundo lugar, não compro o touro da tecnologia de impressão digital que você colocou em Todd. Diga-me como você pode localizar Gabriel em uma embalagem de doces. Você tem algum segredo?"

Um brilho verde brilhava em seus olhos. Mais rápido do que ela podia rastrear, ele parou e segurou o queixo dela na palma da mão.

Com facilidade deliberada, ele deslizou o polegar calejado sobre o lábio inferior. "Tenho muitos. Mais do que suficiente, e logo, meu pequeno batedor de carteiras, muito em breve, você implorará pelo meu beijo."

Um zíper de excitação deslizou por seus nervos. Ela preferia beijá-lo e não se importaria de fazê-lo novamente. Droga, ela estava se apaixonando por ele. Se ela não tivesse cuidado, ele a seduziria como prometido. Então, ela terminaria com o coração partido.

Ela se afastou e uma parte dela já sentia falta do toque dele. "Como você planeja encontrar Gabriel?"





O tique em sua mandíbula se transformou rapidamente em vida, mas ele não a chamou pela retirada dela ou pela mudança de assunto.

Em vez disso, seus traços se abrandaram. “Rhiannon dá a todos os seus guerreiros uma habilidade especial. A capacidade de rastrear é minha. Posso obter imagens e sensações de objetos que outras pessoas tocaram, mas a capacidade é mais forte se eu tiver o sangue ou a saliva de uma pessoa. De uma embalagem de doces, posso localizar a vizinhança geral de Gabriel, mas isso não significa que posso caminhar até a porta dele e tocar a campainha. Tudo o que sei é que ele está no sul de Chicago. Ele sorriu e piscou para ela. "É aí que você entra.”

Não, oh, inferno, não. No entanto, se ela não tivesse roubado a pedra dele... Seu peito se apertou. Foi culpa dela que ele estivesse nessa situação. Ela devia a ele. Mas para pagar sua dívida, ela teria que localizar Gabriel.

Uma risada inquieta borbulhou em sua garganta. De jeito nenhum ela mostraria sua ansiedade, no entanto.

Ela colocou as mãos no quadril. “O lado sul de Chicago é o seu antigo local, mas eu já lhe disse que não sei onde ele mora.”

Ele a estudou, seu olhar percorrendo suas feições antes que seus olhos se arregalassem. “Você está com medo. Por quê?”

Seu olhar de preocupação quase a quebrou.

Você não é digno. As palavras de sua mãe ecoaram em sua mente.

Ela passou os dedos sobre o curativo no pulso marcado e deu as costas para ele.





“Seja o que for, você pode me dizer.” Beaumont colocou as mãos nos ombros dela.

O calor de seus dedos penetrou através de sua jaqueta leve e em sua pele.

Um calafrio a percorreu, mas ela se inspirou na determinação e no nervo de aço que afiou desde que escapara das garras de Gabriel.

Ela se virou para Beaumont. “Vou levá-lo para um lugar que ele costumava sair. A partir daí, você está por sua conta.”

Ele a avaliou com seus lindos olhos castanhos, assentiu e estendeu a mão. “Lidere o caminho.”

Da rua seguinte, o barulho familiar do infame sistema de trens urbanos de Chicago, conhecido como "L", ecoaram na noite.

Ela colocou os dedos na mão de Beaumont. "Se nos apressarmos, podemos pegar o 'L' no antigo bairro de Gabriel."

Ele deslizou a palma da mão contra a dela, o simples movimento roubando a respiração de seus pulmões. E se, por algum milagre, ele veio cuidar dela?

Seu coração traidor inchou com um pouquinho de esperança. No entanto, por que ela achava que merecia algo melhor do que a vida miserável que vivia? Afinal, ela era uma ladra, nada mais.

Um nó se formou em seu intestino, amargo e frio. Antes que pudesse se repreender, Beaumont apertou a mão dela e correu pela rua, arrastando-a.

***





Beaumont saiu com Sadie do trem para um bairro que já vira dias melhores. Carros antigos ladeavam as ruas, alguns com pneus furados, outros sem pneus. Ele apostou dinheiro que metade dos veículos não funcionava.

Muitas das casas de fileira nesta parte da cidade pareciam tão ruins quanto os carros. O mais próximo tinha uma rachadura na janela da frente que corria de cima para baixo. Alguém colocou fita adesiva ao longo da fratura.

O estômago de Beaumont revirou. Ele odiava ver o sofrimento humano.

"Não há muito o que olhar, é?" Sadie ficou ao lado dele, mal alcançando seu ombro, uma firmeza determinada em sua mandíbula. Os fios escuros de seus cabelos brilhavam no brilho da luz da rua, as pontas rosadas escondidas sob as grossas madeixas.

Os dedos dele se contraíram. Ele queria tirar as mechas curtas do ombro dela e expor as pontas coloridas.

Em vez disso, ele deu de ombros. "Eu já vi coisas piores."

"Sim, eu aposto que você tem." Sua voz suave era apenas um sussurro.

A necessidade de tê-la em sua cama, sentir sua pele macia, respirar seu perfume inebriante, e fazê-la se contorcer embaixo dele ondulando sobre sua pele, a carne mudando de clara para escura para combinar com as sombras e depois voltar. Incapaz de resistir, ele agarrou o cotovelo dela.

Sua pele macia e sedosa fazia cócegas nas almofadas sensíveis em seus dedos, e ele lutou contra o desejo de puxá-la em seus braços e continuar seu plano de sedução. As partes do sul



queriam que ele fizesse exatamente isso, mas sua necessidade de encontrar Gabriel e recuperar sua pedra de faísca o rejeitou.

Ele franziu a testa. “Qual caminho?”

Ela olhou para a rua. “Gabriel costumava sair com sua gangue naquele pequeno parque.”

Quando ela se virou para ir embora, ele apertou mais o braço dela. “Você nunca disse como conheceu esse cara.”

Uma pontada quase imperceptível passou por suas feições antes que ela sorrisse. “Sim, eu não fiz.”

“Talvez você deva.”

Ela se afastou e o precedeu na rua. Abaixo da jaqueta leve, seus quadris balançavam a cada passo, tentando-o.

“Você vem?” ela chamou por cima do ombro, dando-lhe um sorriso convidativo.

Ele inalou. Ela percebeu que suas palavras eram uma provocação? Talvez não. Embora ela tivesse flertado com ele, provocando-o com seu próprio jogo, havia uma tristeza dentro dela que parou seu coração.

Fazia anos desde que ele sentiu algo daquele órgão, ela o assustou e o tentou de maneiras que ele não queria pensar. Ele correu pela rua e a alcançou na esquina.

Do outro lado, carvalhos ladeavam a borda do pequeno parque. Um escorregador com os dois degraus inferiores faltando, um balanço com um balanço solitário e um antigo trepa-trepa encheu o espaço aberto no meio. Um lugar perfeito para fae. Os cabelos de sua nuca se ergueram.



Quando Sadie entrou na rua, ele colocou a mão na parte inferior das costas dela. “Este é um lugar escuro. Eu não gosto disso.”

“Eu também nunca gostei.” A voz dela vacilou. “Eu acho que é por isso que Gabriel gostou tanto.”

“Porque você não gostou?”

“Porque está escuro.”

“Ah, entendo. Deixe-me ir primeiro. Beaumont.” colocou Sadie atrás dele.

Pelo menos assim, ele poderia protegê-la se fae espreitasse nas proximidades. O cheiro da grama, terra úmida e sujeira encheu seus sentidos, e a tensão em seus ombros não diminuiu.

Ele apertou a mão dela, entrelaçando seus dedos com os dela, depois a levou para frente. O toque de sua pele aqueceu a palma da mão e, quando ele apertou mais, ela voltou a apertá-lo.

Ele não sabia nada sobre ela, na verdade, exceto que ela o encantava com cada toque, cada provocação, cada olhar sexy. Seria melhor para ela se ele continuasse assim. Ela não precisava se envolver em uma bagunça como ele. Ela poderia se machucar ou pior.

“Não há ninguém aqui.” A decepção tingiu as palavras de Sadie.

Uma brisa pegou. Ainda quente pelo calor do verão, o vento soprava em seus cabelos. O cheiro de um homem humano, sujo, suado e rançoso, carregava a rajada.

Ele torceu o nariz. “Na verdade, existe. Nós não estamos sozinhos.”





Sadie ficou rígida e, com uma manga da jaqueta abaixada e a outra puxada até os cotovelos, seu braço nu roçou o dele. Como uma corrente elétrica, a consciência dela viajou pelos nervos dele.

Ele a puxou para mais perto, o lutador nele preparado para defendê-la à menor provocação. Entre duas árvores, uma figura se levantou, galhos e folhas farfalhando do movimento.

“Quem está aí?” um homem perguntou, suas palavras arrastadas.

Sadie inalou. “Lucas? Sou eu, Sadie.”

O homem saiu de trás de um carvalho. Ele balançou e colocou a palma da mão na casca para se firmar. Seus jeans incrustados de sujeira eram vários tamanhos grandes demais, e ele segurava um lado da cintura no punho para mantê-los em pé. Com uma camisa esfarrapada e vários dias de barba por fazer, ele não parecia ser uma grande ameaça.

A respiração de Beaumont se aliviou dele. “Você conhece esse cara?”

“Sim”, Sadie contornou Beaumont e se dirigiu ao homem. "Costumávamos trabalhar juntos."

“Um companheiro de carteirista, nada menos.” Beaumont seguiu logo atrás. Pelo menos ele não sentiu nenhum fae nas proximidades.

Luke entrou na clareira. Ele esfregou um olho e depois piscou. “Sadie? É realmente você?”

“Oi Luke.” Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou.





Manchas de ciúme brilharam na visão de Beaumont, e ele fechou a mão em punho. Os nós dos dedos endureceram, e as mechas escuras do Critch viajaram pelo antebraço até o cotovelo. Uma dor insuportável se seguiu, deixando uma abençoada dormência em seu rastro.

Um fio de inquietação deslizou por sua espinha. Ele colocou a mão boa sobre o antebraço infestado de Critch, escondendo a crescente doença de vista.

"Beaumont?" Sadie perguntou.

"Sim." Uma resposta de uma palavra foi a melhor que ele conseguiu.

Estrangeiro e distante, ele pensou que tinha deixado o ciúme aos pés de Marion quando o traiu. Experimentar essa emoção em particular agora, por esse pequeno batedor de carteira apenas alguns dias depois de conhecê-la, enviou um calafrio que arrepiou os cabelos de seu couro cabeludo.

"Luke, aqui, é meu amigo." O olhar dela disparou para o dito 'amigo' antes de retornar ao encontro dele.

"É tão bom te ver, garota Sadie. Eu e o resto da turma imaginamos o que aconteceu com você depois que você saiu do Gabriel. Rapaz, ele estava bravo, perdendo a namorada assim. Ele procurou por você por meses..."

"Falando em Gabriel." Sadie levantou a voz "você sabe onde ele está?"

Namorada? A mandíbula de Beaumont se apertou tão forte que um raio de dor correu por sua bochecha. Um novo rubor de





ciúme chicoteou através dele. O Critch continuou a meio caminho de seu bíceps. Um assobio baixo estourou entre seus dentes.

Ele não conseguia dobrar o cotovelo. Como se estivesse congelado, a junta permaneceu travada no lugar. Com a mão livre, ele esfregou o braço, passando os dedos da pele quente e macia para a pedra áspera e endurecida. Acalme-se. Respire. Ele inalou, prendeu a respiração por um breve momento, depois soltou o ar em uma expiração lenta.

Sua pele ondulou. Depois de um longo momento, a cor voltou à sua carne, os fios escuros do Critch desaparecendo tão rapidamente quanto apareceram. As pontas de seus dedos formigavam quando o sangue fluiu para suas extremidades.

Ele passou a mão no rosto para esconder seu alívio. A frequência do Critch parecia estar aumentando junto com seu escopo e duração. Quanto tempo ele poderia adiar a doença? *Não muito…*

Muito absorvidos em sua reunião, nem Sadie nem Luke haviam notado a mudança de Beaumont. *Graças aos deuses.*

Luck se sobressaltou, os lábios contraídos, deu um passo mais perto para estudar Beaumont. Ele apertou os dedos em torno do material amontoado na mão. “Por que você está procurando por Gabriel?”

Pelos olhares ásperos e agredidos de Luke, ele teve um momento difícil, e Beaumont segurou um ponto fraco em seu coração pelos oprimidos.





Beaumont sorriu para o cara. “Ele pegou emprestado algo meu. Eu preciso disso de volta. Você sabe onde eu posso encontrá-lo?”

Luke estreitou o olhar. “Você quer dizer que ele roubou algo de você? Isso não faz sentido. Ele não faz mais isso.”

Sadie pigarreou. “Bem, tecnicamente, não, ele não roubou nada de Beaumont. Eu fiz. Mas Gabriel tem agora, e precisamos recuperá-lo.”

“Sobre o que é isso que você continua falando? Algo ilegal? Drogas? Armas?” Luke deu um passo para trás. Ele agarrou o material solto da calça, os dedos brancos de tensão. Cautela se formou nas linhas ao redor dos olhos. “Eu não quero nada com isso. Estou limpo agora, me escute, limpo.”

Sadie levantou as mãos. “Não, não, nada ilegal. É apenas…”

Beaumont soltou os punhais, primeiro o do quadril esquerdo, depois o direito, e prendeu as bainhas na cintura. Ele tirou o cinto e entregou a tira de couro a Luke. “Estamos procurando uma pedra de faísca. É uma joia. Se você souber onde poderíamos encontrá-lo, seria uma grande ajuda.”

Lucas aceitou a oferta. Sua boca se abriu e fechou, mas nenhum som surgiu. Depois de alguns segundos silenciosos, ele olhou para Beaumont, admirado e apreciado nas linhas ao redor dos olhos. “O... Obrigado, senhor. Não sei o paradeiro exato de Gabriel, mas se eu o vir, posso informar.”

A primeira dica do amanhecer despertou um tom de púrpura profundo no céu. Em breve, Beaumont teria que encontrar





abrigo. Não era mais bem-vindo na casa de Wynne, ele não tinha certeza de onde iria.

Nesta parte de Chicago, deitar-se no metrô não era uma opção, pois todas as faixas do "L" estavam acima do solo. Já o cansaço puxou os músculos de seus braços e pernas.

"Escute, Luke, além do cinturão, vou oferecer uma recompensa monetária pelo seu esforço."

Os olhos de Luke brilharam. "Como posso contatá-lo? Você tem telefone?"

"Eu não." Beaumont voltou sua atenção para Sadie.

Os ombros tensos de Sadie subiram quase até os ouvidos. Atraídos em uma linha fina, seus lábios apertados se contraíram. "Não."

"Vamos, pequeno ladrão." Ele colocou o braço em volta do ombro dela. "Diga a ele seu número de telefone para que ele possa entrar em contato conosco."

Ela o empurrou para longe. "Não, não na sua vida."

"O que?"

"Eu disse que não, não na sua vida." Ela cuspiu as palavras nele.

A confusão rasgou sua mente, destruindo seus pensamentos. "Mas *é a* minha vida."

Sadie se encolheu. Ela se virou, os ombros rígidos e andou entre o escorregador e o balanço solitário. Quando ela se virou para o lado dele, a tristeza em seus olhos o lembrou de quando eles se conheceram.





Não havia mistério na reação dela. Ela não queria se encontrar com Gabriel, seu ex amante. A raiva inundou Beaumont e ele queria estrangular o homem que havia causado tanta dor e sofrimento a essa mulher.

A dormência formigou seus dedos, e ele não precisou olhar para saber que o Critch ameaçava retornar. Ele se forçou a permanecer calmo. Não havia como ele pedir isso a ela.

"Você não precisa fazer isso."

"Eu vou fazer isso."

Falados em uníssono, eles se entreolharam.

Ele deu um passo à frente. O desejo de acariciar sua bochecha e aliviar um pouco da dor o fez estremecer, mas ele apertou a mão dele e a segurou ao seu lado. "O que mudou?"

Aquela faísca que o atraiu como uma mariposa para uma chama, brilhou em seus olhos. "É minha culpa que você esteja nessa bagunça. Te devo, e sempre cumpro meus compromissos."

Ele não tinha certeza de que podia confiar nela, mas estava totalmente ferrado sem a ajuda dela.

Ele inclinou a cabeça para ela. "Como você quiser."

Ela voltou sua atenção para Luke. "Me passa seu telefone. Vou adicionar minhas informações de contato."

Luke deu de ombros e entregou-lhe o telefone. Nesse meio tempo, ele colocou o cinto de Beaumont. A fivela prateada refletia a luz com um brilho misterioso. "Vocês dois discutem como meus pais costumavam quando eu era criança. Foi divertido de assistir."

Beaumont e Sadie se encolheram ao mesmo tempo.





“Okay, certo.” Mesmo quando ele disse as palavras, seu peito doía ao perceber que nunca saberia como seria amar alguém e ser amado em troca.

Ele desistiu desse sonho no dia em que foi decapitado por assassinar Marion - sua traição prometida - e sua amante.

A única coisa que veio com amor foi traição. Havia uma razão para Rhiannon ter jogado sua alma questionável em uma gárgula, forçando-o a lutar por ela todas as noites. Ele não merecia mais nada.

Sadie deslizou as pontas dos dedos sobre o telefone de Luke com eficiência rápida. Beaumont não tinha certeza de qual era a história dela, mas com base nas informações que aprendeu com Luke, o relacionamento dela com Gabriel não terminou com um buquê de flores e um tapinha nas costas. De um jeito ou de outro, porém, ele descobriria.

Uma onda de exaustão o atingiu, arrastando seu suprimento de energia. O suor escorria pela testa e rolava pela lateral do rosto. Ele rangeu os dentes e olhou para o céu. O roxo mudou para um tom mais claro, algumas nuvens tingiram um rosa suave. Em breve, o sol nasceria.

“Ei, você está bem?” Sadie passou os dedos pelo braço dele. Seu toque terno puxou seu coração e reafirmou seu desejo de espancar Gabriel uma vez que ele encontrasse o bastardo.

Ele assentiu. “Sim, só preciso encontrar um lugar para fugir do sol.”

Ela o soltou e esfregou o pulso. A pele da testa dela enrugou. “Como estamos envolvidos nesse empreendimento, há





um sofá com seu nome na minha casa. Você pode esperar lá, você sabe, pela ligação."

Tensão que ele não tinha percebido que tinha segurado levantou de seus ombros.

Ele soltou um suspiro lento e sorriu. "Melhor oferta que tive a noite toda."

Um sorriso apareceu no canto de sua boca, e aquela faísca, a que ele gostava de tirar dela, brilhou em seus olhos. "É a única oferta que você teve a noite toda."

'Acho que é melhor tomá-lo então", ele sussurrou.

Ela riu. "Sim, acho melhor."

A necessidade de Beaumont de enfrentar o desafio de Sadie ardeu em seu sangue. Se ele conseguisse, ele dormia na cama dela hoje à noite, embora nenhum deles dormisse.

Luke tossiu. "Não me importo. Eu vou me dar bem. Quando eu encontrar Gabriel, eu aviso você."

Uma respiração rápida escapou dos lábios de Sadie. "Obrigado Luke. Foi bom te ver de novo. Vamos manter essa reunião para nós mesmos, ok?"

"É bom ver você também, Sunny Sadie, e não se preocupe, não vou contar a ninguém." Com isso, Luke passou pelo balanço e foi para a rua.

Sunny Sadie? Um termo tão estranho de carinho. Quando Beaumont olhou nos olhos de Sadie, a tristeza superou qualquer outra emoção. Ela tinha sido feliz em algum momento de sua vida?



Sadie deu alguns passos em direção à grama que levava à rua. Quando ele não o seguiu imediatamente, ela olhou para ele. “Você vem?”

Lá foi ela com essa piada novamente. Não, nenhuma realização das implicações.

Ele sorriu com a inocência sob o exterior áspero dela. “Sim, logo atrás de você.”

Uma rajada de vento varreu, e o balanço solitário balançou. Pedaços de terra e seixos rodopiantes em uma pequena tempestade de poeira, pingando contra o assento, a corrente, as barras. Um aroma enferrujado distinto encheu o ar.

Beaumont apalpou sua adaga. A necessidade de combater seu inimigo ardia por dentro, mas ele não podia arriscar a segurança de Sadie e não tinha tempo para uma luta. O sol iria nascer em breve.

Maxilar apertou com força, ele disparou para ela, agarrou a mão dela e a puxou para a rua. “Precisamos ir agora.”

Um grito surpreso escapou de seus lábios. “Por quê?”

“Porque os fae estão chegando.”

CAPÍTULO 18

Sadie girou a chave, e o bloqueio desengatado com um clique suave. Quando ela abriu a porta e entrou, seu batimento cardíaco acelerou. "Ruby, você está aqui?"

O silêncio encheu o ar.

Ruby ainda deve estar na casa da irmã. A empatia brotou no peito de Sadie. Ela sabia como era perder alguém perto de você e rezou para que a irmã de Ruby se recuperasse.

Beaumont entrou pela porta, sua grande presença ultrapassando a pequena cozinha. Sua atenção vagou da mesa bem gasta para o fogão até as vasilhas alinhadas como soldados contra o respingo traseiro.

"Lugar legal. Você mora aqui com um amigo, esse Ruby?"

“Sim, Ruby me deixa ficar aqui e é barato. Eu me mudei depois que o marido dela faleceu. Ela está fora da cidade visitando sua irmã. Há uma foto dela na geladeira.” Sadie guardou a chave no bolso, colocou a jaqueta sobre uma das cadeiras da cozinha, puxou a manga esquerda para esconder o curativo e foi para a geladeira.

Depois de correrem do parque, eles escaparam dos fae sem aviso prévio, pegaram um “L” de manhã cedo e vieram para cá. Ao longo do passeio, nenhum dos dois falou, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Ela ainda não conseguia acreditar que tinha dado o número de telefone para Luke, mas teve pouca escolha.



Falando nisso, Beaumont tirou o cinto e entregou a pulseira de couro ao seu velho amigo. Beaumont parecia não ter muito, e durante a viagem silenciosa no "L", ela quis perguntar por que ele doara o pedaço de roupa, mas não conseguia fazê-lo.

Um nó se formou em sua garganta a cada vez, o respeito por sua generosidade a dominando. Ela não podia permitir-se cuidar dele. Mesmo que ele a chamasse de ladrão, batedor de carteiras e bandido, ela não merecia ninguém tão gentil quanto ele.

Sua mão tremia quando ela puxou a porta da geladeira. Uma bem-vinda explosão de ar fresco flutuou sobre seu rosto. Uma seleção limitada se alinhava nas prateleiras - ovos, duas maçãs, leite, um recipiente restante de comida chinesa que ela pegara alguns dias atrás e um pote de picles.

Ela bateu os dedos na porta da geladeira. "Você gosta de ovos mexidos ou prefere um pickle?"

Ele deslizou ao lado dela, o calor de sua pele em contraponto ao ar gelado. Um calafrio atingiu seus ombros e costas. Como se ele tivesse todo o direito, ele passou os dedos pelo braço nu dela e olhou por cima do ombro. “Dada a escolha, prefiro ovos. Não preciso de comida para sobreviver, mas contanto que você tenha o suficiente, nunca recuso uma boa refeição.”

“Ovos são então. Também há pão no balcão.” Ela pegou a caixa de ovos com uma mão e o jarro de leite com a outra, qualquer coisa para se distrair do toque de Beaumont.

Ele se retirou para lhe dar espaço para trabalhar. Ela pegou a frigideira e esguichou a superfície com spray





antiaderente. Depois de quebrar alguns ovos e despejar um pouco de leite, ela mexeu o conteúdo com um garfo.

Beaumont deixou cair quatro fatias de pão na torradeira e depois se encostou no balcão. Braços cruzados, os bíceps inchados sob a camiseta, esticando o material com força. Era tudo o que ela podia fazer para não os alcançar e apertá-los.

Ele sorriu, aqueles profundos olhos castanhos brilhando de alegria. “Você quer alguma ajuda?”

“Eu tenho esse.” Suas palavras saíram mais duras do que ela pretendia.

As linhas ao redor de seus olhos se apertaram por um momento, então seu sorriso retornou. “Deixe-me pôr a mesa então. É o mínimo que posso fazer.”

Não não não. Ela não queria a gratidão dele. Ela devia a ele por roubar sua pedra de faísca, mas eles ainda precisavam comer. Bem, pelo menos ela fez. Seu estômago roncou em confirmação.

Ela apontou para o armário. “Pratos estão lá. Garfos são ...

“Nesta gaveta.” Ele puxou a maçaneta. “Eu vi você pegar esse.”

Ela olhou para o garfo na mão, apertando seu aperto. O cabo vermelho do utensílio parecia tão brilhante quanto o fogo. Ela normalmente evitava esse garfo. Isso a lembrou dos talheres na casa de seu pai e de cozinhar com Hannah.

Ela jogou a maldita coisa no balcão. Lágrimas brotaram em seus olhos antes que ela pudesse detê-los, e ela agarrou seu medalhão. Droga, ela sentia falta da irmã.





Ele colocou o braço em volta do ombro dela, mas ela se afastou. “Por favor, não.”

“Foram alguns dias difíceis. Muita coisa aconteceu. Que tal eu terminar os ovos? Na verdade, sou um cozinheiro muito bom, se é que digo.”

Ela não conseguiu encontrar o olhar dele, então assentiu e caminhou até a mesa. De costas para ele, ela retirou o telefone do bolso. Depois de passar o ícone familiar do Facebook, ela abriu a página de sua irmã. Não há novas postagens. A mesma imagem de Hannah e os balões encheu a tela. A garganta de Sadie se contraiu. Ela enfiou o telefone no bolso da calça jeans.

O estalo de ovos cozinhando competia com o apito suave de Beaumont. Palavras na melodia tola de Beaumont flutuaram em sua mente. *Atolados juntos neste empreendimento inteligente.* Uma risada sufocada, parte tristeza, parte alívio, borbulhou de sua alma.

“Os ovos estão prontos.” Ele desligou o fogão e o clique suave ecoou pela sala.

Ela passou as pontas dos dedos sobre as cicatrizes. *Puxe-o junto, puxe-o junto.* A conversa animada pareceu ajudar, até que ela se virou e encontrou o olhar de Beaumont. A preocupação gravou linhas ao redor dos olhos.

“Você quer me falar sobre isso.” Ele apontou para o medalhão. “Eu já vi você pegar esse pingente várias vezes agora.”

Ela deslizou os dedos pela corrente de ouro até alcançar o pingente. O peso familiar repousava na palma da mão. Ela confiava nele o suficiente para compartilhar seus medos? Ele



parecia genuinamente interessado, mas ela não tinha certeza. Ela inalou para reunir seus pensamentos. Então, as palavras caíram.

“Meu pai, em um momento de rara sobriedade, me deu esse colar quando eu tinha dez anos. Ele disse, 'o lindo medalhão de ouro', era assim que ele chamava isso, veio de uma joalheria sofisticada, e eu devo cuidar bem dele. “Ela fungou e encostou a bunda na mesa. “Coloquei uma foto da minha irmã dentro. Quer ver?”

Ela inalou e prendeu a respiração. De alguma forma, a resposta dele era importante para ela. Ela não tinha muita certeza do porquê.

“Eu adoraria.” Um sorriso caloroso e convidativo apareceu em seus lábios. A súbita vontade de abraçá-lo passou por ela com tanta força que ela estremeceu.

Ele deu um passo à frente e passou os dedos pelo braço dela até que descansassem na mão dela. O calor penetrou em sua pele, acalmando seus nervos.

“Mostre-me”, disse ele.

Ela abriu o medalhão. A foto de sua irmã com seu sorriso inocente trouxe lágrimas aos olhos de Sadie.

Ela levantou o pingente de ouro. “Meu pai morreu em um acidente de carro quando eu estava no último ano do ensino médio. Hannah, minha irmã, é quatro anos mais nova que eu. Ela É... Eu... acho que algo está errado.”

Beaumont passou o braço em volta da cintura dela e a puxou contra ele. Ela se engasgou e suas mãos pousaram nos bíceps dele, o medalhão perdido no espaço entre eles. Duro como aço, seus

músculos flexionaram sob a camisa enquanto ele passava os dedos pela bochecha úmida.

Uma lágrima brilhou na ponta do dedo. Ele levou a gota aos lábios, onde o líquido corria ao longo da costura. “Lágrimas são os mensageiros da alma. Estou honrado por você ter compartilhado comigo.”

Seu peito se apertou e outra lágrima deslizou sobre seus cílios.

Beaumont se inclinou para mais perto e acariciou o polegar sobre a bochecha dela, removendo a gota. “O que faz você pensar que algo está errado com sua irmã?”

“Ela está sempre no Facebook, publica várias vezes ao dia com selfies tolas, fotos de suas amigas, suas atividades, coisas estúpidas assim, mas as postagens pararam há algumas semanas, logo após a formatura.” Sadie inalou com força, seus seios pressionando o peito de Beaumont. “Receio que algo tenha acontecido com ela.”

O olhar dele foi para os lábios dela antes de subir. O marrom profundo de seus olhos, como café preto rico, parecia escurecer.

Ele apertou mais a cintura dela, puxando-a para mais perto. “Quando isso acabar, eu vou ajudá-lo a encontrá-la.”

"Isso” não precisava de explicação. Sua missão - encontre sua pedra de faísca ou morra. E aqui ela se preocupava com a falta de publicações de Hannah no Facebook.

“Onde está sua mãe?” Suas palavras suaves roçaram sua bochecha.

Ela engoliu em seco. “Mamãe nos deixou quando eu tinha dez anos. Nós nunca tivemos notícias dela. Mais tarde, quando eu tinha catorze anos, meu pai me disse que ela havia morrido de overdose.”

“"Isso deve ter sido difícil para você.” Sua voz grave continha uma pitada de compaixão.

Ela assentiu. “Mais difícil do que você pode imaginar.”

“Possivelmente.” Ele comprimiu os lábios.

Um lampejo de dor brilhou em seus olhos tão rápido que ela não tinha certeza de ter visto.

Ele também experimentou dor e mágoa. A mente de Sadie girou. Não querendo olhar para ele, sua atenção se voltou para o balcão da cozinha e pegou a jarra de água vazia aninhada ao lado das vasilhas de farinha.

Ela inalou. "Eu preciso alimentar George."

As sobrancelhas de Beaumont se franziram. “George?”

“George é o Betta de estimação de Ruby.” Ela escapou do aperto de Beaumont e correu pelo corredor. “Você tem que vê-lo. Ele tem o rabo mais bonito.”

Suas feições se suavizaram. “Um peixe.”

Sadie entrou na sala, passou pelo sofá e foi até a mesa do aparador. Em sua tigela, George nadou em círculo, sua cauda vermelha e abanada balançando atrás dele.

Ela pegou a garrafa de plástico. “Este é George.”

Beaumont estudou o peixe pequeno, seu olhar seguindo o caminho de George ao redor do tanque de vidro. “Você estava certa. Ele tem uma cauda magnífica.”



“Você quer alimentá-lo?” Ela estendeu a palma da mão.

Ele olhou para a pequena garrafa antes de encontrar seu olhar. “Você não se importa?”

“De modo nenhum.” Ela agarrou o pulso dele, encorajou-o a abrir a mão e colocou a comida na palma da mão grande.

Ele desenroscou a tampa, colocou-a no balcão e depois inclinou a garrafa até que uma pequena quantidade de comida pousou na palma da mão. Com cuidado, ele beliscou os flocos entre o polegar e o indicador e os jogou na água.

George nadou para a superfície e comeu os flocos um a um.

‘Ele é tão elegante.” Beaumont enroscou a tampa de volta na garrafa e descansou o recipiente no aparador.

“Ei, o que é isso?” Ele pegou o folheto da Universidade de Chicago, o que ela havia deixado lá na noite em que Ruby partiu para a casa da irmã.

A tensão enrijeceu seus ombros. “Este? Oh, não é nada.”

Ela deu as costas para ele e foi em direção à cozinha. Ele a pegou pelo braço direito. Firme, mas não exigente, ele a segurou no lugar.

“Não fuja de mim ou de seus medos. Você já fez o bastante disso.”

Seu interior torceu como se ele tivesse esfaqueado seu coração com uma faca. Fugir era o que Sadie sabia melhor. Sua mãe ensinou isso há muito tempo através do exemplo.

Ela olhou para ele por cima do ombro. “Liberte-me.”





Ele fez isso sem hesitar. Um tique flamejou em sua mandíbula. “Por que você reagiu dessa maneira? Não há vergonha em querer continuar sua educação.”

Rápido como um raio, o calor brilhou em suas bochechas. “O que faz você pensar que eu ainda não sou estudante?”

Ele levantou uma sobrancelha e depois sacudiu o folheto. “Se você já era aluna, não precisaria de um desses.”

“Tudo bem, você está certo. Eu não sou um espertinha como você. Se eu pudesse ser aceita naquela escola, eu iria.” As palavras saíram antes que ela pudesse detê-las.

Ele piscou. As sobrancelhas dele se fecharam sobre os olhos. “O que você quer dizer?”

Ela queria socar os punhos contra o peito dele, gritar com ele por arrancar a ferida, mas não conseguia fazê-lo. A empatia em seus olhos quase a quebrou. Ela não queria que ele se importasse. Isso só pioraria as coisas.

Ela cruzou os braços. “Para admissão, você precisa ter um diploma do ensino médio ou GED. Eu.” ela engoliu o caroço que se formou na garganta, “não tenho.”

Ele suspirou, e um sorriso lento curvou seus lábios. “Batedor de carteiras, isso é algo que você pode superar. Eu vi sua determinação de aço. Se você quer frequentar a faculdade, pode.”

A faca em seu coração torceu. Se ao menos ela pudesse acreditar nele.

Ela balançou a cabeça. “Talvez para os outros. Não para mim."

“Alguém fez você acreditar no contrário. Quem?”





Você é estúpida, estúpida, estúpidao e não serve para nada. O grito de sua mãe ecoou em sua mente.

"Por favor, pare. Não quero mais falar sobre isso. Deveríamos comer e descansar um pouco." Antes que ele pudesse responder, ela girou a ponta do pé e seguiu para a cozinha.



CAPÍTULO 19

Beaumont engoliu um pedaço de torrada, colocou as mãos sobre a mesa, e olhou para Sadie. Ela estava sentada na esquina dele, metodicamente metendo pedaços de ovo na boca. Suave como porcelana, sua pele delicada acentuava a plenitude de seus lábios carnudos e rosados. Tão delicioso.

A tensão formou vincos ao redor de seus lindos olhos verdes e a fez parecer mais velha do que parecia. Nos seus vinte e poucos anos, ela não era muito mais jovem do que Marion quando o traiu, mas a tristeza nos olhos de Sadie retratava a experiência de uma vida. Irritação explodiu no templo de Beaumont.

O comentário da "namorada" de Luke havia feito Beaumont cair em uma espiral que ele não havia previsto. Ele não deveria se importar com essa jovem, mas, *merde*, ele se importava. Antes, ele queria perguntar a ela sobre Gabriel, mas ela ficou tão perturbada com a irmã que ele se absteve. Essa conversa teria que esperar.

Ele mordeu a torrada e apontou para a refeição dela. "Você deveria terminar isso. Muita boa nutrição nesses ovos."

A atenção dela passou para ele. A determinação endurecida puxou sua boca em uma linha fina. "Eu estive a pensar…"

"Isso é bom." Ele sorriu, tentando atraí-la para fora.

Ela endireitou os ombros. "Eu não sei muito sobre você, além de você ser uma gárgula."

Os cabelos de sua nuca se ergueram. Ele trabalhou tanto para manter sua vida pessoal escondida. Após a traição de Marion,



ele prometeu nunca deixar ninguém se fechar novamente, mas Sadie pressionou contra sua determinação, esforçando-a. Ele não estava pronto para lidar com as implicações.

A deflexão era sua melhor linha de defesa. “O que você sabe sobre gárgulas?”

Ela encolheu os ombros. “Não muito, embora você não viva nas ruas por muito tempo sem ver as coisas. Pelo que ouvi, você luta contra fae em algum tipo de guerra, mas não sei por quê. Você se afasta dos humanos e é incrivelmente forte.”

O olhar dela flutuou sobre o peito dele e sobre o bíceps dele antes de retornar ao rosto dele. Um leve rosa tingiu suas bochechas. A adorável reação do batedor de carteiras enviou uma corrente de sangue para o sul. Ele se ajustou na cadeira. As pernas de metal chiaram em protesto.

Ele esfregou a parte de trás do pescoço. “Você ouviu a lenda de Rhiannon?”

“Rhiannon? Não, não posso dizer que sim.” Ela torceu a testa. “Quem é ele?”

“Ele é realmente ela, e não estou surpreso que você não tenha ouvido falar dela. Mesmo se você tivesse, as lendas se distorcem com o tempo.” Ele se inclinou para frente, concentrando-se em como o verde nos olhos de Sadie parecia escurecer. “Ela é uma deusa pagã no Outro Mundo, o lugar para onde todos nós vamos quando morremos. Há muito tempo, ela conheceu um homem humano, Pwyll, e se apaixonou.”





“Acho que houve um problema.” Sadie afastou o prato e apoiou os braços sobre a mesa, uma manga da camisa amassada no cotovelo e a outra no pulso.

“Através de uma união arranjada, ela estava noiva de outro deus, Gwawl, um cara que nunca havia conhecido. Ela se recusou a casar com ele e, em vez disso, prometeu casar-se com seu amante humano. Num acesso de raiva, Gwawl matou Pwyll e, em retaliação, Rhiannon rejeitou Gwawl.

"Bom para ela. O que aconteceu depois?” Sadie assentiu, alguns fios de cabelo rosa espreitando por trás da orelha.

Beaumont forçou o olhar a voltar aos olhos dela. “Gwawl se aproximou de Cernunnos, deus do outro mundo, e prometeu sua lealdade em troca de liderar um exército fae contra os humanos que Rhiannon tanto amava. À medida que as mortes ocorriam, as almas humanas se tornavam soldados fae, construindo o exército de Gwawl. Cernunnos concordou com uma condição.”

“O que é isso?” Sadie se aproximou.

Ele limpou a garganta. “Boas almas passaram direto para o Outro Mundo. Cernunnos disse que mereciam descansar na vida após a morte.”

“Então isso deixou as más almas. Não vi muitos fae, mas os que fiz me deram arrepios.” Ela estremeceu, e uma mecha de cabelo rosa descansava logo abaixo do queixo.

Ele não resistiu mais. Com facilidade lenta e deliberada, ele se inclinou na direção dela e capturou as pontas entre o polegar e o indicador. “Tão bonito.”





Ela inalou, seus lábios se separando em um suspiro suave. Ele enterrou os dedos nos cabelos dela e a puxou para ele. Cheio e convidativo, seus lábios se fundiram aos dele. Ele aprofundou o beijo, explorando-a com o desejo voraz de um homem faminto de amor. Deuses, ela seria a morte dele se ele não fosse cuidadoso.

Depois de um longo momento, ela se afastou. Ele descansou a testa contra a dela, e as respirações suaves e ofegantes ecoaram no espaço entre eles.

"Eu não esperava isso", ela sussurrou.

"Nem eu." Sua confissão o assustou mais do que ele queria admitir.

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, ela agarrou o prato dele e o seu, em seguida, foi até a pia. Ombros rígidos, de volta para ele, ela olhou pela janela.

Ele veio inicialmente para cá porque não tinha outro lugar para ir, mas não havia esquecido o desafio de seduzi-la. Afligido por sua necessidade de encontrar sua pedra de faísca, ele não tinha dado força total ao plano de sedução, mas pretendia fazer isso enquanto eles estavam escondidos o dia inteiro.

Depois da conversa, porém, ele viu um lado dela que não havia previsto. Sob sua fachada corajosa, sua vulnerabilidade havia subido à superfície. Ele não podia seguir seu plano, não mais.

Com um rápido empurrão, ele se levantou da cadeira. Com uma banshee gritando, as pernas chiaram contra o chão de linóleo. Ele seguiu Sadie até a janela, mas por mais que ele



quisesse envolvê-la em seus braços e dizer a ela que tudo daria certo, ele não poderia fazer essa promessa, então manteve distância.

"Se você gostaria que eu fosse embora, apenas diga." Mesmo que o sol brilhasse no céu, ele partiria e se arriscaria se ela pedisse isso a ele.

Sadie balançou a cabeça, mas não se virou. "Não, está bem. Eu disse que você poderia ficar."

Um gosto amargo cobria o fundo de sua garganta. "Se você tem certeza."

"Você não terminou a história. Eu gostaria de ouvir o resto." Ela se virou para ele e cruzou os braços. "Então, os fae caçam humanos, e as más almas se tornam fae. De onde vieram as gárgulas?"

Ele vacilou entre dizer por que ela estava tão nervosa ao seu redor ou terminar a história de Rhiannon. Quando ela levantou o queixo, ele elegeu o último. Ele não estava disposto a brigar, nem com ela, nem depois de tudo o que ela compartilhou. Se ela quisesse fingir que o beijo nunca aconteceu, ele iria junto, por enquanto.

Ele exalou e se encostou no balcão da cozinha. "Quando Rhiannon descobriu o plano de Gwawl, ela pediu a Cernunnos as almas questionáveis, aquelas que não são boas nem más, mas que ficam na linha tênue entre elas. Ele concordou. Quando um homem humano com um espírito disputável morre, Rhiannon arrebata aquelas almas que ela acredita ter uma chance de redenção."



“Para ficar de olho em nós, ela pega um pequeno pedaço de nossa alma, coloca-o em uma faísca e o prende a uma gárgula. Nossa missão - proteger os humanos. Escondidos nos prédios, observamos a atividade humana durante o dia a partir de nossas postagens. À noite, procuramos e destruímos o máximo de fae que pudermos. Para mulheres humanas com espíritos questionáveis, ela coloca suas almas em familiares de animais e servem as bruxas que nos ajudam em nossa luta contra os fae.”

O silêncio encheu a sala.

A tensão nos ombros de Sadie diminuiu e ela descruzou os braços. “Meu palpite é que há muito mais fae do que gárgulas.”

Ele assentiu e não conseguiu parar o sorriso puxando seus lábios. “Ainda bem que somos mais fortes, mais rápidos e mais inteligentes.”

A última tensão desapareceu de suas feições, e uma risada suave escapou de seus lábios. Sua beleza bateu nele. Um único suspiro poderia tê-lo derrubado.

Ela piscou, as sobrancelhas franzindo. “Você mencionou uma chance de redenção. O que isso significa?”

“Cada gárgula enfrentará seu maior medo.” Tensão formada em sua mandíbula. “Ele pode ou não perceber que está sendo testado."

“O que acontece se ele passar”, ela levou os dedos aos lábios, "ou falha?”

“Se ele passa, ele volta à forma humana. Vive uma vida normal. Se ele falhar, ele encolheu os ombros, ele se torna um fae, a mesma criatura que todos caçamos.”





“Oh.” Sua voz sem fôlego ecoou na sala. "Há quanto tempo você é uma gárgula?"

Com as palmas das mãos plantadas na bancada, ele cruzou os tornozelos. Quanto revelar? A maioria das outras gárgulas juntou-se aos guardiões noturnos de Rhiannon muito depois de ele já ter ganhado sua reputação de matar estelares.

Através de centenas de anos de batalha, ele manteve seu passado escondido e se distanciou de seus companheiros de equipe. Ninguém vivo conhecia sua ação mortal. Por mais que ele quisesse confiar em Sadie, ele não conseguia compartilhar muitos detalhes.

Ele forçou uma risada. “Muito tempo.”

Ela apertou os lábios, mas aquela coragem que ele achou tão encantadora brilhou em seus olhos. "Quão mais?"

“Faz muito tempo.”

Um suspiro frustrado saiu de seus lábios. “Você parece ter 23 anos. Quando é seu aniversário?’

Ele riu. “Primeiro de setembro.”

Ela gentilmente bateu no braço dele com as costas da mão. “Você está me provocando. Que ano?”

Uma emoção empolgou seu braço. “Você adivinhou bem. Quando morri, eu tinha vinte e dois anos, a menos de vinte anos do meu vigésimo terceiro aniversário no ano de nosso senhor, mil e novecentos e sessenta e nove.”

Seu olhar se concentrou nele, seus olhos passando rapidamente pelo rosto dele enquanto calculava sua idade. Sua





boca se abriu e sua língua rosa deslizou sobre o lábio inferior, umedecendo-o.

Ele gemeu. Deuses, como ele queria beijar sua boca deliciosa, enrosca a língua na dela.

“Você tem mais de oitocentos anos”, ela deixou escapar.

Ele colocou a mão sobre o coração e fingiu orgulho ferido. “Isso parece tão antigo e decrépito. Especialmente comparado aos seus, o que, vinte e um anos?”

Ela levantou o queixo dessa maneira agora familiar, atitude e moxie irradiando dela como uma estrela brilhante. “Eu vou fazer 22 anos em breve.”

“Quanto tempo?”

“Alguns dias.” Um sorriso malicioso apareceu em seus lábios.

Ah, dois poderiam jogar esse jogo. Embora ele tenha dito que daria a ela algum espaço, ele não pôde resistir. Ele se moveu antes que ela pudesse reagir, diminuindo a distância entre eles em um instante. Deslizando o braço em volta da cintura dela, ele a apertou contra os armários com os quadris. Um grito suave escapou dela.

Com a mão livre, ele brincou com o cabelo rosa dela, sacudindo as pontas coloridas entre os dedos. “Agora quem está provocando quem? Que dia é o seu aniversário?"

Em uma inspiração rápida, ela passou o lábio inferior entre os dentes e puxou a carne gorda. "julho, hum, vinte e dois de julho."

Ele a abraçou e aconchegou o nariz na garganta dela. Inspirando fundo, ele sentiu o cheiro de limão, o aroma único





marcando seus pulmões. “Então, você terá 22 anos em 22 de julho? Que bom. Você tem planos para o seu aniversário?”

Um tremor a percorreu. "S... sim e não."

Ele riu baixinho e depois beijou seu pescoço. “Qual é”, ele mordiscou seu lóbulo da orelha, “sim ou não?”

“Ambos”, ela ofegou. “Vou fazer vinte e dois em vinte e dois de julho e não, não tenho planos.”

Ele parou, as respirações trêmulas dela fazendo cócegas em sua nuca. Aos vinte e dois anos, ela deveria ter grandes planos. Uma noite na cidade com suas amigas cheias de riso e felicidade.

Memórias da tristeza em seus olhos passaram por sua mente. Ela estava sozinha, com exceção de sua colega de quarto mais velha, Ruby. Empatia, compaixão e uma espécie de parentesco encheram seus pulmões.

“Você é jovem e bonita demais para comemorar seu aniversário sozinha. Possivelmente...”

Ela empurrou contra ele, a tensão irradiando de seus ombros rígidos e mandíbula apertada. “Me deixar ir.”

Ele a soltou e se afastou. A dor gravava linhas em seus traços e a tristeza emanava das profundezas de seus olhos verdes. Uma dor nascida da empatia irradiava pelo peito.

Ela passou por ele e apontou para o corredor. “Toalhas limpas estão no banheiro. Você pode dormir no sofá ao lado de George. Vamos nos encontrar hoje à noite e procurar sua pedra.”

Com o queixo erguido, ela atravessou uma porta aberta. A porta se fechou. Seus passos ecoaram em um lance de escadas.





Abençoado silêncio.

Ele passou a mão pelos cabelos e soltou um suspiro longo e lento. *Merde. O que acabou de acontecer?*

Sem perceber, ele a machucou perguntando sobre seus planos. Talvez eles tivessem mais em comum do que ele pensava. Sozinhos, sem família para cuidar. Ele enrolou os dedos em um punho.

O Critch se formou nas costas de sua mão, espiralando e rastejando sobre o antebraço, passando bem pelo bíceps. Desta vez, ele apreciou a dor. Era seu devido. Ele ganhou.

Fechando os olhos, ele se forçou a se acalmar, inspirando e expirando em um ritmo constante. Depois de vários momentos, ele abriu os olhos. Embora o Critch não estivesse mais arrastando seu braço, suas unhas continuavam escuras como a noite.

"Você está melhor sem mim", ele murmurou. Mesmo quando ele disse as palavras, seu peito se apertou. Amanhã, eles procurariam aquele maldito ex amante dela e recuperariam sua pedra de faísca. Então, Sadie poderia voltar à sua vida normal. Sem ele.



CAPÍTULO 20

Uma rajada de vento golpeou o rosto de Gabriel, ardendo em seus olhos. Ele se chutou mentalmente por esquecer seus óculos escuros, e a brisa implacável, como se quisesse irritá-lo, continuou seu jogo. A folhagem completa do verão nas árvores que ladeavam as passarelas da Universidade de Chicago farfalhou. Se não fosse o meio do dia, ele gravaria algumas palavras desagradáveis em um tronco ou dois por vingança.

Ele olhou para o telefone. O Google Maps apontou o caminho para Stuart Hall. Quase lá. Ele acelerou o passo, um pequeno pulo em seu passo. Situadas ao lado da biblioteca no Harper Quad, as majestosas estruturas com seus edifícios de pedra e telhados pareciam deslocadas no meio de Chicago.

Estudantes, alguns com mochilas penduradas nos ombros, passaram apressados, enquanto outros se reuniram em pequenos grupos no gramado. Uma gargalhada, respondida por outra pessoa, carregada naquela brisa maldita.

Não muito longe, três jovens se aconchegavam em um cobertor debaixo de uma árvore, livros de texto abertos diante deles. Um apontou para três rapazes em pé na passarela, costas retas, baús estufados. As risadas paqueradoras surgiram novamente. *Jogos infantis.*

Gabriel rangeu os dentes. Como ele deveria destruir uma gárgula de pedra com toda essa atividade?



Ele balançou a cabeça e consultou o Google Maps mais uma vez. Seu destino, Stuart Hall, apareceu à sua esquerda. Enquanto caminhava pelas garotas glamourosas, ele quase passou seu alvo. Ao longo da linha pontiaguda do telhado, várias gárgulas encaravam os transeuntes com atenção inflexível. O último da esquerda ostentava orelhas pontudas e um focinho com dentes afiados e à mostra. Garras longas se estendiam das mãos em volta de um escudo protetor.

Apesar do clima de oitenta graus, um calafrio levantou os pelos dos braços de Gabriel. *Malditas gárgulas.*

Andaimes grandes cobriam uma parte do exterior do edifício. Dois homens, um mais alto que o outro, estavam vestidos de jeans azul combinando com camisas vermelhas e bonés vermelhos. Eles trabalharam na pedra ao redor de uma das janelas. A parte de trás de suas camisetas dizia "Manutenção e reparo de Phil."

Gabriel esfregou o cavanhaque. *Simplesmente maravilhoso.* Como ele poderia destruir o guardião de pedra sem aviso prévio, especialmente com os caras da manutenção na frente e no centro? Se a tarefa fosse fácil, Marco teria resolvido o problema sozinho.

O desejo de agradar aos fae, tornar-se um líder no exército de Marco, alimentou a determinação de Gabriel. Além disso, ele gostava de causar dano a outras pessoas, e essa parecia a oportunidade perfeita. Ele endireitou os ombros e procurou por opções.





Do lado de fora das enormes portas do prédio, um quadro de cortiça à moda antiga pendia de um gancho. Alguns pedaços de papel flutuavam na brisa. Um continha a imagem do rosto de uma garota. A essa distância, os detalhes eram um pouco confusos, mas o reconhecimento despertou em sua mente. Talvez o cabelo com pontas rosadas da garota o tenha desencorajado. Ele não tinha certeza, mas o que quer que fosse, a imagem o levou adiante.

Ele subiu os degraus, dois de cada vez, com adrenalina em suas veias. Quando ele se aproximou, os detalhes se solidificaram - madeixas escuras familiares, um nariz empinado e aqueles olhos verdes, os que despertaram sua paixão e sua raiva.

"Merda em uma caixa de sapatos. Sadie." O calor se espalhou por seu peito.

Depois de meses de busca, ele desistiu de procurar a putinha e seguiu em frente com sua vida. Isso foi há mais de dois anos.

Em negrito e preto, a impressão no topo da página dizia "Você viu essa garota? Ligue para Hannah em..."

"Bem, olha isso?" Ele passou um dedo pelo papel liso, pelos cabelos e ao longo da bochecha. "Sadie, Sadie, Sadie. Parece que sua irmã ainda não desistiu de você. Eu me pergunto se ela é tão mal-humorada."

Ele arrancou a página do quadro e a segurou entre o polegar e o indicador. "Em breve, Hannah, muito em breve, você e eu falaremos sobre sua querida irmã. Estou ansioso para conhecê-la."

"Ei, Bill, hora do almoço. Ouvi dizer que o refeitório da universidade tem uma boa pizza de pepperoni." Uma das vozes do trabalhador ecoou de cima.





“Certo.” O outro homem gemeu. “Pode fazer uma pausa. Minhas costas estão me matando.”

O peito de Gabriel se expandiu. Essa foi a sua oportunidade. Ele enfiou o jornal no bolso e fingiu estudar os anúncios no quadro.

As pesadas botas dos homens bateram contra o andaime de metal, ecoando na entrada.

“Ah, cara, que alívio. Você assistiu ao jogo dos Sox ontem?”

“Sim, eles realmente venceram..."

As vozes dos homens desapareceram junto com seus passos.

Gabriel desceu correndo os degraus, uma emoção zumbindo em seus nervos. Um conjunto de escadas embutidas na estrutura metálica se erguia do fim da plataforma. A seus pés, acorrentado a um dos postes, havia uma caixa de ferramentas fechada, um dos chapéus vermelhos dos homens em cima. Uma variedade de ferramentas de cabo longo, grandes demais para caber na caixa, apoiava-se nos degraus inferiores do andaime.

Excitação nervosa percorreu suas veias, e ele olhou em volta. Os três jovens se juntaram às garotas que as estavam olhando no gramado. Enraivecidos um com o outro, eles não lhe deram atenção. Além de um estudante ocasional aqui e ali, a calçada permaneceu abençoadamente vazia.

Agora era sua chance.

Sentidos aumentados, ele caminhou até a caixa de ferramentas. Com uma facilidade rápida e natural, ele puxou o chapéu e estudou a variedade de ferramentas próximas - um machado, uma barra de corvo e uma marreta.





Ele riu para si mesmo. “Parece que sou um cara de sorte hoje.”

Depois de agarrar o cabo da marreta, ele levantou o peso pesado. Sim, sim, essa ferramenta faria o trabalho.

Ele agarrou o degrau mais próximo da escada. O metal, frio e firme contra a palma da mão, foi um alívio bem-vindo ao suor que cobria sua pele. Ele escalou cada passo, arrastando a marreta com ele.

Quando ele chegou ao topo, a extremidade de metal duro bateu contra a plataforma. A respiração escapou de seus pulmões com calças curtas e apressadas. Sua atenção fixou seu alvo.

Os olhos escuros e cegos da gárgula o perfuraram. Pequenos pelos na parte de trás do pescoço subiram, seguidos por um arrepio.

Ele torceu o lábio. De jeito nenhum ele deixaria um pedaço de pedra o intimidar. Ele deu um passo à frente. Entre as tábuas do piso, a calçada parecia correr em sua direção. Com a mão livre, ele agarrou a grade, as juntas dos dedos ficando brancas.

Ele respirou fundo e se concentrou na horrenda gárgula. Contanto que ele não olhasse para baixo, ele ficaria bem. *Certo*…

Com pés instáveis, ele avançou. Quando ele estava a uma curta distância, ele parou.

Uma gota de suor escorreu por sua testa e ao longo da orelha. Irritação brilhou em sua têmpora e ele enxugou a umidade.

Tão perto, os caninos pontiagudos pareciam mais longos, as garras mais afiadas, a testa franzida irritada e, se ele admitisse,





completamente assustador. Ele odiaria encontrar essa gárgula em um beco escuro. Ele balançou sua cabeça. Não há tempo como o presente.

Ele examinou o local, procurando trabalhadores ou estudantes. O trio de garotos e garotas não estava mais sentado embaixo da árvore. Um homem correu em direção à biblioteca, a mochila batendo nas costas a cada passo. Além do aluno solitário, os terrenos do Harper Quad estavam assustadoramente vazios.

Não querendo desperdiçar sua boa sorte, Gabriel ergueu o martelo pesado e, despejando toda a força em seu esforço, balançou a marreta. O metal endurecido conectado com a orelha da gárgula.

Pedaços de concreto se espalharam pelo ar e tilintaram contra os andaimes. Aparentemente, as bruxas não vigiavam as gárgulas durante o dia. Marco ficaria muito satisfeito.

Uma satisfação calorosa tomou conta dele, melhor do que qualquer droga. Oh, como ele gostou da corrida viciante. Músculos estourando de energia, ele girou a marreta com uma força que o surpreendeu. Enquanto o fim do metal duro se aproximava de seu destino, um grunhido de puro deleite saiu de seus lábios.

A marreta conectou com o crânio da besta. Pedaços de pedra e seixos caíam sobre a borda. Então, como se estivesse em câmera lenta, a cabeça inteira da gárgula se soltou do corpo e caiu do telhado. Com intensidade de frenesi, Gabriel balançou contra seu inimigo repetidas vezes. Cada golpe causava mais dano, fragmentos de pedra escorregando, escorregando, escorregando.

A exaustão alcançou Gabriel, diminuindo a velocidade de seus movimentos, e seu último balanço errou o alvo, conectando-se





ao telhado. A irritação e o intenso desejo de completar sua missão aumentaram em seu peito. Aproveitando a força restante, ele ergueu a marreta sobre a cabeça e bateu com o martelo duro contra o guardião de pedra.

A figura danificada se equilibrou por um breve momento, como se não quisesse abandonar seu poleiro, antes de cair de lado. Um momento depois, um baque alto ecoou de baixo.

Gabriel queria gritar, gritar, gritar com os céus e se deleitar com sua glória, mas ele não podia permitir a detecção.

Em vez disso, ele riu baixinho e sussurrou: "Marco, você ficará satisfeito. De fato, você vai."

A curiosidade desviou o olhar para os pedaços espalhados de restos de pedra. Grande erro. Um tiro de adrenalina o atingiu como a marreta que ele empunhava, e sua visão vacilou. Ele agarrou a grade e fechou os olhos. Ele precisava sair agora, antes que alguém o notasse.

Ignorando os pontos brancos que ameaçavam derrubá-lo, ele se forçou a subir nos andaimes. *Eu não cairei. Eu não cairei.* O mantra ajudou e, em questão de momentos, seus pés atingiram o chão.

"Ei você!" O grito profundo de um homem ecoou contra o edifício.

Gabriel jogou a tampa e fugiu, mas não antes de dar uma olhada em sua realização. Os cacos da gárgula se espalharam pela calçada e entraram no gramado. Uma peça chegou a se alojar em uma junção entre duas barras no andaime.





Enquanto Gabriel corria entre os prédios, uma risada borbulhou de seus lábios. “Uau, eu não achei que seria tão fácil. Adeus, Laroche.”



CAPÍTULO 21

Beaumont estava na Universidade de escritório de admissões de Chicago e examinou o rack de brochuras. Um chamado *Vida na Universidade de Chicago* chamou sua atenção. Uma imagem brilhante da Harper Memorial Library enfeitava a capa. Por mais de um século, ele ficou olhando as torres góticas, o telhado de telhas e os degraus que levavam à entrada principal. *Sadie adoraria aqui.*

Ele exalou e beliscou a ponta do nariz. Depois de tomar um banho, ele se esticou no sofá e tentou adormecer. Os deuses sabiam que ele precisava da energia regenerativa, mas se os pedaços sob o material ou sua culpa o mantinham acordado, ele não tinha muita certeza. Não, isso não era verdade. Culpa, mãos para baixo.

Não querendo jogar e virar por mais tempo, ele se levantou e um folheto colorido chamou sua atenção: *obtenha seu diploma na Universidade de Chicago!* Uma ideia formulada, uma que ele havia adotado.

No caminho para cá, ele ficou nas sombras o máximo possível. Mesmo assim, o sol encontrou um pouco de pele exposta. Como um lembrete, as costas de suas mãos ardiam com uma intensidade febril. Ele congratulou-se com a dor temporária. A carne danificada iria curar, mas levava mais e mais tempo para sua pele voltar ao normal.

"Existe algo que eu possa ajudá-lo a encontrar?" A voz suave de uma mulher o tirou de seus pensamentos.



Ele olhou para ela. Uma jovem de vinte e poucos anos, com cabelos loiros amarrados em um pônei na nuca, quebrou o chiclete entre os dentes. O estalo e estalo ecoaram alto no espaço fechado.

Ela levantou a mão do balcão e depois apontou para a estante de folhetos. “Você está procurando algo específico?”

Ele se aproximou dela. “Você tem alguma informação sobre como obter um GED?”

O olhar dela desviou-se do jeans dele e do velho casaco azul marinho esfarrapado antes de descansar no chapéu do capitão, que ele havia emprestado do armário de Ruby. Um movimento de desaprovação puxou a boca da garota.

Ele se encostou no balcão, mantendo as mãos escondidas da vista e deu um sorriso malicioso. “Um amigo meu precisa estudar para o teste. Você não teria nenhuma informação sobre esse assunto, teria?”

Um rubor subiu pela garganta e pelas bochechas. Ela deu um passo para trás e esfregou a clavícula. “Um sim. Nós não ensinamos nenhuma *dessas* aulas aqui, mas eu tenho uma página sobre os requisitos.”

“Isso seria maravilhoso.” Ele piscou para ela.

Ela procurou embaixo do balcão, retirou um único pedaço de papel e o colocou na bancada. Com um golpe suave, ela franziu as bordas. “Não recebemos muitas perguntas sobre esse assunto. A maioria dos alunos aqui tem uma nota bem acima da média. Tenho certeza que você entende.”





Uma pontada de dor, alimentada por sua irritação, irradiava da orelha esquerda. Ele esfregou o local e sorriu. “Por favor, compartilhe os detalhes comigo.”

“Existem vários centros em Chicago que oferecem programas de educação para obter um GED. A maioria é grátis.” Ela examinou o dedo em uma lista de opções.

“Antes de poder fazer o GED, você precisa passar por um teste nas Constituições de Illinois e dos EUA. Esses lugares também oferecem treinamento sobre esse assunto.” Ela bateu no chiclete enquanto o estudava.

Uma repentina onda de agonia varreu seu templo como a maré de um oceano, aumentando em força e implacável. Ele prendeu a respiração algumas batidas do coração até a dor recuar. Isso fez parte do seu declínio?

Ao longo dos anos, ele ouviu falar de algumas outras gárgulas que perderam sua pedra de faísca. O Critch que endurece os membros e a perda de força foram resultados previsíveis antes da viagem final no éter.

Ele se concentrou na mulher. “Isto é para um amigo.”

“Ah, sim, você disse isso.” Ela sorriu, revelando um par de dentes da frente muito clareados. “Outro item. Os participantes do teste devem ter dezoito anos e viver em Illinois por pelo menos trinta dias.”

Sadie atendeu aos requisitos, mas ele não tinha certeza de que uma sala de aula se encaixasse em sua personalidade.

Ele amassou a testa. “Existem outras opções além da sala de aula?”





“Sim. Você... Hum, seu amigo pode ter aulas on-line, mas isso requer um computador e uma conexão à Internet. As informações estão na parte inferior da página. “Ela olhou para a boca dele, sua atenção permanecendo ali por um momento antes de retornar ao seu olhar.

Ele resistiu ao desejo de revirar os olhos. Em vez disso, ele colocou a mão sobre a dela, notando que sua pele havia melhorado de vermelho para rosa, e apertou delicadamente os dedos dela antes de remover o papel. “Obrigado pela informação. Muito apreciado.”

Ela inalou e levou a palma da mão ao peito. “De nada. Avise-me se precisar de mais alguma coisa.”

Ele foi para a saída. Quando ele apertou a maçaneta da porta, sua dor de cabeça se transformou em um ataque total. Sua respiração ficou presa na garganta. Pontos se formaram diante de seus olhos. Ele se firmou contra o batente da porta até a agonia retroceder.

Beaumont cambaleou do prédio e descansou contra uma das colunas de pedra. Grato por estar longe da mulher contundente e arrogante, ele rangeu os dentes, tanto da dor quanto da ira.

Quem era ela para menosprezar os outros porque eles não tinham um diploma do ensino médio? Ele exalou um longo suspiro, dobrou o papel e o enfiou no bolso de trás.

Apesar do brilho do sol e sua dor de cabeça, ele não estava pronto para sair. Ele precisava se livrar de sua raiva antes de voltar para a casa de Sadie. Caso contrário, ele apenas lançaria e ligaria o sofá novamente.





Nenhum destino em mente, Beaumont vagou pela calçada, mantendo-se nas sombras. Ele não tinha certeza de que poderia convencer Sadie a ter aulas. Inteligente, divertido e cheio de energia, ele não tinha dúvida de que ela poderia passar em qualquer teste, mas algo a deteve. Algo doloroso.

Ele sabia muito bem sobre eventos desagradáveis e traumáticos que afetavam todos os aspectos da vida de uma pessoa. Como se fosse no jogo automático, as memórias de Marion e sua vida duplicada ameaçaram surgir. Ele não queria reviver esses eventos, nem agora, nem nunca. Com uma determinação que ele aperfeiçoou ao longo dos séculos, ele enfiou o flashback na sua jaula mental.

Conversas indistintas, as palavras abafadas breves e excitadas, chamaram sua atenção.

Ele parou na sombra de um prédio e olhou ao redor. Grandes árvores ladeavam o terreno familiar do Harper Quad. Era como se um dispositivo de retorno em sua cabeça o tivesse trazido para cá. Ele nunca se viu durante o dia anterior, e a curiosidade o atraiu para o poleiro como um ímã.

Ele se aproximou de Harper Hall. Os andaimes cobriam o exterior com uma cal branca de metal. Um grupo de vinte estudantes ou mais pairava perto da esquina do edifício. Anilhados em círculo, eles olharam e apontaram para algo no chão. Graças aos sentidos sobrenaturais da gárgula, ele não teve dificuldade em entender as palavras.

“Eu não posso acreditar.”

“Isso nunca aconteceu antes.”





“Quem faria uma coisa dessas?”

Incapaz de conter sua curiosidade, ele disparou pela calçada e atravessou o gramado em direção à multidão. Abaixo da aba do chapéu, um raio de sol queimava sua nuca. Ele levantou a gola do casaco. Quando ele se aproximou, seu pulso acelerou, mas ele não tinha certeza do porquê.

Entre a multidão de jovens estudantes, alguns com mochilas, outros com livros nas mãos, ele vislumbrou rochas e cacos de pedra espalhados pela calçada, alguns até na grama. Um miasma de descrença embaçou sua mente.

“Vi um cara magro, com cabelos castanhos e uma jaqueta marrom-suja, sair do local. Alguém viu bem o rosto dele?” Um homem de boné vermelho observou a multidão, a testa franzida sobre os olhos.

Vários estudantes balançaram a cabeça. Ninguém falou.

Beaumont abriu caminho entre dois estudantes do sexo masculino. Ambos se afastaram para lhe dar espaço. Seu olhar flutuou sobre um dos maiores pedaços de pedra. Ainda em uma seção, seu escudo familiar, com os dedos agarrados nas bordas, repousava contra a fundação do edifício.

Um frio repentino atingiu seu coração. Sua atenção chamou a atenção para o seu local de descanso. Onde residia sua gárgula de pedra, um buraco vazio e aberto abriu a fachada do edifício. Seu choque se transformou em raiva, adrenalina correndo por suas veias na velocidade da luz. O desejo de lutar contra esse oponente invisível sacudiu sua gárgula interior, e o animal resistiu contra sua vontade.





"*Mom de Dieu*." Ele apertou o punho.

O endurecimento de seus dedos estalou alto no espaço silencioso, e ele sentiu o Critch arrastando-se sobre sua pele.

Mesmo quando a dor correu por seu braço, ele se virou e correu da multidão. Embora ele quisesse correr, perseguir esse homem que havia destruído sua forma de pedra, ele não podia expor sua natureza de gárgula aos estudantes. Rhiannon teria seu esconderijo.

Não que o resultado seja diferente neste momento. Mesmo se ele recuperasse sua pedra de faísca, ele não tinha para onde ir. Sua gárgula diurna não existia mais e seu destino com o éter era tão firme quanto a pedra.



CAPÍTULO 22

Beaumont bateu com o punho contra a porta da frente de Wynne. A madeira tremeu com o impacto, e uma rachadura rompeu no centro e seguiu até o estribo. Seus dedos latejavam e ficavam em um tom podre de preto.

Pequenos tentáculos escuros percorreram os nós dos dedos e enrolaram lhe o pulso. Uma onda de exaustão pesou sobre seus ombros, e seu olhar deslizou para o chão. O "eu gosto sujo", o tapete da porta o provocou. Ele fervia baixinho.

“Wynne! Abra esta porta!”

Passos nas escadas ecoavam por dentro. Um momento depois, a porta se abriu, criando uma brisa suave. O cheiro persistente de patchouli se infiltrou em seu nariz.

As feições de Wynne se transformaram de uma carranca para olhos arregalados, um toque de medo incorporado em suas profundezas.

Como se alguém tivesse perfurado um balão com um alfinete, sua raiva diminuiu. Nunca em um milhão de anos ele machucaria uma mulher. Nunca mais. Uma vez foi o suficiente.

Envolto no familiar roupão rosa, ela apertou a gola e aproximou as pontas. Sem a maquiagem, sua juventude e inexperiência estavam à mostra.

“O que você está fazendo aqui? É dia.”



Ele colocou a palma da mão no batente da porta, uma pontada de arrependimento em seu estômago pela porta quebrada. “Nós precisamos conversar. Posso entrar?”

Ela o estudou por um longo momento e depois se afastou. “Bem. Entre.”

Ele passou, consciente da presença dela e da energia mágica no ar. Melhor andar com cuidado.

“Não vamos discutir porque você está aqui no vestíbulo. Me siga.” Com a cabeça erguida, ela passou por ele e liderou o caminho para a sala de estar.

Neira descansou no sofá, enrolado em uma bola. Ela abriu um olho dourado e olhou para ele. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram quando ele absorveu parte de sua energia.

Wynne cruzou os braços, o cabelo loiro caindo sobre os ombros. Um pequeno cacho agarrou a gola do manto e sobressaiu em um ângulo estranho. “O que você está fazendo ao sol? Essa é a última coisa que você precisa agora. Você sabe que isso esgotará sua energia mais rápido do que qualquer coisa.”

Ele esfregou o queixo. “Eu vim dos EUA. O feitiço de proteção não funcionou. Alguém levou uma marreta para a minha gárgula. Está destruído.”

Em vez do olhar chocado que ele esperava, suas sobrancelhas se uniram, formando linhas ao longo de sua testa. Ela caminhou até a lareira e olhou para o poço escuro. Em um instante um incêndio explodiu em vida, chamas disparando da lareira.





Bruxas e gárgulas eram amigos e aliados nessa guerra contra os fae; no entanto, havia muitas histórias da vingança lendária das bruxas, se você alguma vez cruzou uma.

Uma frieza estranha apertou seu peito. “Você sabia que alguém destruiu minha gárgula, não sabia?”

Ela se virou para encará-lo, os olhos brilhando com lágrimas. "Sim. Deixei seu feitiço de proteção expirar.”

Ele não conseguia respirar. Seus pés pareciam enraizados no lugar. "Por quê?"

Wynne levantou o queixo, mas seu lábio inferior tremeu. “Um dia, quando eu tinha nove anos, você me trouxe uma boneca, Sally, de Nightmare Before Christmas. Lembras-te daquilo?"

Ele olhou para ela. De muitas maneiras, ela parecia tão jovem e vulnerável quanto parecia.

“Vagamente”, ele admitiu.

“Nenhum homem jamais fez algo tão bom para mim. A partir desse momento, eu te adorei de longe. Toda vez que eu vi você com minha mãe, eu assisti você pelo canto do meu olho. Eu fantasiei que um dia, quando eu crescesse, estaríamos juntos, você e eu.”

“Wynne, essa foi a paixão de uma jovem garota. Eu nunca te enganei.”

"Talvez não intencionalmente, mas eu pensei...” Ela balançou a cabeça e apertou os lábios. “Não importa mais o que eu pensava. Quando você me rejeitou, retirei o feitiço de proteção sobre sua forma de pedra. Depois que alguém atacou, senti nos meus ossos. Eu…"





Ela engoliu em seco e uma lágrima atingiu seus cílios. “Eu não pude reformar o feitiço rápido o suficiente. Eu nunca pretendi que isso acontecesse.”

O olhar dela percorreu o rosto dele, o lábio continuando tremendo.

Uma pulsação maçante pulsou em sua têmpora. “Deixe-me ver se entendi. Você não gostou da minha rejeição, então decidiu que me deixaria morrer. Que tipo de bruxa faz uma birra assim? Eu sou um ser real, Wynne! Você me condenou à morte porque eu não me apaixonei por você!”

Um assobio suave saiu dos lábios de Neira. Ela ficou de pé no sofá, com a cauda reta, a pele levantada ao longo das costas. Aparentemente, o familiar de Wynne fez uma exceção à voz elevada de Beaumont. Ele lutou contra o desejo de descobrir as presas de lobo de sua gárgula e sibilar em troca.

“Deixe para lá, Neira.” Outra lágrima escorreu pela bochecha de Wynne. Ela afastou-a com um golpe irritado e encontrou o olhar de Beaumont. “Sinto muito, Beaumont. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Rhiannon vai me punir, tenho certeza.”

Ele mordeu o interior da bochecha e esfregou o queixo mais uma vez. No momento em que sua exaustão fazia suas pernas parecerem pesadas como pedras, a energia nervosa, alimentada pela proximidade de Neira, o fazia andar entre a lareira e a grande janela.

Ele parou e olhou através da pequena fenda entre as cortinas. O sol, começando sua descida da tarde, alongou as





sombras em caricaturas grotescas que se assemelhavam a seu inimigo.

"Eu não atestarei você com Rhiannon. Você está por sua conta, mas se ajudar, não a procurarei por penitência."

Apesar de Wynne ter lhe custado alguma chance de voltar à vida, ele não queria que ela vivesse com a culpa. Já havia muito sofrimento no mundo.

"Obrigada", ela sussurrou.

Ele se virou, ansioso para sair. Enquanto caminhava em direção ao corredor, Wynne agarrou seu braço.

Beaumont. Você nunca respondeu minha pergunta anterior. O que no Outro Mundo faria você sair ao sol?

Ele ficou tenso.

"Por que você arriscaria drenar sua energia..." Os olhos de Wynne se arregalaram. "Você se importa com alguém, não é? Uma mulher."

Sim.

O pensamento espontâneo escapou de seu subconsciente, e o folheto no bolso de trás parecia queimar diretamente através de seus jeans e sobre sua pele, queimando-o com sua intensidade. Ele se importava com Sadie, mais do que deveria e isso o assustava.

"Quanta energia preciosa você gastou em sua busca? Ela vale a pena?"

Em vez de responder, ele puxou o braço dela.

"Por que ela e não eu?" A boca de Wynne estremeceu novamente, e no fundo de seus olhos nadou uma vulnerabilidade que ele nunca tinha visto nela.





Antes que ele pudesse falar, ela se afastou e agarrou a gola do roupão. “Não importa, não responda a isso. Eu já sei o que você vai dizer. "Você nem sempre pode escolher por quem se apaixona.” Maldito seja o outro mundo. O destino é uma cadela perversa.”

Ele colocou a mão no ombro dela. “Não tenho dúvida de que algum dia alguém cruzará seu caminho e você entenderá o verdadeiro amor.”

Ela encontrou o olhar dele, a firmeza retornando em um instante. “Eu ofereceria um banho para você, mas já estivemos nesse caminho antes.”

E essa foi sua deixa para sair. Ele soltou o ombro dela.

Se ele pudesse se desmaterializar. Ele acariciou o dedo sobre a parte nua do peito. Uma visão de Sadie com seus lindos e tristes olhos passou por suas defesas. Uma dor desconhecida floresceu entre suas costelas. Como o tornozelo côncavo em seu peito, ele levou uma vida vazia. Ele viu isso agora. Pena que ele descobriu quando era tarde demais.

“Adeus, Wynne.” Ele foi em direção à porta.

“Beaumont.”

Ele parou. Esperou. Não se virou.

“Lamento profundamente.”

“Espero que você tenha aprendido algo com tudo isso.” Ele não esperou uma resposta antes de deslizar pela porta.



CAPÍTULO 23

Beaumont ficou ao lado do sofá em frente da janela imagem de Sadie, do crepúsculo primeiras sombras de filtragem entre os carros estacionados e os numerosos calçadas principais das casas vizinhas. Com um ritmo próprio, seu olho esquerdo se contraiu, puxando a cicatriz na esquina esticada. Ele esfregou o local, mas o carrapato implacável continuou a pulsar.

Depois de voltar da casa de Wynne, ele recolocou o casaco e o chapéu emprestados no armário e passou o resto da tarde passeando entre George em seu aquário e na janela. Ansioso pela chegada da noite, ele teve tempo de sobra para aceitar seu destino.

Ele morreria. Talvez amanhã, talvez no dia seguinte.

O tremor em seus olhos aumentou em velocidade, como as asas de uma abelha tremulando a velocidade máxima. Ele fechou os olhos e puxou a cicatriz, forçando a carne a se curvar à sua vontade. Por fim, os espasmos cessaram.

Na quietude da crescente escuridão da noite, uma dor cresceu em seu peito. Ele coçou a barba por fazer. Depois de quase um milênio de serviço a Rhiannon, ele costumava pensar que a morte seria uma bênção, mas, em vez disso, ele queria ficar.

Ele queria passar um tempo com Sadie e convencê-la a obter seu GED para que ela pudesse frequentar a faculdade.

Mentiroso... Isso era uma verdade parcial. Ele queria estar com Sadie porque gostava da coragem dela, do jeito que seus olhos brilhavam com sua determinação, mas também porque ela



brincava junto com os jogos dele, dando o melhor que podia. *Merde.* Ele era tão louco quanto parecia?

O clique da trava da porta chamou sua atenção. Passos suaves e acolchoados ecoaram na cozinha e a porta do armário rangeu. Uma ânsia tomou conta dele. Ele se afastou da janela e caminhou em direção aos sons.

Ele parou na porta da cozinha. De costas para ele, as pontas dos cabelos escuros e sedosos de Sadie caíam em cascata ao redor do queixo. Alguns fios rosados espiaram de sua nuca, atormentando-o com sua cor suave.

Ela usava uma camisa de manga comprida, uma manga empurrada para o cotovelo, a outra até o pulso. Os ombros dela afunilaram até a cintura fina, onde os quadris, tão redondos e firmes, ardiam. O desejo de agarrá-la por trás e pressionar contra ela o fez sufocar um gemido.

Ela se virou para ele, com uma tigela de cereal nas mãos.

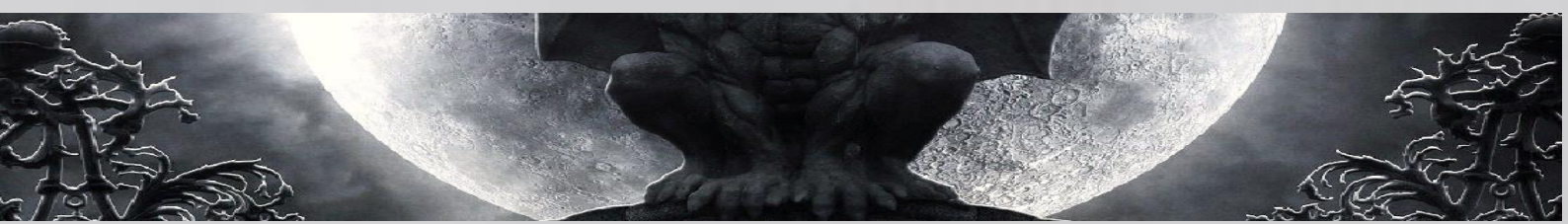
Arrependimento refletido nas profundezas de seus olhos. “Isto é para você.”

Quando a tigela trocou as mãos, seus dedos deslizaram sobre os dela, o toque breve e sensual. “Obrigado.”

Ela pegou outra tigela, tirou duas colheres de uma gaveta e entregou uma para ele. Com um ritmo acelerado, ela atravessou a cozinha e ficou ao lado da pia, colocando distância entre eles. O barulho de cereal mastigado ecoou no pequeno espaço.

Sadie olhou por cima do ombro. “Como você dormiu?”

De jeito nenhum ele lhe contaria sobre sua jornada para a Universidade de Chicago, ainda não. “Bem. Você?”





Os ombros dela enrijeceram. “Ótimo. Perfeito.”

Ele queria abraçá-la, aliviar sua dor, mas depois da noite anterior, ela deixou claro que não queria sua simpatia. Em vez disso, encostou-se ao balcão, comeu uma colher cheia do temido cereal e mudou de assunto.

“Você ouviu de Luke?”

Ela se virou para ele e balançou a cabeça. “Não Luke ou Hannah.”

A dor gravou linhas ao redor dos olhos dela e, desta vez, ele não conseguiu se conter.

Ele caminhou para o lado dela, deslizou o dedo sob o queixo dela e acariciou o polegar ao longo de sua bochecha. “Nós vamos encontrar sua irmã.”

Mesmo quando ele disse as palavras, ele não tinha certeza de que estaria por perto o tempo suficiente para ajudá-la, mas, se tivesse a chance, faria tudo ao seu alcance para vê-las reunidas.

Ela se afastou e derramou sua tigela de cereal pela metade na pia. “Nós devemos ir. Gabriel costumava sair em alguns armazéns antigos. Podemos acertar algumas de suas assombrações pelo caminho.”

Gabriel...

O nome do sujeito pairava sobre eles como uma nuvem negra cheia de torrentes de chuva de verão.

O tique na pálpebra ressurgiu e ele jogou o que restava de seu cereal na banheira de aço inoxidável. “Quem, exatamente, é Gabriel para você?”





Linhas de tensão se formaram em torno da boca franzida de Sadie. O silêncio se esticou por vários batimentos cardíacos antes de exalar e colocar a palma da mão sobre o bolso. “Foi ele quem me ensinou a usar um canivete.”

Beaumont levantou uma sobrancelha. “Luke disse que você era namorada dele.”

Ela encolheu os ombros. “Se é assim que você quer chamar.”

Ele apertou os dentes com tanta força que o estalo ecoou por sua cabeça. “Ele bateu em você?”

Ela cruzou os braços e encostou-se ao balcão. “Eu era jovem, ingênuo e acreditei quando ele disse que cuidaria de mim. Na realidade, ele me usou para conseguir o que queria. Ela levantou o queixo. “Não que isso importe agora, mas sim, ele me batia regularmente. Depois que eu finalmente fui embora, eu o deixei.”

A necessidade de enterrar o punho no rosto do sujeito e espancá-lo até que ele parasse de respirar chicoteou Beaumont com um vento forte. Fios escuros, como aranhas, serpenteavam de seu punho e subiam seu antebraço. Ele virou as costas para ela antes que ela notasse, embalou seu braço e caminhou até a mesa da cozinha para se dar algum espaço.

Inspire, expire. Inspire, expire.

Ele limpou a garganta, mas sua voz permaneceu rouca. “Ele não te merecia.”

Nenhum dos dois falou pelo que pareceu uma eternidade, embora possa demorar apenas um minuto. O Critch retrocedeu, mas sua pele ainda ardia.





Sadie suspirou. Está escuro agora. Se você quiser encontrar sua pedra de faísca, devemos ir.

Ele não conseguiu dizer a ela que não precisava mais da sua faísca. Apesar de seus modos de carteirista, Sadie era uma boa alma. Ela honrou seus compromissos e parecia querer fazer as pazes por roubar a pedra dele. Isso era algo que ele podia respeitar.

Ele forçou um sorriso. “Continue. Estou pronto quando você estiver.”

Ela pegou o casaco leve das costas de uma cadeira da cozinha e o jogou. Com passos rápidos, ela foi até a porta, a determinação gravada em sua sobrancelha franzida.

Beaumont o seguiu. *Localize Gabriel. Derrube Marco. Convença Sadie a voltar para a escola. Encontre a irmã dela.* Com a convicção queimando no fundo do coração, Beaumont jurou que alcançaria cada um deles antes que sua alma se dissolvesse no nada.



CAPÍTULO 24

Sadie se sentou ao lado de Beaumont em um dos antigos assentos de plástico no “L” trem. Quando viraram uma esquina, as rodas guincharam contra a pista. Sua grande estrutura ocupava a maior parte do espaço, os joelhos pressionados contra o encosto do banco na frente deles.

Ele estudou os outros passageiros, como se estivesse avaliando se eles eram inimigos que ele precisava matar. Alguns fios de seu cabelo castanho acariciaram sua bochecha, e ela se concentrou na cicatriz na borda do olho.

Quantas batalhas ele travou no curso de sua servidão a Rhiannon? Muitas, ela tinha certeza. Ele não teria sobrevivido quase mil anos sem sua força e astúcia. Embora ele tivesse contado a ela sobre Rhiannon e as gárgulas, ele evitou compartilhar muitas informações pessoais.

Ela não o conhecia, não de verdade, mas queria. A curiosidade borbulhou sob a superfície, e ela abriu a boca para fazer uma pergunta, mas pelo conjunto tenso de sua mandíbula, ela mudou de ideia. Mais tarde, quando ele parecesse favorável, ela descobriria mais.

Ela voltou sua atenção para a janela. Embora tivessem verificado alguns dos antigos lugares favoritos de Gabriel, não o encontraram. Talvez o próximo lugar seja o vencedor. O "L” diminuiu a velocidade e ela olhou para a tela do leitor. Esta foi a próxima parada.



Ela o cutucou com a perna. “Estamos aqui.”

Ele se levantou e ela deu uma boa olhada em como os jeans dele abraçavam suas costas firmes. Um lampejo de emoção a percorreu. Ela apertou os lábios e o seguiu. Eles saíram do trem e ficaram na plataforma elevada.

“Lado sul”, ele murmurou.

“Sim.” Sadie tirou o celular do bolso de trás e olhou para a tela.

Sem mensagens. A tensão em seus ombros diminuiu. Por mais que ela quisesse ajudar Beaumont, não podia negar o alívio que corria por suas veias. Ela não tinha certeza de que conseguiria ver Gabriel novamente, mas queria remover esse macaco nas costas. O medo dele a assombrava por muito tempo. Ela colocou o telefone de volta no bolso.

A atenção de Beaumont concentrou-se em dois jovens encostados em uma grade. Os músculos de seus ombros ficaram tensos. “Qual caminho?”

Sadie não os reconheceu, mas as marcas gêmeas em suas sobrancelhas raspadas indicavam suas afiliações de gangues.

Ela puxou a manga de Beaumont. “Me siga.”

Eles desceram as escadas, o metal rangendo sob os pesados degraus de Beaumont. Quando chegaram ao nível da rua, Sadie atravessou a calçada e desceu um dos muitos becos atrás dos grandes armazéns.

O medo corroeu sua determinação. O coração dela disparou. *Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso.* O canto mental





reforçou sua coragem o suficiente para manter um ritmo constante.

"Gabriel costumava se esconder no armazém no final desta rua. Talvez ele ainda esteja lá..."

"Espera." Beaumont agarrou seu braço, parando no meio do caminho.

"O que é isso?'

"Calma", ele sussurrou.

No final da rua, o luar lançava um brilho sinistro sobre a calçada. Sadie não viu nada, mas mesmo sob o paletó leve arrepiou-se ao longo dos braços cobertos.

Beaumont ficou rígido e retirou a adaga da bainha do cinto. A luz reluzia da lâmina, afiada e brilhante.

Ele a rodeou, usando seu corpo como escudo. "Fique atrás de mim."

Ela enfiou a mão no bolso e tirou o canivete. Com um único toque no botão, a lâmina se soltou com um clique suave.

Uma brisa leve subiu e girou em um mini tornado perto do fim do beco. Mais dois se juntaram nas proximidades, e os três pequenos demônios combinados entraram em frenesi. Um por um, os fae se uniram em sua forma humana.

Vestindo jeans retos e camisas de botões, os três fae mantinham um ar de ameaça escondido sob suas características surpreendentemente bonitas. Se não fosse por seus brilhantes olhos amarelos, ela juraria que eram modelos de capa.





"*Arquivos de Pute*" Beaumont xingou baixinho. Ele a empurrou para o lado oposto do beco, por onde eles vieram. "Corre. Não posso arriscar sua vida."

Ela engoliu em seco. Ele lutaria com todos eles para protegê-la, disso, ela não tinha dúvida, mas não queria sair do lado dele.

Sadie ergueu os ombros. "Eu também posso lutar."

"*Picar*! Vá agora, enquanto você ainda pode." Seu olhar severo não deixou espaço para discussão.

Por cima do ombro, os três fae avançaram, seu ritmo aumentando a cada passo. Ela prendeu a respiração e apertou os dedos ao redor do canivete.

"*Zut alors*, pequeno ladrão, você tenta minha paciência. Corre!" Ele a empurrou mais uma vez.

Uma brisa forte flutuava, soprando seus cabelos sobre os olhos. Ela se virou em direção a sua rota de fuga. No final do beco, mais dois fae avançaram, encaixotando-a. Alguns pedaços de papel solto flutuaram em seu rastro.

Cinco contra dois. As probabilidades não estavam a seu favor.

"Nossos amigos têm companhia." Ela chiou as palavras.

Ele amaldiçoou, uma longa ladainha que ela não entendeu. O francês dele realmente saiu quando ele estava bravo. É bom saber para referência futura, se eles sobreviverem.

Ele colocou um braço protetor na frente dela. "Apontar para os olhos deles. Afunde sua lâmina o mais longe possível."

Isso significaria que ela teria que chegar perto, super perto. O medo invadiu seu interior e apertou seu peito. Ela nunca





matou nada maior que uma aranha. “Não existe uma maneira mais fácil de matá-los?”

Uma risada quase imperceptível saiu de seus lábios. “A menos que você possa cortar a jugular ou incendiá-la. Você tem gasolina e uma partida?”

Ela engoliu em seco, as mãos tremendo. “Não, não trouxe a lata de reposição comigo."

Os fae estavam perto agora. A toupeira do queixo da criatura mais próxima se destacava como um polegar dolorido.

“Então fique perto de mim e mire nos olhos.” Ele estendeu a lâmina, os músculos tensos nas costas contra a camisa, puxando o material com força.

Os fae se aproximaram.

“Este é humano.” Uma fae com cabelos dourados apontada para ela. "Podemos enviar a alma dela para o Outro Mundo.”

“Pouco provável. Que tal você comer minha lâmina?” Beaumont cortou a adaga na mais próxima.

A ponta pegou a criatura no peito. O sangue jorrou da ferida.

“Agora, isso não foi legal.” Os fae sorriram, revelando um conjunto de presas longas e pontudas. Ele se lançou em Beaumont.

Beaumont o encontrou no meio do caminho.

A criatura pousou nos ombros de Beaumont, suas garras cravando no material.

Beaumont agarrou a criatura pelo pescoço e a libertou, a camisa de Beaumont rasgando as costuras. Sua pele ondulava com sua força, a superfície ondulando entre um cinza endurecido e seu tom de pele natural.





Com mais força do que Sadie achou possível, ele jogou o fae contra outros dois, derrubando-os no processo.

Um grito alto ecoou pelo beco. Dois fae correram na direção deles a uma velocidade alarmante. Um correu para Beaumont, o outro olhou para ela. Os olhos dele dilataram, o próprio reflexo de olhos arregalados visível em suas profundezas.

A pele do couro cabeludo se arrepiou. Um grito saiu de sua garganta, parte do medo, parte do grito de guerra.

Ela separou os pés, agachou-se e levantou a faca.

Os fae mergulharam nela, saltando no ar como se ele tivesse asas. A intenção de matar brilhava em seus olhos.

Com a força do seu ódio cru e fresco, ela cortou a faca do agressor. A lâmina cortou sua camisa, revelando seus abdominais bem tonificados e musculosos e uma linha de sangue onde o aço havia cortado sua carne.

Um rosnado de pura raiva borbulhou de seus lábios. Ele a agarrou pelos ombros e a forçou a recuar até seus ombros e quadris atingirem a parede de tijolos do edifício.

A dor ricocheteou em suas pernas.

Ele agarrou o pulso dela e torceu.

A agonia torceu seu braço. Sua lâmina de confiança caiu no chão.

No fundo, grunhidos e gemidos ecoavam pelo beco. Uma lata de lixo bate na parede, pedaços de lixo deslizando sobre a calçada.

Os fae a prenderam contra o tijolo. Um fedor metálico misturado com seu mau hálito desencadeou seu reflexo de vômito.





Ele enfiou o braço sob o queixo dela. “Você acha que é tão fácil me machucar, não é? Bem, minha querida, pense novamente.”

Ela o odiava, esse animal sujo e fedorento com seus traços enganosamente bonitos. Ela juntou um bocado de saliva e deixou voar. A umidade caiu em sua bochecha logo abaixo dos olhos.

Ele se encolheu. Sua mandíbula se contraiu, a pele esticando ao longo do queixo. Como se estivesse sonhando, suas feições se transformaram, a bela fachada evaporando em algo vil - bochechas afundadas, olhos amarelos brilhantes, presas longas e pontudas.

Ele era a criatura dos pesadelos.

O horror apertou sua nuca. Um grito estridente rasgou de seus lábios.

Desta vez, seu grito foi todo terror.

Ele estendeu o dedo indicador e a garra se alongou, a ponta brilhando no brilho da lâmpada. “Vejo você no Outro Mundo, minha querida.”

Ele afastou a mão, pronto para atacar.

Ela lutou contra ele, empurrando, chutando, lutando, mas ele a prendeu. Como se em câmera lenta, sua garra com garras deslizou em sua direção.

Ela fechou os olhos.

Carregado ao longo de uma onda de grande tristeza, um pensamento final passou por sua mente. *Eu deveria ter deixado Beaumont me seduzir.*

Uma brisa fresca passou.

O peso pesado dos fae desapareceu.

Ela abriu os olhos.





Beaumont segurava o fae pelos cabelos. O sangue escorria de sua garganta cortada. Ele soltou e o corpo da criatura caiu no chão. Um momento depois, uma pequena tempestade de poeira levou todos os vestígios, como se os fae nunca tivessem existido.

O peito de Beaumont arfava, os ombros estremecendo a cada respiração. Sua camisa pendia dele em pedaços. O sangue acumulou-se ao longo de vários cortes na bochecha, nos braços e na parte exposta da coxa nas calças. Havia tantos lugares que ela perdeu a conta.

Ela olhou para o beco. Eles estavam sozinhos. Ele matou todos os fae. O respeito inchou em seu peito, enquanto o medo por ele ameaçava apertá-lo com força.

"Você está bem?" Suas palavras difíceis arrancaram de seus lábios.

Ela engoliu o caroço no fundo da garganta. "Estou bem…"

Uma respiração aliviada aliviou dele que se transformou em uma tosse estridente.

Ela correu para o lado dele. "Mas você não esta."

Ela colocou o braço por cima do ombro e o ajudou a se encostar na parede. Sua pele ondulou, passando de seu tom natural para cinza e vice-versa. Um assobio agudo saiu de seus lábios.

Onde os dedos dela agarraram seu bíceps, sua pele escureceu e ficou fria. Pequenas mechas negras rastejavam do punho cerrado no braço e no ombro. A escuridão percorreu seu peito, se espalhando como uma doença mortal.





Ela reprimiu o suspiro chocado e se forçou a se concentrar. “Beaumont, o que posso fazer?”

Ele encostou a cabeça no prédio, uma careta apertando suas feições. “Perdendo... Força. Precisa... De água.

No final do beco, três homens apareceram, suas formas solidificando-se como que por mágica. Eles correram em direção a ela, seu ritmo aumentando a cada passo.

A tensão enrolou em seu estômago. Eles eram amigos ou inimigos?

Um homem alto, com um penteado curto, de corte militar e ombros largos, fechou a distância. Ele diminuiu a velocidade, seus dois amigos não muito atrás. Seu olhar passou de Beaumont para ela. Na penumbra do poste, seus olhos escuros pareciam penetrar em sua alma.

Um arrepio involuntário deslizou por sua espinha. O velho ditado, “Eu não gostaria de encontrá-lo em um beco escuro” deslizou por sua mente. Uma risada histérica ameaçou escapar, e ela apertou os lábios com força.

“Você não precisa me temer. Eu sou amigo de Laroche.” Ele levantou as mãos e acenou com a cabeça para os outros dois que se juntaram a ele. “Eles também. Nós estamos aqui para ajudar. Abaixe a faca.”

Faca? Seus pensamentos zumbiram em sua mente. Na palma da mão, os dedos, brancos de tensão, agarraram o canivete. A ponta pontiaguda brilhava na luz fraca. Ela não se lembrava de pegá-lo, mas em toda a comoção, ela deve ter.



Sua atenção voltou para os homens diante dela, e ela apertou o punho, pronta para defender Beaumont desses estranhos. “Como eu sei que você não vai machucá-lo?”

“Está tudo bem. Você não precisa protegê-lo de nós. Nós somos amigos dele. Eu sou Drake e este é Seth e Finn. Drake, com os olhos escuros, se aproximou, a mão estendida na direção da lâmina dela. "Vamos guardar isso, ok?”

Por pura força de vontade, ela abaixou o braço, fechou a lâmina e enfiou a arma no bolso.

“Isso é melhor. Agora, deixe-me ajudá-lo.” Drake deslizou o braço sob o ombro de Beaumont, levando seu peso pesado.

Os músculos de suas pernas tremiam tanto de seu alívio quanto de segurar Beaumont com firmeza.

“Ei, você é a mulher da outra noite, o batedor de carteiras. Qual é o seu nome, senhora?” Seth agarrou a ponta do chapéu de cowboy e assentiu rapidamente.

“Sadie.” Sua atenção voltou-se para Beaumont. Sua cabeça pendeu para o lado. As teias de aranha escuras cobriram seu peito e seguiram pelo estômago e pela garganta. “O que há de errado com ele? Você pode ajudar?”

“Nenhum sinal de escarro fae, mas o Critch está viajando rápido. Finn, você ainda tem essa garrafa de água?” A pergunta de Drake saiu dele como um comando.

“Sim, chefe. Bem aqui.” O moreno, com o queixo ondulado, retirou uma garrafa do bolso do paletó, soltou a tampa e correu para o lado de Beaumont.



Antes que Sadie pudesse reagir, ele jogou o conteúdo sobre a cabeça de Beaumont.

Beaumont inalou, e o som ecoou nas velhas lixeiras enferrujadas. Ele agitou o braço direito, ainda não afetado por sua aflição. Uma tosse saiu de sua garganta. Cada respiração estridente batia em sua alma. Os tentáculos escuros no peito de Beaumont recuaram, mas ainda permaneciam em seu braço.

Ela tocou suas cicatrizes. “Ele vai ficar bem?”

O olhar penetrante de Drake encontrou o dela. Os lábios dele apertaram. “Por enquanto.”

Sua respiração engatou. “Por enquanto? O que isso significa?”

“O Critch provavelmente retornará. No entanto, existem três maneiras de evitar a doença, pelo menos temporariamente - água, proximidade de animais domésticos e sexo.” Drake levantou a sobrancelha.

Sadie piscou. *Sexo?*

“Suficiente. Estou bem.” Beaumont empurrou contra a parede e se levantou. Ele balançava de um lado para o outro.

Seth deu um tapa no braço de Beaumont. “Laroche, cara, procuramos por você por horas. Finalmente, peguei um rastreio no seu dispositivo de rastreamento interno. Ele sofreu um curto-circuito várias vezes.”

“Sim, eu tive algumas demandas no meu suprimento de energia.” O olhar de Beaumont deslizou para Sadie. Suas feições suavizaram, o alívio passando rapidamente por seus olhos. “Estou feliz que você esteja bem.”





Ela tentou engolir, mas não conseguiu superar o nó na garganta apertada. Ninguém nunca a olhou assim antes. Ele se importava com ela. Uma das camadas endurecidas em torno de seu coração amoleceu. Seus olhos lacrimejaram e ela piscou para afastar as lágrimas não derramadas. Tudo o que ela pôde fazer foi assentir.

"Você deve ser bom por algumas horas." Drake colocou as mãos nos quadris. "Tenho certeza de que não preciso lhe contar, mas vou dizer assim mesmo. Você precisará recarregar sua energia."

Beaumont acenou com a mão no ar. "Sim. Sim. Entendi, chefe."

Finn pigarreou. "Há algo que você já deve saber. Você quer dizer a ele, Drake ou devo?"

Pinpricks viajaram pelos braços de Sadie. Pela testa franzida de Finn, isso não poderia ser bom.

Drake passou a palma da mão sobre a boca e exalou. "Algo aconteceu hoje no campus. Um humano atacou sua gárgula..." Ele bateu o punho na palma da mão e andou no pequeno espaço. "Droga, eu odeio que tudo o que pudemos fazer foi assistir. Aquele lixo humano destruiu seu posto. Por que o feitiço de proteção de Wynne não funcionou?"

Um lampejo de raiva varreu as feições de Beaumont como um incêndio, rapidamente desapareceu em um instante. Nenhum choque ou sinal de descrença. Uma agitação de medo percorreu o interior de Sadie. Ele sabia. No entanto, por algum motivo, ele não queria admitir.





"Wynne e eu tivemos um desacordo. Ela deixou o feitiço caducar. Momento ruim para mim. Você deu uma boa olhada nesse humano?" A última palavra de Beaumont saiu áspera.

Finn assobiou. "Jaysus, lembre-me de nunca a irritar."

A mandíbula de Drake se apertou. "Não acredito que Wynne fez isso. Rhiannon não ficará feliz com ela, e ela terá que pagar por sua violação, mas para responder sua pergunta, sim, nós o vimos. Um garoto de vinte e poucos anos, cabelo castanho desgrenhado, magro, três gotas de lágrimas tatuadas na bochecha e disse algo estranho: "Marco, você ficará satisfeito."

Os joelhos de Sadie tremeram e ela deu um passo para trás. *Gabriel...*

Beaumont a pegou quando ela caiu em direção ao chão, o braço dele envolvendo a cintura dela. Ele a puxou para perto de seu abraço, e suas mãos descansaram em seu peito.

A dureza de aço de seus músculos sob as pontas dos dedos a aqueceu com uma sensação de proteção e desejo. Essa gárgula, com seus modos carinhosos e seu estranho senso de humor, passou por suas defesas.

"É quem eu penso que é?" A voz profunda de Beaumont retumbou em seu peito.

Ela engoliu em seco e focou nos lindos olhos castanhos de Beaumont. "Sim, Gabriel."

Beaumont olhou para os companheiros. "Você se lembra de Sadie? Foi ela quem roubou minha pedra de faísca. Ela o vendeu para uma loja de penhores. Esse cara, Gabriel, comprou. Estamos procurando por ele."





Drake fez uma careta e se inclinou para frente. “Você é o ladrão que causou tantos problemas. Se você não fosse humano, eu...”

“Faria o que?” Sadie levantou o queixo.

Beaumont levantou a mão. “Pare, vocês dois. Eu cuidarei disso. Precisamos nos concentrar em Gabriel agora.”

Sadie relaxou, mas manteve sua atenção em Drake.

Seu chefe assentiu. “Você acha que ele está trabalhando para Marco? Nesse caso, Marco pode ter sua pedra de faísca.”

“Então por que ele não esmagou e enviou minha essência para o éter?” Beaumont sibilou.

“Boa pergunta.” Drake acenou para ela. “Você conhece esse Gabriel. O que você acha?"

Beaumont passou os dedos pelo braço de Sadie.

Ela gostou do toque dele e desejou permanecer em seus braços, mas a tontura havia passado, então ela se afastou. "Eu não deixaria passar Gabriel para me envolver com os fae.”

Uma carranca puxou a boca de Beaumont, aqueles lábios adoráveis e beijáveis. "As criaturas do outro mundo, incluindo fae e gárgula, não devem envolver humanos na guerra."

“Talvez Marco não esteja cumprindo as regras.” Seth acariciou o cabo de um chicote preso ao cinto. “Mal posso esperar para acabar com esse bastardo."

Seu olhar foi para Sadie. "Por favor, desculpe minha linguagem suja, senhora.”

Sadie sorriu. Apesar dos modos estranhos, ela meio que gostava dessas gárgulas.





“Marco é meu.” A voz baixa de Beaumont ecoou no beco.

Seth apertou os dedos no chicote. "Acho que é melhor encontrá-lo primeiro, então."

“Rapazes, há algo que não discutimos.” Finn perfurou Beaumont com um olhar preocupado. “Você sabe, agora que sua gárgula de pedra não existe mais, mesmo com sua pedra de faísca, você não pode...”

“Voltar ao meu post.” A linha fina dos lábios de Beaumont não deixou espaço para discussão sobre o assunto. "Estou bem ciente das ramificações.”

Ramificações? Sadie apertou a sobrancelha e estudou Beaumont. Ele morreria se não voltasse? Uma frieza terrível a atingiu no estômago. Ela não conseguia falar, não conseguia respirar. *Não…*

Ninguém falou por vários segundos. Ao longe, o som de uma sirene de veículo de emergência ecoou entre os prédios.

Uma brisa pegou, e o olhar de Drake flutuou pelo beco. “Seth, Finn, sinto companhia chegando. Você está em detalhes. Temos trabalho a fazer.”

“Você conseguiu, chefe.” Seth colocou a mão no ombro de Beaumont. "Vamos ficar de olho em você, meu amigo.”

“Caramba, sim.” Finn visivelmente engoliu.

Beaumont assentiu. “Esfaqueie-os nos olhos por mim.”

Seth tirou a adaga do cinto e desceu o beco.

“Logo atrás de você, companheiro.” Finn decolou em uma corrida lenta.

O olhar de Drake deslizou para o peito de Beaumont.





Sadie não pôde deixar de olhar. As veias escuras de aranha voltaram. Eles se esticaram sobre o ombro de Beaumont, e pequenas bobinas começaram a rastrear seu peito. Seu estômago se apertou em uma bola.

Drake tirou a jaqueta e enrolou em volta dos ombros de Beaumont. “Eu gostaria que houvesse mais que eu pudesse fazer. Cuide-se, meu amigo.”

“Obrigado...” Beaumont inalou um silvo. Suas feições empalideceram, mas ele assentiu. “Você também.”

O olhar de Drake passou para Sadie. Sob o microscópio, mais uma vez, ela levantou o queixo. Um sorriso apareceu em seus lábios, seus olhos escuros se suavizando.

Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido. “Ele precisa de você agora mais do que nunca. Seja gentil.”

O pulso dela disparou. Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, ele procurou seus camaradas.

"Nós devemos... Encontrar Gabriel..., mas precisamos... Tirar Você... Daqui... Antes que os fae cheguem.” As palavras de Beaumont caíram de seus lábios entre cada respiração difícil.

Os cabelos de sua nuca estavam arrepiados. "Vamos voltar para minha casa."

Ele agarrou a mão dela e a puxou para a rua, longe de seus amigos. Uma pequena gota de chuva respingou na calçada, seguida por outra depois pela outra.

A água, uma das maneiras pelas quais Drake mencionou, fortaleceria Beaumont. Talvez, se tivessem sorte, as gotas de chuva durariam o suficiente para afastar o Critch e manter





Beaumont vivo. Por quanto tempo ela não sabia, mas faria todo o possível para ajudá-lo.



CAPÍTULO 25

Gabriel andou do arquivo antigo de metal até a mesa de madeira ainda mais antiga. Sobras das décadas passadas, os móveis antiquados se encaixam perfeitamente no armazém em ruínas. Ele deveria ter comprado alguns móveis novos com o adiantamento que Marco a havia dado, mas gastara o dinheiro em algumas roupas novas e no jantar em um restaurante chique.

Marco…

Os músculos de suas mãos se contraíram com energia nervosa. Ele apertou o punho em torno do medalhão de ouro e aumentou o ritmo. Ele deveria abrir a boca e chamar os fae, dizer que havia destruído a gárgula de pedra, mas seus lábios permaneceram fechados. Depois de mais três rodadas, ele ficou ao lado das janelas incrustadas de sujeira e espiou o beco abaixo.

A essa hora da noite, apenas os corajosos ou incrivelmente estúpidos vagavam pelas ruas laterais como esta. Felizmente, nenhum dos dois adornou o beco neste momento. Sua atenção chamou a uma lixeira tombada perto da entrada da rua. Engraçado, ele espiou pela janela há menos de uma hora e não se lembrava da lixeira. Deve ser nervosismo.

Ele abriu a palma da mão e estudou o ornamento de ouro. O dragão, com suas asas largas e pés com garras, parecia temível e orgulhoso. O que o dragão simbolizava para os fae? Ele balançou sua cabeça. Realmente não importava. Hora de fazer isso. Ele abriu a boca e inspirou profundamente.



“Gabe? Chefe?” A voz familiar de Luke ecoou pelo espaço enorme.

Exceto pela mesa, o armário de arquivos e uma cadeira velha, a vasta extensão do armazém permaneceu vazia.

Sangue pulsou na têmpora de Gabriel. Ele enfiou o medalhão no bolso e se virou para enfrentar sua interrupção indesejada. "O que?"

Com os ombros caídos, Luke entrou na sala. Esfarrapado e rasgada, sua camisa estava pendurada em trapos, e seus jeans manchados de lama não tinham visto uma máquina de lavar no que pareciam semanas. Um cinto novo, com uma fivela brilhante, sustentava suas calças e parecia deslocado.

Ele esfregou as mãos e olhou em volta. “Você está sozinho?”

A contração voltou à mão de Gabriel. Ele franziu a testa. “Parece que mais alguém está aqui?”

Luke inclinou a cabeça. “Não, não, claro que não. Eu só…”

Como o desgaste de suas roupas, a pele de Luke carregava os estragos da vida nas ruas, fazendo-o parecer muito mais velho do que seus vinte e dois anos.

A carranca de Gabriel se aprofundou. "Vamos vamos. Eu não tenho a noite toda. Desembucha."

“Eu tenho informações que você achará interessante.” Luke deu um passo à frente. “Você não tem mais cerveja, não é?”

Gabriel entrou no espaço pessoal de Luke, agarrou o cara pela gola da camisa e apertou o material firmemente em volta do pescoço. O cheiro rançoso de odor corporal assaltou suas





narinas. “Você não pechincha comigo. Eu forneço abrigo, comida, um telefone. Quando foi a última vez que você tomou banho?”

Luke se engasgou enquanto arranhava as mãos de Gabriel. Fraco, ele não era páreo para Gabriel. Uma emoção percorreu suas veias como um raio líquido. Um aperto final e ele drenaria a vida dessa escória miserável. O problema, porém, era que ele precisava de pessoas como Luke para mantê-lo informado sobre a atividade nas ruas.

Ele empurrou Luke no chão. “Levante-se. Fale comigo como um homem. Sem choramingar.”

Luke levantou-se. Ele limpou o nariz com o dedo e olhou para Gabriel. “Sinto muito, Gabe, er, chefe. Você me trata bem. Eu deveria fazer melhor.”

Gabriel colocou o braço em volta do ombro do sujeito e tentou ignorar seu fedor. “Você é um bom homem, Luke, na verdade você é, mas precisa me contar com antecedência sobre informações. Eu cuido de você, não é?”

Luke assentiu e fungou “Sim, sim, você faz.”

“Tudo bem então. Conte-me. Que notícias você traz?”

O homem mais jovem olhou nos olhos de Gabriel. “Encontrei Sadie.”

Sadie... O coração de Gabriel pulou uma batida.

Sua boca repentinamente seca, ele não conseguiu engolir. “Sadie? Como nossa Sunny Sadie?”

“Sim, ela.” Um sorriso floresceu no rosto de Luke. “Ela parece bem, toda bonita com um pouco de rosa no cabelo e—"





Gabriel apertou ainda mais o ombro de Luke "Onde você a viu?"

"No parque antigo, em Lincoln. Ela estava procurando por você."

Gabriel se encolheu, como se alguém o tivesse dado um soco no estômago. "Ela está me procurando? Por quê?"

"Disse que você tinha algo que lhe pertencia. Acho que era uma joia, algo chamado pedra de faísca." Luke enfiou os dedos no bolso e pegou o telefone. "Ela me deu o número dela. Queria que eu a contatasse se eu o encontrasse."

"Ela fez, não é?" Gabriel sorriu e pegou o telefone da mão de Luke.

Com dedos ágeis, ele examinou os contatos até chegar a um que reconheceu, *Sadie não tão ensolarada.* Ele apertou os lábios. Quando eles se conheceram, ela parecia o sol para ele, tão brilhante, tão alegre, tão inocente. Com o tempo, sua felicidade desapareceu.

Talvez você tenha roubado isso dela. As palavras sussurradas ecoaram em sua mente.

Ele apertou ainda mais o telefone. "Você fez bem, Luke, muito bem mesmo."

As feições de Luke se iluminaram. "Obrigado, chefe, obrigado."

Gabriel transferiu o número para o telefone e devolveu o modelo mais antigo para Luke. "Por que você não vai à casa do clube, toma banho, come uma refeição, talvez adquira roupas novas? Você merece uma noite de folga"





“Oh, esse é um bom plano. Você cuida bem de mim, chefe, mesmo.” Luke se arrastou para a porta e, quando a fechou atrás dele, a madeira velha estremeceu na moldura.

Gabriel caminhou até a janela e olhou para o beco. As lixeiras maltratadas e maltratadas ficavam como velhos soldados voltando do final perdedor de uma batalha. Talvez Sadie tenha sido quem vendeu a preciosa pedra branca para a loja de penhores. Ele não conseguiu segurar a risada que borbulhava na superfície.

“Sunny Sadie, agora isso parece algo que você faria. Roube a pedra de faísca de uma gárgula. Eu me pergunto como você conseguiu essa descoberta.” Ele passou o dedo pelo número de telefone dela. Tão perto, porém tão longe.

Gabriel pretendia entrar em contato com a irmã de Sadie, Hannah, após seu encontro com Marco, mas agora, ele pensava duas vezes. Sadie procurou por ele. Hannah procurou por sua irmã. Qual a melhor forma de usar essas informações? Ele bateu o dedo na lateral do telefone, sua unha batendo com um clique constante.

Um sorriso apareceu em seus lábios quando uma ideia se solidificou em sua mente. Ele não conseguiu parar o sorriso, então deixou que ele se espalhasse em seu rosto e fez sua ligação.

O telefone tocou em seu ouvido, uma, duas, três vezes. Sua unha bateu na borda do telefone em dobro.

“Responda, caramba, responda."

No quinto toque, quando ele pensou que o correio de voz atenderia, uma voz suave, ofegante e feminina respondeu. “Olá?”





“Essa é a Hannah?” Ele sorriu, satisfação se espalhando por seu peito.

“Sim.”

“Meu nome é Gabe. Estou ligando para o pôster que vi na Universidade de Chicago, o da jovem.”

“Você viu Sadie?” As palavras apressadas de Hannah ecoaram através da linha.

“Bem, não faz um tempo", o som da expiração desanimada fez cócegas em seu ouvido, “mas eu sei como encontrá-la.”

“Você faz? Sério? Ela está viva?” Hannah sentiu um grito feliz.

O sorriso dele aumentou. “Absolutamente, ela está viva. Vamos marcar uma hora e um lugar para nos encontrarmos. Nós vamos nos encontrar com sua irmã de lá.”

“Oh, isso seria tão perfeito.”

Isso foi fácil demais e, assim como o velho ditado *“Como tirar doces de um bebê”* Hannah era tão doce, inocente e crédula quanto Sadie já fora. Uma emoção enviou uma torrente de adrenalina até a virilha. Mal podia esperar para conhecer a irmãzinha de Sadie.

Gabriel caminhou pelo parque, onde Sadie encontrara Luke na noite anterior. Ele se inclinou contra o antigo conjunto de balanço instável e deu um empurrão no balanço solitário. A corrente girou e girou sobre si mesma, o assento girando e girando até o momento atingir seu zênite e o assento desenrolar lentamente.





Ele sorriu. Quantas vezes ele e Sadie se perseguiram em torno desse cenário antigo, sobre o escorregador e entre as barras de macaco?

Isso foi há alguns anos, mas o tempo parecia ter eras. Se ela não tivesse fugido dele, eles ainda estariam juntos. Ele só a atingiu porque ela mereceu. Quando ele parou de procurá-la, ele pensou que nunca mais a veria.

Não muito tempo depois de ter abandonado seus dias de furtos, deixando a tarefa para seus lacaios e mergulhando no mundo de garotas bonitas. Ele tinha o seu armazém, um andar acima do pequeno escritório onde morava, e um suprimento limitado de eletricidade e água consumida de um prédio próximo para manter seus negócios funcionando. Se ao menos Sadie tivesse permanecido, mas ela voltaria, disso ele não tinha dúvida.

Ele tinha planos de se encontrar com Hannah daqui a pouco, mas primeiro, ele precisava compartilhar suas boas novas com Marco. Se ele pudesse entrar nas boas graças dos fae, ele se mudaria para o mundo, seria capaz de pagar uma cobertura em um ótimo hotel. Um sorriso brincou em seus lábios. Sadie gostaria disso.

Com os dedos trêmulos, ele tirou o medalhão do bolso da calça. Os olhos do dragão pareciam brilhar.

Ele agarrou o ornamento, respirou fundo e fechou os olhos. “Marco, Marco, Marco.”

A buzina de um carro, o cheiro de lixo podre e a brisa quente do verão filtraram os sentidos de Gabriel. Ele soltou a tensão nos ombros e abriu os olhos.





O balanço se moveu suavemente na brisa leve. Nenhum sinal de Marco.

O pulso de Gabriel disparou em sua têmpora. Ele fez algo errado? Ele havia entendido mal os fae?

O vento ganhou velocidade, girando em torno do balanço. O pequeno assento girou, aumentando em velocidade. Poeira e sujeira se juntaram à agitação, obscurecendo o balanço da vista. Depois de um longo momento, a sujeira diminuiu. Vestido com um belo terno, com as pernas cruzadas e um ar de indiferença, Marco descansou no assento.

Uma risada nervosa escapou dos lábios de Gabriel antes que ele pudesse detê-lo. “Marco, você está aqui.”

Marco olhou em volta e ergueu uma das sobrancelhas. “Onde mais eu estaria?”

Ele se levantou do assento. “E, ainda bem, não há outros fae com o mesmo nome. Caso contrário, você teria três Marco aqui. Pelo que me lembro, eu lhe disse para dizer meu nome uma vez.”

Gabriel engoliu em seco. A vontade de dizer “sim, mestre” estava na ponta da língua. Apesar da brisa quente, arrepios formigavam em seus braços.

Marco passou os dedos pela lapela da jaqueta. “Você cumpriu sua tarefa? Não tive tempo de me procurar.”

“Sim.” O peito de Gabriel se expandiu. “Eu destruí a forma de pedra da gárgula, exatamente como você pediu.”





“Requeridos?” A atenção de Marco surgiu da lapela, seus dedos parando no meio do caminho. “Isso não foi um pedido. Isso foi uma ordem. Há uma diferença.”

O olhar dele se estreitou. "Diga-me que você não precisará de outro lembrete."

Gabriel se encolheu. “S... Sim, quero dizer, não. Não, não precisarei de outro lembrete.”

Ele escondeu os dedos trêmulos atrás das costas, mas a atenção dos fae acompanhou o movimento. Um sorriso frio curvou os lábios de Marco. Sua boa aparência o fazia parecer agradável, amigável, mas Gabriel suspeitava que a natureza maligna da criatura estivesse escondida logo abaixo da superfície. Ele nunca quis descobrir.

“Bem feito, então.” Marco passou o braço em volta do ombro de Gabriel.

Não estava perdido para ele que de repente ele sentiu uma espécie de parentesco com Luke. A amargura agitou seu intestino.

“Agora você é oficialmente uma parte da minha equipe.” Ele se inclinou e sussurrou: “Embora tecnicamente, quando você aceitou minha saliva pessoal e potente, eu já reivindiquei sua alma.”

Todos os músculos do corpo de Gabriel ficaram tensos. Ele havia vendido sua alma ao diabo? *Não, por favor, não.*

Marco riu e deu um tapinha no ombro de Gabriel. “Agora, eu não sou bem” o Diabo ". Só posso aspirar à grandeza de Cernunnos. No entanto, sou um poderoso senhor subordinado diretamente a ele.”





Um tremor percorreu as pernas de Gabriel. Os fae leram sua mente. “Eu vou morrer?"

“Não tão cedo. Como já disse, preciso de um exército humano durante o dia para realizar tarefas especiais.” Marco soltou Gabriel.

As pernas de Gabriel cederam e ele caiu de joelhos no chão. Uma rótula atingiu uma pedra. A dor ricocheteou na perna dele. Ele reprimiu um grito. Mostrar fraqueza diante deste fae pode ser mortal, apesar das palavras do fae.

“Bom homem. Morda essa língua. Só assim estamos na mesma página...” Marco caminhou até o balanço mais uma vez e girou lentamente. “Agora que você tem minha mistura especial em seu sangue, eu posso rastrear seu paradeiro e ler seus pensamentos se eu estiver dentro do alcance. Lembre-se disso, caso tenha alguma ideia de deixar meu emprego.”

"S... Sim, mestre.” As palavras caíram dos lábios de Gabriel. Ele não quis dizer isso, mas não conseguiu se conter.

“Muito bem, Gabriel, muito bem. Entrarei em contato. Enquanto isso, mantenha seus ouvidos e olhos abertos para qualquer coisa que você acha que pode ser valiosa. “Marco virou-se como se fosse sair.

“Espere!” Gabriel ficou de pé. Determinação e ganância forçaram as próximas palavras de sua boca. “E a minha recompensa?”

Marco tremeu e acenou com a mão no ar. “Oh isso sim. Você encontrará uma chave em sua mesa de armazém. A chave abrirá uma caixa de bloqueio no banco, na esquina, dois quarteirões ao





sul. Não gaste o dinheiro em um só lugar. Ah, e - ele estremeceu -, arrume alguns móveis novos, sim? Essa cadeira precária é atroz."

Com isso, o vento girou em uma tempestade de poeira e as faes escuras desapareceram.

Gabriel caiu de volta no chão, não se importando que seu joelho machucado se queixasse. Ele sobreviveu à interação com os fae, mas a que preço? O pavor por sua alma perdida e a alegria por sua nova promoção e riqueza se misturavam em uma mistura nociva.

Não querendo lidar com as implicações, ele afastou a sensação e se levantou. Ele tinha uma reunião com uma jovem.

Hora de ter alguma diversão.



CAPÍTULO 26

Beaumont seguiu Sadie passando a porta e em sua cozinha. Ele apoiou as mãos na bancada. Marco deve ter sua pedra de faísca. Ele enrolou a mão em um punho. Esse *desdém*.

Imaginando por que os fae não haviam esmagado sua pedra ocupou sua mente a maior parte do caminho até aqui. Bem, isso e os heroicos de Sadie no beco. O pequeno ladrão o defendia de seus parceiros, segurando o pequeno canivete na mão. O peito dele se apertou.

Ela o defendia.

Tão longe do engano de Marion.

Ele exalou e passou os dedos pelos cabelos. Não que algo pudesse acontecer entre ele e Sadie. Esta noite pode muito bem ser sua última.

Durante a briga no beco, o Critch havia se expandido de seu braço por cima do ombro e pelo peito. Finn havia lhe dado um pequeno alívio com a água da garrafa, e se não fosse pela chuva, a doença debilitante teria viajado por todo o corpo, derrubando-o rapidamente.

“Beaumont?” Sadie tocou em seu braço.

O calor da pele dela iluminou seus nervos sensíveis. Ela era como um ímã que ele não podia resistir.

Ele se virou para ela e ela arrastou os dedos para a mão dele. “Você sentiu isso?”

"Sente o que?"



As sobrancelhas dela se franziram. “Apertei sua mão.”

Ele olhou para onde a mão dela descansava contra a dele. Negra como a noite, as pontas dos dedos estavam dormentes.

“Começou de novo, não foi?” Ela olhou para ele, a preocupação brilhando no fundo dos seus olhos.

O tom melódico em sua voz penetrou profundamente dentro de seu peito, instalando-se como um cobertor quente e bem-vindo.

Ele se afastou e foi para a sala de estar. George nadou em sua tigela, sua cauda longa balançando atrás dele. Beaumont cruzou os braços e olhou pela janela.

A busca mal sucedida por Gabriel ocupou a maior parte da noite, e o brilho intenso do amanhecer brilhou em um carro estacionado nas proximidades. Sua necessidade de procurá-lo novamente queimava no estômago de Beaumont, mas ele teria que esperar até o anoitecer.

Atrás dele, os passos macios de Sadie passavam por cima do tapete.

Ela colocou a mão no ombro dele. “O que posso fazer para ajudar?”

Socorro? Não havia sentido. Seu tempo terminaria em breve - hoje à noite, amanhã, na noite seguinte. Ninguém sabia quanto tempo o Critch levou para transformar a gárgula em pedra. Então, quando a alma libertada no éter, os restos endurecidos se desintegrariam em pó. Seu intestino torceu. Ele não conseguiu parar a morte, apenas atrasou o inevitável. Havia algo que ele poderia fazer, no entanto. Ajude Sadie.





Ele pegou o papel que havia adquirido no escritório de admissões do bolso de trás e abriu a página. Uma ruga suave encheu o ar entre eles.

Ele limpou a garganta. “Existem vários lugares em Chicago que possuem programas de educação para ajudá-lo a obter seu GED. Pelo que diz aqui, a maioria é gratuita. Você poderia ir a um deles.”

Ela piscou e franziu as sobrancelhas.

Ele queria aliviar a preocupação dela, e seus dedos se contraíram com o desejo de suavizar as linhas que se formaram entre aqueles arcos delicados.

Em vez disso, ele se concentrou nos olhos dela, desejando que ela confiasse nele e visse em seu olhar que ele acreditava nela. “Você terá que passar por um teste nas constituições de Illinois e dos EUA, mas esses lugares também têm aulas sobre isso.”

Sadie puxou sua manga e deu um passo para trás, depois outro. “E se eu não puder?”

Beaumont agarrou seu braço para impedi-la de correr. “Não tenho dúvidas de que você pode fazer isso.”

O braço dela tremia em suas mãos. Ele teve um repentino desejo de abraçá-la e dizer-lhe que a ajudaria a cada passo do caminho, mas ele não viveria o suficiente para vê-la começar as aulas muito menos na pós-graduação.

Seus olhares travaram, o tempo parecia diminuir, os únicos sons, o tique do relógio da lareira e suas respirações aquecidas.





"E se eu não for inteligente o suficiente?" Ela olhou para o chão.

Uma pontada o atingiu no peito, seguido por uma onda de sangue em sua têmpora. Como ele esperava que ela aparecesse, acredite em si mesma. "Quem fez você duvidar de si mesmo?"

Ela se encolheu e puxou seu braço.

Ele a abraçou com força. "Diga-me, para que eu possa acabar com eles."

Uma rápida expiração saiu dela, parte risada, parte grito. "Você não pode prejudicar alguém que já está morto."

"*Merde."* Ele a soltou. "Quem?"

Ela tropeçou, mas recuperou o equilíbrio, os olhos dela brilharam com aquela coragem que ele veio a admirar. "Minha mãe. Ela costumava me dar um tapa e dizer que eu era burra, que não servia de nada. Até me perguntou por que eu não era mais como Hannah."

Um nó ficou preso na garganta. Como uma mãe poderia fazer algo tão cruel? Nunca na infância seu pai disse nada remotamente próximo. Ele encorajara Beaumont e seu irmão mais novo, Rémy, a cada passo do caminho. Por mais que ele quisesse puxar Sadie para seus braços, ele se conteve. Como um gato de rua encurralado, sua postura defensiva era clara - fique longe.

"Você é inteligente, perspicaz, engenhosa. *Picar*. Você sobreviveu às ruas. *Ela* não merecia *você*." Ele segurou o olhar dela, desejando que ela acreditasse.

O silêncio se estendeu entre eles por vários momentos. Finalmente, a tensão nos ombros de Sadie





diminuiu. Ela fungou, pegou a página dele, seus dedos tremiam e estudou o conteúdo.

Quando ela voltou sua atenção para ele, seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. “Como você conseguiu isso?”

Aqueles olhos verdes deliciosos, úmidos e cheios de emoção, quase o colocaram de joelhos. As fechaduras que cercavam seu coração quebraram uma a uma. Ele segurou seu queixo e uma única lágrima deslizou sobre seus cílios para pousar em sua bochecha. Com um golpe de polegar, ele enxugou a umidade.

Antes que ele pudesse falar, ela franziu a testa e ela se afastou. “Você foi para a universidade. É por isso que você não ficou surpreso quando seus amigos mencionaram sua gárgula de pedra. Você viu a destruição por si mesmo, não viu?”

Ele deu um breve aceno de cabeça. “Sim eu fiz.”

“Você está comigo desde a noite passada. Quando você teve tempo para fazer isso?”

Ele encolheu os ombros. “Esta tarde. Não consegui dormir.”

"Mas... eu pensei que o sol puxava sua energia."

Ele não respondeu. O que havia para dizer?

"Você fez isso por mim?” ela sussurrou.

As feições de Sadie se suavizaram, os olhos ainda úmidos de lágrimas e um pequeno engate balançou os ombros.

Ah, deuses, ele nunca sonhou que seu pequeno passeio significaria muito para ela. “Eu queria te ajudar. Encontrar uma maneira de você ir para a escola. É importante para mim.”





"Por quê?" Sua boca tremeu e ela passou a língua sobre o lábio inferior.

Ele gemeu, e foi tudo o que ele pôde fazer para não a arrastar contra ele e beijar seus lábios, mostrar a ela o que ela fez com ele. Como alternativa, ele sorriu.

"Porque eu ..." *Me importo.*

A palavra quase escorregou de sua boca. Ele não deveria perdoar, muito menos estimar, essa adorável criatura que pisara em sua vida, fazendo-o se importar com alguém que não fosse ele mesmo.

"Quero ajudá-lo a alcançar seu objetivo. Quando eu era criança, meu pai fazia da educação uma prioridade. Meu irmão e eu tivemos que suportar lições de leitura e escrita, além de formações de luta com espadas e batalhas." Beaumont sorriu quando a memória ressurgiu. "Meu irmão mais novo, Rémy, me desafiava em todas as oportunidades. Se não fosse por seus desafios constantes, eu provavelmente teria morrido no campo de batalha..."

Em vez disso, ele morreu nas mãos de um carrasco. Sua garganta se apertou.

Sadie inclinou-se para a frente, seus olhos seguindo para frente e para trás enquanto o estudava. "Essa é a primeira coisa que você compartilhou comigo sobre o seu passado. Você nunca fala de si mesmo. Por quê?"

Ele não podia contar a ela sobre seus modos assassinos. Ela o desprezaria como todo mundo em sua família, e ele não suportava ver o olhar de rejeição em seus olhos. Ele teve que sair daqui.





Com um senso de urgência em suas veias, ele deu um passo para movê-la. A perna dele dobrou e ele caiu no chão. Uma dor entorpecente irradiava de sua perna esquerda.

"Beaumont!" Sadie deixou cair o papel e se ajoelhou ao lado dele.

Pela abertura da jaqueta que Drake lhe dera, ele olhou para o peito nu. Brotando por baixo da cintura, mechas escuras subiam pelo abdômen.

Sadie empurrou a lapela do casaco, passando o material por cima dos ombros e a meio caminho do bíceps.

Um suspiro escapou de seus lábios. "O Critch é pior."

De fato, as trepadeiras negras se arqueavam sobre o ombro esquerdo, alguns fios a centímetros de se juntar aos companheiros abaixo. Em seu esforço concentrado para ajudar Sadie, ele não havia notado a progressão da doença. Com grande esforço, ele endireitou a perna entorpecida e se forçou a se levantar.

"Vamos tomar um banho." Sadie puxou a jaqueta e o material caiu no chão com um ruído suave. Ela deslizou o braço sob o ombro dele, pegando um pouco do peso dele.

Juntos, eles mancavam pelo corredor. Eles tiveram que manobrar pela pequena abertura da porta do banheiro, mas uma vez lá dentro, ele se encostou no balcão.

"Fique ali mesmo." Ela apontou para ele, os olhos brilhando com determinação.

Seu coração inchou. Ele gostou daquele olhar muito mais do que deveria. "Esse é o plano, pequeno bandido. Estamos envolvidos nesse empreendimento, lembra?"





Ela piscou, e um sorriso curvou aqueles lábios deliciosos. “Você está brincando comigo? Em um momento como este?”

“Existe um momento melhor?”

“O que devo fazer com você?” Sadie balançou a cabeça e abriu a torneira do chuveiro, de costas para ele. O tilintar familiar do spray ecoou pela sala.

“Hmm, me ajuda a tirar a roupa?” Mesmo com a dor entorpecente, ele queria vê-la sorrir e fazê-la rir. Se esse era o fim, ele queria sair com a felicidade dela embutida em sua mente.

Os músculos dos ombros dela ficaram tensos. Um silêncio de gravidez encheu o ar.

Ela virou-se para encará-lo, aquela coragem obstinada gravada em suas feições. Com um passo ousado, ela fechou a distância entre eles e passou os dedos pelo braço dele. “A propósito, meu nome não é bandido, batedor de carteiras ou ladrão. É Sadie, como você nunca me chama. Por que é que?”

Seu peito se apertou e ele forçou a perna a suportar seu peso. “A verdade é que eu não gosto do seu nome.”

Ela empalideceu, mas pegou os botões na mosca dele. Os dedos dela fizeram cócegas no peito dele, onde as fibras escuras ainda não haviam viajado. O sangue correu para o sul, endurecendo uma parte dele não afetada por sua aflição.

“O que há de errado com o meu nome?” Ela puxou o primeiro estalo, mas o metal apertado se uniu apesar de seu esforço.

Com a mão direita, ele agarrou o pulso dela, e eles soltaram o estalo juntos.





“Sadie”, a palavra parecia estranha em sua língua, "contém a palavra 'triste'. Na noite em que nos conhecemos, vi a tristeza em seus olhos e, depois que aprendi seu nome de nascimento, prometi nunca a chamar por esse nome.”

Rápida como um raio, a dor passou por suas feições, mas ela recuperou a compostura. Ela olhou fixamente nos olhos dele. Nunca em sua vida ele queria que alguém confiasse nele mais do que ele queria agora. Ele segurou o olhar dela, desejando que ela acreditasse nele.

Ela sorriu e, com um puxão firme, soltou o próximo botão no jeans dele. Sua ereção se esticou contra suas calças, enquanto sua perna ameaçava ceder novamente.

A ponta de sua coroa projetava-se acima do elástico de sua cueca. Ela roçou a cabeça sensível com a ponta do dedo. Ele assobiou e agarrou o braço dela com a mão boa. O movimento o desequilibrou e ele oscilou.

“Oh, não, você não faz.” Sadie colocou os braços em volta do peito para segurá-lo.

Os seios dela pressionaram contra a pele exposta dele. Mesmo através do material de sua blusa, os pequenos mamilos apertados enrugaram. Embora ele só pudesse sentir o que estava na parte não endurecida do peito, isso era suficiente para deixá-lo louco.

Beaumont gentilmente passou a mão em volta de sua garganta, embalou a cabeça na palma da mão e a puxou para perto.

Sadie sorriu. “O que você está fazendo?”





“Eu quero provar seus lábios, devorá-lo com meus beijos e ouvir suas respirações irregulares enquanto implora por mais.” Ele olhou nos olhos dela, sua boca a uma largura de cabelo da dela.

Seu hálito quente roçou sua bochecha. “O que está parando você?”

Ele sorriu e levou os lábios aos dela, dando-lhe um beijo duro e profundo. Ela passou os dedos pelos cabelos dele, as unhas roçando o couro cabeludo. Seus lábios quentes se moldaram aos dele e eram tão macios quanto ele se lembrava. Ele aprofundou o beijo, e ela gemeu em concordância. A vibração o desprezou e, por um breve momento, ele esqueceu tudo, exceto Sadie e esse beijo feliz.

Depois de um longo momento, ele a soltou e suas respirações competiram com o rugido da água. O olhar dela percorreu as feições dele e depois atraiu a garganta dele.

Os olhos dela se arregalaram e ela se enrijeceu no abraço dele. “Oh, Deus, o Critch viajou pelo seu pescoço.”

Ele a libertou em um instante e tentou virar a cabeça, mas seu pescoço não se mexeu. O medo escorreu por sua espinha.

Ela levantou primeiro um dos pés dele e depois o outro, tirando os sapatos e as meias em pouco tempo. Com um forte empurrão, ela forçou suas calças e roupas íntimas pelas pernas dele. Embora ele não pudesse se ver, ele podia ver pelos olhos arregalados de Sadie que sua ereção, dura como pedra, ficava diretamente em seu corpo.

“Vamos, grandão.” Ela agarrou o braço dele e o jogou para frente.





Sua perna rígida, dormente e insensível, deve ter cooperado porque ele acabou no banho. Gloriosa e pura, a água caía em cascata sobre sua cabeça e ombros. A abençoada sensação retornou ao seu braço, sua perna, seu torso. O tempo entre os eventos diminuiu à medida que sua energia diminuiu, e ele não tinha ideia de quanto tempo duraria até o Critch retornar. Ele virou a cabeça, aliviado com o movimento que iluminava seu peito.

Um ping eletrônico familiar ressoou no ar. Se não fosse por sua audição extra-sensorial, ele não teria notado o jato d'água. Sua atenção se concentrou em Sadie através da cortina de chuveiro transparente. Ela ficou ao lado do lavatório, o telefone na mão. Seus braços tremiam e ela desenhou o lábio inferior entre os dentes.

A preocupação endureceu suas costas. “O que é isso? Você recebeu uma mensagem de Luke?”

Suas pálpebras tremeram, e uma risada curta escapou de seus lábios, mas ela deu um passo em direção à porta. “Não, foi uma postagem no Facebook. Hannah, ela está em Chicago.”

A tensão drenou dos ombros de Beaumont como a água rodando pelos canos. "Onde é-"

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, Sadie se virou e saiu correndo pela porta.



CAPÍTULO 27

Com o pulso acelerado, Sadie correu para a sala de estar. O zumbido em seus ouvidos não parava. Seus dedos tremiam e ela olhou para o telefone. Uma foto de Hannah ao lado do lendário arco do portão Cobb enfeitava a tela. *"Mal posso esperar para começar as aulas na Universidade de Chicago!"*

O sorriso feliz da irmã ficou embaçado por trás das lágrimas de Sadie. Ela as enxugou com uma risada aliviada e fechou os olhos. Graças a Deus, sua irmã estava bem. Sadie respirou fundo e soltou o ar devagar, contando até dez antes de abrir os olhos. *O que eu vou fazer?*

Ela olhou as feições bonitas de Hannah mais uma vez. Antes que ela pudesse mudar de ideia, ela digitou uma resposta de congratulações. O dedo indicador pairava acima do botão enviar. A borda da crosta em seu pulso espreitou por baixo da manga da camisa.

Um nó se formou em seu intestino. Ela enrolou os dedos em uma bola. Depois de mais de quatro anos sem contato, ela ainda não conseguiu se aproximar da irmã. Auto aversão apertou o nó em uma dor dolorosa. Ela apagou as palavras e enfiou o telefone no bolso.

Sinto sua falta, Hannah.

Os canos de água do banheiro soltaram um guincho. Beaumont deve ter desligado a água no chuveiro. Ele sairia em breve e cheio de perguntas. O que ela deveria dizer a



ele? Ela já tinha dito o suficiente sobre sua mãe. Suas bochechas esquentaram com a lembrança.

O estofado dos pés pesados ecoou no banheiro. Beaumont estava parado na entrada, com uma toalha enrolada na cintura.

A respiração de Sadie ficou presa na garganta.

Beaumont foi magnífico. Alto, forte e bonito, o poder emanava de todos os seus poros. Os músculos do peito bem definido levaram a barriga tanquinho. Acima da borda da toalha, cabelos finos e escuros viajavam sob o material. Sua pele, ainda úmida do chuveiro, brilhava. O Critch se foi.

Ele caminhou em sua direção, os músculos do peito e ombros flexionando a cada passo. A contração em sua pálpebra se transformou em vida, apertando as linhas gravadas em torno de seus olhos.

Eu não posso lidar com isso, nada disso.

Um zíper de adrenalina percorreu suas veias, e ela correu para o quarto. Seus pés deslizaram pelo piso de linóleo da cozinha, mas ela chegou à porta do seu porão sem cair.

Beaumont a alcançou e colocou a palma da mão na porta, impedindo-a de escapar. Ele se inclinou para perto, seu hálito frio fazendo cócegas na orelha dela.

“Não fuja. Fale comigo. Me diga o que está errado."

Ela balançou a cabeça, recusando-se a ceder.

Ele fechou a distância atrás deles, passando o braço em volta da cintura dela e puxando-a suavemente para ele da frente para trás. “Eu peguei você, meu pequeno bandido. Nada que você possa me dizer vai mudar como eu ... não vai mudar qualquer coisa.”





Ela tremeu contra ele, e o calor de sua pele, seu abraço protetor e gentil, e suas palavras suaves de encorajamento se espalharam pelas paredes ao redor de seu coração.

Ele a puxou para longe da porta e a virou para encará-lo.

Ela não resistiu.

A manga dela deslizou pelo braço. Ela ficou tensa.

O olhar dele caiu das feições dela para a cicatriz e a multidão de cicatrizes em seu pulso. Ele não comentou as evidências de seu tormento auto infligido. Em vez disso, com uma palma apoiada na cintura dela, ele passou as pontas dos dedos ao longo de sua bochecha com a mão livre, girou as pontas dos cabelos dela e segurou o queixo entre os dedos.

Ele abaixou a cabeça para encontrá-la ao nível dos olhos. “Conte-me sobre sua irmã.”

Seu toque terno e o tom carinhoso em sua voz quase a quebraram. Ela não podia acreditar que ele não a havia castigado por cortar.

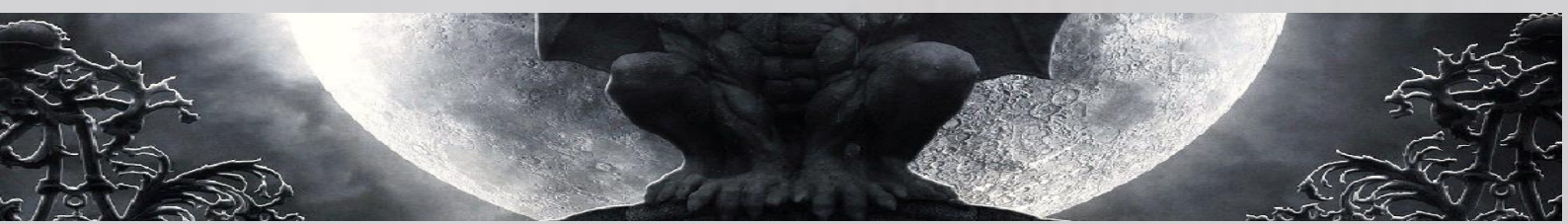
Um soluço ameaçou, mas ela fechou a garganta e se forçou a engolir. “Minha irmã está na cidade. Ela postou no Facebook. Eu... eu amo minha irmã.”

Suas feições se suavizaram. "Eu nunca duvidei disso."

Ela fungou. “Ela é perfeita. Direto A, clube de teatro, líder de torcida. Eu estava tão orgulhoso dela.”

“O que aconteceu entre você?” Ele passou o polegar sobre a bochecha dela, a sensação iluminando seus nervos.

“Nada e esse é o problema.” Ela apertou o medalhão, buscando conforto com a preciosa bugiganga. “Ela costumava me



seguir, vestir minhas roupas e brincar com meus brinquedos. Ela até desenhava quadros para mim e os colocava em casa - na geladeira, no espelho, no meu travesseiro...”

Beaumont continuou a acariciar sua bochecha e ela se inclinou para o toque dele. “Quando meu pai morreu, eu tinha dezoito anos e alguns meses da formatura. Deveríamos ir morar com nosso tio Frank, mas eu não confiava nele. Tia Clara sempre teve contusões. Ela disse que era desajeitada, mas eu sabia melhor.”

“Você fugiu?” Sua pergunta não teve censura.

Ela assentiu e soltou o pingente. “Eu montei o 'L' para o lado sul. Perdi meu telefone. Encontrei outras crianças andando pela rua. Juntei-me a eles. Depois de duas semanas, a culpa tomou conta de mim e voltei para Hannah.”

O olhar de Beaumont nunca vacilou. Aos seus olhos não havia vergonha, culpa, apenas consideração sincera. Sua garganta se apertou ao ponto de não poder falar. Uma lágrima escorreu por seus cílios e em sua bochecha.

Ele levou os lábios à pele dela e beijou a lágrima. Sua tenra ministração gerou outro e outro.

“Diga-me o resto”, ele sussurrou.

“A casa estava vazia. Hannah já se foi. Eu não sabia onde o tio Frank morava. Não sabia como entrar em contato com ela.” Um soluço escapou de seus lábios.

“Shh... eu peguei você. Você voltou para as ruas. Isso está certo?"



“Sim. Embora eu tenha tentado alcançá-la, parece que não consigo. Receio que Hannah me odeie por partir.” Lá, ela admitiu seu maior medo. Ela o estudou, esperando as críticas, a culpa, a reprovação, mas, em vez disso, a compaixão refletida em seus olhos.

Ele passou os dedos sobre a crosta e as cicatrizes feias no pulso dela. “É por isso que você fez isso?"

Incapaz de falar além do nó na garganta, ela assentiu.

“Eu gostaria de ter te conhecido na época e estar lá por você.” Beaumont colocou a testa na dela. “Parece que Hannah te adorou. Você deve ter cuidado dela depois que sua mãe foi embora.”

Ela se afastou o suficiente para olhar para ele.

“Papai trabalhou muitas horas quando não estava bêbado no sofá.” Ela engoliu em seco. “Eu aprendi a cozinhar por tentativa e erro, brinquei com Hannah e a ajudei a se adaptar."

“Isso é louvável.” Os olhos de Beaumont brilhavam com respeito.

Sadie engoliu em seco. “Mas isso não compensa abandoná-la.”

“Você fez o que precisava para sobreviver. Não há culpa nisso... Ou isso.” Ele segurou o pulso dela na palma da mão e esfregou o polegar sobre as cicatrizes. “O que você aprendeu na rua fez de você a mulher corajosa e mal-humorada que eu...”

Amo? Era isso que ele queria dizer? Um calafrio percorreu seus nervos.





Ele se afastou e passou os dedos pelos cabelos. Os fios marrons e sedosos cascateavam em torno de seu queixo, acentuando seus traços deslumbrantes.

Com o corpo seminu coberto por uma única toalha, ele parecia um Adonis - forte, inteligente e determinado. Alguém como ele poderia cuidar de alguém como ela?

Ela mordeu o lábio e soltou as palavras antes de perder a coragem. “O que você ia dizer? Você sente alguma coisa por mim?"

***

Beaumont ficou tenso, seus músculos enrijecendo sob a carne. Sadie tinha atingido um nervo, grande momento. O carrapato ao longo de sua pálpebra pulsou para a vida, tremulando com ritmo irritante.

Não era de sua natureza mentir.

Ele se forçou a encontrar o olhar dela. "Eu me preocupo com você, mais do que deveria."

Os olhos dela se arregalaram e um pequeno tremor puxou seu lábio inferior cheio e rechonchudo.

Ele não suportava vê-la daquele jeito e a envolveu em seus braços.

Ela moldou para ele como se ela fosse feita para ele, seus quadris aninhados contra os dele, seus seios pressionados firmemente ao longo de seu peito. Um gemido suave saiu de seus lábios, desvendando-o como nunca.

“Você mencionou seu pai e seu irmão antes. Você pode me contar mais sobre o seu passado, sobre por que você se tornou uma gárgula?”





Com cuidado, ele passou os dedos pelas costas dela até os ombros. O cabelo de Sadie roçou sua pele, e ele brincou com os fios macios. Palavras se alojaram em sua garganta. Como ele poderia lhe contar sobre a amarga traição e seu resultado assassino?

"Beaumont", ela se afastou e passou a ponta do dedo sobre o lábio inferior, "diga-me."

A eletricidade sensual brilhou em seu toque, iluminando as finas terminações nervosas em seu lábio. Um grunhido retumbou em seu peito.

Ele a soltou, andou pela sala de estar e até a beirada da janela, afastando-se dos raios do sol. Seus passos suaves seguiram atrás dele.

Beaumont exalou. "Você não quer saber."

Quando ela não respondeu, ele se virou para olhá-la.

Ela colocou as mãos nos quadris e prendeu-o com um olhar determinado e resoluto. Na beira do tapete, seu pé bateu no piso de madeira. Com as maçãs do rosto altas, queixo saliente e olhos ardentes, ela o provocava com sua beleza.

Por mais que ele não quisesse trazer feridas antigas, as palavras caíram de seus lábios. "Quando você vier me desprezar mais tarde, não diga que eu não avisei."

Um lampejo de surpresa registrou em seus olhos antes de franzir a testa e cruzar os braços. "Não assuma. Isso faz de mim um idiota e eu."

Ele sorriu para o trocadilho dela. "Bonitinha, muito bonitinha."

O bater do pé ecoou nas paredes. "Você está protelando."





Picar…

Ele exalou e apertou a toalha com uma dobra firme. Talvez ele devesse se vestir, mas ela já havia chamado sua tática de atraso. Se ela queria saber, que assim seja. Não que ele tivesse muito tempo para se arrepender de suas ações. A dormência já se arrastava pela ponta dos dedos. Ele não precisava olhar para saber que o Critch havia retornado. Embora ele preferisse despi-la e mostrar o quanto ele realmente se importava, com o máximo de indiferença possível, ele escondeu a mão atrás das costas.

"Sou do século XII em Laon, na França, uma sociedade feudal. Meu pai possuía muitas terras e era um senhor por direito próprio. Não havia nada que meu pai não fizesse por mim e meu irmão mais novo, Rémy. Treinamos com espada e escudo e aprendemos a escrever, ler e matemática."

Beaumont olhou pela fenda na janela. Uma mãe empurrando um carrinho passou correndo, seu rabo de cavalo chicoteando-a de volta. Ele limpou a garganta antes de continuar. "Desde que eu era o mais velho aos catorze meses, meu pai me preparou para assumir as propriedades. Quando completei vinte e dois anos, ele arranjou um casamento para mim. Minha noiva, Marion, era filha de um senhor próximo."

Sadie colocou a mão no ombro dele e ficou à luz do sol, bloqueando a vista da rua. O sol brilhava em seus cabelos escuros e alguns fios rosados pareciam brilhar na luz.

"Você a amou?" ela perguntou com uma voz suave.

"Outros homens a consideravam bonita, mas havia uma frieza em seus olhos." Sua pálpebra se contraiu novamente, e ele





esfregou no local. “Ao longo de alguns meses que antecederam o casamento, nos encontramos várias vezes. Eu tentei o meu melhor para cuidar dela e, em algum nível, me convenci de que ela era perfeita para mim. Afinal, era isso que meu pai queria.”

Sadie acariciou seu antebraço. Chegando muito perto de sua mão atada ao Critch para conforto, ele agarrou a palma da mão com a mão boa e levou os dedos à boca dele para um beijo suave.

Um suspiro macio e feminino escapou de seus lábios.

Seu peito inchou. “Não se preocupe, minha pequena ladra, ela não tinha nada com você.”

Sadie afastou a mão e aproximou-se do espaço pessoal dele. “Fico feliz em ouvir isso. Você se casou com ela?”

A doce fragrância de limão que era só de Sadie e Sadie, varreu seus sentidos. Uma necessidade profunda de reivindicá-la correu por suas veias, mas ele se conteve. Ela não o desejaria uma vez que tivesse ouvido o resto.

Ele balançou sua cabeça. “Na noite anterior ao casamento, voltei ao meu quarto em nosso castelo. Antes de abrir a porta, o grito de uma mulher ecoou das escadas. Eu corri para investigar.”

O olhar paralisado de Sadie nunca deixou o dele, sua atenção focada na história dele. Tão carinhoso, tão confiante. Seu intestino torceu dolorosamente por dentro, combinando com o Critch rosnando e enrolando avançando por seu braço.

“Ao descer a escada em espiral, a forma de um homem apareceu. Ele prendeu uma mulher contra a parede de tijolos. Na penumbra da tocha, eu não conseguia ver as características deles,





mas eles pareciam lutar.” Sua pálpebra tremeu, irritante e rápido, e ele puxou a esquina, forçando o tique a obedecer.

“Retirei minha adaga, embosquei-o por trás e pressionei a lâmina contra sua garganta.” Ele fez uma careta e parou.

“Continue”, Sadie sussurrou.

“Ele gritou.” Beaumont não podia mais sentir sua perna, mas isso não importava. Em breve, Sadie o rejeitaria e ele deixaria o Critch terminar o trabalho.

“De perto, vi os traços da garota.”

Sadie acariciou seu braço, e ele apreciou a sensação, mesmo que não merecesse seu conforto.

“Deixe-me adivinhar. Foi Marion.” Sadie apertou os lábios.

Ele assentiu. “Eu estava com tanta raiva que alguém se atreve a atacar minha noiva, mas a voz do homem, seu perfume e a forma de seu corpo pressionado contra mim eram muito familiares. Ele era meu irmão.”

Sadie ofegou. “Por que ele faria tal coisa?”

“Ele não estava atacando Marion.”

A compreensão surgiu nos olhos arregalados de Sadie. “Eles eram amantes.”

As feições de Marion se transformaram em um acesso de raiva, ela empurrou Rémy e o empurrou para dentro de mim. A parte de trás de sua cabeça me atingiu nos olhos, e minha mão estremeceu. A lâmina que segurei cortou sua jugular. Marion gritou. Eu nunca vi o bastardo puxar sua adaga. A ponta afundou no estômago de Marion. Eu não percebi até o corpo de Rémy cair





no chão. O sangue escorreu de seu abdômen, escurecendo seu vestido."

Um zumbido começou no ouvido de Beaumont. Uma parte dele não queria continuar, mas ele tinha ido longe demais. Ele teve que contar o resto.

"Gritos e passos se ergueram de baixo. Guardas se aproximaram. Liguei para eles e pressionei o ferimento de Marion, tentando estancar o sangue. Ele passou a mão pelos cabelos.

"Quando eles chegaram, ela apontou o dedo para mim e disse que eu havia assassinado Rémy e depois esfaqueei-a no estômago. Eu... eu não podia acreditar. Eu fiquei lá, estupefato. Ela deveria se tornar minha esposa, deveria me respeitar, me amar. Ela morreu alguns minutos depois.

Com seus sentidos hipersensíveis, Beaumont podia ouvir o ar entrando e saindo dos pulmões de Sadie. Ele prendeu a respiração e esperou a rejeição dela.

"Então o que aconteceu? Como você morreu?" Suas perguntas ofegantes mantiveram vivo o fino fio de esperança em seu coração.

"Os guardas me jogaram na masmorra. Com base no testemunho das palavras moribundas de Marion, meu pai não teve escolha senão me condenar à morte, apesar dos meus pedidos de inocência. No pátio do dia seguinte, o carrasco me decapitou." Ele fechou os olhos e engoliu.

A qualquer momento, ela o chamava de assassino, se afastava e o rejeitava. Seus músculos estavam tão tensos quanto nós.





Vários segundos silenciosos e tensos se expandiram no espaço entre eles.

"Parece-me um acidente. Se isso é verdade, por que Rhiannon jogou você em uma gárgula? Eu pensei que ela só fez isso com almas questionáveis." A voz de Sadie entrou e girou a faca em seu intestino.

Ele abriu os olhos e encontrou o olhar dela. Se ele estivesse afundando, faria isso com orgulho.

Ele levantou o queixo. "Porque não me arrependi de ter matado meu irmão e fiquei feliz por Marion ter morrido."

Os olhos de Sadie giraram para frente e para trás enquanto ela o estudava. Ele se recusou a desviar o olhar e o *pânico* na pálpebra pulsou de novo.

Depois de um longo momento, suas feições suavizaram e ela tocou a cicatriz na borda do olho dele. No contato, o chilrear em sua pele parou.

"Eu não seguro isso contra você. Eu teria sentido o mesmo." Ela arqueou as duas sobrancelhas.

Uma respiração aliviada saiu dele. "O que?"

"Você foi traído. Eu posso entender como você se sentiria. Foi assim que você conseguiu essa cicatriz?" Ela traçou a borda.

Ele assentiu. "A marca foi minha lembrança."

Ela sorriu e passou os dedos pelo braço e por cima do ombro dele. Ele chegou para puxá-la para perto, mas apenas passou um braço em volta da cintura dela. O outro permaneceu ao seu lado. Um peso caiu sobre seus ombros. Ele não conseguia se mexer. Respirar ficou difícil.





“O que está errado?” Ela se afastou. Seus olhos se arregalaram e um suspiro suave escapou de seus lábios. “O Critch, voltou. As linhas cobrem seus ombros e rastreiam seu peito.

“É difícil... Recuperar... Minha respiração", ele ofegou.

“Beaumont!” Ela balançou os ombros dele, mas ele não conseguiu se mexer.

Com uma força e determinação em seus olhos que ele conhecia tão bem, ela agarrou as palmas de cada lado do rosto dele e o beijou. A energia elétrica fluiu dela para ele, aliviando parte da dor em seus pulmões.

Ela tinha gosto de limão, azedo e doce ao mesmo tempo, e tão, como o pequeno batedor de carteiras. Enquanto ela aprofundava o beijo, sua língua úmida deslizou entre os lábios dele. A paixão dela acendeu a dele e seus dedos se contraíram. Com grande esforço, ele colocou a mão no quadril dela.

Quando ela quebrou o beijo, ela olhou nos olhos dele. “Faça amor comigo.”

Essa era uma das maneiras pelas quais ele poderia se regenerar, e ela sabia disso. Por mais que ele não quisesse nada além de afundar seu eixo dentro dela e deleitar-se com seus beijos, ele não queria sua pena. “Você não... precisa fazer isso... Por mim. Eu posso fazer isso... Para o... Banho.”

"Então deixe-me fazer amor com você.” Ela agarrou a toalha e, com um puxão rápido, o material macio deslizou para o chão.

“Por quê?” ele resmungou.

“Porque eu quero você.” Suas palavras eram apenas um sussurro.





Seu peito inchou, e ele não pôde resistir a ela, não mais. Deuses o ajudassem, ele não queria. Enquanto ele vivesse, por mais curto que fosse, ele daria a ela seu coração e qualquer outra coisa que ela quisesse.



CAPÍTULO 28

Sadie passou as mãos ao longo peito largo de Beaumont. Frio e duro como pedra, o Critch cobria a maior parte de sua pele, pequenos tentáculos rasgando sua garganta. O medo por ele percorreu sua espinha, mas ela não queria que ele visse isso em suas feições, então ela sorriu e roçou os dedos nos cabelos dele.

Os fios macios formigavam nas pontas dos dedos, e um nó se formou em sua garganta. Reunindo sua determinação, ela olhou em seus profundos olhos castanhos. Culpa refletida em suas profundezas.

Uma dor inchou em seu peito. Ele derrotou cinco fae para protegê-la, gastando suas valiosas reservas de energia no processo. Ela não acreditou por um momento que ele tinha uma alma sombria. Aos olhos dela, ele era nobre, justo e gentil.

Ela agarrou o queixo dele entre as palmas das mãos e pressionou os lábios nos dele, transmitindo o que ele significava para ela. Ele devolveu o carinho, derramando paixão no beijo com reivindicações animalescas cruas.

Sadie saboreava sua conexão íntima. Emoções tenras e à mostra, ela colocou beijos da bochecha ao queixo e na garganta dele, em todos os lugares que podia alcançar.

Um gemido baixo saiu de seu peito. O Critch envolveu sua garganta e se enroscou em seu queixo, mas os lugares onde ela o beijara brilhavam com a pele rosa bebê.



A esperança, nova e verde, ganhou vida. Um senso de urgência, associado à crença de que ela poderia trazê-lo de volta, brilhou em seu peito. Seguindo beijos sobre o peito, ela deixou sua marca de cura na pele dele.

Ela queria que ele soubesse, sem dúvida, que se importava com ele. Quando ela apertou os lábios no recuo vazio sobre o coração dele, onde sua pedra de faísca residia, um estrangulamento se alojou em sua garganta.

“Sinto muito”, ela deixou escapar as palavras, a culpa revirando através dela.

“Por quê?” A voz profunda de Beaumont retumbou em seu peito.

“Por roubar sua pedra de faísca.”

“Não se desculpe. Eu não sinto."

Ela ofegou e olhou nos olhos dele. Sua visão turva por lágrimas, o marrom profundo parecia girar.

“O que? Por quê?”

“Porque eu nunca teria conhecido você.” Aquele sorriso magnífico puxou seus lábios enquanto o Critch se enrolava em sua pele para encontrar seu sorriso.

Seu peito doía quando seus pulmões se expandiam, os laços ao redor de seu coração se libertando. Ela se importava com esse homem, essa gárgula que lhe mostrara o que era cuidar de outro. Eles só tinham hoje, e ela aproveitaria o breve tempo que passaram juntos.

Ela retomou seu tratamento tenro, beijando sua pele com um fervor renovado. Quando ela alcançou o mamilo, ela circulou o nó



endurecido com a língua até a pedra derreter em carne, o mamilo agora firme por seu toque. O outro recebeu a mesma atenção e suas respirações irregulares assumiram um toque primitivo e sensual.

O Critch desaparecia a cada beijo e, depois de alguns minutos, as pequenas linhas negras se retiravam de sua pele como videiras murchas. Ainda segurando seu quadril, seus dedos se contraíram, o primeiro movimento físico que ela sentiu dele em minutos. O gesto a desequilibrou e, quando ela se ajoelhou, ela passou beijos suaves e ternos sobre o abdômen musculoso dele.

A ereção dele deslizou sobre os seios e balançou sob o queixo. Ela o agarrou. Senhor, o comprimento e a largura dele enviaram uma emoção ao seu núcleo. A frieza de sua carne nua e dura como pedra a estimulava tanto quanto seu desejo por ele.

Beaumont agarrou seu ombro com uma mão e colocou os dedos nos cabelos dela com a outra. "Pequeno batedor de carteiras, você está me matando."

Uma emoção a percorreu junto com um sussurro de alívio.

Uma risada sufocada escorregou de seus lábios. “Parece que você estava nesse caminho por conta própria.”

“Eu não estou fora de perigo ainda.”

Ela acariciou seu comprimento e o agarrou com força na base antes de deslizar para o topo mais uma vez. Uma gota de umidade brilhava na ponta redonda.

Ela lambeu os lábios. “Talvez eu deva cuidar disso para você.”



Antes que ele pudesse responder, ela circulou a língua em torno da extremidade gorda. Picante com uma pitada de sal, seu sabor encheu sua boca.

Um assobio agudo saiu dos lábios de Beaumont. Ele apertou mais o cabelo dela, mas não a machucou. A maneira como ele a segurou despertou uma paixão interior que ela nunca conhecera antes. O calor derretido floresceu no fundo e percorreu seus membros, incendiando sua carne.

Com lenta e deliberada facilidade, ela esticou os lábios sobre a coroa dele, puxando-o para dentro. Ele era grande demais para que ela o aceitasse, mas ela jurou que faria o melhor que podia. Enquanto ela chupava e lambia, sua língua serpenteava sobre a carne com veias da base dele até a ponta, as mechas escuras do Critch retrocederam, deixando uma pele quente e macia em seu rastro.

Beaumont rosnou. O som profundo retumbou em seu peito e viajou até sua ereção. Ela gemeu em troca e aumentou sua velocidade, lambendo e chupando em ritmo alternado. Mais rápido do que ela pensava ser possível, ele a agarrou por baixo dos braços e a levantou.

“Já chega, minha pequena bandida.” Ele embalou a cabeça dela na mão e pressionou os lábios nos dela, dando-lhe um beijo contundente.

Beaumont lambeu os lábios, solicitando entrada, e ela atendeu ao pedido dele sem hesitar. Ele aprofundou o beijo, assumindo o controle, e a explorou com uma intensidade voraz e





dominadora que a deixou flácida e querendo mais. Quando ele a soltou, suas respirações ofegantes ecoaram no espaço entre eles.

O Critch se retirou para pontos selecionados nos antebraços e nas mãos, mas as linhas estavam desaparecendo rapidamente. Um tremor aliviado nas pernas bateu os joelhos juntos.

"Há um problema", ele sussurrou.

Sua barriga palpitava como se as mariposas tivessem entrado. "Qual é o problema?"

O olhar dele passou das feições dela para os seios e recuou novamente. "Você está totalmente vestido."

Uma risada trêmula saiu dela. "Oh céus. Eu acho que isso é um problema. O que você sugere?"

"Que tal começar com estes." Beaumont apertou o botão superior da blusa e empurrou pelo buraco. As costas de sua mão roçaram seu mamilo, e um choque de consciência sexual a provocou como um raio.

Ele riu, o som baixo penetrando seu peito e cercando seu coração em seu calor. Enquanto ele continuava seu caminho, sua respiração caiu em cascata sobre a pele recém-exposta. Contra o preenchimento do sutiã, seus mamilos atingiram o pico.

Ajudando-o, ela encolheu a camisa por cima do ombro e desabotoou o sutiã. A roupa restritiva deslizou para o chão e caiu com um ruído suave. Exposta a ele, ela prendeu a respiração.

Os olhos expressivos de Beaumont continham um toque de admiração, e a borda de seus lábios deliciosos se curvou em um sorriso sexy. "Minha pequena bandida, você é tão bonita."





A respiração dela engatou com as palavras dele. Ninguém jamais disse algo tão terno.

Com cuidado, ele passou as pontas dos dedos pelas correntes douradas do colar e pelo medalhão antes de colocar o peito esquerdo na palma da mão. Dedos quentes contra a pele dela, ele passou o polegar sobre o mamilo.

Um raio de energia sensual queimou todo o caminho até seu âmago. Pelo canto do olho, o movimento chamou sua atenção. A ponta de uma mecha escura serpenteava do polegar para o polegar. No breve período em que ela parou de lhe dar beijos, o Critch ameaçou voltar.

Ela levou a mão à boca e lambeu o polegar, passando a língua molhada sobre a pele dele.

Sua testa franziu. “O que-"

Ela retirou o polegar e estudou o fim. Carne rosa. O alívio tomou conta dela, juntamente com um senso de urgência. Tirou os sapatos, abrindo o zíper da calça e tirou o jeans e a cueca, tirando as meias em um movimento rápido.

Depois de entrelaçar os dedos com os dele, ela o puxou em direção ao sofá. “Venha aqui.”

Ele sorriu. “Se você insiste.”

Ela adorava as maneiras provocadoras dele. O coração dela gaguejou. *Amado?*

Ela olhou para ele. A curva de seus lábios deliciosos e deliciosos, seu nariz forte e reto e aqueles profundos olhos castanhos a derretiam por dentro. Ela afastou o pensamento, mas não antes de uma única palavra sussurrar em sua mente. *Sim*…





***

Beaumont só podia olhar para Sadie. Seus lindos olhos verdes, úmidos de lágrimas não derramadas, e seu sorriso suave acalmou seu coração mais rápido do que o Critch jamais pôde. Seu olhar deslizou para seus seios pesados e cheios, cintura fina e quadris curvilíneos antes de deslizar para o pequeno emaranhado de cabelos escuros na junção entre suas coxas.

Sua respiração parou nos pulmões. Ele nunca desejou uma mulher tanto quanto ele queria Sadie, mas não era sua beleza óbvia que o chamava. Era o olhar de reverência e desejo refletido em seu olhar.

Ela puxou a mão dele, encorajando-o. “Por aqui.”

Com as pernas rígidas, ele a seguiu até o sofá. Um sorriso tímido, que ele não estava acostumado a ver nessa mulher forte e corajosa, se espalhou por seus lábios. Ela estava deitada no sofá de grandes dimensões, seu cabelo escuro com as pontas rosadas em forte contraste com o material verde, seu medalhão de ouro preso na garganta. Um anjo, era o que ela era.

“*Mon Dieu*, você é incrível", ele sussurrou.

Ela o atraiu em sua direção. Ele não precisava de mais incentivo. Hora de assumir o controle. Ele queria mostrar a seu pequeno batedor de carteiras o que ela significava para ele e queimar esse momento em seu cérebro. Quando o Critch parrasse seu coração, ele queria que sua última lembrança fosse deles aqui, juntos.



Beaumont ajoelho no sofá entre as pernas de Sadie. O calor de suas coxas acariciava sua pele, enviando pequenos pedaços de energia sexual para suas células famintas, mas não eram suficientes. Ele precisava de muito mais. Sua ereção percorreu o monte dela e antes que ele pudesse se mover, ela o agarrou pela base.

Ele assobiou. Estrelas brancas explodiram em sua visão.

Ele agarrou a mão dela, segurando-a no lugar. “Não dessa vez. Deixe-me dirigir.”

Ela sorriu, um sorriso diabólico que fez sua ereção pular em seu alcance combinado. Com uma faísca nos olhos, ela chupou o lábio carnudo entre os dentes e assentiu rapidamente.

Ele não conseguiu parar o gemido que emergiu de sua boca. “Você é uma provocação.”

Ele soltou a mão dela e ela acariciou sua coxa. Em um movimento rápido, ele posicionou o outro joelho ao lado do quadril dela, agarrou seus pulsos e os puxou acima da cabeça e no braço, segurando-a em cativeiro com uma mão. Um leve guincho saiu de seus lábios.

Ele a silenciou com um beijo suave e quase imperceptível, seus lábios roçando os dela. A tensão de sua surpresa deslizou de seus músculos quando ela relaxou nas almofadas acolhedoras. Beaumont aprofundou o beijo, gostando de como ela deslizou sua língua ao longo da dele, deleitando-se com sua peça. Depois de um longo momento, ele se afastou e arrastou delicados beijos de borboleta do queixo até a orelha. Ela se



contorceu sob a devotada atenção dele. A energia sexual rodou entre eles e ele absorveu o poder como uma esponja.

Quando ele a embalou contra ele, sua ereção pressionou ao lado de sua coxa. Uma dor urgente latejava ao longo de seu eixo, forte e dolorosa. “Você não tem ideia do que faz comigo.”

Ela ofegou e arqueou as costas. Seus seios pressionaram contra o peito dele, os pequenos picos apertados como pequenas joias atormentando-o com desejo além da crença. Ele não podia esperar mais e passou o dedo sobre a clavícula, ao redor do medalhão e ao lado de um seio. Apalpando o peito dela, ele acariciou o punhado perfeito, saboreando o peso pesado.

Sua pele macia fazia cócegas nos dedos dele. Com cada pincelada, cada toque, cada suspiro dos lábios dela, ele absorvia a energia criada entre eles. O poder surgiu em suas veias, alimentando suas células junto com seu desejo.

"Beaumont, por favor...” As palavras ofegantes de Sadie deslizaram profundamente em sua alma.

“O que você gostaria, meu pequeno bandido?” A voz dele retumbou entre eles, endurecendo seus mamilos ainda mais.

Ela mordeu o queixo e passou a língua ao longo de sua mandíbula. Ele se afastou o suficiente para olhar para os olhos semicerrados e os lábios carnudos e abertos. Ele a beijou novamente, e ela passou os dedos nos cabelos dele, as unhas roçando seu couro cabeludo. Quando ela se afastou, ela acariciou a ponta do dedo ao longo da borda da cicatriz.

Ele piscou com o contato.





“Eu quero você dentro de mim”, ela pressionou os quadris contra ele, apertando sua ereção.

Um grunhido escapou de seus lábios. “Paciência, pequena bandida. Quero te dar prazer primeiro.”

Os olhos dela se arregalaram, mas então ela sorriu.

O peito de Beaumont se expandiu como se o sol tivesse brilhado brilhante e bonito dentro dele. Ele derreteu sob o olhar deleitado.

“Eu faria qualquer coisa por você, qualquer coisa.” Nenhuma palavra mais verdadeira jamais foi dita por ele.

Sem esperar pela resposta dela, ele se inclinou sobre os quadris e arrastou beijos suaves em sua garganta, ao longo do medalhão que ela estimava, e sobre o esterno até que ele alcançou um mamilo. Ele girou a língua sobre o pico esticado, lavando-a com sua atenção dedicada. Ela arqueou as costas e, com o brilho de prazer nos olhos e o lábio inferior gordo puxado entre os dentes, ele nunca tinha visto uma visão tão esplêndida.

Ele sorriu, incapaz de conter o sorriso. “Eu não posso negligenciar o outro.”

Ela ofegou novamente quando ele levou a outra ponta em sua boca. Ele a chupou até que ela se contorceu embaixo dele, suas contorções de prazer o torturando. Ela o deixou louco com a necessidade dele por ela. Seu jogo sexual renovou sua energia com cada lambida, cada toque, cada beijo. A força explodiu ao longo de sua conexão, viajando profundamente em seus músculos e em sua alma.





Ele soltou seu pico tenso e endurecido e passou uma linha de beijos ternos sobre o abdômen liso, até os pequenos cachos de cabelo na junção entre as pernas. Com um cutucão suave, ele abriu as pernas dela.

“Seus olhos estão brilhando” ela sussurrou.

Ele balançou as sobrancelhas. “para melhor ver você.”

Ela riu e ele passou os braços sob as coxas dela para espalhá-la bem. A carne rosada de suas dobras brilhava com seu desejo, e seu aroma limão único ficou mais forte. Se ele não estava perdido para ela antes, ele estava agora. Ele levou os lábios ao núcleo dela e deu um beijo delicado no broto inchado.

Um suspiro suave escapou de seus lábios. Ele girou a língua em torno de seu membro, gostando de como o gosto dela se filtrava em sua boca. Ela tremia embaixo dele, as pernas se contorcendo com a necessidade não gasta. Ele mordeu o clitóris e chupou o nó endurecido entre os lábios. Ela resistiu embaixo dele, mas ele não cedeu, lambendo, chupando, provocando-a até que ela agarrou as almofadas em seu punho e gritou.

“Beaumont!”

Um grande calafrio percorreu Sadie e, quando a libertação diminuiu, ele se afastou entre as pernas dela. Ele encontrou o olhar dela e lambeu os lábios, certificando-se de que ela o observasse.

“Você gostou disso, não gostou?” Sua voz tensa ecoou na sala.

"Eu nunca fiz antes.” Um lampejo de vulnerabilidade brilhou em seus olhos.





Ele recuperou o fôlego. O orgulho competia com uma dor. Ele foi o primeiro a tocá-la dessa maneira, mas ela nunca havia desfrutado de uma experiência tão bonita antes. Apertando sua coxa, ele piscou para ela.

“Meu prazer absoluto. Mal posso esperar para fazer isso de novo.” Ele quis dizer cada palavra.

Ela sorriu, aquela maravilhosa faísca faiscando em seus olhos. “Estou ansiosa por isso."

Ele a montou, abraçando-a e a beijando. Sua ereção pulsou pesada e dura contra sua coxa. Ela passou os dedos sobre os ombros dele, iluminando a pele dele em todos os lugares em que tocou, e passou as pernas em volta da cintura dele, abrindo-se para ele.

“Só para você saber, as gárgulas são imunes a doenças e não podem engravidar...”

Sadie colocou o dedo sobre os lábios dele. "Shh..."

Beaumont não resistiu mais. Com um ritmo lento e medido, ele deslizou para dentro. Sua bainha quente e molhada o envolveu, deixando-o louco. Ela gemeu embaixo dele, seus quadris balançando, encorajando-o. Ele empurrou mais fundo, estabelecendo o ritmo. Nunca em sua vida ele experimentou uma conexão tão profunda. Eles eram um.

Ele olhou nos olhos dela, se perdendo nas profundezas verdes de seu olhar, e quando ela estremeceu embaixo dele com sua libertação, ele se juntou a ela. Faíscas de energia os cercaram quando chegaram, unindo-os de todas as maneiras que importavam.





Quando os dois relaxaram, ele se inclinou contra as costas do sofá e a abraçou. Ela se aconchegou contra ele. Enquanto estavam ali no dia iluminado, com o sono ameaçando reivindicá-los, ele desejou que pudessem permanecer assim para sempre, mas tudo o que tinham era hoje.

Embora ele estivesse contente, ele também estava cheio de tristeza.

Eles haviam evitado o Critch por algumas horas, talvez um dia, mas a doença retornaria e, da próxima vez, a doença que roubaria a vida venceria.



CAPÍTULO 29

‘O som estridente de um carro despertou Sadie do sono. Ela abriu um olho. Na penumbra do crepúsculo, os móveis envoltos na escuridão pareciam desconhecidos. Ela piscou, tentando limpar as teias de aranha.

O movimento para a esquerda chamou sua atenção. Dentro de sua tigela, George balançou o rabo longo e elegante. As memórias inundaram os pensamentos de Sadie em um instante, afogando-a em um dilúvio - o passado de Beaumont, o Critch, sua união e adormecendo em seus braços.

Uma dor agradável entre as pernas dela lembrou que eles haviam feito amor duas vezes mais durante o dia. Beaumont estava deitada atrás dela no sofá, os dois como colheres, o braço forte dele embalado em volta da cintura dela. Ela se aconchegou ainda mais em seu abraço, e seu rico aroma de café se instalou em seus pulmões, aquecendo-a por dentro.

O dia terminou muito cedo. Esta noite, eles retomariam a busca pela pedra de faísca dele. Quanto tempo mais ele poderia adiar o Critch? Se eles não encontrassem sua pedra preciosa logo, ele morreria. Ela, por outro lado, teria seu próprio tipo de morte, um coração partido pelo resto de sua vida.

“Moeda de um centavo por seus pensamentos.” A voz profunda de Beaumont retumbou entre eles, viajando todo o caminho até seu âmago e lembrando-a novamente de seu ato de amor.



Ela desejou que eles tivessem tempo para outra rodada. “Vai escurecer a qualquer momento agora.”

Beaumont deslizou a mão entre os seios dela e segurou uma na palma da mão.

Ele a beijou atrás da orelha. “Devemos sair em breve, mas quero perguntar uma coisa.”

Depois de se abraçar, ela olhou para ele. “A respeito?”

O carinho brilhava em seus olhos. “O que você estudaria na faculdade?”

Ela teve que engolir antes que pudesse falar. “Se, e isso é muito importante, eu consegui passar no meu GED e ser aceita em uma faculdade, estudaria história.”

Ele assentiu, parecendo satisfeito com a resposta dela, então um sorriso floresceu em seu rosto e ele bateu o dedo no queixo. “Que época você escolheria? Não seria um prazo que eu teria conhecimento, teria? Digamos, o século XII?”

Uma pequena risada saiu de sua garganta, e ela tocou a barba por fazer em seu queixo. “Oh, eu não sei. Talvez a Guerra Civil Americana, Roma Antiga, talvez a Segunda Guerra Mundial.”

“Não. Que blasfêmia.” Beaumont fez cócegas nela, encontrando os pontos certos ao longo de sua barriga.

Ela se contorceu sob o ataque, gargalhadas irrompendo do vazio uma vez vazio em sua alma. “Ok, ok, pare..."

Ele não cedeu enquanto continuava sobre a coxa até o local sensível acima do joelho. O ataque dele continuou, e ela gritou de prazer.





"Tudo bem, tudo bem. Passei muito tempo estudando arte medieval e armaduras no Chicago Art Institute. Então, acho que estudaria história medieval." Suas respirações ofegantes ecoaram no espaço entre eles.

Ele a puxou para perto dele. "Muito melhor, meu pequeno bandido. Não me surpreenderia se você não lhes ensinasse uma coisa ou duas sobre esse assunto."

Você não é boa o suficiente. As palavras sussurradas eram um coro mesclado das vozes de sua mãe e de Gabriel. Não, ela não era boa o suficiente. Ela era uma ladra, nada mais. O peso se instalou em seu peito. Ela fechou os olhos tanto para estancar as lágrimas quanto para aproveitar esse momento final de trégua com o homem que desmoronara as paredes ao redor de seu coração.

Com um suspiro suave, ela se sentou e depois se levantou. "Que tal eu te encontrar no chuveiro? Quero comprar roupas limpas para mim, e vou procurar no armário de Ruby, para ver se consigo encontrar algo pertencente ao falecido marido que possa servir em você."

Beaumont a examinou, suas sobrancelhas escuras se abaixando sobre os olhos, mas ele não a chamou sobre sua mudança de assunto.

Em vez disso, o tique em seus olhos voltou à vida e ele assentiu. "Sim, precisamos nos mexer, quanto mais cedo melhor."

Ele se levantou, passou os braços fortes e musculosos em volta da cintura dela, e a puxou para ele para um beijo contundente. Ela se derreteu em seus braços e derramou todo seu amor por ele em sua resposta. O beijo terminou muito cedo.





“Não me faça esperar muito tempo.” Ele passou os lábios ao longo do queixo até o pescoço, depois se virou e caminhou pelo corredor.

Ela correu escada abaixo, abriu a velha gaveta da cômoda e escolheu um par de roupas íntimas, meias, um par de jeans e uma camiseta nova. Enquanto ela olhava ao redor da sala, uma sensação estranha formigou os cabelos ao longo do braço. Esta pode ser a última vez que ela viu esse lugar. Ela estremeceu, puxou as roupas para perto do peito, tocou no medalhão e depois subiu correndo as escadas.

Sadie parou na porta do quarto de Ruby. Ela nunca entrou nos aposentos de Ruby. Este era o seu espaço privado, fora dos limites. Dar um passo para dentro parecia uma violação, mas Beaumont precisava de roupas novas. Suas calças arruinadas tinham visto melhores dias, e ele não tinha mais camisa. Dadas as circunstâncias, Ruby não se importaria.

A água que espirrava no ladrilho ecoava no banheiro.

Um momento depois, o profundo barítono de Beaumont encheu a casa da cidade. "Estamos envolvidos nesse esforço inteligente."

Uma mistura de alívio e felicidade trouxe uma risada sufocada à superfície. Sadie foi para o armário e vasculhou as roupas velhas de Edward, vestindo uma calça e uma camisa. Eles podem ser um pouco apertados, mas teriam que fazer.

Enquanto caminhava para a cômoda, a que não tinha escova de cabelo e frascos de perfume, seu telefone tocou. Ela colocou as roupas de Edward na cama de Ruby e apertou seu aperto sozinha.



O zumbido ecoou da sala e a bagunça emaranhada de roupas descartadas no chão. Ela saiu correndo do quarto de Ruby e entrou na sala de estar.

Enquanto vasculhava as roupas, seu canivete saltou contra o tapete. Ela pegou e enfiou a arma confiável no bolso do jeans limpo. No quarto toque, ela pegou o dispositivo eletrônico da calça suja.

O número familiar de Gabriel exibido na tela. Como se seu telefone tivesse presas e um chocalho de pele escamosa, ela teve que lutar contra o desejo de arremessar o dispositivo pela janela. Sangue batia em seus ouvidos.

Antes de perder a coragem e a ligação, ela passou o dedo sobre a tela. “Olá?”

“Ah, Sadie, é tão bom ouvir sua voz.” Gabriel riu. “Você criou uma bagunça, não criou?”

O calor brotou de seu peito e em suas bochechas. Ela virou as costas para a janela e olhou para George. Seu rabo voou para lá e para cá como se ele compartilhasse sua irritação.

“Luke te deu meu número, não foi?” Droga, ela nunca deveria ter confiado nele.

“Sim, raio de sol. Meu garoto Luke me deu seu número. Ele me disse que você está procurando uma pedra branca em particular.”

George se escondeu atrás de uma das árvores de plástico falsas enraizadas nas pedras no fundo de sua tigela. Como ela desejou poder se juntar a ele.

“Você tem a pedra?”



“Agora Agora-“

“Pare, Gabriel. Apenas me diga.”

Ele amaldiçoou. “Você sempre estava com pressa. Eu não tenho a gema...”

“Não”, ela sussurrou, seu estômago enrolado em um nó.

"Mas eu posso saber a localização da pedra.”

Sua respiração foi expelida dos lábios rapidamente. "Conte-me."

“Merda, Sadie. Você sabe que há um preço a pagar.”

“Você e eu, garota, estamos envolvidos neste esforço inteligente.” O barítono de Beaumont seguiu pelo corredor, perfurando através do batimento cardíaco batendo em seus ouvidos e dando-lhe coragem.

“O que você quer?” Ela tentou engolir, mas sua boca estava muito seca.

“Não é o que eu quero, Sadie, é o que você quer."

Sua mente ficou embaçada. *O que ele estava falando?*

Gabriel riu dessa maneira muito familiar, enviando um calafrio pelos braços. "Tem alguém aqui que quer falar com você."

O som de vozes aquecidas, indistintas, estalou sobre a linha.

“Fale com ela.” O comando de Gabriel rasgou a distância como se ele estivesse ao seu lado.

"S... Sadie? É realmente você?"

A visão de Sadie ficou borrada, as pequenas estrelas brancas se aproximando. Ela se sentou no sofá e se forçou a respirar. “Hannah?”

“Sadie! Oh, Sadie. Você tem que-"





Vozes abafadas estalaram sobre a linha e depois silêncio.

“Hannah! Hannah!” A mão de Sadie tremia tanto que o telefone bateu contra sua orelha.

Gabriel riu. “Agora, aqui está a coisa. Estou disposto a oferecer-lhe uma troca. Vou libertar sua irmãzinha se você voltar para mim.”

Da base do couro cabeludo, um calafrio percorreu todo o caminho até a espinha e pelas duas pernas. Deus, ela não queria voltar para Gabriel, mas ele machucaria a irmã dela, se ela não o fizesse. Hannah era jovem demais, inocente demais, pura demais. O pensamento de que colocar suas mãos em Hannah era mais do que Sadie podia tolerar.

Do fundo do seu coração e alimentada pelo amor por sua irmã, Sadie se fortaleceu.

Ela endireitou os ombros e levantou o queixo. “Diga-me onde te encontrar.”

Gabriel fez um discurso no lado sul inferior. Sadie não sabia a localização exata, mas estava familiarizada o suficiente com o bairro para saber que não era seguro para sua irmã.

“Eu estarei lá o mais rápido possível.”

“Uma última coisa.” Gabriel bateu o dedo no telefone, e o som parecia um martelo batendo no crânio de Sadie. "Venha sozinha. A vida de Hannah depende disso.”

Sadie olhou para o banheiro. O jato da água reverberou pelo corredor. Uma dor como ela nunca conheceu se instalou em seu peito. Se ela estivesse de pé, a força disso a teria ajoelhado.

“Será apenas eu.”





“"Bom, e Sunshine, se você cooperar, posso apenas dizer o que fiz com essa pedra.” A linha morta zumbiu em seu ouvido.

O telefone escorregou dos dedos de Sadie e caiu na mesa de café com um barulho. O olhar dela se voltou para George, nadando despreocupado em sua tigela. Sua mente nadou junto com ele, seus pensamentos girando fora de controle.

Respire, caramba, respire. Ela se forçou a se acalmar. Cada momento que ela se atrasava, Gabriel podia... Ela não podia nem ir lá. Hannah ficaria bem, ela tinha que estar.

Os músculos das pernas de Sadie se apertaram e ela se levantou. Erguendo o queixo, ela sacudiu o punho para o inimigo distante. “Você a machucou de qualquer maneira, Gabriel, você pagará, isso eu prometo.”

No final do corredor, o som do chuveiro terminou. Beaumont sairia em breve. Pulmões apertados com arrependimento, ela não conseguia respirar fundo. Ele não a encontrou aqui. Caso contrário, ele insistiria em acompanhá-la. O mais rápido que pôde, ela vestiu as roupas e depois foi para o corredor e em direção à cozinha.

“Ei, pequena bandida, você está indo no caminho errado.” A voz profunda e sexy de Beaumont a perseguiu pelo corredor.

Ela parou, os músculos nos ombros e nas costas tensos. Não querendo enfrentá-lo, ela não se mexeu. “Eu...”

“O que está errado?” O chão tremia com seus passos avançando.

Sadie virou-se para encará-lo. Ele agarrou uma toalha presa na cintura. Gotas de água cintilante escorriam de seus cabelos e





deslizavam até seus abdominais. Os músculos de seu peito largo e ombros fortes se contraíram, junto com suas feições.

“Aconteceu alguma coisa?” Ele colocou um fio de cabelo atrás da orelha dela.

Seu toque terno bateu contra o coração dela. Ela o empurrou para longe. Ele não podia ir com ela. Não havia como ela permitir, mas se ele soubesse para onde ela planejava ir, quem ela planejava encontrar, ele insistiria. Ela tinha que fazer algo para garantir que ele não a seguisse.

Uma ideia veio à mente junto com uma reviravolta doentia em seu intestino. Antes que pudesse pensar duas vezes nas ramificações, ela ergueu os ombros e cuspiu aos pés dele. “Você ganhou. Ok, você ganhou.”

Ele deu um passo para trás e piscou. Linhas de confusão gravadas em sua testa. “Do que você está falando?”

"O jogo. Você disse que me seduziria e o fez. Então, você conseguiu o que queria. Você está feliz?” As palavras tinham um gosto amargo em sua língua, e ela se odiava por machucá-lo dessa maneira.

Seus olhos escureceram, a dor gravada nas linhas em seu rosto. A contração no canto do olho explodiu. "” mim, o jogo terminou há alguns dias.”

O coração dela gaguejou. “O que? Quando?”

“Quando vi sua honra.”

“Honra?” Ela era uma batedora de carteiras, uma bandida.

Os olhos dele se suavizaram. “Você paga suas dívidas e defende os outros. Isso é honroso no meu livro.”



Lágrimas ameaçaram, e ela piscou para longe das gotas traidoras. Com uma rápida esfregar os dedos sobre o pulso, ela curvou os lábios para ele. “Eu não acredito em suas mentiras, em nenhuma delas. Há algumas roupas na cama de Ruby. Deixe-me sair.”

Ela girou a ponta do pé.

Ele a segurou pelo braço. "Não vá."

“Liberte-me.” Ela falou as palavras entre dentes.

O longo suspiro de Beaumont vibrou no espaço entre eles. Ele a libertou, e a falta de contato a deixou fria. “Você vai fugir, Sadie? Não é isso que você sempre faz?”

Pela primeira vez, em vez de batedor de carteiras, bandido ou ladrão, ele a chamou de "Sadie". O som do nome dela nos lábios dele e suas palavras duras e verdadeiras a socaram no peito. Um soluço abafado ameaçou escapar. Antes que o lamento pudesse se libertar, ela correu pela cozinha.

Beaumont a perseguiu, seus pés pesados batendo no corredor e ecoando nas paredes. Ela abriu a porta dos fundos, agarrou a maçaneta e puxou-a para trás, para se dar alguns segundos preciosos para escapar.

Beaumont arrancou a porta de suas mãos, abrindo-a.

Ela tirou o canivete do bolso, deixando a faca dentro e virou-se para encará-lo. Com toda a força que pôde reunir, ela o atingiu no templo com o fim contundente.

Um som alto ecoou no espaço entre eles. Seus olhos se arregalaram por um breve momento antes que eles vidrassem, e ele caiu no chão. O chão tremeu com o impacto.



Sadie piscou. Por que Beaumont caiu de uma lesão tão pequena? Talvez ele ainda estivesse fraco pelo Critch. O desejo de correr para o lado dele fez suas pernas tremerem, mas sua necessidade de ajudar a irmã a manteve enraizada no lugar.

O peito de Beaumont subiu e caiu com suas respirações uniformes. Uma gota de sangue deslizou do corte na testa. Seus ferimentos não pareciam graves. A tensão em seus ombros diminuiu e ela expulsou o fôlego que não tinha percebido que continha. Beaumont estava com frio, mas por quanto tempo?

"Sinto muito, Beaumont. Por tudo." Com lágrimas nos olhos, ela correu pela rua lateral e em direção a um encontro destinado ao passado.



CAPÍTULO 30

Beaumont acordou a uma solução quente, língua molhada raspagem sobre a bochecha e um gritos dor de cabeça. Ele abriu os olhos. A luz do teto brilhava como o sol, cegando-o com seu brilho. Ele estremeceu quando uma nova pontada de dor atravessou seu cérebro. Com pupilas verticais sem piscar, um gato familiar olhou para ele. Um ronronar estrondoso encheu o silêncio.

Ele piscou e levantou-se para um cotovelo. Snookums roçou seus bigodes contra o braço de Beaumont. Uma pequena carga elétrica viajou ao longo de sua pele a partir da troca. Ele acariciou as costas do gato enquanto sua mente enevoada tentava entender como ele terminara no chão. Um olhar para a cozinha e as memórias voltaram em uma torrente.

Sadie fugiu dele. Ele a pegou na porta, então a dor floresceu em sua testa.

Ele passou o dedo pela testa. Concurso ao toque, um pequeno nó se formou onde ela o prendeu. Sangue congelado grudou em seu dedo.

"*Merde*".

Ele confiou em Sadie, descobriu seu passado e sua alma. Isso era algo que ele não tinha feito desde Marion, e Sadie jogou essa confiança a seus pés, pisando em seu coração no processo.

Eu não acredito em suas mentiras...

Seu peito doía muito pior do que a dor em sua cabeça. Como ele poderia ter sido tão tolo?



Ele não queria acreditar que Sadie quis dizer aquelas palavras terríveis, mas a dúvida apareceu nos recessos de sua mente como um ladrão. Ela o havia interpretado como Marion? Seu pulso batia forte na têmpora, embaçando seu cérebro.

Ele cuidou de Sadie, a amou e lhe deu sua confiança, o único valor que ele apreciava acima de todos os outros. Pela maneira como ela olhou para ele com respeito e carinho, tocou-o com suas carícias gentis e fez amor com ele como se ele fosse o único homem no mundo, ele pensou que tinha significado algo para ela. Aparentemente, ele estava errado.

Ele cerrou os dentes e tentou ressuscitar os pedaços quebrados do coração.

A brisa quente da noite de verão soprou pela porta aberta.

Ele olhou para o felino. "Então foi assim que você chegou aqui."

O gato o estudou com seus oniscientes olhos dourados.

Ele esfregou os dedos sob o queixo de Snookums e depois se levantou. "Obrigado pela ligação, amigo."

No final do corredor, a vibração distinta de um telefone tocando zumbia no ar. Beaumont correu pela cozinha e seguiu o som.

O telefone de Sadie dançava na mesa de café enquanto a vibração do toque continuava. Ele pegou o aparelho, olhou para a tela e para o número desconhecido. Ele tinha um sentimento sobre quem era, um sentimento muito ruim. *Gabriel...*

A raiva pulsou em sua têmpora, reacendendo a dor em sua testa. Ele passou a mão pelo telefone. A tela quebrou com a



força. Ele precisava conversar com esse *Branleur*. Mais forte do que o necessário, ele passou o dedo pela tela para aceitar a ligação.

"Depressa, Sunny Sadie. Hannah e eu nos cansamos da espera."

A voz do homem do outro lado da linha irritou os nervos de Beaumont, mas suas palavras preencheram os detalhes ausentes. Gabriel teve Hannah. Sadie foi atrás dela. A esperança de que ele estivesse errado quanto a enganá-lo cintilou em sua alma e competiu com o mal-estar picando sua nuca.

Se Sadie foi embora por causa de Hannah, por que ela não queria a ajuda dele? A pergunta pairou em sua mente como um peixe fisgado, boca aberta e incapaz de se libertar.

"Sadie!" A voz áspera de Gabriel ecoou na linha.

Os dedos de Beaumont se contraíram com a necessidade de estrangular o sujeito. "Se você prejudicar sua irmã, de qualquer forma, não será capaz de viver para ver o nascer do sol."

Do outro lado da linha, respirava profundamente, depois o fluxo de ar em uma expiração apressada. "Ah, você deve ser Beaumont, a gárgula. Marco mencionou você. Presumo que Sadie não esteja com você. Bem, isso é uma vergonha, não é?"

Beaumont bateu com o punho na mesa de café e a madeira lascou sob a pressão. "Não tenha dúvida, eu vou encontrá-la e quando eu encontrar-"

"Bem, minha Sunny Sadie. Eu posso vê-la através da janela." Gabriel limpou a voz. "Tchau, otário."

"*Merde! Merde! Merde!*" Beaumont jogou o telefone do outro lado da sala.



O dispositivo bateu contra a lareira e quebrou. Pedaços de peças eletrônicas e plástico deslizaram sobre a lareira, sobre o tapete e tilintaram no chão de madeira.

Sadie foi atrás da irmã e, por razões pessoais, não queria que ele fosse junto. Por quê?

A dor irradiava de sua mandíbula cerrada e subia pela bochecha para encontrar sua dor de cabeça crescente. Mesmo que ela não o amasse, uma coisa era clara - contra todos os anos em que carregava o peso pesado de proteger seu coração, ela havia atravessado suas paredes resistidas e endurecidas.

Ele se importava com ela... a amava. Não importa o quê, ele resgataria Sadie e sua irmã antes que sua alma desaparecesse no éter.

Mesmo agora, o dreno de sua energia o puxou, arrastando-o para baixo, mas isso não o impediu. Ele apertou a toalha em volta da cintura e entrou no quarto de Ruby.

Um par de calças e uma camisa estavam espalhados sobre o edredom. Enquanto se vestia, ele se localizou na localização de Sadie. Com o máximo de beijos que eles fizeram, ele tinha o cheiro e o gosto dela enraizados em sua mente. *Lower South Side*...

Antes de sair, ele pegou sua adaga nas calças descartadas, apoiadas no tapete da sala de estar. Seu olhar foi para o sofá onde eles fizeram amor. Os músculos de seus braços e pernas se contraíram, pressionando contra o material muito tenso. "Pequeno batedor de carteiras, estou indo atrás de você."

Com o coração pesado e cheio de convicção, ele seguiu a trilha de Sadie pela porta.



CAPÍTULO 31

Sadie ficou fora da entrada para um velho armazém de tijolo que sobraram de uma era passada. Atrás das grades do prédio de quatro andares, a sujeira cobria as janelas. Prédios vizinhos, alinhados em ambos os lados da rua, lembraram-lhe um bocado de dentes ruins - alguns tortos, outros rachados, todos negligenciados. Um único poste na esquina tremeluzia, como se a lâmpada não pudesse decidir se deveria incomodar ou não.

Ela apalpou o canivete no bolso e a auto aversão cobriu a parte de trás da garganta. Depois do golpe baixo que ela deu a Beaumont acusando-o de mentir, ela não merecia o perdão dele.

Ela acidentalmente deixou o telefone na sala de estar, mas se ela tivesse conseguido, poderia ter ligado para o antigo telefone fixo de Ruby para pedir desculpas a ele.

Você é estupida. Não serve para nada. Sim, sua mãe estava certa, mas Sadie não desistiria de seu objetivo. Salvar Hannah poderia ser a última coisa boa que ela conseguiria, mas faria o que fosse necessário, independentemente do custo pessoal.

Sadie procurou nas janelas do edifício uma luz ou qualquer sinal de movimento. No terceiro andar, uma sombra passou por um painel quebrado. Claro, Gabriel não usaria o nível do solo para esta reunião. Ele escolheria um dos andares superiores para se sentir importante. Seu interior torceu. Hannah, sua doce e inocente irmãzinha, estava lá em cima com ele.



O vento aumentou, carregando poeira e alguns pedaços de papel descartado na rua. Com uma mistura de antecipação e medo passando por suas veias, Sadie correu do outro lado da rua até a porta de metal. Ela agarrou a maçaneta e torceu. A trava abriu com um clique suave.

Depois de um rápido empurrão contra a superfície dura, ela cruzou o limiar e entrou. A escuridão a cumprimentou.

Esforçando-se para ouvir o menor som, Sadie prendeu a respiração. Apenas o som distante de um cano ecoava pelo espaço. Enquanto os olhos dela se acostumavam à luz, o aroma secular de argamassa e tijolo se infiltrou em seu nariz.

Formas começaram a tomar forma. Vigas de aço colocadas a cada dez pés ou mais enchiam o armazém vazio. Uma escada de metal ao longo da parede oposta levava ao segundo andar. Silenciosa como um gato, Sadie atravessou a sala e subiu as escadas. A cada passo, seu coração batia alto nos ouvidos.

Cadê você, Hannah? Ela queria gritar as palavras, encontrar e proteger sua irmã, mas apertou os lábios com força e continuou sua subida.

Quando ela se aproximou do terceiro andar, vozes abafadas, de um homem e uma mulher em uma troca acalorada, desceram as escadas. Ela acelerou o passo até chegar ao degrau mais alto. As palavras ficaram mais claras.

“Sadie não faria isso. Ela nunca concordaria!”

A garganta de Sadie se apertou com o timbre familiar da voz de Hannah. Ela olhou ao virar da esquina.





Hannah estava sentada em uma velha cadeira de madeira, os pulsos amarrados atrás das costas, cada tornozelo amarrado a uma perna da cadeira. Franziu a testa, seu olhar penetrante fixou-se em Gabriel, que estava a poucos metros de distância. Ela parecia mais velha e mais madura desde a última vez que Sadie a viu. Hannah cresceu.

"Eu a conheço muito melhor que você. Ela vai." O tom de Gabriel continha uma ponta de certeza. Vestido com uma calça jeans de grife, uma camisa de botões e um tênis da Air Jordan, ele percorreu um longo caminho desde os tesouros sujos da Boa Vontade do passado. No entanto, o mesmo penteado marrom desgrenhado e piercing no nariz familiar não haviam mudado.

O gosto amargo anterior na boca de Sadie retornou e deslizou por sua garganta quando ela engoliu.

O olhar de Hannah desviou para Sadie. Os olhos dela se arregalaram.

Gabriel virou a cabeça. Seus lábios se curvaram em um sorriso maligno. "Entre, iluminada Sadie, junte-se a nós. Nós estivemos esperando você."

Sadie colocou a mão no quadril. A forma dura do canivete pressionou a palma da mão, e ela teve que lutar contra o desejo de esfaquear com lâmina o rosto de Gabriel.

Ela deu um passo à frente e depois outro, sua atenção oscilando entre Gabriel e sua irmã. Apesar das solas de borracha em seus tênis, os passos de Sadie ecoavam a cada passo no armazém quase vazio.





“Bem-vinda em casa, minha querida.” Gabriel abriu bem os braços. "Isso pode não parecer muito agora, mas em breve, o local estará cheio de todo tipo de merda cara."

Exceto pela cadeira solitária em que Hannah estava sentada, as únicas outras peças de mobiliário do local eram uma mesa velha, uma lata de lixo e um arquivo de metal.

Gabriel sorriu, seus olhos frígidos e duros. “Nós vamos brincar de casinha aqui. Você e eu juntos.”

Os dedos gelados da morte percorreram as costas de Sadie, mas ela encontrou o olhar dele. No passado, ela teria se curvado sob o comando de Gabriel, mas não tinha mais vontade.

Você paga suas dívidas e defende os outros. Isso é honroso no meu livro. As palavras encorajadoras de Beaumont deslizaram por sua mente, reforçando sua confiança. Pela primeira vez desde que se lembrava, ela se sentia digna.

“Não, Sadie, corra! Não se preocupe comigo. Corra, corra, corra!” A voz estridente de Hannah perfurou o ar.

Sadie correu para a irmã, ajoelhou-se no chão e passou os braços em volta do ombro de Hannah. Os cachos macios de Hannah, loiros como trigo de verão, roçaram as bochechas de Sadie.

Um soluço triste partiu da garganta de Hannah. Suas lágrimas escorregaram no ombro de Sadie, humedecendo a blusa.

“Você é tão forte. Eu sabia que você tinha que estar viva.” Sadie sussurrou.

“Oh, tão emocionante”, Gabriel provocou, "mas eu sou a pessoa que você deveria estar abraçando."





Antes que Sadie pudesse reagir, Gabriel a levantou e a abraçou, prendendo os braços na cintura. O toque de sua pele úmida a fez amordaçar.

Ela se contorceu e esticou os dedos em direção ao canivete, mas não conseguiu alcançar a maçaneta.

“Deixe-a ir!” Hannah balançou na cadeira, as pernas batendo no chão de concreto.

“Para uma coisa tão jovem, você com certeza gosta de explodir sua boca. Agora, cale a boca!” Gabriel girou Sadie para encará-lo, segurando suas mãos.

Ela conseguiu libertar uma e bateu com a palma da mão na bochecha dele. A cabeça dele virou para o lado. Ele arreganhou os dentes e puxou o braço dela, puxando os dois pulsos pelas costas.

A dor irradiava da articulação do ombro para os dedos. Estrelas brancas encheram sua visão, tonturas ameaçando derrubá-la.

Ela engoliu em seco e se forçou a inalar. O fedor do hálito de cerveja dele queimou suas narinas e penetrou em seus pulmões. Ela cuspiu nele. A saliva dela pousou na lateral do nariz dele e pingou no buraco ao lado de sua joia favorita antes de pingar no cavanhaque.

Ela levantou o queixo e olhou para ele.

Ele torceu o pulso dela. A agonia ondulou em seu braço.

“Vadia como sempre.” Ele limpou o desafio molhado de seu rosto. “Adorei nossas brigas. Mal posso esperar por mais.”

Ela se contorceu, chutando e lutando com ele.

Ele a apoiou contra a parede, os braços presos.





Seus cotovelos atingiram o concreto. A dor irradiava por seus antebraços, e ela fez uma careta. Ele passou um dedo pela lateral do rosto dela. Ela recuou e virou a cabeça para o lado.

Com a mão livre, Gabriel agarrou seu queixo e a forçou a olhar para ele. “Me trate bem e eu deixarei sua irmã ir. Ela pode voltar à vida em Ohio com seu tio e sua esposa desajeitada e cheia de contusões.”

Por cima do ombro de Gabriel, Sadie teve um vislumbre de Hannah. Boca aberta, olhos arregalados, seus ombros tremiam tanto que seu corpo inteiro tremia. Oh, Deus, que escolha ela tinha? Ela não podia deixar esse monstro colocar suas patas sujas em sua irmã. No entanto, uma parte dela sabia que não devia confiar nele.

Sadie levantou o queixo. “Deixe-a ir e eu vou ficar.”

Ele sorriu. “Eu te conheço melhor que isso. Mostre-me que você está falando sério.”

Ela apertou as sobrancelhas juntas. “"Como?"

“Me beija.”

Os dedos gelados da morte voltaram para outra rodada, serpenteando por sua espinha e nos ombros rígidos. Ela lambeu os lábios, tentando ganhar tempo.

Seu olhar atraiu para lá em um instante, depois olhou para os olhos dela mais uma vez. “Estou esperando.”

"S... Sadie?” A voz trêmula de Hannah quebrou o silêncio.

Sadie não esperou mais. Ela apertou os lábios contra a boca de Gabriel.





Ele enfiou a mão nos cabelos dela e segurou o pescoço dela com força. Com um puxão firme, ele inclinou a cabeça e aprofundou o beijo. A língua escorregadia dele mergulhou em sua boca. O sabor da cerveja deslizou por sua garganta. Levou toda a sua força de vontade para não se engasgar.

Ela enrijeceu em seus braços e tentou recuar, mas ele a tinha firmemente em suas mãos. O ódio ardia em seu estômago, esquentando a cada momento que passava, até que sua raiva borbulhava. Ela abriu a boca para prender mais a língua dele por sua mordida iminente.

"O que está acontecendo aqui?" A voz profunda de Beaumont ecoou pela sala.

Gabriel interrompeu o beijo e virou a cabeça.

O pulso de Sadie disparou, adrenalina correndo por suas veias. *Beaumont…*

Inferno, ela tinha esquecido que ele poderia rastreá-la. Ela olhou para ele. O olhar dele fixou o dela. Ódio, nojo e raiva queimaram em suas profundezas. Seu coração pulou uma batida.

Ele acha que eu o traí. Assim como Marion.

***

A mente de Beaumont entrou em modo de batalha enquanto ele avaliava a situação. Gabriel segurou Sadie em seus braços e ele a viu plantar um beijo em sua boca. Mesmo agora, o gosto de seus lábios ainda permanecia nos dele. O calor correu por sua pele, deixando um clima úmido ao longo de suas mãos. Ele apertou a mão, transformando os nós dos dedos em pedra.





Amarrada a uma cadeira, uma jovem mulher lutava para se libertar. Cachos loiros saltaram em volta dos ombros. Com o nariz empinado e os olhos verde-esmeralda, a semelhança familiar era inconfundível. Ela era Hannah, irmã de Sadie.

Ele se concentrou em Sadie. Boca trêmula, os olhos dela não tinham culpa, apenas remorso e uma profunda tristeza. Dado o ódio e o medo de Sadie por esse ex-namorado bastardo, não havia como ela o beijar por vontade própria.

Ele olhou para seu alvo. “Deixe-a ir, Gabriel."

O homem virou Sadie, pegou algo do bolso e envolveu o pescoço de Sadie na dobra do braço, com a mão fechada.

Sadie ofegou por ar. Ela lutou contra o aperto dele, mas não conseguiu se libertar.

Gabriel sorriu. “Você deve ser Beaumont. Pedra de faísca agradável, a propósito. Você sabe quem tem?”

A visão de Beaumont apontou para seu inimigo. Ele seguiu em frente, sem piscar. “Marco”

“Sim *Marco*. Meu novo mestre tem sua vida na palma da mão, e...” Uma risada sufocada saiu dos lábios de Gabriel.

Ele afastou um pé de cada vez, de costas para a parede, arrastando Sadie com ele. Agarrada no punho, sob as pontas dos dedos, a borda de um pequeno disco redondo e dourado refletia a luz com um brilho assustador.

“Não machuque Sadie!” Hannah retomou suas sacudidas enquanto lutava em sua cadeira.

Beaumont não olhou para ela, sua atenção enraizada no inimigo. Como ele odiava o homem vil por ameaçar sua





mulher. Apesar de seu juramento de não matar um humano, ele poderia fazer exatamente isso. Os músculos de seus braços e pernas ficaram tensos em preparação para seu ataque.

"E agora que eu liguei para ele, ele está a caminho."

Uma brisa forte soprava através de uma janela quebrada. Anos de sujeira giravam juntos em várias pequenas pilhas. Os cabelos do pescoço de Beaumont se arrepiaram. Eles tinham companhia.

Antes que ele pudesse alcançar Gabriel, três fae ergueram-se das nuvens de poeira. Dois eram a variedade padrão fae, bonita e letal. O terceiro, seu antigo inimigo - Marco. Vestia seu habitual sobretudo marrom escuro, camisa branca de botão e gravata preta, e sua bengala característica descansava na dobra do cotovelo.

Beaumont retirou a adaga e apalpou o peso familiar.

“Ah, Beaumont, nos encontramos novamente.” Marco chutou e pegou a pedra branca de Beaumont do bolso do casaco. Na luz escassa, a gema brilhava. "Estou ansioso por esta reunião em particular há algum tempo."

“Você não vai sobreviver à noite.” O aperto de Beaumont aumentou ao redor de sua arma.

As pontas de seus dedos entorpeciam. Embora ele reconhecesse o sintoma familiar do Critch, ele não ousou desviar o olhar do inimigo.

“Gabriel, você me desagrada.” Marco fez sinal para que seus servos circulassem Beaumont.

Beaumont se aproximou de Sadie e sua irmã, colocando-se entre eles e os fae.





"O que? Eu não entendo Trouxe Beaumont para você." Gabriel apertou com mais força a garganta de Sadie.

Sadie ofegou, os olhos arregalados.

O lábio de Marco se contraiu. "Sua prioridade número um sou eu, não sua vida amorosa. Você deveria ter me informado sobre Beaumont quando ele chegou."

"Mas eu fiz. Você não vai me matar, vai?"

Os dois subordinados se aproximaram. Um retirou uma palheta longa e pontiaguda do cinto. A necessidade de proteger Sadie e combater seu inimigo levou Beaumont a avançar.

"Isso ainda precisa ser visto." Os olhos amarelos de Marco brilhavam com intenção assassina. Ele apontou para seus lacaios. "Subjugue a gárgula, mas não o mate. Quero que ele se ajoelhe diante de mim enquanto esmago sua pedra na palma da minha mão."

Os dois fae atacaram. Braço levantado, aquele com a picareta correu para frente. O outro circulou Beaumont por trás.

Beaumont encontrou os primeiros fae de frente. Ele cortou a adaga no braço. O sangue jorrou do corte.

Um grito de dor irrompeu da criatura, mas ele manteve o controle da arma. A ponta afiada brilhava à luz. Ele empurrou a picareta em direção ao peito de Beaumont e ao ponto vulnerável acima de seu coração.

Beaumont evitou o golpe. A barra de aço acariciava sua camisa como um amante.

Antes que o fae pudesse se ajustar, Beaumont deslizou sua lâmina pela garganta do fae, cortando sua jugular. Sangue, preto





como a noite, bombeava da ferida aberta. Os fae deslizaram para o chão e, em um pequeno turbilhão de poeira, desapareceram no éter.

Beaumont olhou para Sadie. Sua respiração ficou presa na garganta. Marco caminhou em direção ao trio de humanos, um sorriso cruel estampado em suas feições.

O segundo fae caiu nas costas de Beaumont, garras afiadas rasgando seu ombro. A dor percorreu seu braço e sua adaga caiu no chão de cimento.

Ele endureceu a pele, transformando sua carne em pedra.

Incapaz de ganhar compras na superfície parecida com uma rocha, os fae deslizaram para o chão.

Pelo canto do olho, ele pegou Marco em pé sobre Hannah. Ele agarrou a cabeça dela com as mãos, os dedos apertando o queixo dela, forçando-o a abrir.

“Deixe a em paz!” O grito de Sadie ecoou pela sala.

O peito de Beaumont inchou. Sua coragem e convicção em ajudar sua irmã reforçaram sua determinação em salvar os dois.

Ele não viu o lacaio chegando até que fosse tarde demais. A criatura caiu nos joelhos de Beaumont, derrubando-o com uma força que sacudiu o prédio. Pedaços de poeira e sujeira escorriam do teto, flutuando como pequenos flocos de neve no céu noturno.

Dormência rastejou em seu punho. Ele olhou para a mão dele. O Critch viajou por seu pulso e subiu pelo antebraço. Ele estava quase sem tempo. Com a mão boa, ele tirou a adaga da Hail Mary da bota e golpeou a criatura, afundando a lâmina no ombro.

Os fae gritaram.





“Pare! Não!” Sadie lutou contra o aperto de Gabriel.

Debruçado sobre Hannah, Marco abriu a boca e estendeu a língua. Uma única gota de saliva deslizou da ponta e caiu na boca de Hannah. Os lábios do fae escuro se moveram. Mesmo com a audição extra-sensorial de Beaumont, ele não conseguia entender as palavras.

O lacaio de Marco raspou suas garras nas costas de Beaumont. Dor irradiava através de seu peito. Sua pele ondulou, mudando para pedra e voltando novamente. Cada ataque sucessivo dos fae gastava suas reservas de energia e ele não conseguia se proteger.

Querida Rhiannon, me dê forças para salvar Sadie e sua irmã.

Puxando a pouca energia restante, ele rolou de costas, prendendo seu inimigo embaixo dele.

Um grito abafado estourou da garganta da criatura. Cortou suas garras nos braços de Beaumont, mas ele não registrou mais a sensação. O Critch viajou muito acima dos cotovelos.

De alguma forma, a adaga permaneceu em suas mãos. *Obrigado, deusa.* Ele virou-se, ajoelhou-se sobre sua presa e afundou a lâmina no olho esquerdo do fae.

Os fae se acalmaram, seus belos traços se transformando em uma máscara grotesca. Na expiração final, um chiado suave escapou dos lábios. Em um pequeno turbilhão de poeira, os fae se desintegraram embaixo dele no nada.



Beaumont focou nos outros. Deitada na cadeira, Hannah não se mexeu. Marco andou em direção a Sadie. Ela lutou nas mãos de Gabriel.

O calor correu pelas veias de Beaumont. Ele apertou os dentes com tanta força que sua mandíbula doía com a força. Ansioso para se levantar de sua posição ajoelhada, ele empurrou contra o chão. Como se estivesse preso como piche, suas pernas se recusaram a cooperar.

A ironia não se perdeu nele, e uma risada doentia e contorcida ameaçou escapar. Ele não pôde salvar sua preciosa Sadie. Seu peito se apertou, e ele não tinha certeza se isso era da doença ou de seu coração partido.

"Marco! Venha me pegar, se tiver coragem." Ele jogou o desafio sem hesitação.

Desenhar as fae malignas para ele era sua única chance. Deuses o ajudam. Beaumont dobraria o joelho diante da criatura que ele desprezava.

CAPÍTULO 32

Sadie empurrou, empurrou, chutou, fez tudo que podia para quebrar o domínio de Gabriel, mas seu aperto em torno de sua garganta única apertados. Ajoelhado no chão, os ombros retos, os músculos tensos com o esforço, Beaumont parecia esforçar-se contra ligações invisíveis.

Ao longo do braço, o Critch viajou sob a borda da camiseta. Alguns pequenos tentáculos espiaram por baixo da gola, ameaçando subir sua garganta.

O medo por ele apertou seu peito.

Marco estava avançando sobre ela, detendo-se diante do desafio de Beaumont. Ele continuou em sua direção. Ela podia ver as estrias vermelhas em seus brilhantes olhos amarelos. Marco deslizou um único dedo com garras pela ponte do nariz e sobre os lábios entreabertos.

Furiosa, ela estalou no dígito, mas errou. Seus molares estalaram juntos, enviando uma onda de dor através de sua mandíbula. Por cima do ombro, ela teve um vislumbre da forma caída de Hannah. Oh Deus. Ela estava morta?

A dor golpeou seu coração. Ela nunca se perdoaria se Hannah sofresse uma lesão permanente ou morresse.

Ela olhou para Marco, arreganhando os dentes. “O que você fez com a minha irmã?”



“Mal-humorado. Muito agradável. Eu voltarei para você mais tarde.” Marco piscou para ela e depois se virou para Beaumont.

“Deixe-o em paz!” Ela renovou suas lutas, mas não conseguiu quebrar o aperto de Gabriel.

De volta para ela, Marco levantou a mão e apontou para ela. “Silencie ela!”

O braço de Gabriel contraiu sua traqueia. Gotas de suor se formaram em sua testa. Ela não conseguia recuperar o fôlego.

“Quieto. Eu não quero te machucar.” A voz sussurrada de Gabriel tremeu.

Ela assentiu e ele relaxou o aperto. O ar abençoado sibilou em seus pulmões e, enquanto Marco caminhava em direção a Beaumont, poder e confiança imbuídos em cada passo, suas pernas tremiam.

O fae escuro ergueu a pedra de faísca de Beaumont na palma da mão como se fosse um brinquedo. "Bem bem. Veja o que temos aqui. Parece que você tem um caso grave de Critch e, para minha sorte, você já está de joelhos. Minhas conquistas devem me preceder.

"Chegue um pouco mais perto, e eu mostrarei em primeira mão quem ganhou o recorde de mortes mais impressionante.” Os lábios de Beaumont se curvaram, o ódio embutido nas profundezas de seus olhos.

Ele não conseguiu levantar-se. Embora seus jeans escuros cobrissem as pernas, sem dúvida a doença maligna o atacara ali





também. Ele teria que lutar com Marco de joelhos. Não é uma maneira que qualquer guerreiro queira morrer.

O peito de Sadie se expandiu quando o amor por ele varreu seu medo. Ele disse a ela que faria qualquer coisa para protegê-la. Ele valorizava a verdade, e esse orgulhoso guerreiro se sacrificaria para lhe dar uma chance de escapar. Ela não deixaria que seus esforços fossem por nada.

O aperto de Gabriel afrouxou ainda mais sua garganta. Uma pequena centelha de esperança brilhou dentro. Braços presos atrás das costas, ela não conseguia alcançar o bolso para o confiável canivete, mas poderia alcançar as bolas dele se torcer um pouco mais.

Marco riu e caminhou na frente de Beaumont, andando fora do alcance. Ele jogou a pedra de faísca no ar, uma, duas, três vezes. Em sua descida final descendente, as estrias na rocha brilhavam com uma luz estranha, dando-lhe uma idéia. A esperança brilhou em seu peito e, com uma tosse forçada, ela torceu levemente as mãos de Gabriel.

Marco segurou a gema entre o polegar e o indicador. Seu olhar se estreitou em Beaumont, e um sorriso maligno percorreu seus lábios. “Ver você morrer nas minhas mãos é algo que eu procuro há muito, muito tempo. Engraçado, eu quase gostaria que nosso joguinho pudesse continuar, mas todas as coisas devem terminar.”

Beaumont sorriu, linhas negras girando em torno de seu queixo. "Mesmo estando parado, pronto para esmagar minha alma, você tem medo de se aproximar demais."





Marco assobiou. Suas feições se transformaram em um rosto horrível que lembrava demônios e pesadelos. Dentes alongados, garras expandidas, os músculos do corpo tensos.

Ela reprimiu um grito e usou a adrenalina para apertar as bolas de Gabriel.

Seu grito de dor ecoou no espaço fechado.

Ele se dobrou, segurando sua virilha, e ela apontou os dedos nos olhos dele. Um medalhão pequeno e redondo caiu de sua mão e rolou ao longo do cimento até colidir com a parede.

Sadie se afastou da forma amassada de seu ex e ficou boquiaberta com a cena do outro lado da sala.

Marco ergueu a pedra de faísca de Beaumont. Seu punho se fechou em torno da gema.

Ele estava indo para destruí-lo.

Sadie rasgou o canivete do bolso e soltou a lâmina. Em um movimento rápido, ela lançou a arma na fae. A lâmina virou de ponta a ponta em direção ao seu destino.

Marco abriu a palma da mão para pegar o punho.

A gema voou pelo ar. Ele brilhava na luz suave como um cometa, deixando um arco vibrante em seu caminho. Ela correu em direção à pedra e, ao descer, agarrou o pequeno pedaço da alma de Beaumont. Uma sensação de euforia brotou por dentro, se espalhando por seus membros.

“Me dê essa pedra!” Marco largou o canivete e estendeu a palma da mão, seus olhos escuros girando com ódio.

“Para sua própria segurança, faça o que ele pede.” Forte e orgulhoso, Beaumont a olhou.



As profundezas de sua alma refletiam em seus olhos. Ele se importava com ela, a amava até. Naquele momento, ela soube sem dúvida que ele não a abandonaria. Uma sensação de segurança e desejo cascatearam sobre ela como um banho quente e reconfortante. Com todo o amor em seu coração, ela se concentrou no peito de Beaumont e lançou sua pedra de faísca.

Como se atraída por um ímã, a pedra se projetou em direção a Beaumont e depois se incorporou à sua casa. Uma luz brilhante brilhou com o impacto. Uma onda de choque sacudiu as janelas. O Critch começou a retroceder como uma videira moribunda murchando sem água sob o sol quente do verão, mas, dado o seu domínio, levaria um tempo antes que ele pudesse se mover, tempo que eles não tinham.

"Oh, você não deveria ter feito isso, humano." Os olhos de Marco se estreitaram.

Ele retirou uma adaga do bolso e jogou nela. Ela não teve tempo de piscar. A ponta penetrou em seu ombro e incorporou a lâmina na parede com um ruído alto. A dor ofuscante ricocheteou em seu braço. Manchas brancas nublavam sua visão, e tonturas ameaçavam derrubá-la, mas ela inalou por entre os dentes.

Gabriel ficou de repente diante dela. Uma escuridão que ela não tinha visto antes rodou nas profundezas dos olhos dele.

Ela tossiu e a dor explodiu em seu ombro, o branco diante de seus olhos se aproximando das condições de nevasca.

"Termine o trabalho. Mate ela." A voz de Marco reverberou no espaço vazio.



Os olhos de Gabriel se arregalaram, mas então seu queixo se apertou e ele passou as mãos em volta do pescoço dela. Ela não conseguia respirar. Incapaz de levantar o braço machucado, ela o agarrou com a mão livre. As unhas dela arranharam seu antebraço, mas eram tão eficazes quanto uma faca cega.

O terror a encheu.

Ela morreria.

***

A visão de Beaumont localizou Sadie. Ela arriscou sua vida para salvar a dele, e ele seria condenado se a deixasse morrer. Seu peito se expandiu como sangue, energizado por sua pedra de faísca, corando até os músculos, afugentando o Critch. Preso no lugar pelos longos segundos que levaram para devolvê-lo à força total, ele teve que assistir os eventos se desenrolarem. Não mais.

Endireitando seus ombros, ele se levantou. A necessidade de arrancar Gabriel dela pulsava sobre sua pele. A carne ficou cinza estranha para combinar com o chão de cimento e voltou ao normal novamente. Ele lançou seu olhar de Gabriel para Marco.

Marco riu e retirou uma lâmina longa de dentro da bengala. O ping do metal raspando contra o metal ecoou pelas paredes.

Ele levantou a espada. “Eu desafio-te. Vamos resolver isso aqui, agora, gárgula.”

Por fim, ele teve a chance de matar a escória, mas se matasse seu adversário, perderia Sadie, aquele que amava mais que a própria vida. Ele poderia salvá-la ou matar seu





inimigo. Engraçado, mas o desejo de enfrentar o desafio de Marco não aumentou.

Ele escolheria seu amor toda vez.

Ele correu para o lado de Sadie, agarrou Gabriel pelos ombros e jogou-o do outro lado da sala. O humano nojento bateu na parede com um baque e depois caiu no chão. Como ousa essa farsa podre de homem machucar sua mulher? Um filme vermelho cobria sua visão e seus músculos tremiam com a necessidade de vingança.

As tosses macias de Sadie enviaram um fio de alívio por suas veias e alimentaram seu fogo. Dedos cerrando os punhos, ele avançou em seu alvo.

Gabriel gemeu e ficou de pé. Um braço pendia em um ângulo estranho e o sangue escorria de sua boca, orelha e nariz. Como um touro diante de um cobertor vermelho, Beaumont atacou. Ele passou os dedos ao redor da garganta de Gabriel e apertou, exatamente como esse *branleur* havia feito com Sadie.

Justiça seria servida.

"Sim, sim, mate-o. Ele é amante de Sadie e merece morrer." As palavras suaves de Marco invadiram o cérebro de Beaumont, trazendo lembranças de um tempo atrás com Marion e seu irmão.

O desejo esmagador de matar o cara aumentou. Ele apertou os dedos em volta do pescoço de Gabriel, e as bochechas manchadas do cara tremeram sob a tensão.

"Beaumont. P... pare!" A voz de Sadie resmungou na sala silenciosa.

Marco riu. "Você está quase lá, Laroche. Não desista agora."





A confusão brigou em seu cérebro, mas sua raiva que tudo consumia o pegou pelos chifres.

“Olhe para mim!” Sadie gritou.

Desta vez, as palavras de Sadie penetraram através da névoa vermelha, e ele olhou para ela.

Respeito, compaixão e amor refletidos em seu olhar. Ela balançou a cabeça. “Não faça isso, Beaumont. Marco está usando você. Sua alma é boa, eu sei que é. Eu acredito em você.”

E qual é a regra número um? A voz de Rhiannon ecoou em seus pensamentos.

Não mate nenhum humano.

A clareza ecoou em sua mente como um sino. O nevoeiro se levantou. Se ele matasse o humano, condenaria sua alma, tornara-se um fae, assim como Marco. Como se um balde de gelo tivesse sido jogado sobre sua cabeça, ele inalou e soltou o humano.

“O homem falhou comigo. Se você não fizer, eu farei.” Marco correu em direção a Gabriel, a espada estendida.

Sem hesitar, Beaumont pulou na frente de Gabriel.

A ponta da lâmina embutida no peito.

"Não!” Marco retirou a lâmina, mas já era tarde demais.

Ele estava morrendo. Um único arrependimento surgiu na mente de Beaumont “Sadie nunca saberia o quanto ele a amava.”

Um flash, como um raio, iluminou a sala. Seu peito se expandiu quando sua alma se reuniu com seu corpo, preenchendo tudo o que havia sido perdido para ele ao longo dos séculos.

Como algo foi recebido, algo deve ser dado em troca, e seus poderes sobre-humanos desapareceram com a mesma





rapidez. Uma bolha estranha o cercou como se ele fosse um brinquedo de criança.

Uma sensação estranha viajou pelos nervos de Beaumont ... esperança. A situação o lembrou da morte de Marion e de seu irmão, mas com um resultado diferente. Ele era humano?

"Não, isso não pode acontecer!" Marco deu um passo atrás, sua lâmina ainda agarrada na palma da mão. Ele bateu com a arma em Beaumont mais uma vez, mas ela ricocheteou na bolha. "Você é humano!"

Beaumont espiou seu peito. A pele lisa cobria o local onde sua pedra de faísca residia. Então era verdade. A alegria inchou dentro dele. Ele passou no teste e fez um círculo completo. Em vez de morte para o homem humano, ele escolheu a vida, e Rhiannon lhe dera vida em vez de morte em troca.

Sua atenção voltou-se para Sadie, seus olhos úmidos brilhando com lágrimas. O punho da adaga de Marco, escuro como a noite, se projetava de seu ombro como um intruso indesejável.

Ele correu para o lado dela, a bolha ainda o envolvia, agarrou a maçaneta e arrancou a lâmina intrusiva dela. Ele a puxou para uma posição sentada e a pegou em seus braços. Os pequenos fios rosados de seu cabelo enfeitaram seu braço, iluminando sua pele com seus traços sedosos.

Os olhos dela brilharam com seu amor por ele. A confiança e a fé de seu pequeno ladrão salvaram sua alma. Ele pressionou seus lábios nos dela, o beijo gentil e terno a princípio, depois se transformando em um rugido estridente do fogo acendendo entre eles. Quando ele quebrou o beijo, ela acariciou o dedo sobre o peito





dele, onde a pedra de faísca residia. Agora, ela pastava apenas a pele nua dele.

"Que emocionante." Marco sorriu. "Sua exibição romântica agita meu estômago. Pena que não posso matar você ou sua mulher."

Não, ele não podia. Por Cernunnos, Senhor do Outro Mundo, uma vez que uma gárgula retornava à forma humana, fae não podia machucá-lo ou àqueles que amava. Deve ter sido por isso que houve uma bolha protetora em torno dele durante o ataque de Marco.

No outro lado da moeda, porém, como humano, ele não tinha chance de ferir os fae. Ele não conseguiu derrubar Marco e isso queimava em seu intestino, mas não se arrependia do resultado. A vida de Sadie, agora parte dele, era muito mais importante.

Beaumont virou-se para encarar seu velho inimigo. "É melhor você sair antes que meus associados apareçam. Alguém vai te caçar, disso não tenho dúvida. É só uma questão de tempo."

Marco riu e recolocou a longa lâmina na bainha da bengala. "Eles podem tentar."

Os tênis de Gabriel chiaram sobre o chão de cimento.

Todos se viraram para olhar.

A poucos metros da escada, ele parou, com o braço quebrado contra o abdômen.

Marco rosnou. "Você tem sorte que a gárgula salvou você. Ao fazer isso, você permanece sob a proteção dele. Quanto tempo isso dura é uma incógnita. É melhor você correr, mas primeiro, preciso



de algo em troca. Eu vi você pegar meu charme do chão. Tolo, não fará bem a você agora."

Marco sacudiu o pulso, e um medalhão de ouro flutuou do bolso de Gabriel, através do espaço vazio, e na palma de Marco. Ele enfiou o disco no casaco antes que Beaumont pudesse dar uma boa olhada nele.

Gabriel estremeceu.

Beaumont estreitou os olhos para o sujeito. "Fique longe de problemas, Gabriel, ou você vai acabar como ele."

"Eu... Eu vou mudar meu jeito. Eu p... Prometo." Gabriel desceu correndo as escadas, seus topos altos batendo contra os degraus de metal.

Marco se concentrou em Hannah. Ainda caída na cadeira, ela permaneceu imóvel. Um sorriso maligno desceu sobre as feições do fae. "Talvez este pequeno passeio não tenha sido um total desperdício de esforço."

Com o toque de um dedo, um pequeno turbilhão apareceu. A poeira envolveu o fae escuro, até que seus brilhantes olhos amarelos não eram mais visíveis. Em um instante, Marco desapareceu, mas suas risadas ecoaram muito depois que o turbilhão cessou.

O cheiro quente de limão de Sadie acalmou os sentidos de Beaumont, junto com o cheiro distinto de sangue. A adrenalina chutou em suas veias, e ele se concentrou nela. O sangue escorria da ferida da faca.

"Seu ombro. Você precisa de atenção médica..."



“Hannah!” Sadie se afastou do abraço dele e correu para a irmã. Ajoelhou-se a seu lado e, com o braço não lesionado, afastou os cabelos que cobriam as feições de Hannah. Um tremor visível sacudiu seus membros. Ela está respirando. Você pode ajudá-la?”

Beaumont seguiu para o lado de Sadie, passando o braço em volta da cintura dela. Ele faria qualquer coisa que ela pedisse. Com cuidado, ele passou os dedos pela testa de Hannah. Quente ao toque, ela teve febre baixa.

Sua boca ficou seca, mas ele não quis tirar conclusões precipitadas. Depois de colocar o polegar sobre um olho, ele abriu a tampa. Suas pupilas dilataram. O peso pesado em seus ombros se levantou.

“Marco, ele abriu a boca e uma gota de sua saliva...” Sadie se engasgou com suas palavras.

Cuidado com o ferimento, Beaumont aproximou Sadie e colocou a palma da mão sobre o ferimento, impedindo o lento fluxo de sangue. "Eu conheço alguém que pode ajudar"

“Estamos atrasados? Estávamos em patrulha e sentimos seu rastreador interno junto com fae na área. “Seth avançou, aparecendo do nada. Ele agarrou a aba do chapéu e deu um puxão rápido.

Agora que Beaumont era humano, ele não viu mais as moléculas de seus irmãos flutuando no espaço. Uma tristeza misturada com a alegria em seu peito. Pela primeira vez, ele não teve um retorno inteligente.

Finn se juntou ao seu parceiro, e seu olhar se fixou em Beaumont. A boca de Finn se abriu. “Você é humano?”





Seth passou por ele e se ajoelhou ao lado de Hannah. “Diga-me o que aconteceu com ela.”

Beaumont exalou. “Marco deu a ela um pouco de saliva. Não foi o suficiente para matá-la, mas a nocauteou.”

Seth trabalhou em desamarrar as cordas no pulso de Hannah. Ele olhou para Finn. “Ajude-me."

Entre Seth e Finn, a corda escapou em questão de momentos.

Com uma determinação que Beaumont nunca tinha visto nos olhos de Seth antes, ele pegou Hannah em seus braços, segurando-a contra ele. “Encontro você na casa de Wynne.”

Quando Seth se virou, Sadie agarrou seu braço. Ela estremeceu com o movimento. Beaumont não queria nada mais do que aliviar a dor, absorvê-la, mas tudo o que ele podia fazer era embalá-la contra ele e manter a pressão no ferimento.

“Por favor, ajude-a.” Vincos se formaram ao redor dos olhos de Sadie.

Seth assentiu e desapareceu como se nunca tivesse chegado.

“Hannah vai ficar bem?” A voz de Sadie tremeu.

Ele olhou nos olhos úmidos dela. Ela se importava tanto com sua irmã, seu peito doía com a incerteza refletida lá. “Seth se desmaterializou junto com Hannah para ver uma bruxa chamada Wynne. Ela deve tomar uma poção ou remédio para ajudar sua irmã.”

Finn apoiou a palma da mão no ombro de Beaumont. “Eu vi aquele humano, aquele que arrebentou sua gárgula de pedra, e desceu as escadas. Eu juro, se eu o encontrar de novo, eu gostaria de... Ah, *merda*. Deixe-me levar vocês dois para a Wynne. Eu





gostaria que ela olhasse para o ombro de sua moça. É o mínimo que posso fazer por um velho amigo, com quem não vou mais trabalhar."

Amigo. O peso pesado que Beaumont havia suportado por tanto tempo foi tirado de seus ombros. De fato, Finn havia sido um bom aliado, colega e companheiro ao longo dos anos.

Ele engoliu o nó na garganta. "Você vai sentir falta dos meus desafios, você sabe."

Finn sorriu e a covinha em sua bochecha se formou. "Definitivamente vou. Acho que alguém da guilda de reintegração de gárgulas entrará em contato com você em breve. Cumprimentarei Drake quando o vir, mas precisamos levar sua garota para a bruxa. Vamos ficar de pé."

Com um aperto firme, Finn levantou Beaumont, Sadie ainda embalada contra ele.

Ela inalou uma respiração rápida e dolorida, depois soltou o ar lentamente. "Finn, você pode nos dar um momento?"

"Sim, moça, sem problemas. Vou esperar por lá." Ele apontou para a porta. ""Quando você estiver pronto para sair, me avise."

Beaumont estreitou sua atenção em Sadie enquanto ele continuava a pressionar o ferimento dela. "O que é isso?"

O olhar de Sadie percorreu suas feições, e ela arrastou os dedos pela cicatriz, pela lateral do rosto dele e pela boca dele, onde acariciou um dedo ao longo do lábio inferior.

"Estou tão feliz que você está bem."

Suas palavras sussurradas eram tão suaves que ele quase não as ouviu.





“Eu estou mais do que certo. Sou humano, graças a você.”

“"Eu?” Ela piscou.

“Sua crença em mim salvou minha alma. Se não fosse por você, eu teria matado...”

Ela colocou o dedo sobre a boca dele, silenciando-o. “Você se sacrificou por mim e por Gabriel. No meu livro, você é meu herói.”

Sua garganta se apertou, e ele não conseguia respirar, não conseguia pensar, não podia fazer nada, exceto olhar nos olhos dela. "Sadie..."

Sua sobrancelha se uniu. "Por favor, não me chame assim."

“"Mas esse é o seu nome.” Ele não gostou do olhar magoado gravado em seus traços.

“O que aconteceu com a batedora de carteiras ou bandida?” Ela o estudou, seus lindos olhos verdes o cativando.

“Você sabe, você realmente é uma bandida.” Ele sorriu e aninhou a cabeça dela na palma da mão. “Pois você roubou meu coração."

“Eu fiz?” Ela sorriu, com lágrimas nos olhos.

Ele devolveu o sorriso dela. “Sim, você com certeza fez, pequena ladrona."

“Acho que é isso que você ganha quando se apaixona por um batedor de carteiras."

“Eu não teria de nenhuma outra maneira.”

Uma lágrima deslizou por sua bochecha, e ele afastou a umidade com o polegar. Com todo o amor se expandindo em sua alma, ele gentilmente a puxou para ele e a beijou. Quente, úmido





e convidativo, seus lábios se fundiram aos dele, e ele sabia sem dúvida que eles ficariam juntos pelo resto de suas vidas.

Quando eles se separaram, ele olhou para o teto.

Obrigado, Rhiannon, por tudo.



CAPÍTULO 33

A pele de Sadie formigava quando ela apareceu em um quarto desconhecido. Desorientada pelo teletransporte e sua perda de sangue, ela vacilou com os pés instáveis. Beaumont a puxou para o lado dele, a mão pressionada contra o ponto dolorido no ombro dela. Uma dor surda ao seu toque e cansaço puxaram sua energia.

"Estamos aqui, moça, na casa de Wynne." Finn soltou a outra mão.

Eles estavam em uma grande sala de estar. Um sofá antigo com cadeiras combinando rodeava uma lareira elaborada. O incenso subiu de um suporte de gárgula sobre a lareira. Um gato cinza e branco com olhos amarelos estava sentado em uma pequena cama de estimação em uma cadeira velha. Duas mulheres e duas meninas, de nove e seis anos, cercaram alguém sentado no sofá. Nas brechas entre eles, Sadie reconheceu o cabelo loiro da irmã.

"Hannah!" Sadie rompeu com o abraço de Beaumont e correu para o grupo de mulheres. Eles se separaram para permitir o acesso dela.

"Oi mana." A voz de Hannah falhou enquanto ela falava.

Sadie nunca tinha ouvido palavras tão doces. Ela passou o braço não ferido ao redor de Hannah e puxou sua irmã bebê para perto. Hannah descansou a cabeça ao lado de Sadie, e eles se abraçaram por vários segundos.



Lágrimas brotaram nos olhos de Sadie e, enquanto ela se afastava, estudou os traços de sua irmã, procurando por qualquer sinal de ferimento ou culpa. Somente o amor refletia nas profundezas dos olhos verdes de sua irmã.

"V... você está bem?" Sadie tropeçou no nó na garganta.

Hannah sorriu, seus olhos brilhando com suas próprias lágrimas não derramadas. "Sim, graças a Wynne. Quando ela me acordou, ela me contou sobre as criaturas do Outro Mundo - as bruxas, as gárgulas e os fae. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria. Wynne tem sido ótima." Ela acenou com a cabeça na direção da mulher encostada na lareira.

Sadie levantou-se. "Obrigado, Wynne, por salvar minha irmã. Estou eternamente em dívida com você."

Wynne se afastou do manto e acenou com a mão no ar. "Uma pitada disso, uma pitada daquilo. Tudo no trabalho de uma noite. Além disso, foi um esforço de grupo. Minha irmã, Sasha, e seus dois filhos, Rachel e Marjorie, ajudaram. Eu não poderia ter feito isso sem eles."

Ombros retos, olhos brilhando de orgulho, Rachel e sua irmã mais nova, Marjorie, sorriram com os elogios.

A irmã de Wynne, Sasha, apoiou a mão no braço de Sadie. "Não deixe Wynne te enganar. Ela é a melhor bruxa da cidade quando se trata de poções."

Sadie agarrou a mão de Sasha. "Então, Hannah vai ficar bem? O que o fae fez com ela se foi?"

Sasha se concentrou em Wynne. Se Sadie tivesse piscado, ela teria perdido o flash de incerteza nos olhos da mulher.





“Tanto quanto sabemos” disse Sasha.

Uma pontada de medo puxou o coração de Sadie, e ela afastou a mão. “Você quer dizer…”

Seth pigarreou. Ele estava ao lado da janela gigante, com os braços cruzados, a aba do chapéu baixa sobre os olhos. “Com os fae, você nunca pode ter certeza do que esses ratos bastardos estão fazendo. Só o tempo irá dizer."

“Eu me sinto bem.” Hannah roçou os dedos nas costas da mão de Sadie. “Estou tão feliz por ter encontrado você.”

Sadie sentou-se ao lado da irmã e agarrou a mão dela. “Sinto muito por deixar você com o tio Frank. Eu deveria ter-"

Hannah apertou a mão de Sadie e esfregou o polegar no pulso de Sadie. “Nós dois sobrevivemos e estamos juntos agora. Isso é tudo que importa."

“Você não me culpa?” Sadie se engasgou com as palavras, seus músculos tensos.

“Você acha que eu te culpo?” Hannah olhou para as cicatrizes de Sadie e franziu a testa. “Você fez isso, não foi? Porque você se responsabilizou.”

O peito de Sadie se apertou com tanta força que sua garganta se fechou no processo. Tudo o que ela pôde fazer foi assentir.

Hannah entrelaçou os dedos com os de Sadie. “Eu te amo, irmã. Nunca te culpei pelo que aconteceu. Além disso, eu tinha minhas próprias maneiras de lidar com o tio Frank.” Ela sorriu.

Sadie inalou e puxou a irmã para outro abraço. A dor surda em seu ombro palpitava, competindo com a estranha mistura de alívio e pavor. O que sua irmã suportou nas mãos de seu tio? Sadie





deixou a pergunta de lado. O que quer que tenha acontecido, Hannah não a culpou. Não importa o quê, Sadie não perderia a irmã, não de novo.

***

Beaumont encostou-se na parede, vendo Sadie abraçar a irmã. Sua garganta se apertou ao ponto da dor. Nunca tanta felicidade brotou dentro dele.

Finn caminhou até Seth e ficou ao seu lado. Os dois precisariam mais um do outro agora que Beaumont não fazia mais parte do esquadrão. Ele não tinha arrependimentos, no entanto. Sadie significava o mundo para ele.

Encolhido em uma cama de estimação na cadeira, Neira, familiar de Wynne, o estudou com seus olhos amarelos. Engraçado, por mais que ele e Neira nunca tivessem se dado bem, ele desejava que algum dia ela passasse no teste também e se tornasse humana mais uma vez.

Ele limpou a garganta. “Wynne, se você não se importa, Sadie tem uma ferida de carne no ombro.”

Wynne assentiu com força e caminhou ao lado de Sadie. Ajoelhou-se ao lado dela e sorriu, um genuíno olhar de empatia em suas feições. “Vamos ver o que temos aqui, ok?”

Sadie assentiu e Wynne retirou o pano ensanguentado, expondo a ferida aberta coberta de sangue seco.

Ela apontou o queixo para Rachel. “Pegue a tigela de ervas em cima do balcão da cozinha e uma garrafa de água. Depressa.”

Rachel saiu correndo da sala, Marjorie seguindo logo atrás.

Wynne franziu a testa. "Isso dói?"





Sadie balançou a cabeça. “Não, é principalmente dormente, mais como uma dor maçante.”

Beaumont se ajoelhou ao lado de Sadie e afastou os cabelos dos olhos. Ela apertou a bochecha na palma da mão dele, e ele apreciou sua calorosa aceitação.

Rachel voltou com uma tigela pequena, uma variedade de ervas e plantas desconhecidas esmagadas em uma mistura fina. Marjorie seguiu logo atrás. A irmã mais velha entregou o recipiente a Wynne, a mais nova, a garrafa.

“Obrigado meninas.” Wynne assentiu para eles.

Eles correram para o lado da mãe junto à lareira.

Wynne colocou a tigela no sofá ao lado de Sadie, derramou três gotas de água na mistura e mexeu o conteúdo com o dedo, cobrindo a ponta da mistura. Uma fina película de fumaça subiu no ar. Ela passou o dedo sobre a ferida.

Sadie estremeceu. “Um aviso teria sido legal.”

Um sorriso apareceu nos lábios de Wynne, e ela deu de ombros. “Eu normalmente não administro poções para humanos.”

Com velocidade mágica, a pele se uniu e o sangue desapareceu como se a ferida nunca tivesse ocorrido.

Sadie ficou boquiaberta para o ombro curado. “Obrigado.”

“De nada.” Wynne levantou-se. Sua atenção se voltou para Beaumont. "Eu te devo desculpas. Eu deixei minha raiva tirar o melhor de mim. Você ganhou sua liberdade. Seu olhar deslizou para Sadie antes de retornar a Beaumont. “Você merece sua felicidade.”





Beaumont apertou a mandíbula. “Você tem sorte de eu não ter morrido ou...”

As velas tremeluziam. Um calafrio percorreu a sala. Respiração cristalizada em sopros de vapor.

Os cabelos da nuca dele se arrepiaram. Mesmo em sua forma humana, Beaumont sentiu o poder no ar. No entanto, de alguma forma, ele sabia que isso era mais do que mágica de bruxa.

“Não, oh, não.” A voz suave de Wynne preencheu o vazio.

Um flash brilhante de luz explodiu na sala, cegando-o. *Sadie...* Seu pulso disparou. Quando seus olhos se reajustaram, ele correu para o sofá e a envolveu em seus braços. “Você está bem?”

Ela assentiu. “Eu estou fi-"

"Deusa…"

"Mãe Salvador ..."

"Divino ..."

"Querida Rhiannon..."

Beaumont ficou tenso. Ele olhou por cima do ombro.

Neira subiu da cama de estimação e partiu como um foguete para o corredor. Suas unhas deslizaram sobre a superfície de madeira polida.

Seth, Finn, e todas as bruxas ajoelhadas no tapete, cabeças inclinadas.

Rhiannon estava no meio da sala. Um longo vestido do vermelho mais profundo se fundia a seu corpo, acentuando suas curvas. Cabelos escuros caíam ao redor de seus ombros, os fios da





frente trançados e pendendo frouxos de ambos os lados da têmpora.

Seu companheiro, Achos, descansou na dobra de seus braços. Nas poucas vezes em que Beaumont recebeu a visita de sua deusa, a gárgula semelhante a um dragão permaneceu sempre ao seu lado.

Ele deslizou pela cintura e pelas pernas dela para descansar aos pés dela. Longas e magras, suas escamas verdes brilhavam, e um assobio lento se soltou entre suas presas à mostra. Beaumont não culpou Neira por fugir.

De cabeça erguida, Rhiannon deu um passo à frente. Com uma tez oliva escura e olhos que combinavam com a cor do cabelo, ela concentrou sua atenção em Wynne. Os lábios dela apertaram.

"Wynne Becknell, levante-se." O tom agudo de Rhiannon ecoou por toda a sala.

Wynne levantou-se. Ombros rígidos, cabeça inclinada, ela não olhou para a deusa deles.

"Seu comportamento egoísta desonra sua família. Você achou que eu não notaria que uma das minhas gárgulas foi destruída? Uma que você prometeu proteger?"

"Não, minha deusa." A voz de Wynne falhou na última palavra.

"Olhe para mim quando você falar." Com um movimento do dedo, Rhiannon apontou para Wynne.

O queixo da bruxa se levantou em um piscar de olhos. Wynne inalou.





O olhar de Rhiannon se estreitou. “Minhas gárgulas são as únicas que mantêm este mundo a salvo das faes para toda a humanidade, incluindo as bruxas. Seu trabalho é proteger as gárgulas e suas estruturas de pedra, para que elas tenham um lugar seguro para retornar depois de uma longa noite de trabalho. Isso não está certo?”

Wynne engoliu em seco. “Sim, minha deusa.”

“Você será punido por desobedecer ao meu decreto explícito. O que você acha que é um preço justo?”

“Morte. Eu não mereço menos.”

Uma inesperada pontada de empatia apertou o peito de Beaumont. Apesar de Wynne merecer punição, a morte parecia pedir demais. Ele não podia deixar isso acontecer.

Ele se levantou.

Os músculos dos ombros de Achos se enrolaram. Ele mostrou suas presas longas e pontudas. Um rosnado baixo e feroz retumbou em seu peito, e seus olhos brilharam com o espectro completo de cores no arco-íris, de amarelo a vermelho, de azul a verde e de volta. A mensagem era clara - mantenha distância.

Beaumont endireitou a coluna. O que ele tinha a dizer era importante. “Deusa Rhiannon. Peço clemência.”

Wynne e Rhiannon o encararam. Ninguém falou.

Sadie agarrou seus dedos e apertou-os gentilmente. O apoio dela significava mais para ele do que ele poderia dizer.

Ele limpou a garganta. “Eu estou vivo. A morte parece um pouco excessiva. Possivelmente...”





Rhiannon avançou até ficar a poucos centímetros dele, Achos nunca saindo do seu lado. A essa distância, ele deu uma boa olhada nas estrias de vermelho escuro em suas íris. De tirar o fôlego e etéreo. Ele prendeu a respiração.

"Você é uma das minhas gárgulas mais antigas." Ela passou os dedos pela testa dele. "Fiquei tão feliz em vê-lo passar no teste. Bravo. No entanto, por que você defenderia essa bruxa que poderia ter causado sua alma se perder no éter?"

"Porque ela merece uma segunda chance, assim como você me deu. Não foi por isso que você colocou minha alma em uma gárgula?"

Um sorriso conhecedor curvou seu lábio, e uma risada suave borbulhou até explodir em uma gargalhada completa. "Bem dito, Beaumont. Você fez um bom ponto. Uma segunda chance, então."

A gratidão brotou nos olhos de Wynne. Ela murmurou as palavras "Obrigada"

Rhiannon caminhou para Wynne, graça e elegância emanando de todos os seus movimentos. Achos demorou-se por um momento para encarar Beaumont e depois seguiu sua deusa.

Ainda agachados no chão ou sentados no sofá, os outros na sala permaneceram imóveis e silenciosos.

Rhiannon estudou Wynne, medindo a bruxa da cabeça aos pés. "Beaumont defendeu você. Ele é um homem honrado."

Um pequeno sorriso apareceu na boca de Rhiannon. "Embora eu realmente não tivesse intenção de honrar seu desejo de morte. Eu preciso que as bruxas cumpram seus deveres nesta





guerra, tanto quanto eu preciso das gárgulas. No entanto, você deve pagar um preço. Olho por olho, por assim dizer."

A boca de Wynne tremeu, mas ela manteve sua atenção na deusa deles.

Rhiannon bateu o dedo no queixo. O esmalte vermelho escuro combinava com a cor de seu vestido. "Quando você destruiu uma gárgula de pedra, eu o amaldiçoei a transformar em pedra por alguns minutos todas as noites ao pôr do sol e todas as manhãs ao nascer do sol quando as gárgulas saem e retornam aos seus postos. Além disso, todos os meses, durante as noites de lua cheia, você permanecerá em sua forma de pedra até o nascer do sol. Desde que sua transgressão surgiu do egoísmo, a maldição permanecerá até você realizar um ato altruísta."

Wynne se ajoelhou e inclinou a cabeça. "Obrigado, minha deusa."

Rhiannon encontrou o olhar de Beaumont. "Você foi um dos meus melhores guerreiros. Sentirei sua falta, mas estou feliz que você passou no teste e encontrou amor no processo."

A boca de Beaumont ficou seca. "Obrigado, Rhiannon."

Ela assentiu uma vez, inclinou-se e esfregou os dedos nas orelhas pontudas de Achos. As asas da gárgula tremularam, como se apreciassem.

"Hora de voltar para casa, meu amor." Ela estendeu as mãos e a gárgula subiu e se estabeleceu em seus braços.

Um flash brilhante de luz encheu a sala, deixando um frio no ar.

Rhiannon e sua gárgula de estimação se foram.





As pessoas se levantaram. Todo mundo começou a falar de uma vez.

Wynne caminhou até Beaumont e colocou a mão no braço dele. "Obrigado por me defender."

“Como eu disse, todo mundo merece uma segunda chance. Boa sorte, Wynne.”

Ela o soltou e andou até sua irmã, que a envolveu em um abraço, suas sobrinhas bem ali com elas. Pelo menos Wynne tinha apoio da família. Mais provável do que não, ela precisaria.

Beaumont agarrou a mão de Sadie, entrelaçando os dedos e a levantou. Sadie se inclinou para ele, encaixando-se ao lado como se ela pertencesse lá. O que, é claro, ela fez.

A felicidade inchou em seu peito. Ele olhou dela para Hannah. “Vamos levar vocês dois para casa.”

Sadie assentiu e estendeu a palma da mão para a irmã. “Você quer vir à minha casa?”

A atenção de Hannah ficou entre Sadie e Beaumont. “Se não estiver muito lotado...”

“Eu moro com uma amiga. Ruby está fora da cidade no momento, mas deve estar em casa em breve. Tenho certeza que ela adoraria ter a companhia. Além disso, temos muito o que recuperar.” Sadie mexeu os dedos, encorajando Hannah.

Hannah colocou a mão na palma de Sadie e se levantou. Seu foco deslizou para Seth. “Obrigado por me trazer aqui.”

“Foi um prazer, senhora.” Ele sorriu e puxou a aba do chapéu, sua atenção fixada em Hannah de uma maneira que Beaumont nunca tinha visto dele antes.





Seth levantou as sobrancelhas. “Que tal Finn e eu lhe darmos uma carona para Sadie no expresso de desmaterialização?”

As bochechas de Hannah ficaram vermelhas. “Foi assim que cheguei aqui, não é? Eu estava fora, então não me lembro.”

“Você vai adorar, confie em mim.” Seth piscou para ela.

As bochechas de Hannah escureceram ainda mais. “Claro, se você não se importa."

Seth sorriu e colocou a palma da mão no braço dela. “Seria uma honra.”

Hannah sorriu e ele apontou o queixo em direção a Finn. “Lidere o caminho.”

Finn entregou a Sadie seu canivete. “Eu peguei isso do chão do armazém. Pensei que você poderia querer de volta.”

Sadie aceitou a faca e a lâmina parecia um objeto estranho na palma da mão. Sem dúvida, ela sabia que nunca usaria ou roubaria novamente. Sua vida como ladrão acabou.

Ela colocou a faca no bolso e olhou para Finn. "Obrigado."

Finn assentiu, em seguida, colocou a palma da mão no ombro de Beaumont e agarrou a mão de Sadie. Ele olhou para Beaumont. “Mostre-me o caminho, amigo.”

“Vamos para casa.” A ânsia de levar Sadie para casa borbulhava nas veias de Beaumont.

Eles precisavam falar sobre seu futuro.



CAPÍTULO 34

Sadie ficou na varanda de trás e viu como Seth e Finn correram para o beco e depois desapareceu como se no ar. Eles deixaram os três como prometido. Mesmo agora, sua pele ainda formigava com a estranha sensação de suas moléculas flutuando pelo espaço.

Beaumont colocou as mãos nos ombros de Sadie, o contato quente e amoroso. Pink tingiu as nuvens do amanhecer e Sadie sorriu. Hoje, Beaumont poderia sair ao sol.

“Então este é o seu lugar?” Hannah levantou as sobrancelhas.

“É a casa de Ruby. Eu sou um inquilino aqui. O único inquilino dela. Vamos lá, vamos para dentro.” Sadie enfiou a chave na fechadura, girou a maçaneta antiga e familiar e entrou na casa de Ruby.

O aroma de bolinhos de framboesa encheu seus pulmões. Seu estômago roncou. Ela pegou a mão de Beaumont e o puxou para dentro. Hannah os seguiu.

“Sadie? Isso é você?” A voz de Ruby ecoou pelo corredor.

O calor encheu o peito de Sadie. “Oi, Ruby. Está na cozinha."

Ruby entrou na cozinha e seus olhos se arregalaram. “Oh, Sadie, querida, você trouxe amigos."

Sadie passou o braço pela cintura de Beaumont. “Este é Beaumont, meu..."



"Futuro marido, se ela me quiser." Beaumont puxou-a para perto e arrastou os dedos pelo braço dela. "Prazer em conhecê-la, Ruby. Eu ouvi muito sobre você."

Futuro marido... O coração de Sadie pulou uma batida e uma euforia pacífica se instalou bem no fundo. Sim, ela gostou muito do som dessas palavras.

Os olhos de Ruby brilharam. "Bem, estou feliz em conhecê-lo também. Se você vai ser uma família, é muito bem-vindo a ficar aqui comigo e com Sadie. Agora, quem é a jovem?"

"Eu sou Hannah, irmã de Sadie." Hannah se adiantou e estendeu a mão.

Ruby envolveu Hannah em um abraço. "Estou tão feliz que você esteja aqui. Sadie sentiu sua falta ferozmente. Agora..." ela a soltou e caminhou até o balcão "quem quer uma framboesa..."

O miado de um gato ecoou na parede. Sadie piscou e olhou para a bonita criatura em preto e branco. Ele saiu de debaixo da mesa da cozinha e esfregou a panturrilha dela.

Ela se abaixou e passou os dedos pela espinha dele. "Quem é você, docinho?"

Ruby levantou as sobrancelhas. "Eu o encontrei aqui quando cheguei em casa. Pensei que você o adotou. Não é?"

Beaumont pigarreou. "Ele me adotou. Estou agradecido que ele o fez. Se não fosse por Snookums me acordando," sua atenção se voltou para Sadie, "não tenho certeza se teria encontrado você a tempo."

Sadie engoliu em seco. "Acho que ele faz parte da família então."





“Enquanto ele não comer George, ele pode ficar.” Ruby piscou.

Sadie sorriu. “Falando em família, como está sua irmã?"

“Oh, Eloise, ela é tão forte quanto um cavalo. Seu primeiro tratamento correu bem e ela me enxotou assim que chegou em casa. Ainda bem que nossa outra irmã, Thelma, mora perto. Ela a verifica regularmente. Agora, sirva-se de um bolinho.” Ruby agarrou Hannah pelo cotovelo e a encorajou a avançar. “Vou mostrar a Hannah minha coleção de perfumes.”

Um sorriso brincou nos lábios de Hannah, enquanto ela caminhava ao lado de Ruby. “Acho que ela quer que você tenha algum tempo sozinho. Eu posso dar uma sugestão.”

Eles desapareceram pelo corredor, as risadas de Hannah se afastando. Sadie sorriu, a felicidade diminuindo em sua alma. Ela tinha uma família honesta e bondosa.

Ela apalpou o medalhão, apreciando o peso familiar. Com o quarto extra no andar de cima que Ruby nunca usava e seu espaço no porão, havia muitos quartos nesta casa para os quatro.

Ela girou para encarar Beaumont e deslizou os dedos ao longo de sua forte mandíbula. A sombra das cinco horas se transformou em uma barba cheia, e seus bigodes suaves fizeram cócegas nas pontas dos dedos.

Ela bateu a unha no lábio inferior dele. “Então, grandão, o que é isso sobre um 'futuro marido?' “

Ele sorriu, a pele sob o dedo dela se esticando. “Conheço um cara que pode se encaixar na conta.”

“Você faz? Oh, me conte mais. Ele é alto?”



Beaumont assentiu. “Cerca de um e oitenta e cinco."

“Forte?”

“Absolutamente”

“Bonito?”

“Muito.”

Ela golpeou os olhos. “Quem é essa criatura? Eu tenho que conhecê-lo.”

“Ele não é mais uma criatura, mas um homem, e ele te ama de todo o coração.” Beaumont a estudou, adoração e paixão refletidas em suas profundezas marrons.

“Porque eu o roubei?”

Ele riu, o som baixo reverberando de seu peito para o dela. “De fato, pequeno bandido, você fez. Agora, qual é a sua resposta? Você vai me honrar e se tornar minha esposa?”

Ela assentiu. “Você e eu, Beaumont, estamos envolvidos neste empreendimento, para sempre.”

Uma risada rasgou seus lábios. Ele a beijou, devorando-a com uma paixão que ela aprendeu a amar. Quando ela se derreteu em seus braços, ela não achou que poderia estar mais feliz.

Uma batida forte sacudiu a porta em sua moldura. Os braços de Beaumont se enrijeceram, mas ele a soltou. Ela passou o dedo sobre o queixo e o beijou mais uma vez antes de se virar para a porta. Ela agarrou a maçaneta e, com um puxão rápido, a abriu.

Um homem mais velho estava parado no degrau, cabelos grisalhos cutucando a aba do chapéu preto. Ele usava uma calça sob medida e uma camisa de botão cara. Nas profundezas de seus olhos azul-acinzentados residia muito conhecimento e



sabedoria. Apesar da idade, ele parecia forte e saudável. “Olá, jovem. Meu nome é Richard. Estou procurando por Beaumont. Ele está aqui?”

Beaumont deu um passo atrás dela e passou o braço em volta da cintura dela. “Eu sou Beaumont.”

Um sorriso caloroso e convidativo percorreu os lábios do homem. “Sou da Guilda de Reintegração de Gárgulas. Recebi um aviso de que você passou no teste recentemente e voltou à forma humana. Estou aqui para recebê-lo. Posso entrar?"

“É claro", Sadie empurrou contra Beaumont, e eles se afastaram para deixar o homem entrar.

Ele tirou o chapéu e bateu no joelho. “Eu fiz isso tantas vezes, mas, infelizmente, não tenho certeza por onde começar."

"Você gostaria de se sentar?” Ela apontou para a mesa.

Ele balançou sua cabeça. “Não, isso não vai demorar. Acho que vou lhe dar o básico primeiro e depois fazer a minha pergunta.”

“Uma pergunta?” Beaumont inclinou a cabeça e levantou uma sobrancelha. A cicatriz ao longo da borda do olho tremeu.

Richard passou a mão pelos cabelos em queda. “A guilda acumulou muitos ativos ao longo dos anos e ajudamos gárgulas recentemente aposentadas do serviço. Quando uma gárgula retorna à forma humana, eu configuro uma conta com o valor padrão de seis dígitos, obtenho um documento de identidade e entrego a ele.”

O homem cavou o forro interno do casaco e entregou um pacote a Beaumont.





Beaumont aceitou a pasta de papel pardo, a boca aberta. “Obrigado."

Richard deu de ombros. “Feliz por ajudar. A quantidade de dinheiro e o tipo de identificação mudam ao longo dos anos, mas não as visitas.” Um sorriso apareceu em seus lábios. “Essa é a parte do meu trabalho que mais amo e que mais sentirei falta."

Ela quase podia sentir fisicamente a tristeza dele. “Por que você vai sentir falta?"

“Estou ficando velha demais para isso. Minha esposa quer comprar um motor home e visitar o país antes de nos estabelecermos pela última vez.” Ele olhou para Beaumont. “Estou procurando um substituto."

"Eu?"

“Você é uma gárgula há mais de oitocentos anos. Você conhece todas as gárgulas em Chicago. Quem melhor que você?”

A testa de seu noivo tricotou sobre seus lindos olhos castanhos. “Mas eu não me dou bem com os outros."

A sobrancelha de Richard se levantou. “Pelo que ouvi dizer, você é muito respeitado e é altamente recomendado por outros aposentados recentes.”

O olhar franzido de Beaumont voou sobre os balcões, para a geladeira e voltou antes de relaxar. “Sério?"

“Sim, sério.” Richard riu em uma longa expiração. “Há um salário e benefícios nesse acordo também. Você terá o suficiente para comprar uma bela casa em Chicago, você pode até comprar a minha, se quiser. Há cobertura de assistência médica, uma conta



de aposentadoria e bolsas de estudo completas na Universidade de Chicago para qualquer pessoa em sua família. “

Faculdade... Uma agitação percorreu o estômago de Sadie.

Beaumont apertou a mão de Sadie e apertou-a gentilmente. “Soa perfeito. Quando eu começo?”

Richard deu um tapinha no ombro de Beaumont. “Meu número de telefone está no pacote. Entre em contato comigo na próxima semana e providenciaremos os detalhes. Mal posso esperar para contar a Sharon.” Ele colocou o chapéu na cabeça e caminhou em direção à porta.

“Obrigado” Sadie sussurrou.

Ele olhou para trás, um sorriso caloroso estampado em seu rosto. “Não, minha querida, eu que agradeço.”

Ele atravessou a porta, dando um pulo a mais. Quando Sadie fechou a porta atrás dele, seus velhos medos ameaçaram surgir.

“Não vá lá. Você pode fazer isso se tentar, e eu absolutamente preciso vê-lo se formar.” Beaumont caminhou atrás dela e passou os braços em volta da cintura dela. Seu toque reconfortante e crença nela ajudaram a aliviar seus medos, mas não o suficiente.

“Eu não sei se posso passar no GED muito menos nas aulas da faculdade.”

“Eu vou ajudá-lo também.” As palavras suaves de Hannah se filtraram pelo pequeno espaço.

O coração de Sadie disparou.

Beaumont a virou e os dois encararam a irmã.

Hannah sorriu e deu um passo à frente. “Sinto muito por ter escutado. Ruby se deitou para descansar, e eu não pude evitar. Eu

já fui aceito na Universidade de Chicago para o período de outono. Eu vou ajudá-lo a estudar para o GED. Seria muito divertido ter algumas aulas juntos. Por favor, diga que você fará isso."

A saudade inchou em seu peito, e ela se lembrou das palavras de Beaumont. *Você é inteligente, perspicaz, engenhosa. Você sobreviveu às ruas.*

Com Hannah e Beaumont ambos torcendo por ela, ela poderia fazer isso.

Ela engoliu em seco o medo e utilizou sua força interior, aquela que a transformou na mulher forte que era hoje.

Com nova autoconfiança, ela levantou o queixo e assentiu. "OK. Eu vou fazer isso."

Beaumont a beijou. Ela retornou o beijo, derramando todo o seu amor por ele em sua união, mostrando a ele o quanto ela apreciava seu apoio. Quando ela quebrou o beijo, ele sorriu. "Você me deixa orgulhoso, e só para você saber, meus amigos em seus postos de gárgula cuidam de você todos os dias."

Hannah bateu palmas. "Impressionante. Deveríamos sair para jantar.

Comemore isso e seu próximo aniversário. Você sabia que o portal on-line de desenvolvimento de carreira se chama Grad Gargoyle? "

"Agora isso é apropriado." Enquanto Sadie ria junto com eles, seu coração se expandiu, preenchendo e apagando toda a dor do passado.



Ela tinha a irmã, o noivo, uma velha amiga, um peixe lutador e um gato, e não conseguia imaginar uma família mais perfeita.

